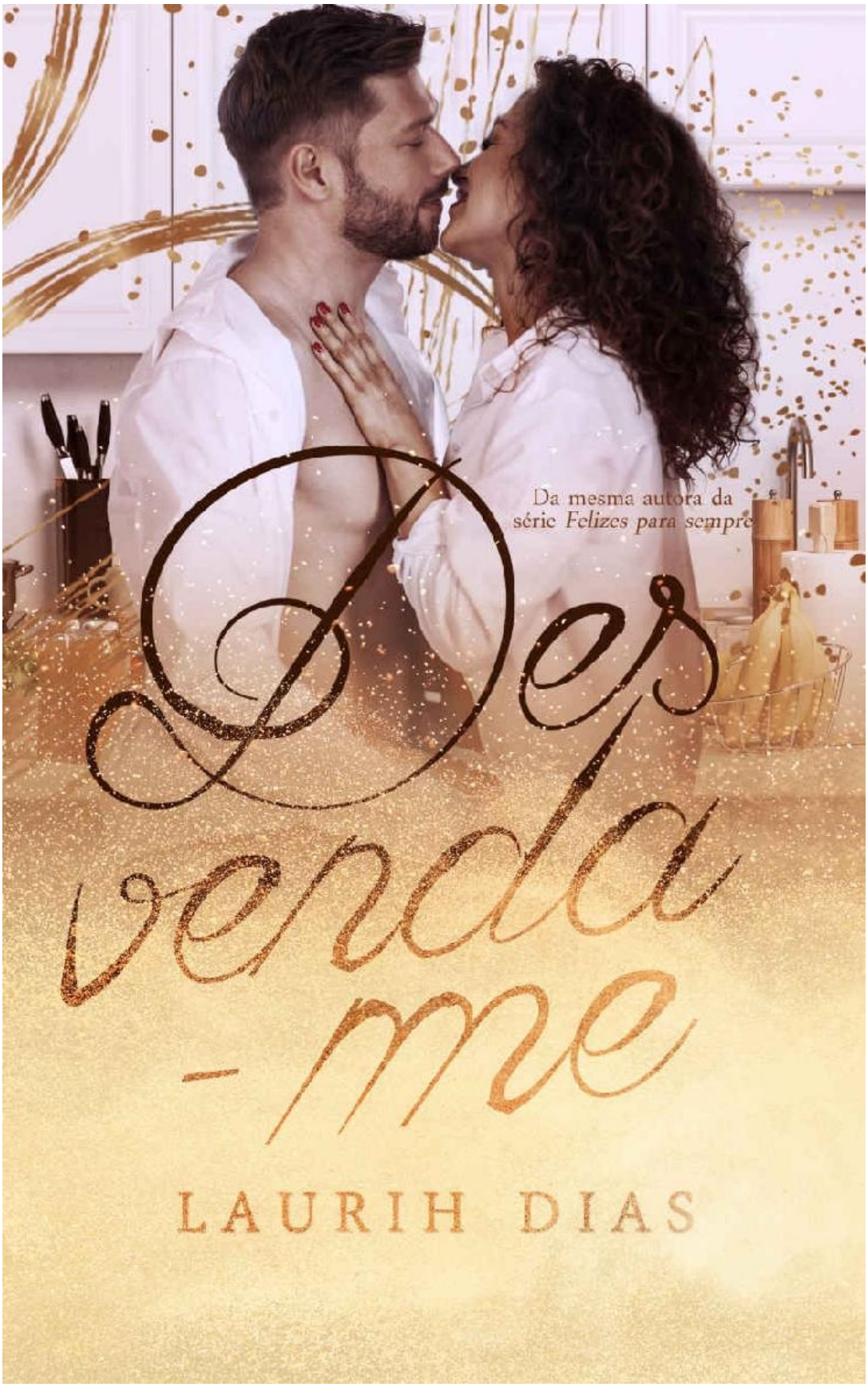
Desvenda-me

Laurih Dias


Da mesma autora da
série *Felizes para sempre*
Doces
vendas
LAURIH DIAS

Da mesma autora da
série *Felizes para sempre*

Desvenda-me

LAURIH DIAS



Laurih Dias

1ª Edição

2021

Revisão: Luhana Andreoli

Capa: Ester Costa

Diagramação: Laurih Dias

É proibida a reprodução, total ou parcial, do conteúdo sem prévia autorização do autor da obra.

Copyright© 2021 Laurih Dias

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera

coincidência. Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da língua Portuguesa. Todos os direitos reservados. É

proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Sinopse

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Epílogo

Outras obras da autora

Série Felizes para Sempre 1

Minha Conquista

Série Felizes para Sempre – 2

Minha Tentação é Você

Série Felizes para Sempre – 3

Meu indomável Devasso

Série Felizes para Sempre – 3

Minha Perfeição

Redes Sociais da Autora.

Sinopse

Ele é movido pela razão.

Ela é toda emoção.

Benjamin, o CEO de uma das maiores empresas petrolífera do Brasil, dedica-se totalmente ao seu trabalho, é um homem sistemático e controlador.

Carrega uma aura de austeridade e mistério. Ele já tem sua vida toda planejada, até o dia que em um acidente de trânsito se depara com Eva, uma garota totalmente diferente dele. Cheia de vida, sonhos e bastante desastrada, Eva é capaz de destruir a ordem perfeita de sua vida.

A atração entre os dois é inevitável e Benjamin sente que deve evitá-la, mas não consegue controlar seus sentimentos, ainda mais quando a moça começa a dar sinais de que também está rendida.

Porém, nem todos ficam felizes com o casal, e alguém decide se interferir na relação deles. O que pode tanto unir seus destinos para sempre quanto afastá-los de uma vez por todas.

Dedicatória

Esta obra é dedicada a todos que ousam sonhar...

“Todos o olharam com grande admiração durante metade do baile, até que finalmente a sua atitude provocou um certo desapontamento que alterou a sua maré de popularidade, pois descobriram que era orgulhoso, permanecia afastado do seu grupo e parecia impossível de contentar.”

Jane Austen – Orgulho e Preconceito



Capítulo 1

Observo o último relatório em minhas mãos. *Quem escreveu este lixo*? Parece algo copiado da internet por um adolescente, e totalmente diferente do que eu pedi. Jogo a papelada sobre a mesa e pego o telefone.

— *Sen...*

— Na minha sala, agora! — ordeno de imediato, antes mesmo de responder-me.

Em poucos segundos, Leila, minha assistente, entra em minha sala com uma expressão aflita.

— O senhor me chamou — diz o óbvio.

Pego os papéis que acabei de jogar e a encaro.

— Quem redigiu esta porcaria?

Ela se aproxima e pega o relatório, então o examina.

— Isto é o relatório que pediu sobre a reunião com o fornecedor de maquinário — comenta e me olha.

Respiro fundo, não tenho paciência para idiotice.

— Eu sei do que se trata, senhorita, não foi essa a minha pergunta — esbravejo e tomo o documento de volta sem aviso. Ela se assusta. — Eu perguntei quem redigiu, não sobre do que se trata esta porcaria. Fui claro? Ou devo lhe dar uma aula de interpretação?

Ela arregala os olhos e esfrega uma mão na outra.

— F... fui eu — diz com voz abafada.

— Este relatório está um lixo! — vocifero e jogo tudo na lata de lixo. — Saia da minha sala agora e trate de preparar um relatório digno até o fim da tarde, ou pode ir direto para o RH!

Leila sacode a cabeça com força, e seus olhos arregalados parecem que vão saltar das órbitas a qualquer instante.

— Sim, senhor, Dr. Clarke! — exclama e sai da minha sala tropeçando nos

próprios pés.

— Estou cansado de tanta gente incompetente — pronuncio para mim mesmo.

Em três meses, essa é a quarta assistente que passa por mim. Eu só gostaria de saber por onde andam os bons profissionais, ninguém faz nada da maneira que deve ser feito, e costumamos pagar acima da média salarial, mas nem mesmo esse incentivo está valendo de algo.

Meu celular vibra em cima da mesa e eu o pego. O nome de Charlotte aparece no identificador de chamadas. Mesmo sem a mínima vontade de falar com ela, eu atendo.

— Boa tarde, Charlotte.

— *Olá, Benjamin. Está podendo falar?* — pergunta. Olho para o meu relógio de pulso, meu compromisso será em uma hora.

— Sim, se você for rápida no que quer — informo de maneira uniforme.

Ela solta uma risada seca.

— *Não demorarei. Eu gostaria de saber se pode jantar comigo na próxima sexta-feira.*

Uma das coisas que me agrada em Charlotte é ela ser direta.

É também uma mulher inteligente, sua companhia é agradável.

Quando estamos juntos, sempre conversamos sobre trabalho, e temos os mesmos ideais. Charlotte tem uma beleza fria e sabe como se portar bem em qualquer situação. É a mulher perfeita para um homem como eu.

Nós não nutrimos nenhum sentimento avassalador um pelo outro, mas nos respeitamos. Embora não tenhamos nenhum compromisso firmado, ela já deixou escapar que, juntos, seríamos infalíveis. E desde que tocou nesse assunto, venho pensando na possibilidade de entrarmos num acordo.

Há pouco tempo fui escolhido por unanimidade pelo Conselho Administrativo para ocupar o cargo de CEO da *Clarke Lisboa Multinacional de Petróleo*, um

cargo ao qual me preparei por toda a minha vida. Sendo assim, tenho uma reputação a zelar, e embora meu pai, o *Chairman*[1] da empresa, diga que sou exagerado, em minha opinião devo inspirar confiança, mostrar que sou merecedor do cargo não apenas por ser o filho do fundador da empresa. E, para isso, preciso manter minha vida pessoal impecável. Quero me estabelecer ao lado de uma mulher sensata e engenhosa, e Charlotte preenche todos os requisitos.

— Sim. Tenho algumas reuniões agendadas fora do escritório, mas terei algum tempo disponível para jantarmos —

respondo alguns segundos depois.

— Ótimo! Envie-me um e-mail informando qual horário estará disponível.

— Okay! Mais tarde peço à minha assistente para averiguar meus horários e lhe passar essa informação — digo e volto a olhar para o meu relógio, então me lembro de que provavelmente não terei uma assistente até o fim do dia, o que me deixa muito irritado.

— Tchau, Benjamin. Nós nos falamos na sexta-feira —

despede-se com seu jeito frio e contido, sem perguntas de como estou ou como passo o dia.

Solto uma risada e sacudo a cabeça.

— Melhor assim — resmungo, pensando no quanto detesto pessoas que perguntam sobre você apenas por obrigação.

Abro meu e-mail e envio uma mensagem ao RH pedindo que me arrumem outra assistente até o próximo expediente, e ordeno

que o responsável pelas contratações analise melhor a redação das candidatas, para que não me enviem uma idiota que não entende como se faz um relatório adequado.

Em seguida, examino a documentação enviada por um dos encarregados responsável pelas perfurações marítimas e levanto algumas questões referentes aos equipamentos de segurança, pois em minha análise do documento há uma

falta de informação sobre o assunto, e como todos que trabalham comigo sabem, a segurança dos operários deve ser primordial, ou nenhum trabalho será nem mesmo iniciado.

Passo o resto da tarde envolvido no trabalho. Faço ligações, exijo respostas, envio e-mails e, por fim, acabo o dia com uma mensagem do RH informando que no dia seguinte uma nova assistente estará à minha disposição. Como de costume, eles enviam seus dados, que, antes de sair, leio com atenção. Percebo que a mulher parece ser experiente, e me agrada saber que trabalhou em uma empresa do mesmo ramo que a nossa nos Estados Unidos. Mas não criarei grandes expectativas, conversarei com ela logo pela manhã e terei uma ideia se é ou não tudo o que diz em seu currículo.

Ouço o pessoal da limpeza se movimentando e assim percebo que a maioria dos funcionários já foi embora, pois há muito escureceu. Então, como faço todos os dias, levanto-me e vou à parede de vidro que me dá uma ampla visão dos prédios iluminados da cidade. De minha sala posso ter um panorama desta selva de pedra que tanto amo. Muitas vezes, quando me sinto estressado, basta vir aqui e olhar para esta cidade que não para. Meu irmão diz que devo ser doente, pois quem pode se acalmar ao vislumbrar a agitação?

Volto para a minha mesa, desligo o notebook, guardo-o em minha pasta e ligo para Duarte, meu motorista, avisando que prepare o carro.



Chego ao subsolo e Duarte já tem a porta traseira aberta para que eu entre. Ele é um bom profissional, pena que não tenho a mesma sorte quando se trata das minhas assistentes.

Após uma viagem tranquila, dispenso o motorista e vou direto para a minha cobertura localizada no Ibirapuera. Assim que chego, passo pela sala de estar, sigo para a sala de jantar e deixo minha pasta sobre a grande mesa. Em seguida, caminho até a minha suíte, tiro meus sapatos e roupas e as deixo num cesto para que minha governanta providencie a lavagem.

Depois de tomar um longo banho, vou à cozinha e encontro meu jantar pronto, precisando apenas ser aquecido. Cora é bastante organizada e mantém todo o ambiente limpo, porém, no que diz respeito à refeição, ela não consegue se destacar, e algumas vezes prefiro eu mesmo preparar meu jantar. Devido ao meu horário de trabalho, dificilmente eu a vejo. E ela, além da minha família, é a única pessoa que permito aqui. Nem mesmo as mulheres com quem saí no passado conheceram a minha casa, nunca me agradou ver qualquer pessoa no meu apartamento.

Muitos dizem que sou solitário, eu digo que sou seletivo, e gosto de ser assim, afinal, com minha experiência sei que não podemos confiar por completo nas pessoas.

Às cinco horas em ponto, estou de pé. Lavo o rosto e visto minha roupa esportiva, como uma fruta e vou correr no Parque do Ibirapuera. Rigorosamente toda manhã, quando não estou fora, corro entre 10 e 15 quilômetros pelo parque, e só então me preparo para mais um dia de trabalho.

Uma chuva fina cai, mas nem isso impede a minha corrida. O

dia nem clareou e algumas pessoas já se exercitam no parque. Para mim, é perfeito, eu não aprecio lugares cheios, e neste horário a pista de corrida é como se fosse só minha.

Em oitenta minutos estou de volta à cobertura, minha roupa está toda molhada, tanto de suor como pelo chuvisco. Sinto-me revigorado para mais um dia, onde terei reuniões com os acionistas e também com a empresa de engenharia responsável pela plataforma do Nordeste.

Minha vida é exatamente do jeito que quero, eu não tenho do que me queixar. Tudo está estruturado conforme meus planos, e nada, exatamente nada, pode me desviar do meu projeto de vida.

E isso é perfeito.



Capítulo 2

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas com a cena. No filme, o dia amanhece e ela não conseguiu dormir, pois em seu coração um sentimento de ternura, de grande amor, cresceu por aquele homem tão fechado. Um homem que, a princípio, despertou-lhe revolta, mesmo ao declarar seu amor por ela. Lizzy percebeu que se enganara, que tudo não passava de uma fachada. O homem que julgara frio e sem coração era, na verdade, um homem apaixonado e

disposto a fazer tudo por ela.

Óbvio, ele não era tão perfeito assim aos olhos de muitos, mas, para mim, ele sempre foi um homem de coração puro, íntegro, além de possuir uma beleza significativa.

Seco minhas lágrimas quando o vejo se aproximar dela e mais uma vez declarar-se. Só que agora é diferente, pois a moça consegue enxergar o verdadeiro homem à sua frente, um homem raro e leal.

— Não acredito que está assistindo a esse filme novamente.

E chorando! — Ouço a voz de Nilza e me viro para ela, que carrega uma expressão de zombaria em seu semblante. — Só você para achar emocionante esse filme sem graça.

— Eu me recuso a discutir com você — comento e viro-me novamente para a tela da TV. O filme está no fim, pena não existir a cena do tão esperado beijo. Ao menos podemos imaginar.

— É claro que não vai discutir, sabe que estou certa. —

Reviro os olhos, cansada de suas implicâncias.

Finalmente volto a olhar para ela, percebendo como se encontra arrumada. Minha irmã é muito bonita e vaidosa. Ela precisa trabalhar à noite quase sempre, e seu trabalho exige uma boa aparência.

— Tem evento hoje?

Ela termina de passar batom, então me olha sorrindo enquanto o guarda junto com o espelhinho em sua pequena bolsa.

— Sim, uma festa de lançamento de cosméticos — responde, passando os olhos por toda a sala. — Que milagre é esse? A casa está tão vazia.

— Nossos pais foram levar Thomas ao psicólogo e devem chegar a qualquer momento, Ruth está na casa de uma amiga estudando, e Sandro foi visitar uma amiga — informo.

— Então vou sair logo, antes que papai chegue e me encha de perguntas.

— É melhor mesmo, ele não vai gostar nada do seu vestido de hoje — comento ao reparar no comprimento da peça.

— Papai exagera, ele não entende que o meu trabalho exige que eu me apresente bem. E ele deveria ser grato, pois venho ajudando bastante nas despesas da casa.

Eu também acho que o nosso pai pega pesado às vezes, mas ele é um homem que se preocupa muito com todos os filhos, e sei que Nilza, com seu temperamento forte, causa muita preocupação ao coitado.

— Mas desde que você entrou para a faculdade, ele melhorou bastante com você. — Sorrio.

Nilza dá ombros e caminha com elegância até a porta de saída.

— Pelo menos isso — resmunga, então para e volta a me olhar. — E você, conseguiu a tal encomenda?

Desanimada, jogo-me no sofá e pego o controle remoto.

— Nenhuma resposta ainda, mas tenho fé que receberei uma boa notícia em breve — declaro, esperançosa.

Ouço a risada da minha irmã.

— Essa sua fé me comove — diz antes de se retirar de vez.

Faço uma careta. Já me habituei com os deboches da Nilza.

Desde que retornei do convento, há um ano, sou alvo de suas provocações. Eu não entendo a razão de suas implicâncias, porém, Sandro, meu irmão, diz que ela tem ciúmes de mim. Eu não acredito nessa conjectura, afinal, Nilza teve o privilégio de conviver com a família, enquanto eu, ainda nova, fui para um colégio interno e fiquei longe daqueles que amava. Se alguém tinha que sentir ciúmes, esse alguém era eu.

Procuro por algum filme para assistir e meu telefone apita com uma mensagem. Largo o controle remoto para ver do que se trata. Quando leio a mensagem,

levanto-me do sofá e dou pulos de alegria.

Gostaríamos de encomendar 100 cupcakes para a próxima sexta-feira.

Finalmente a tão esperada encomenda! Não é muita coisa, mas ao menos é um começo. Respondo imediatamente, e, após tudo acertado, corro para a cozinha. Abro os armários e penso no que posso criar. Decido por fazer um bolo de pote de morango e pingos de chocolate, esse se chamará *Doce Advento*, em comemoração à minha primeira encomenda.

Uma hora mais tarde, o aroma de morango toma conta da cozinha e dou os últimos retoques antes de colocar os potes na geladeira.

— Esse cheiro está maravilhoso. O que você está aprontando agora? — Sandro aparece e tenta pegar um dos potinhos com bolo.

Dou um tapa em sua mão.

— Calma, não está totalmente pronto, ainda tem que refrigerar.

Ele me olha e cruza os braços.

— Já sei que aconteceu alguma coisa, e, pelo sorriso em seu rosto, deve ser algo bom.

Abro a geladeira e não posso controlar minha alegria.

— Aquela senhora elegante da qual te falei finalmente encomendou os meus cupcakes — conto, animada.

— Que boa notícia, Eva! Eu não falei para não se preocupar?

Afinal, você deu uma prova a ela de seus doces — argumenta, e eu me viro para ele, que me observa com um sorriso confiante. —

Minha irmã, quem experimenta seus doces, não resiste! Se eu fosse você, faria mais amostras para deixar na pizzaria.

Ponho o dedo na boca e penso no que ele diz. Não é a primeira vez que Sandro dá essa ideia, o que provou ser uma boa sugestão, pois dona Amélia, no fim das

contas, fez a encomenda após uma degustação.

Olho pensativa para meu irmão.

— Você está certo, farei isso. Amanhã mesmo levarei os brigadeiros explosivos para que papai sirva na pizzaria.

Sandro se aproxima de mim e dá um beijo carinhoso em minha testa.

— Tenho certeza de que logo vai chover clientes — reforça e, antes que eu perceba, rouba um pote e sai correndo aos risos.

Ele é tão rápido que não tenho tempo de reagir.

— Sandro?! Você me paga, seu estúpido! — grito e escuto sua gargalhada. Cubro a boca numa tentativa de não rir. — Esse bolo se come frio, vai acabar tendo uma dor de barriga — falo sozinha e volto a guardar os outros potes.

Retorno para a sala a tempo de ver meus pais chegarem com meu irmão mais novo, Thomas. Quando ele me vê, seu sorriso gracioso me enche de felicidade. Com cuidado extremo, caminho até ele e me ajoelho à sua frente. Eu não sei como será o seu comportamento, então espero por uma reação.

Ele me fita e, devagar, levanta uma mão e toca meu nariz com a ponta do dedo, então eu sei que ele está em um bom dia.

— Senti sua falta — digo, pego seu dedo que me toca e levo até a minha boca, beijando-o com leveza.

— Estava muito barulho, então coloquei o fone que você me deu e fiquei ouvindo minhas músicas. Eu gostei — comenta com um leve sorriso, e eu me sinto radiante. Tudo o que eu quero é ver meu irmão bem.

Thomas é um menino inteligente, mas seu transtorno o prejudica, e infelizmente nem todos sabem lidar com ele. Então, fico orgulhosa em saber que de algum modo eu o ajudei.

Olho para minha mãe, que nos observa com afeição.

— Foi tudo bem no psicólogo? — pergunto em voz baixa e me levanto. Meu

irmão se afasta sem expressar reação.

Minha mãe abre um sorriso.

— Sim, ela sugeriu que o levemos à rua vez ou outra, sem forçar muito a barra. Devemos fazer isso nos dias em que o Thomas estiver mais acessível.

— Isso será bom para ele, tenho certeza — pronuncio, confiante.

Meu pai, após pôr a chave do carro sobre o aparador perto da porta, coloca-se ao lado da minha mãe.

— Você está sozinha? — pergunta, olhando em volta.

— O Sandro chegou ainda agora, a Nilza foi trabalhar, e Ruth, como sabe, dormirá na casa de sua amiga, estão estudando para uma prova — informo.

Ele volta seu olhar para mim.

— A Nilza vai trabalhar a noite toda?

Minha mãe revira os olhos.

— É uma empresa de eventos, Martino. Com certeza a maior parte de seu trabalho será durante a noite.

Cruzo os braços e dou de ombros. A Nilza sempre se mostrou misteriosa quanto à empresa na qual trabalha. Lembro que cheguei a pedir que arrumasse alguma coisa para mim lá, e minha irmã, com escárnio, disse que eu jamais conseguiria alguma coisa, pois além de ser fora dos padrões exigidos pela empresa, no mínimo eu só conversaria sobre doces e as orações do convento.

Sei que no fundo ela queria apenas implicar comigo, pois jamais conto sobre o tempo em que passei no convento, a não ser que me perguntem. E mesmo que fosse o caso, eu não entendi seu comentário, afinal, eu trabalharia como recepcionista e não precisaria conversar com ninguém.

— A Nilza tem que cuidar dos estudos dela. Desse jeito, ela não conseguirá se formar — meu pai responde e me encara. — E

você? Parece animada.

Abro um largo sorriso e olho para os dois.

— Recebi uma encomenda para fazer 100 cupcakes. É

daquela senhora que conversei na pizzaria — conto, empolgada.

Meus pais me abraçam ao mesmo tempo.

— Que ótima notícia, Evangeline! — exclama minha mãe.

— Eva, mãe! — advirto. Ela sabe que eu não gosto muito do meu nome, mas mesmo assim insiste em pronunciá-lo.

— Eu sabia, Eva. Ninguém resiste aos seus doces —

completa meu pai.

— Eu disse o mesmo a ela — fala Sandro, aproximando-se.

Thomas já está no canto da sala entretido com um jogo no computador. Para ele, é como se não houvesse ninguém ali, já entrou em seu mundo. Antes de meus pais saírem para a pizzaria, que fica na esquina de nossa casa, conversamos um pouco, e Sandro diz que deixará o carro comigo para que eu possa fazer a entrega dos cupcakes. Com isso, pulo em cima dele e o encho de beijos. Até o perdoei por ter roubado o bolo de pote antes do tempo.

Ele me empurra para longe.

— Mas tome cuidado, Eva, você é um pouco desastrada, não vai sair dirigindo como uma louca, tirou carteira há pouco tempo —

recomenda com olhar sacana.

Jogo uma almofada em sua direção e ele a pega no ar.

— Esqueceu que passei no teste de direção de primeira?

Ele coça a cabeça.

— Difícil acreditar, até hoje me pergunto como isso foi possível — sussurra.

— Para de implicar com a sua irmã — diz mamãe, levantando-se do sofá. — Preciso me aprontar, a pizzaria já abriu, Martino e eu já deveríamos estar por lá.

Sinto que mamãe está cansada, e tanto eu quanto Sandro nos oferecemos para ir em seu lugar. Ela logo descarta a ideia, pois basta a presença de Luigi, nosso irmão mais velho, que vive para a pizzaria da família. Nossos pais insistem que devemos tomar outro rumo, pois o negócio não vai muito bem, então preferem que busquemos outro caminho.

Antes de sair, mamãe pede que eu cuide de Thomas, pois tia Kelly, a senhora que trabalha para nós desde que eu me entendo por gente e é como parte da família, foi visitar a irmã.

Assim, ficamos Sandro e eu em casa cuidando do nosso irmão.

Bem mais tarde, quando Thomas já está dormindo, faço a lista do que preciso para o preparo dos cupcakes, e, antes de se deitar, Sandro vem falar comigo.

— Acabou de dar no jornal a previsão de um temporal para sexta-feira, então tome cuidado quando estiver dirigindo — avisa, receoso.

Sorrio para ele.

— Pode deixar, serei cuidadosa. Embora eu seja um pouco desajeitada, na direção sou bastante atenta — asseguro.

— Eu sei disso, o problema são os motoristas que fazem barbeiragem.

— Sei como é.

Sandro então beija minha testa e sai do quarto me desejando uma boa noite.

Volto para as minhas anotações e sem querer esbarro no copo de suco. O líquido se derrama por minhas anotações e se estende pela mesa, até cair em minha perna.

Levanto-me depressa.

— Droga! Isso sempre acontece comigo — resmungo.

Depois de limpar a sujeira que eu fiz, deito-me com um sorriso satisfeito. Sexta-feira será o início de uma nova fase. Tenho fé nisso.

E sei que nada poderá sair errado, basta eu ser cuidadosa e não ficar muito ansiosa.

Tudo vai dar certo. Este é meu último pensamento antes de cair no sono.



Capítulo 3

Três reuniões em apenas um dia! Encontro-me esgotado, ao menos tudo ocorreu dentro do esperado, com exceção dessa chuva torrencial, parece um verdadeiro dilúvio.

— Verifique no aplicativo se há outra rota — ordeno ao meu motorista.

Odeio quando as coisas acontecem fora do meu planejamento. Verifico meu relógio de pulso, já passa das nove da noite. Fiquei de me encontrar com Charlotte para jantarmos, no entanto, prevejo que não dará tempo, pois terei uma videoconferência às onze horas com o COO[2] da companhia, que se encontra na Nova Zelândia.

— Senhor, infelizmente todas as vias estão apresentando congestionamento — Duarte comunica com tranquilidade.

Merda! É por isso que odeio transitar pela cidade na hora do rush. Embora nove da noite seja um horário tardio para a maioria.

Olho para fora da janela, sei que esse engarrafamento se deve ao pé-d’água, e não somente ao número elevado de carros nas vias.

Pego o celular no bolso do meu terno e ligo para Charlotte, que me atende ao

primeiro toque.

— *Benjamin*? — Sua voz soa contida.

— Charlotte, boa noite! Terei que cancelar o nosso jantar.

— *Aconteceu algo? Você nunca desmarca nada em cima da hora* — aponta, surpresa.

— Estou preso no trânsito, aqui na Paulista, acredito que por conta dessa chuva — explico, embora eu não goste de me justificar com ninguém.

— *Se quiser, eu te aguardo, sem problemas. Estou analisando o processo de um cliente enquanto espero.*

Deixo escapar um suspiro impaciente.

— Teremos que adiar o jantar, tenho uma videoconferência ainda hoje.

Ouço sua respiração e sei que se encontra insatisfeita.

— *Tudo bem, deixamos para outro dia* — pronuncia, contrariada.

— Em outro momento, combinamos. Tenha uma boa noite —

despeço-me e ouço sua resposta antes de desligar.

Devolvo o celular ao meu bolso, o carro se move quase que de modo imperceptível.

Penso em Charlotte e em como ela é a mulher ideal para mim; é insípida e muito comedida em suas ações, e isso me agrada, pois não sou um homem dado a demonstrações afetivas, sou receptivo apenas com a minha família. Quando jovem, cheguei a ser mais sentimental, mas a vida me ensinou que sentimentos não levam ninguém a lugar nenhum. Sei que Charlotte pensa como eu, ela é focada em seu trabalho e não quer ao seu lado alguém que atrapalhe suas ambições.

Eu a conheci faz mais de um ano, quando o escritório para o qual trabalha prestou serviços jurídicos para a minha empresa.

Começamos a sair alguns meses depois e nos demos bem. Ainda não firmamos nada sério, mas penso em propor que nos casemos.

É verdade que eu não sinto nenhum tipo de paixão por ela, Charlotte nem mesmo me causa muito tesão, será um casamento onde o nosso principal objetivo se tratará de nos dedicarmos ao nosso trabalho. Eu não poderia pedir por um relacionamento melhor.

É claro, tenho minhas necessidades sexuais, e dificilmente Charlotte poderá me satisfazer, pois meus desejos são peculiares. Mas estou disposto a mantê-los guardados, afinal, sou um homem que consegue controlar suas ânsias.

Para ocupar meu tempo, abro meu laptop e verifico o e-mail que recebi essa tarde com o relatório contendo informações sobre a plataforma localizada no México. Concentro-me e analiso cada detalhe, quando, de repente, o carro dá um solavanco e o laptop cai do meu joelho.

— O que aconteceu, Duarte? — indago, irritado.

Ele me olha pelo retrovisor como se nada tivesse acontecido.

— Bateram em nosso carro, senhor — informa enquanto retira seu cinto. — Vou verificar se houve algum estrago.

Antes que eu diga alguma coisa, ele sai. Mesmo com o vidro escuro, posso enxergá-lo do lado de fora.

Solto um bufo e passo a mão por meus cabelos, então pego o laptop e o fecho.

— O dia de hoje não tem como ficar pior. Eu me pergunto que tipo de idiota bate em um carro em pleno congestionamento... —

resmungo.

Olho para trás e vejo Duarte no meio da chuva coçando a cabeça e conversando com alguém, mas não consigo distinguir a pessoa, provavelmente é o imbecil que nos acertou. Viro-me e mais uma vez verifico as horas, então percebo Duarte voltar para o carro e noto que seu uniforme ficou úmido.

— Uma mulher bateu no carro, uma lanterna está quebrada e o para-choque

amassou bastante. Ela está nervosa e não sabe como resolver a situação — revela enquanto eu o encaro.

Parece uma piada de mau gosto.

Trinco os dentes, eu não tenho paciência para essas merdas, mas pelo jeito terei que resolver por mim mesmo.

— Pois bem, explicarei a ela como resolver a situação e mostrarei o quanto *eu* estou nervoso — digo e abro a minha porta.

Saio do carro disposto a arrasar com a tal mulher. A chuva continua caindo e eu nem ligo para os pingos que molham meu terno. Tudo acontece como em câmara lenta, caminho até onde a moça se encontra, ela está de costas. Percebo que está descalça.

Como pode alguém dirigir dessa maneira? Subo meu olhar por suas pernas, e, à medida que me aproximo, ela se vira. Meus olhos sobem por suas coxas. Seu short envolve as pernas bronzeadas.

Paro de frente para ela e, conforme meus olhos continuam subindo, algo dentro de mim se intensifica. Ela está encharcada e a camisa branca se cola ao seu corpo. Meus olhos chegam aos seus seios e noto que usa um sutiã branco de renda que nada serve para esconder os mamilos sobressalentes. Aperto minhas mãos em punho e finalmente meus olhos cruzam os seus.

Puta que pariu! Ela é maravilhosa, e pela primeira vez fico desconcertado. Eu estava pronto para brigar, mas seus olhos com lágrimas me comovem, algo raro. A moça parece apavorada e me fita como se tivesse a alma carregada em seu olhar.

— Nem sei o que dizer para me desculpar, seu motorista disse que estou muito encrencada, e posso imaginar o porquê... —

Alguém passa buzinando e ela leva as mãos aos cabelos levemente cacheados, que passam dos ombros, ela fica olhando em direção à moto que costura o trânsito.

A desconhecida é a sensualidade em pessoa, mesmo mal vestida. Conheço muitas mulheres elegantes que dariam a vida para possuir tal magnetismo.

Na tentativa de desanuviar os pensamentos que me invadem, olho para onde houve a colisão. O farol esquerdo está perdido, e parte do para-choque está fora do lugar. Seu carro, um desses populares, já viu dias melhores e está numa situação crítica, também com o farol quebrado e o para-choque caído ao chão.

Volto a olhá-la.

— Sugiro que acione o seguro quanto antes — digo, mal-humorado.

Ela arregala os olhos castanhos e mexe nos cabelos mais uma vez.

— Acredito que isso não seja possível — fala, amuada.

Seu rosto molhado pela chuva me faz imaginar como seria ela no banho, e tal pensamento me deixa ainda mais zangado.

— Como não é possível? Basta pegar um telefone e ligar! —

sinalizo, impaciente.

Ela suspira e cruza os braços, então olha para os próprios pés, que por sinal eu não deixei de reparar no quanto são pequenos e lindos. *Caralho! O que acontece comigo?*

— É que eu... — Eu não entendo o que diz, pois há muito barulho do tráfego.

— Você pode falar mais alto? Eu não estou conseguindo te ouvir.

Assim, ela levanta a cabeça e me lança um olhar incerto.

— Eu não tenho seguro — confessa.

Como pode alguém que vive nesta cidade não ter um seguro? Não posso entender.

— Você não tem seguro? — pergunto para ter certeza de que entendi bem.

Ela olha para onde nossos carros bateram.

— Esse carro é do meu irmão, peguei emprestado, ele não tem seguro, e isso me faz lembrar de que estou duplamente encrencada, pois ele vai me matar, a não

ser que o senhor me mate primeiro — balbucia, e noto seu corpo tremer à medida que a chuva aumenta e um vento frio passa por nós.

Olho para o céu e coloco as mãos na cintura.

Eu não deveria ter saído, antes tivesse feito a última reunião no próprio escritório, agora estou aqui, preso no meio do trânsito e com uma mulher irresponsável que ainda por cima me deixa perturbado.

— Senhor, posso ajudar em alguma coisa? — Ouço Duarte falar. Eu nem mesmo me dei conta de quando chegou perto de nós.

Pensativo, olho para ele e volto a encarar a mulher, que me fita enquanto morde os lábios. Assim, algo surpreendente acontece.

No meio do caos, eu me sinto excitado. E não é algo que eu consiga controlar, pois vem com uma força abrupta. Chego a fantasiar em possuí-la no meio da chuva mesmo.

De repente, ouvimos uma sirene se aproximar. Levanto o olhar e vejo os carros saindo do caminho com dificuldade.

Volto a olhar para Duarte.

— Você acionou a polícia? — questiono.

— Não, senhor. Acredito que não tenha nada a ver conosco.

— Graças a Deus! Só faltava agora eu parar na polícia —

declara a moça. Fito-a, sua expressão preocupada está ainda mais evidente.

— Vamos sair desta chuva, ou poderá pegar um resfriado —

digo e aponto para o meu carro. No mesmo instante, Duarte passa à minha frente e abre a porta traseira.

A moça olha para Duarte e depois para mim.

— Eu não entro em carro de estranhos. E se forem algum tipo de sequestradores ou quiserem me levar para longe? —

completa, os olhos grudados aos meus.

Essa moça não faz nenhum sentido...

— E como poderíamos levá-la daqui com esse trânsito? —

pergunto, impaciente.

Ela entorta a boca carnuda, e minha vontade é mordê-la.

A estranha olha para os lados e se volta para mim.

— Você está certo, mas devemos dar um jeito de tirar nossos carros daqui — informa o óbvio, e quase digo que vejo somente um carro aqui.

Respiro fundo e tento controlar meu temperamento.

— Duarte providenciará tudo. Agora, se não se importa, pode vir comigo? Eu não quero ficar nesta chuva até que decida o que fazer.

Ela ainda parece reticente quanto a me acompanhar.

— Preciso pegar minha bolsa, devo ligar para o meu irmão.

— Venha logo comigo, moça. Eu peço para o Duarte pegar seja lá o que for na sua lat... no seu carro — insisto e me viro.

Quase cometo uma gafe.

Duarte observa tudo com expressão passiva, nem mesmo a chuva abala seu semblante insípido.

Entro no carro, olho para mim mesmo e praguejo. Estou encharcado, o banco de couro tão limpo e bem cuidado ficará impregnado. Olho meu relógio de pulso e já são dez e meia. Pego meu telefone e envio uma mensagem para Flávio ordenando que cancele a reunião. Eu nunca suspendi nenhum dos meus compromissos, mas, ao que parece, esta é uma noite incomum.

Sinto a desconhecida finalmente entrando no carro. Eu não olho para ela e termino de passar a mensagem. Sua presença preenche o lugar, e posso sentir um leve aroma de morango. E que vontade insana é essa de lambê-la?

Respiro fundo e finalmente olho para o seu rosto.

— Sei que está chateado e peço desculpas, mas eu vou pagar pelo estrago do carro do senhor — certifica olhando-me com expressividade.

Aposto minha fortuna que essa moça não sabe o custo do reparo deste carro. Eu a encaro com rigidez e me sinto desconfortável com a agitação que ela está causando em meu corpo.

— Você não tem seguro, como pretende fazer isso?

Ela suspira e seus ombros caem.

— Eu não sei como funciona esse lance de seguro, mas é só me mandar o valor, que eu pago.

Noto Duarte sentando-se em seu lugar atrás do volante, então vira-se e entrega uma bolsa para ela.

— Aqui está, senhorita — diz.

Ela sorri com suavidade para ele.

— Obrigada — sussurra e volta a me olhar.

Juro que em toda a minha vida eu nunca vislumbrei olhos tão persuasivos. Eu não consigo entender o que essa moça, tão peculiar, tem que me atrai. Eu sequer sei seu nome!

Estendo a mão com a palma para cima.

— Por gentileza, me passe seu documento — ordeno.

— Como?

— Quero uma identificação. — Volto a afirmar e olho para Duarte, que nos observa pelo retrovisor.

Ele parece aguardar algum comando meu.

— O que o senhor pretende? — pergunta a moça, desconfiada.

— Resolveremos este incidente entre nós, mas nem pense em tentar me enganar — aviso, e não sei em que porra estou pensando ao tomar essa atitude.

Eu deveria arrumar um modo de sair daqui e deixar que Duarte resolvesse quais medidas tomar, mas essa moça, de alguma

maneira, está fazendo com que eu me comporte fora dos meus padrões. E isso me deixa irritado.

Ela acena com urgência.

— Eu não o enganarei — fala, e sua voz sai rouca. Ela abre a bolsa e tira dali sua carteira de habilitação. — Aqui, pode anotar meus dados. Precisa de algo mais?

Pego o documento de sua mão e nossos dedos se tocam.

Vejo os pelos de seus braços se eriçarem, é como se uma descarga elétrica passasse por minha mão e se estendesse por meu braço.

Afasto minha mão e ergo o documento.

— Evangeline Collalto — digo seu nome em voz alta.

Observo sua foto, até mesmo ali ela é sensual. Como pode alguém parecer tão bem em uma foto de documento? Aproveito para verificar o ano em que nasceu e faço as contas em minha cabeça, é apenas uma moça de 23 anos.

— Eva. — Ouço-a falar e olho para ela sem entender. Ela dá um meio sorriso, e constato o quanto sua beleza é natural. — Pode me chamar de Eva, é assim que todos me chamam.

— Eva — repito com a voz enrouquecida.

— Senhor? — chama Duarte, interrompendo-nos. Eu o encaro. — Há um posto de gasolina logo à frente, e o trânsito começou a fluir, sugiro sairmos daqui, assim poderão resolver o que farão.

Aceno e retorno a fitá-la.

— Duarte, leve o carro da Eva, eu mesmo dirijo este até o tal posto — ordeno,

sem tirar os olhos dela.

Ela abre a boca, assombrada.

— Mas...

— Faça como eu mandei, Duarte — reforço, e de imediato o motorista sai do carro. Encaro Eva, resoluto. — Eva, estou sendo

bastante paciente com toda essa situação, você não faz ideia do quanto meu tempo é valioso, portanto, eu agradeceria se você não dificultasse ainda mais as coisas, afinal, já causou muito estrago, não acha?

Com certeza fui grosseiro, eu não sou conhecido por minha delicadeza, porém, admito que minha raiva seja por eu estar tão balançado com essa moça de rosto ingênuo e corpo tentador.

Para minha surpresa, ela aperta os olhos.

— Imagino o quanto o tempo do senhor é valioso, não foi proposital ter batido em seu carro, eu já pedi desculpas e prometi arcar com o prejuízo. Agora, se vai agir como um boçal, peço que deixe o seu motorista cuidar de tudo. Deixarei meu número com ele, pois acredite, senhor: meu tempo também é valioso! — Sua explosão me deixa com ânsia de dominá-la.

Respiro fundo algumas vezes, eu não posso e não vou perder o controle. Isso nunca aconteceu, e não será essa mulher atrevida que me fará esquecer quem sou.

Eu chego para frente e ela se mantém firme, posso ver que tem coragem.

— Sua demonstração descabida de irritação não a ajudará em nada. Você não me conhece, moça, portanto, não tente comprar uma briga comigo — advirto, e sei que a maneira como falo poderá amedrontá-la.

Ela empina o nariz, seus olhos soltam faíscas.

— O senhor também não me conhece — responde.

Admirado, olho para ela e dou um sorriso malicioso.

— Conheço mais do que você a mim. Eu já sei o seu nome e tenho sua carteira comigo. Com essa informação, sou capaz de muita coisa, então, Evangeline... — digo seu nome inteiro com sarcasmo e noto sua raiva. Mesmo assim, ela é a mulher mais magnífica que eu já vi. — Cuidado, você não sabe com quem está

lidando. Agora, fique aqui enquanto eu levo o carro. Não pense em fazer nenhuma gracinha, eu posso fazer com que perca a sua habilitação. Aliás, eu notei que a conseguiu recentemente.

Eva abre a boca e volta a fechá-la.

— Vejo que é um homem bastante observador — comenta.

— Não imagina o quanto — murmuro e saio do carro, a fim de passar para o volante.

Do lado de fora, respiro fundo. Preciso me livrar imediatamente dessa moça, eu a conheço há poucos minutos e ela já me enlouquece.

Percebo Duarte passar por mim dirigindo a lata velha, então volto a entrar no carro e assumo o volante. Eu não resisto e a olho pelo retrovisor, vejo que Eva tem os olhos marejados e pela primeira vez sinto um aperto em meu peito e uma vontade louca de consolá-

la.

Aperto o volante e penso que talvez ela tenha razão, deixarei que Duarte cuide de tudo. Eu não a verei mais, amanhã ela será apenas uma lembrança desastrosa de um dia infeliz.

Provavelmente eu nem mesmo me lembrarei de seu lindo rosto, de sua pele bronzeada e do quanto é sensual com sua vestimenta simples molhada de chuva.

Com certeza ela sumirá dos meus pensamentos logo que se afastar. Isso é garantido.



Capítulo 4

Meu dia começou perfeito, tudo estava dando certo, pude fazer minha entrega e, por incrível que pareça, eu não me atrasei.

Para completar, a cliente experimentou o bombom de chocolate recheado de morango que eu lhe ofereci como cortesia e percebi em sua fisionomia o quanto gostou. E não resistiu, pois fez um novo pedido para a próxima semana.

Saí de sua casa feliz e com muitos planos, finalmente eu poderia juntar um dinheiro, comprar utensílios de confeitaria e passar a oferecer mais opções de vendas.

Nem mesmo a forte chuva me desanimou, ou a minha sandália ter arrebentado. Eu traçava na mente uma meta para um dia abrir a minha confeitaria, seria um grande sonho a ser realizado.

E estava tão feliz que resolvi ligar o rádio, mas como eu não conseguia ouvir nenhuma estação, pois chiava muito, coloquei um dos CDs do meu irmão. O trânsito, acredito que por causa da chuva, estava praticamente parado, apenas as motos eram capazes de transitar, costurando entre os carros.

Eu percebi que não chegaria em casa tão cedo, assim, apanhei minha bolsa a fim de pegar algo para comer, então tudo aconteceu ao mesmo tempo. Ela escapuliu da minha mão, o carro à minha frente se moveu, e eu me atrapalhei, pisando no acelerador sem querer. Eu não pude evitar a batida.

Minhas mãos começaram a tremer e eu só ouvia a voz do Sandro na cabeça: *“Cuidado, estou sem seguro”* .

Agora estou aqui, sentada na parte traseira de um carro de luxo, carro esse em que eu colidi, com um homem sombrio e muito lindo que me causa arrepios. Eu ainda não sei seu nome, apenas que seu motorista – que, ao contrário dele, é muito gentil – chama-se Duarte.

Eu deveria ter desconfiado da minha sorte, todos os meus planos para adquirir meus utensílios foram por água abaixo, pois terei que arcar com esse prejuízo. E eu ainda tenho que ligar para o Sandro e avisar o que aconteceu. Só espero que o estrago em seu carro não tenha sido tão grande, pois ele o usa para trabalhar e ajudar nossos pais na pizzaria.

— Chegamos! — Ouço a voz grave do desconhecido e noto que o carro parou. Olho para ele pelo retrovisor e noto que seus olhos verdes esquadrinham meu rosto, causando-me um calafrio.

Desvio o olhar e tento localizar meu carro.

— Onde está seu motorista? — questiono, pois não consigo vê-lo.

— Duarte estacionou seu carro mais à frente. — Sua voz grossa e rouca chega até mim, e é como se acariciasse cada partícula da minha pele.

Volto meu olhar para sua face, ele me encara como se quisesse descobrir algo sobre mim. *Estará ele pensando que sou uma delinquente?* Eu não o julgaria por isso, afinal, não querendo me atrasar para a minha entrega, eu não reparei que saí sem trocar de roupa. Só quando estacionei o carro em frente à casa de dona Amélia foi que eu me dei conta de como estava mal vestida.

Fico constrangida com a maneira como ele me olha, eu não me lembro de ter passado por uma situação tão inusitada quanto esta.

— O senhor vai ficar me encarando a noite toda? — indago, pois sinto-me acuada e ao mesmo tempo irritada com esse homem.

Ele ergue levemente apenas uma sobrancelha, gesto que lhe dá certo charme. De repente, eu o vejo balançar a cabeça e soltar o cinto de segurança.

— Vou falar com o Duarte, aguarde-me aqui — diz e abre a porta.

— O fato de eu ter batido no seu carro não lhe dá o direito de mandar em mim — respondo, zangada. Esse homem está me dando nos nervos!

Seu olhar insolente volta em minha direção.

— Não me irrite mais que o necessário, estou tentando facilitar as coisas! —

alega e sai do carro, batendo a porta com força.

Eu me assusto e tenho vontade de chutar alguma coisa.

Respiro fundo e escuto o toque do meu telefone. Pesco o aparelho de dentro da minha bolsa e vejo tratar-se de Sandro, o que me dá um frio na barriga, pois eu já deveria ter ligado para ele.

Suspiro e atendo.

— *Eva, está tudo bem com você? Fiquei preocupado com esse temporal* — confessa com voz alarmada.

— Estou bem, apenas... — Sinto minha voz sumindo.

— *Apenas o que, Eva? Fala logo!*

— Eu bati num carro — respondo num sussurro.

— *O quê? Você se feriu? Meu Deus, Eva! Eu deveria ter ido com você. Ainda não tem muita experiência de trânsito. Onde você está?* — Sandro atropela as palavras.

— Estou bem, fique calmo, estamos tentando resolver as coisas.

— *Foi você quem bateu?*

— Sim, a culpa foi minha — conto e fecho os olhos.

— *Eva, me diga onde você está, vou dar um jeito de ir até aí tentar resolver isso* — pede, e sei pelo seu tom de voz que está muito preocupado comigo.

Sorrio com fraqueza. A porta ao meu lado se abre e eu levo um susto. Levanto a cabeça e o homem misterioso entra. Senta-se ao meu lado e me encara.

Eu engulo um caroço que se formou em minha garganta.

— Já falei que não precisa se preocupar, estou cuidando de tudo — digo, encarando o homem que presta atenção em minha conversa sem disfarçar.

— *Você bateu em qual carro? É algum popular?* — indaga Sandro, e tenho

vontade de rir. Este carro está longe de ser popular.

— Não sei ao certo. Agora preciso acabar aqui, logo chego em casa e te detalho tudo.

— *Eva, não arrume problemas. Deixe-me ao menos falar com o dono do veículo e esclarecer que bancaremos o prejuízo* — pede, então desvio o olhar do homem e olho para fora da janela.

— Sandro, eu sei cuidar de mim. Você não precisa me socorrer, já estamos tratando de tudo — minto, pois as únicas coisas que eu consegui com esse homem foram palavras rudes e olhares de censura.

— *Evangeline! Você...*

— Sandro, depois conversamos. Tchau! — Desligo antes que comece com seus sermões. Volto a olhar para o estranho, ele continua na mesma pose. — Então, como faremos?

— Com quem você falava? — interpela de modo rude.

Fecho os olhos e respiro fundo algumas vezes. Está me dando uma vontade louca de socar a sua cara, o que seria um desperdício, pois ele é muito lindo. Volto a abrir os olhos e o fito.

Nossos olhares se cruzam e meu coração falha uma batida.

Seus olhos são hipnotizantes; mesmo com um olhar tão hostil ele consegue me encantar. Sacudo a cabeça a fim de parar com meus pensamentos descabidos. Devo estar muito cansada.

— Isso não tem nada a ver com esta situação, não importa com quem eu falava.

Ele aperta o olhar e, de maneira ameaçadora, curva a cabeça em minha direção. Posso sentir sua respiração em meu rosto.

— Tem a ver quando a pessoa em questão pergunta sobre o meu carro e pede para falar comigo — esclarece. Surpreendia, eu abro a boca, e ele dá um sorriso perverso. — Quando estiver falando ao telefone, certifique-se de não apertar o viva-voz.

— Droga! — sussurro. Eu sou a pessoa mais desligada do planeta, só pode ser.

Ele abaixa o olhar até a minha boca e meu coração dá um salto no peito. Sinto um calor repentino, é como se labaredas de fogo pousassem em minha pele. O homem respira fundo e se afasta, voltando a me encarar.

— O Duarte disse que seu carro não sofreu grandes danos.

Ele está colocando o para-choque no lugar, mas será provisório, você terá que ir a algum profissional para consertá-lo — informa, tirando um cartão e uma caneta do bolso de seu paletó. — Deixarei meu número com você e ficarei com o seu. Meu motorista levará o meu carro amanhã para avaliar o estrago, então informarei o valor para que você faça o pagamento.

Escuto o que ele diz e aceno com ligeireza.

— Okay — esboço, sem deixar de olhá-lo.

Ele me passa o cartão e no mesmo instante eu abaixo o olhar. *Benjamin Clarke Lisboa.* Finalmente sei seu nome, e devo admitir que combina com ele.

— Anotei meu número particular, assim será mais fácil entrar em contato — diz e volta com a caneta para o seu bolso.

Fico admirando o cartão e o seguro como se fosse algo muito precioso. *Minha Virgem Santa!* Eu não estou bem.

Subo o olhar e o encontro me encarando, indecifrável. Sinto a garganta seca.

— Caso não me ligue, qual é o melhor horário para falar com o senhor?

— Não tem horário melhor, portanto, se ligar e eu não atender, Duarte ou eu retornamos — diz e eleva uma mão com a palma para cima. — Me dê seu telefone.

— O senhor conhece a palavra *por favor*? — indago e entrego meu telefone para ele.

— Eu não tenho tempo para suas gracinhas, moça —

responde, mal-humorado.

Ele observa meu telefone por alguns instantes e enruga a testa, então balança a cabeça.

— O que foi agora? — questiono.

— Eu jamais imaginaria um monte de pirulito como seu papel de parede — comenta, e pela primeira vez parece achar graça de algo.

— Não há nada de errado com meus pirulitos.

Ele para de digitar em meu telefone e me lança um olhar enigmático.

— Você gosta de pirulitos? — Sua pergunta me pega de surpresa e sinto meu rosto ficar vermelho. Se a Madre Ciça soubesse por onde estavam indo meus pensamentos, ela me colocaria de joelhos e me mandaria rezar cem Ave-Marias.

— Eu... gosto de doces — respondo com voz baixa.

Sinto que estou derretendo quando ele dá um sorriso de lado.

Se soubesse o quanto é maravilhoso quando esboça um sorriso, jamais permaneceria tão austero.

Benjamin desvia o olhar, e após alguns instantes seu telefone vibra, então ele devolve o meu.

— Agora tenho o seu número. Diga onde mora, Duarte guiará seu carro enquanto eu a levo para casa.

— Não precisa, sou perfeitamente capaz de chegar em casa

— falo, cruzando os braços.

— Moça, eu percebi o quanto você é capaz, tenho um carro amassado provando isso — ele debocha.

— Isso nunca aconteceu antes, foi apenas uma falta de sorte

— insisto.

— Diga o seu endereço ou ficaremos aqui até o amanhecer.

Eu já perdi a minha noite mesmo, então você decide.

Olho para o teto do carro e solto um bufo, então volto a fitá-lo.

— Por que se preocupa? Não há necessidade de se incomodar.

Ele me encara, e quando penso que não responderá, traz um dedo até o meu queixo e com leveza levanta o meu rosto. Seu toque quase imperceptível reverbera por todo o meu corpo.

— Eva... — sussurra meu nome, e sinto minhas mãos suarem. — Não pense nem por um minuto que eu me preocupo com você, quero apenas me certificar de que não fugirá de suas responsabilidades, fui claro?

É óbvio que um homem como ele não se importaria com alguém como eu, logo se vê que nossos mundos são diferentes e distantes. Mas mesmo tentando me convencer disso, sinto-me ferida com suas palavras.

Esboço um sorriso.

— Imaginei isso — minto e me afasto de seu toque.

Passo meu endereço para ele, que em seguida sai do carro.

Sinto uma lágrima escapar e a seco imediatamente, eu não darei a ele o prazer de saber que sou uma idiota.

Alguns minutos depois, ele volta ao volante e, sem dizer uma palavra, começa a dirigir. Eu não olho em sua direção, mas sei que ele me encara pelo retrovisor, pois sinto o magnetismo de seu olhar.

Por sorte, o trânsito já está melhor, e meia hora depois chegamos à minha casa.

Tento abrir a porta do carro, mas não consigo, o que me obriga a encará-lo de volta pelo retrovisor.

— Segunda-feira entro em contato. Caso eu não ligue, você sabe o que fazer.

Eu aceno com a cabeça.

— Muito obrigada pela carona, embora sua ação não tenha sido por gentileza. Agora posso sair? — pergunto e empino o nariz.

Benjamin aperta os olhos e parece querer brincar comigo, pois demora até finalmente acionar algum botão, então ouço a porta destravar.

— Tente não pegar no volante até que esteja segura disso —

avisa, e decido por não respondê-lo.

Saio do carro e bato a porta com força.

— Idiota! — esbravejo do lado de fora.

— A senhorita falou comigo? — indaga Duarte, e eu levo a mão ao meu peito. Esse homem parece aqueles mordomos de filmes de terror que aparecem do nada.

— Jesus! Você me assustou! — confesso, respirando fundo.

— Perdoe-me, não foi minha intenção.

Eu sorrio.

— Sei que não, eu é que sou assustada mesmo.

Ele estende a chave do meu carro.

— Aqui está sua chave. Acredito que necessite apenas arrumar o farol e fixar o para-choque.

Pego a chave de sua mão e o olho.

— Obrigada. E me desculpe pela perturbação, espero não trazer problemas para você e o imbecil do seu patrão — digo com voz baixa, ouvindo um arranhar de garganta logo em seguida.

Como eu não o percebi saindo do carro? *Que droga!*

— Duarte, vamos! Não quero ficar aqui a noite toda vendo vocês trocarem figurinha, já perdi muito tempo por hoje — esbraveja e entra na parte traseira de

seu carro.

Duarte apenas sorri com educação, como se nada o abalasse. E, com um aceno, entra no carro.

Fico olhando o automóvel se afastar e pensando no quanto esse Benjamin mexeu comigo.

— Aquele é o carro em que você bateu?

Dou um pulo e quase caio para trás, sorte que Sandro consegue me segurar a tempo.

— Droga, Sandro! Você quer me matar do coração, sua peste? — grito.

— Calma, irmãzinha, você está muito nervosa! — diz, rindo, e olha para o seu carro. — O estrago não foi muito grande.

— Não foi.

— Quero saber por que veio em outro carro. E, pelo que vi, foi o mesmo em que você bateu — fala e me puxa para dentro de casa. — Irmãzinha, só aquele farol deve ser o preço desta casa, estamos encrencados!

Lá se vão os meus utensílios de confeiteira. Na minha cabeça, só vejo todos eles voando para longe de mim. Seguro minha bolsa com força e lembro que o infeliz não devolveu a minha habilitação. E tenho certeza que não foi por esquecimento, ele fez de propósito.

Maldita hora que esse Benjamin entrou em meu caminho!



Capítulo 5

Volto da minha corrida matinal e sigo direto para o chuveiro, a fim de tomar um

banho gelado. Mesmo com uma noite mal dormida, acordei cheio de energia e disposição. Por ser sábado, decido trabalhar do escritório de casa, então visto apenas uma calça de moletom e preparo um café forte para começar o dia.

Sento-me à minha mesa e visualizo o documento que deixei junto ao laptop. Minha mandíbula se contrai quando eu me lembro dos acontecimentos da noite passada, embora, para ser franco comigo mesmo, não me escapou nenhum detalhe da memória.

Pego a identificação entre os dedos e olho sua foto. *Por que essa moça insiste em permanecer em meus pensamentos?* Preciso de todo o autocontrole que tenho para não cair na tentação de ligar para ela. Eu nem sei ao certo o que me deu ontem para confiscar seu documento, deveria apenas ficar com seus dados e deixar que Duarte tratasse de tudo. E eu também não tinha a intenção de deixar meu número com ela, mas talvez o cansaço não me permitiu raciocinar com precisão.

Jogo seu documento de volta à mesa e respiro fundo. Preciso analisar algumas planilhas, eu não tenho tempo de ficar ruminando a respeito de uma desconhecida insolente. E que ainda prejudicou a reunião, que não aconteceu.

Com esforço, inicio o meu trabalho. As horas se passam e eu consigo marcar uma videoconferência para mais tarde. A todo o momento meus olhos caem sobre a habilitação de Eva, e quando estou prestes a pegá-la novamente, meu telefone toca e vejo tratar-se de Duarte.

— Fala, Duarte? — exprimo, passando a mão pelos cabelos.

— *Estou com o orçamento, senhor* — anuncia. Eu já esperava por essa ligação, meu motorista sabe que não gosto de deixar nada pendente.

— Ficou em quanto?

— *Tudo, incluindo a colocação de uma nova lanterna, fica dezessete mil e quinhentos reais* — informa. — *Posso mandar fazer ou prefere passar o valor para a moça?*

Olho para a sua habilitação e penso por alguns instantes.

— Manda fazer o serviço de uma vez, em outro momento eu entro em contato

com ela — ordeno. Eu não vou ficar esperando para arrumar o meu carro. E, por outro lado, eu não tenho tanta certeza de que ela terá esse dinheiro em mãos.

— *Okay, senhor. O carro ficará pronto apenas na próxima semana* — avisa.

Respiro fundo, eu já esperava por isso.

— Sendo assim, usarei o Volvo. Deixe-o preparado.

— *Pode deixar.*

Desligo o telefone em seguida e por fim pego o documento.

Mais uma vez, vislumbro sua foto, e o interesse insano que sinto por essa moça me deixa com raiva.

— Porra, garota! Por que você foi bater justamente no meu carro? — resmungo e, para não fazer nenhuma idiotice, do tipo ligar para ela, largo o documento sobre a mesa, levanto-me e vou até a sala. Preciso de uma bebida para tentar relaxar.

Sento-me no sofá e, com a cabeça jogada para trás, fecho os olhos. Lembro-me de cada detalhe, até do modo como me olhou quando eu agi feito um filho da puta ao dizer que não me importava.

Não há razão para que eu minta para mim mesmo. Quando combinamos o que seria feito, eu me vi agindo de maneira

inapropriada e não quis deixá-la à própria sorte. Passava da meia-noite, Eva estava nervosa por conta do acidente, eu tive medo que alguma coisa acontecesse. Eu não era responsável por ela, nem mesmo a conhecia, porém, um lado meu, que nunca havia se manifestado, queria protegê-la. Eu fui insensato, mas não pude deixá-la ir embora sozinha.

Jamais uma mulher se fixou em meus pensamentos desta maneira. Uma mulher diferente das que eu tenho lidado. E não é somente sua beleza; embora Eva seja uma moça muito bela, não possui uma beleza clássica ou sofisticada. Com seus cabelos castanhos cacheados, pele suavemente morena e olhos castanhos, ela me hipnotizava, porém, havia mais alguma coisa chamando minha atenção. Eu não sei especificar o que, se o jeito atrevido ou aquele ar de inocência. Mas a

verdade é que Evangeline me intrigou.

Meu telefone toca mais uma vez e eu atendo sem verificar.

— Pronto? — respondo de má vontade, pois não estou a fim de falar com ninguém.

— *Olá, Benjamin! Atrapalho?* — Reconheço a voz de Charlotte.

— Neste momento, não. Estou numa pausa.

— *Na próxima semana será o jantar dos Albuquerque, poderíamos ir juntos, o que acha*? — pergunta.

A família Albuquerque é uma das mais tradicionais no ramo de postos de gasolina da América do Sul. Eu não gosto da maioria de seus integrantes, no entanto, sou obrigado a suportá-los por conta dos negócios.

— Sim, acredito que não haverá problema algum.

— *Ótimo, podemos programar tudo no decorrer da semana*.

— Okay. Agora tenho que voltar ao trabalho, nos falamos depois — digo e desligo.



Eu não estou com tolerância o suficiente para engajar uma conversa com Charlotte, e ela conhece minha natureza, não ficará me cobrando um tratamento caloroso. Assim, volto para o escritório, continuo meu trabalho, e paro apenas para almoçar.

Quanto à Eva, eu ainda não decidi o que farei. O melhor é deixar que Duarte trate tudo com ela, ou eu posso esquecer o ocorrido e mandar dizer que não se aflija, afinal, sei que provavelmente não terá o dinheiro para pagar o reparo do carro.

Esta é a melhor solução, e assim que eu estiver com o Duarte ou ele me ligar, determinarei que faça o imprescindível e fale com a moça. Tranquilo com a decisão tomada, volto a trabalhar.

O domingo chega, e para tentar esquecer certa morena que não sai dos meus pensamentos, visito meus pais.

— Benjamin, meu filho, estou te achando muito ausente —

diz minha mãe durante o almoço.

É por isso que eu não gosto de aparecer na casa dos meus pais. Não que eu não goste deles, ao contrário, eu os adoro, mas minha mãe tem a mania de me fazer cobranças, não entende o quanto sou ocupado.

— Muito trabalho, mãe — respondo o de sempre.

— Não é sobre você não aparecer para nos ver — esclarece, e olho para ela, que me observa com atenção. — Você está mais distante que o normal.

— Algum problema na empresa, Ben? — questiona meu pai, então olho para ele.

— Estou como sempre estive — retruco, sério. — E não, pai, não há nada acontecendo na empresa.

— Se não é na empresa, só pode ser outra coisa. Talvez uma mulher... — sugere minha mãe, com um sorriso sagaz.

— Sério? Eu não consigo imaginar o Ben distraído por causa de uma mulher, ele é muito racional para isso. — O comentário vem da minha irmã Stella. Por sorte, Lucas, meu irmão que se casou há alguns meses, não está no almoço, ou com certeza daria sua opinião sobre o assunto.

Balanço a cabeça com impaciência.

— Vocês provavelmente estão vivendo uma vida de grande tédio para se preocuparem tanto com a minha — replico, aborrecido.

— Depois reclamam quando eu não apareço.

— Deixa de ser tão mal-humorado, Benjamin! Apenas nos preocupamos com você — afirma minha mãe. — E outra, nada mais normal do que um homem se interessar por uma mulher, a não ser que ele seja gay e se interesse por outro homem. E se esse for o caso, meu filho, pode se abrir conosco, não iremos te julgar, queremos que seja feliz.

Escuto Stella rindo, meu pai se engasga, e eu nem sei o que pensar. Olho para minha mãe, que apresenta uma fisionomia serena e um olhar carinhoso.

— Mãe, eu não sou gay! E, se fosse, vocês seriam os primeiros a saber, eu não teria motivo algum para esconder isso.

— Eu mesmo já vi o Ben acompanhado de algumas mulheres

— meu pai comenta.

— Isso não quer dizer nada, pai — Stella solta, ainda rindo.

— Tenho alguns amigos gays, e a maioria vive acompanhado de mulheres.

Reviro os olhos. Minha família por vezes se mostra como um bando de alienados.

Prefiro não responder e volto a comer, mas eles não pensam o mesmo e insistem em me pautar como assunto do dia.

— Se Ben fosse gay, sabem que não teríamos problemas com isso. O que meu filho precisa é de uma mulher que balance seu coração, vire seu mundo de ponta-cabeça — reflete mamãe, eu apenas escuto.

— Se tirar pela última mulher que eu vi com meu irmão, ele vai permanecer com o coração calmo por um longo tempo — Stella deixa escapar.

— E que mulher era essa? — minha mãe pergunta.

— Uma advogada. Ela tinha cara de *serial killer*, conseguiu ser mais sisuda que o Ben. E, para completar, ainda me olhou como se eu fosse um ser desprezível.

Olho para Stella com espanto. Sei que ela fala de Charlotte, nós nos encontramos por acaso num restaurante há algumas semanas, estávamos lá a negócios e minha irmã apareceu com alguns amigos. Lembro-me de Charlotte me perguntando mais tarde se Stella era minha irmã de fato. Eu respondi que sim e não falei mais nada, pois tanto para mim quanto para o Lucas, Stella sempre foi nossa irmã de verdade, mesmo sendo adotada.

— Charlotte te falou alguma coisa naquela noite? — indago, embora não me lembre de tê-la visto conversar com Stella.

Stella volta a me olhar e sorri com carinho.

— Não, meu irmão, ela só me olhou com estranheza. Mas estou acostumada com esses olhares quando somos apresentados como irmãos.

— Esse povo me dá nos nervos — mamãe diz e me encara.

— Essa Charlotte é sua namorada?

— Não — respondo. Eu não digo que penso em me casar com ela, ainda é cedo para isso.

— Conheço a Charlotte, ela trabalha numa empresa jurídica que presta serviços para nós. É uma advogada exemplar, mas me parece uma mulher meio fria — declara meu pai.

— Ela não serve para o Ben. Meu irmão precisa de uma mulher que o deixe sem chão.

Eu rio, contrariado.

— Então temo que isso não venha a acontecer, pois não sou homem de ficar sem chão — contesto.

Stella esboça um sorriso malicioso.

— Cuidado com o que diz, irmão, você pode tropeçar em suas palavras.

Sacudo a cabeça.

— Vamos voltar ao nosso almoço, eu não vim até aqui para ser o assunto de vocês — determino.

E por que será que eu não tiro a Eva dos meus pensamentos? Por que me lembrei dela quando Stella comentou sobre eu ficar sem chão? E por que esta manhã, antes de vir para cá, quando o Duarte me ligou pedindo o número dela, eu disse que eu mesmo resolveria o assunto?

Afinal, que merda está acontecendo comigo?



Capítulo 6

Identifico um toque em meu ombro e olho em torno da mesa.

Todos me observam, e não entendo o que querem, pois eu estava absorta em meus pensamentos.

— Por que estão me olhando? — questiono, intrigada.

— Você está muito aérea. Fizemos uma pergunta a você, mas nem percebeu — responde minha mãe.

— Você está preocupada com o lance do acidente? —

pergunta Sandro, e eu me viro para ele, que tem o semblante cordial.

— Que acidente? — Nilza, curiosa como sempre, indaga.

— Eva bateu num carro luxuoso na última sexta — explica meu pai, tranquilo.

Quando contei para eles que eu havia batido no carro de um homem rico que tinha até motorista, ficaram preocupados que eu tivesse me machucado, não levaram em conta o dinheiro que eu deveria desembolsar, afinal, eu fui a culpada. E sabendo que eles atravessam uma dificuldade financeira, pois a pizzaria já não dá o lucro de antes, eu não quis preocupá-los ainda mais. Fora o gasto que estão tendo com Thomas em seu tratamento.

Ouço a risada da minha irmã e volto-me para ela, que está sentada à minha frente. Ela me encara com um olhar divertido.

— Eva, você deveria ter orado e pedido para que nada lhe acontecesse, será que sua fé não lhe serve de nada?

Aperto minha mão com força em volta do garfo que seguro e a fito com irritação.

— Nilza?! — Meu pai chama a sua atenção, mas ela continua me olhando com deboche. — Quantas vezes devo dizer para que pare de zombar da sua irmã?

Eu respiro fundo, a última coisa que quero é estragar o nosso almoço de

domingo por causa do escárnio da minha irmã rebelde.

— Deixa para lá, papai. Eu já me acostumei com as indiretas da Nilza — digo e volto a comer.

— Tem horas que isso enche o saco — Sandro murmura ao meu lado.

— Vamos voltar ao nosso almoço. E, Nilza, se comporte! —

ralha mamãe.

Ela solta um rosnado.

— Estou cansada de todos aqui defenderem a *santinha* da família — provoca.

Olho para ela.

— Eu não sou nenhuma santa, não sei por que você tem essa implicância comigo e cisma de ficar dizendo isso — declaro.

— Ah, Eva, não venha agora dar uma de boazinha! Você é a queridinha que quase foi freira e nunca fez nada de errado. Só que você não me engana! Para mim, você é uma sonsa! — Nilza ataca.

Eu não entendo minha irmã, eu nunca fiz nada contra ela, ao contrário, tento defendê-la quando meu pai fala do modo como se veste e até mesmo de sua maneira de agir.

— Nilza?! Volte a comer ou saia agora mesmo da mesa! —

esbraveja mamãe.

— Ela nem deveria estar aqui — Sandro comenta baixinho.

Nilza encara a nós dois, e desta vez tem um olhar irado. Ela se levanta e bate na mesa.

— Vocês dois me dão asco! Esta família era bem melhor quando você estava lá naquele convento dando uma de santinha!

Bastou você voltar para que todos fizessem de você um modelo, mas Deus me

livre ser como você! — explode. Antes que alguém fale mais alguma coisa, Nilza já está batendo os pés em direção ao quarto que divide comigo.

— Que bom que o Thomas está no quarto dele, isso poderia afetá-lo — comenta minha mãe, olhando para papai. — A Nilza precisa de um corretivo, ela está cada dia mais selvagem.

— Sim, terei uma conversa muito séria com ela.

— É melhor deixar, ou pensará que eu estou incentivando —

advirto com voz fraca. — Eu não sei o porquê dessa implicância dela, eu nunca comentei nada ou dei lição de moral nela. Será que isso é por que ela perdeu a privacidade de seu quarto? Mas Ruth também o divide com nós duas, não dá para entender —

complemento.

Minha mãe sorri com afeição.

— Evangeline, sua irmã sempre foi assim, você esteve muito tempo fora, então não sabe. Antes da Consuelo se casar, a implicância era com ela — comenta ao citar minha irmã mais velha, que é casada há alguns anos.

Sandro aperta minha mão por cima da mesa, então olho para ele, que sorri para mim.

— Se ela te encher muito o saco, pode dormir no meu quarto, eu não ligo de dividi-lo com você, minha irmã — revela com carinho.

Devolvo seu sorriso.

— Obrigada, vou pensar no assunto.

Ele pisca um olho e volta-se para o seu prato.



— É claro que isso terá um preço... — comenta.

— E que preço seria esse? — questiono com riso na voz.

— Doces! Quero ser o primeiro a experimentar os seus doces.

— Ah, não, isso é um privilégio meu — diz meu pai.

Então começam as discussões sobre quem comerá meus doces primeiro. Sem Nilza à mesa, o clima fica mais leve e voltamos ao nosso almoço de domingo.

Porém, quando eles iniciam uma conversa sobre a pizzaria, minha mente vagueia novamente até o incidente de sexta-feira. Eu tenho uma grande preocupação em como pagarei o prejuízo, mas o que mais me aflige é o fato de eu não conseguir esquecer aquele homem tão lindo... Um grosso e muito imbecil, mas não há como negar sua beleza. E não somente isso, ele é um homem muito atraente e dominador, além de marcante, pois eu me pego a cada instante imaginando o que ele pode estar fazendo. Ou se há alguém em sua vida.

Suspiro, sonhadora. Com certeza um homem daquele deve ter uma mulher em sua vida, uma sortuda. Sacudo a cabeça. Do jeito que ele é presunçoso e orgulhoso, não seria sorte tê-lo como companhia. *Virgem Santa!* Eu não posso ficar fissurada por ele.

Ainda bem que eu não voltarei a vê-lo, assim logo o esquecerei.

Mais tarde, estou sozinha no quarto, pois Nilza teve um evento para ir. Aproveito e dou uma olhada em algumas receitas de bolo, mas não me encontro muito concentrada, minha mente hora ou outra vagueia por outros caminhos.

Alguém bate à porta e olho para ver quem é. Minha mãe está parada ali com um sorriso doce. Ela é uma mulher muito bonita, mesmo estando acima do peso, palavras dela, pois para mim ela é perfeita.

Levanto-me da cama, pois estou de bruços, e sento-me.

— Oi, mãe. Precisa de alguma coisa?

Ela nega com um gesto de cabeça.

— Posso entrar? — Mesmo tendo toda autoridade, sempre respeita o nosso espaço.

Eu sorrio.

— É claro!

Ela entra olhando ao redor e em seguida senta-se ao meu lado, então me fita e pega minha mão.

— Desde que decidiu sair do convento e retornar para casa, nunca conversamos

para valer... Apenas hoje eu me dei conta disso e peço desculpas — desabafa, ressentida.

Aperto sua mão na minha.

— Mãe, a senhora não tem o que se desculpar, sei como sua vida é atribulada.

— Isso não é desculpa, minha filha — declara com olhar triste. — Faz um ano que retornou! Que tipo de mãe não tem um tempo para a própria filha?

Eu a abraço e beijo sua face, então me afasto.

— Você é uma mãe maravilhosa.

Ela me observa com carinho e afaga meu rosto.

— Quando surgiu a oportunidade de enviar uma das nossas filhas para um dos melhores colégios internos do país, decidimos por você, e não somente por ter a idade ideal, mas porque sabíamos que aproveitaria muito a oportunidade. Além disso, você é

a filha de temperamento mais doce e que melhor sabe lidar com pessoas.

Meus pais nunca me contaram a razão de ter sido eu a estudar num internato. E eu gostei muito da experiência, mas me sentia triste, acreditava que eles queriam se livrar de mim ou que gostavam mais dos meus outros irmãos.

— Eu entendo, ou melhor, agora eu entendo — respondo.

— Nós nunca perguntamos se estava gostando, se era feliz por lá, e tenho um grande arrependimento por isso. Mesmo sendo você uma criança, nós não deveríamos ter tomado essa decisão sem conversar com você e explicar os motivos — exprime, ainda afagando o meu rosto.

Eu a encaro e vejo o quanto está oprimida.

— Mãe, qual foi a verdadeira razão que os levou a me mandarem para longe? — pergunto. Fazia anos que essa questão estava engasgada dentro de mim.

Ela solta uma respiração, até então contida, desce sua mão e segura o meu pulso.

— Um cliente e amigo da nossa família ofereceu uma bolsa integral para uma de nossas filhas. Naquela época, eu descobri que estava grávida do Thomas, e foi justamente quando começamos a atravessar uma crise financeira. Pensamos em enviar a Nilza, que já tinha dezesseis anos, no entanto, o internato era rígido demais, qualquer transtorno seria uma expulsão certa — revela com um sorriso triste. — Nós sabemos como é a sua irmã, e não podíamos perder esse benefício. Quanto à Consuelo, já era maior de dezoito, então não tinha como ser ela.

Solto uma risada e fito nossas mãos unidas, então volto a olhá-la.

— Compreendo, mãe. Não deve ter sido fácil cuidar de seis filhos, e ainda com outro a caminho. Sem contar o Giovanni, que já vivia com a primeira esposa, mas que sempre precisava de ajuda

com o Murilo — exprimo, lembrando-me de um dos meus irmãos, que foi pai aos dezenove anos. Naquela época, seu filho tinha apenas quatro.

Minha família é muito grande, porém, sempre foi muito unida.

Quase sempre estavam juntos, apenas eu perdi muita coisa, por estar longe. E isso sempre me causou certo incômodo.

Minha mãe percebe o meu desânimo, de algum modo sua intuição de mãe deve saber o que sinto.

— Evangeline, todos nós sentimos muito a sua falta, chegamos a pensar em trazê-la de volta, mas ocorreu o atropelamento da Consuelo e tivemos que cuidar dela por um bom tempo. Alguns meses depois, quando fomos visitá-la no internato, você parecia feliz e já tinha feito amizades. As freiras eram só elogios a você, então sentimos que não tínhamos o direito de tirá-la do seu meio.

Sorrio e me lembro da primeira visita dos meus pais, do quanto eu estava empolgada, pois eram muitas atividades. Foi ali que eu descobri a minha paixão por fazer comida, principalmente doces. Recordo de ter contado sobre as aulas e de como eu estava aprendendo.

— Sim, eu amei o tempo no internato.

— Da última vez em que estivemos juntos, você contou sobre a sua vontade de seguir a religiosidade. Ficamos surpresos, mas tínhamos certeza de que seria

uma ótima freira, pois é dedicada e tem um bom coração. Você quer contar o que te fez desistir? —

pergunta, curiosa.

Eu mordo o lábio, não quero falar dessas coisas com a minha mãe.

— Eu simplesmente vi que não tinha vocação. Quero ter a minha confeitaria, e, se fosse freira, isso jamais poderia se tornar realidade — conto meia-verdade, embora esse sonho esteja mais distante do que eu pensava, ainda mais agora, com o valor alto que

tenho que pagar. Olho para minha mãe com preocupação. — Eu decepcionei vocês por minha decisão?

Ela nem espera eu acabar de falar e já sacode a cabeça, negando.

— De modo algum! E assim como seria uma freira digna, sei que será a melhor confeiteira de São Paulo. Do Brasil!

Eu rio, satisfeita com a fé que minha mãe tem em mim.

— Obrigada, mãe, por me contar a verdade e também por acreditar no meu potencial.

Ela mais uma vez sobe sua mão e acaricia minha face. Seu olhar carinhoso é um bálsamo para as minhas preocupações, pois tenho certeza de que posso contar com ela, apesar de às vezes ela parecer um tanto relapsa com os filhos.

— Você é capaz de qualquer coisa, Evangeline. — Eu reviro os olhos quando ela diz meu nome inteiro. — Seu nome é lindo, eu me recuso a chamá-la de Eva, embora também seja um nome bonito — comenta, rindo.

Entretanto, minha mãe fica séria de repente.

— O que foi? — pergunto.

— Filha, desde que chegou aqui, eu nunca vi você sair com ninguém. Na sua idade, a Consuelo já estava casada e com filho.

Não que eu queira que se case, não é isso. Mas você não se interessou por ninguém? Talvez aquele amigo do Sandro, o Lauro?

Sei que ele está caidinho por você — completa com um sorriso maroto.

Vivi no internato desde os treze anos de idade, então, aos 21, fui para o convento pensando em ser freira. Porém, percebi que a vida religiosa não era para mim, pois me faltava alguma coisa. Toda vez que eu via os sacrifícios e tudo o que teria que abrir mão, eu sabia que não seria forte; por mais que quisesse fazer o bem, eu não poderia seguir adiante. E não é preciso estar dentro de um

convento para ajudar o próximo, eu posso fazer isso de muitas maneiras aqui fora.

Quanto a namorar, eu não sei ao certo, os únicos homens com os quais convivi foram meu pai e meus irmãos. E tive um rolo com o Eduardo, meu vizinho, mas procuro esquecer isso, pois só me causou decepção. No internato e no convento não eram permitidos meninos, apenas alguns padres, e até esses mantinham distância.

Minha mãe tem os olhos fixos em mim. Para disfarçar, eu limpo uma poeira invisível em meu short.

— Eu não penso nisso, mãe — confesso, mas a imagem de Benjamin me invade. Meu coração bate forte, eu não entendo a insistência desse homem em invadir minha mente.

— Pois deveria, filha. E temos que conversar sobre isso, pois acredito que no convento vocês não falavam sobre namoro ou sexo.

Ou falavam?

Quando estávamos a sós, sem as madres por perto, falávamos algumas coisas, pois uma das meninas já tinha um filho.

Nem todas ali entraram por questão de vocação, vi que muitas moças entraram por necessidade, e algumas por decepção.

— Era pecado falar sobre esse assunto, mãe — conto, rindo ao me lembrar da Madre nos mandando rezar de joelhos quando nos pegava aos cochichos falando

sobre o sexo oposto. — E não entendo o porquê, já que é a partir daí que nascemos.

Minha mãe ri junto comigo, levanta-se e beija minha testa.

— Eu tenho que ir para a pizzaria, mas ainda conversaremos sobre maneiras de se prevenir os bebês. Sei que você sabe alguma coisa e não é nenhuma inocente imbecil, mas é sempre bom orientar — adverte e pisca um olho para mim. — Antes tarde do que nunca.

Solto outra risada.

— Tá bom, mãe.

Ela sai, e fico olhando para o vazio. É lógico que eu não sei tudo sobre sexo, sei que temos necessidades, mas desde sexta passada, quando conheci Benjamin, eu tenho sentido algumas coisas esquisitas, meu corpo parece ter entrado em erupção, meus seios e minhas partes íntimas ficaram sensíveis ao toque, e toda vez que eu tomo banho, tenho uma vontade louca de tocar em mim mesma.

No entanto, eu me sinto culpada, será que isso é certo? Sei que as freiras exageram em algumas questões, mas ainda me sinto travada, é como se eu estivesse cometendo uma transgressão.

Como posso querer certas coisas? Como pode meu corpo sentir essa ânsia por um homem presunçoso e que só fez grosserias comigo?

E por que ele não sai dos meus pensamentos?

Eu deveria estar preocupada com o meu prejuízo, com o dinheiro que não tenho para gastar, e não ficar tentada a fazer coisas pecaminosas com o meu corpo.

Meu maior pecado está sendo o desejo que sinto por esse homem arrogante.



Capítulo 7

Logo cedo, Marco Aurélio, meu CHRO[3], pede uma reunião, pois tem algumas informações que quer passar para mim. Assim, antes de iniciar meu dia, solicito sua presença, eu não gosto de deixar nada para depois.

Minha nova assistente, que tem se mostrado muito eficiente, sai da sala, deixando-nos a sós.

— O que o aflige? — indago de uma vez, terminando de enviar um e-mail.

— Você foi informado de que o gerente dos Recursos Humanos está para se aposentar?

Aceno e, depois de verificar que o e-mail foi enviado, olho para ele, chego com a cadeira para frente e fico tamborilando os dedos sobre a mesa.

— Sim. E, até onde sei, já temos alguém para o seu lugar.

Ele coça a nuca e faz uma careta.

— A Rebeca Gomes se candidatou ao cargo, e chegou até mim que você a acha mais capacitada — revela.

Eu não sei aonde o Marco Aurélio quer chegar. Solto uma respiração grave.

— Vá logo ao ponto, sabe que detesto enrolação.

— A Rebeca, não sei se você sabe, é trans — pronuncia como se estivesse contando sobre algum crime.

Continuo a observá-lo e me sinto mal-humorado.

— E...?

Marco Aurélio, um profissional que até então eu considerava competente e justo, deixa escapar um riso sem graça.

— Benjamin, como podemos ter uma gerente trans? Vamos ser francos, esse negócio de igualdade para todos só funciona na teoria. Já não é o bastante ela ter um cargo aqui na empresa? —

completa e sacode a cabeça. — Temos outras pessoas capacitadas.

O Jorge, por exemplo, é um ótimo empregado.

Jogo meu corpo para trás e o encaro com um olhar, no mínimo, desagradável.

— Marco Aurélio, vou dizer apenas uma vez, e se eu tiver que levar isso para a próxima reunião do conselho, levarei. Acredito que os acionistas não Irão tolerar preconceito — digo pausadamente, e ele me olha com preocupação. — Por isso, muito cuidado com o que diz. Até hoje, nossa companhia nunca teve problemas com nenhum funcionário, pois somos justos. Você sabe que eu gosto de acompanhar tudo o que acontece aqui dentro, e sei que a Rebeca, independente de sua identidade de gênero, é a mais capacitada para o cargo. E agora começo a pensar se ela não seria uma excelente diretora.

Marco Aurélio presta atenção a cada palavra, e vejo em seu olhar um brilho de raiva, mas ele faz tudo para escondê-lo. Eu não me importo com a sua ira, é ele quem deve tomar cuidado comigo, pois farei o que for preciso para tirá-lo do cargo. Até mesmo porque, ele não tem nenhuma porcentagem das ações, é um contratado como qualquer empregado da empresa.

Ele tenta sorrir, mas seu gesto sai mais como uma careta.

— Benjamin, você me entendeu errado, eu não tenho preconceito, apenas estou pensando no bem-estar da empresa, em como alguns acionistas, e até mesmo clientes, poderão reagir ao

ficarem sabendo que temos alguém diferente do normal como gerente de RH.

Eu juro que quero socar esse filho da puta, mas me contenho.

— É melhor parar de falar, pois está piorando as coisas —

advirto e me levanto, mas sem deixar de encará-lo. — Que merda é essa que diz? *“Alguém diferente”* ? Pois vou repetir uma coisa: aqui

— digo apontando o dedo para o chão, referindo-me à empresa —

os funcionários devem desenvolver bem o seu trabalho, além de terem responsabilidade. Não me interessa o que fazem da porta para fora, desde que

não seja algo criminoso. Entretanto, aqui dentro, somos iguais, cada um desenvolvendo a sua função. Fui claro, Marco Aurélio?

Ele está insatisfeito, mas que se foda. Em breve não fará mais parte do nosso quadro de diretores.

— Tudo bem, afinal, quem manda aqui é você, apesar de sermos iguais — comenta, cínico.

— É bom que tenha entendido. E, sim, quem manda aqui sou eu, a última palavra é sempre a minha. Enquanto eu for o CEO, e os acionistas assim permitirem, não tolerarei insubordinação, muito menos gente com ideias preconceituosas — esbravejo com o dedo em riste. — Agora, se me der licença, tenho problemas reais para tratar.

— Tudo bem, desculpa o incômodo. Pensei apenas em ajudar, afinal, esse é um dos meus trabalhos, verificar e habilitar funcionários — declara, retirando-se após um aceno leve.

— Palhaço — resmungo e volto a me sentar.

Por mais que eu seja o CEO, ainda devo me reportar aos sócios, eles me deram carta branca para agir. Mesmo assim, gosto de notificar minhas ações, para evitar qualquer contratempo. Até o final desta semana, Marco Aurélio estará fora, o que ele disse é algo muito sério. E Rebeca é bastante capacitada, não há necessidade

de contratar alguém de fora quando temos na empresa uma pessoa apta.

Como se eu já não tivesse problemas suficientes para resolver, ainda tenho que lidar com essa merda.

Chamo Maria Eugênia e verificamos a agenda do dia. Este, por sinal, está atribulado e mal terei tempo para almoçar. E, como se não bastasse, devido ao incompetente do Marco Aurélio, tenho que pedir para que ela marque um horário com o conselho, de preferência para ainda hoje, no máximo amanhã.

Passo a manhã toda revendo alguns projetos e fico horas numa videoconferência com Flávio, que me repassa os últimos dados da plataforma da Nova Zelândia. Fico aliviado quando ele me garante que já temos um engenheiro chefe de

manutenção muito experiente. Esse era um contratempo que estava tirando o meu sono, e saber que temos uma pessoa confiável para um serviço que requer muito cuidado é o suficiente para me tranquilizar.

Após o almoço corrido, em minha sala, Maria Eugênia informa que a reunião que eu teria com o representante de uma companhia de parafinas adiou o nosso encontro para o dia seguinte, pois houve um problema em seu voo. É óbvio que não fico satisfeito, imprevistos e eu não combinamos. E pensar nesse fato me faz lembrar da Evangeline, cujo documento se encontra aqui comigo.

Eu pretendia esperar até a noite para falar com ela, estava postergando, pois esperava que ela me ligasse primeiro, mas já passa das quinze horas e nada. É claro que eu não entraria em contato, afinal, ela está me devendo.

Pego o celular de cima da minha mesa e busco por seu nome. Antes que eu me arrependa, ligo, é melhor resolver de uma vez por todas esse inconveniente. Direi que Duarte levará o documento até ela e que a questão do carro já foi resolvida, e com isso a tirarei do meu caminho.

Seu telefone chama diversas vezes e cai na caixa postal.

Jogo meu celular sobre a mesa com raiva.

— Além de péssima motorista, é irresponsável! — resmungo.

Vou para o computador e tento trabalhar, porém, eu não consigo me concentrar, e isso me deixa ainda mais irritado. Maria Eugênia entra em minha sala e deixa uma pasta na caixa de entrada e saída de documentos. Olho para ela e cruzo os braços.

— O que é isso? — indago sem controlar meu humor, que está intratável.

Ela, sem demonstrar alteração por causa do meu temperamento, olha para mim.

— Trata-se de um dossiê técnico enviado pela empresa de transporte que presta serviços para nós — informa, despreocupada.

Faço um gesto com a mão para que ela se aproxime.

— Traga-me aqui, deixe-me dar uma olhada nisso — ordeno, e Maria Eugênia

traz a documentação e a entrega em minhas mãos.

— Pode ir agora.

Ela faz um gesto quase imperceptível com a cabeça e sai, deixando-me sozinho novamente.

Ergo-me da cadeira, com o dossiê nas mãos, e marcho até a pequena mesa redonda onde costumo fazer minhas refeições e pequenas reuniões. Abro a pasta e inicio a leitura da documentação.

Analiso algumas planilhas, e encontro-me concentrado quando ouço meu celular vibrar em minha mesa. *Logo agora que finalmente estou atento ao trabalho!* , penso.

Deixo os papéis de lado e me levanto. Ando a passos largos até minha mesa e, quando pego o celular, penso em não atender, pois é um número de telefone fixo desconhecido. Quase recuso a chamada, no entanto, decido por atender, e se for algum telemarketing me oferecendo qualquer tipo de benefício, conhecerá minha ira.

— Alô? — Minha voz sai ríspida.

Ouço uma respiração do outro lado da linha.

— *Hum... Senhor Benjamin?* — Sua voz doce e reconhecível desperta em mim certa perturbação. — *Sou eu, Eva. O senhor me ligou, mas eu estava no banho e não pude atender.*

Puta que pariu! Essa moça me chamando de senhor, e ainda confessando que estava no banho, faz meu lado pervertido criar inúmeras imagens dela sob o meu comando. Logo penso nela molhada e à minha disposição. E quando digo molhada, é em todos os sentidos.

Jogo-me na cadeira e posso sentir meu pau empurrando minha calça. Eu não sou capaz de me segurar e levo a mão livre até onde minha ânsia por ela cresce e aperto. Essa moça será minha perdição. Eu não vou dizer que nunca senti desejo por outras mulheres, pois estaria mentindo. Mas Eva tem alguma coisa que não permite o meu controle.

Preciso voltar à realidade, nem quando eu era adolescente agia desta maneira incontrolável.

Dou um aperto forte em meu pau para tentar contê-lo.

— Sim, liguei — respondo.

Agora diga que vai providenciar a devolução de sua habilitação e que não precisará se responsabilizar pela batida.

Dispense logo essa moça, Benjamin! , ordeno a mim mesmo, pois é o correto a ser feito.

— O senhor já tem o orçamento do conserto do seu carro? —

pergunta num fio de voz.

Respiro fundo e aperto o celular em minha mão.

— Sim, e precisamos nos encontrar para ver a melhor maneira de você efetuar o pagamento. *— Porra! Que merda foi essa? Agora não há como voltar atrás!*

— Oh! — exclama, e isso é o suficiente para gerar mais fantasias em minha mente.

Eu preciso vê-la e assim me certificar de que essa moça nada representa para mim, que estou apenas passando por um momento de insensatez.

Só assim eu poderei tirá-la dos meus pensamentos. É nisso que acredito.



Capítulo 8

Termino de tomar meu banho e me enrolo na toalha, então abro a porta do banheiro e olho para ambos os lados do corredor, a fim de averiguar se continuo sozinha em casa. Uma das desvantagens de morar com seus pais e irmãos na

mesma residência é essa, eu nunca me sinto totalmente à vontade.

Tudo permanece silencioso, então corro para o quarto que divido com Nilza e Ruth. Visto-me com rapidez, em seguida penteio os cabelos e caminho até minha cama. Pego meu telefone e percebo uma ligação perdida, e por uma razão desconhecida meu coração bate com força.

Elevo minha mão até o peito na tentativa de conter meu nervosismo, pois assim como eu desconfiava, trata-se de Benjamin, aquele esnobe cuja imagem não sai dos meus pensamentos.

Sento-me na cama e retorno a ligação, e antes que o número termine de discar, ouço uma voz.

— *Este número está impossibilitado de fazer chamadas.* — A mensagem automática me irrita.

— Droga, como assim? Eu não fiz ligação alguma e já se acabaram meus créditos? — reclamo, indignada.

Solto um bufo e, com o telefone na mão, desloco-me até a sala. Eu não posso deixar de ligar, ou com certeza ele vai pensar que quero dar um calote. E não tenho outra alternativa senão ligar do fixo. Tomo coragem mais uma vez e disco seu número. Aperto o fone com toda a força entre meus dedos e torço para que ele não atenda, porém, ao mesmo tempo quero muito ouvi-lo.

Fecho meus olhos com força e respiro com dificuldade enquanto aguardo. O telefone chama umas cinco vezes, e até penso em desligar, mas ele atende.

— *Alô?* — Sua voz grossa me faz tremer e abro os olhos.

Solto o ar devagar e sinto todo o meu corpo trêmulo.

— Hum... Senhor Benjamin? — pergunto, mesmo sabendo que é ele do outro lado da linha. — Sou eu, Eva. O senhor me ligou, mas eu estava no banho e não pude atender.

Olho para a poltrona e decido me sentar, antes que eu caia.

Minhas pernas estão bambas, é uma sensação muito estranha, afinal, eu não

estou habituada com essa emoção. E, para piorar a situação, imagino como ele se encontra neste momento e o visualizo em seu terno caro sentado em sua cadeira de rei, todo pomposo e decretando que suas vontades sejam atendidas.

— *Sim, liguei* — diz, tirando-me do devaneio. Pelo tom de sua voz, parece insatisfeito em falar comigo.

Assim, decido ir direto ao ponto. Já que ele não gosta nada de mim e como é um homem ocupado que não gosta de perder tempo, como ele mesmo disse, deve querer se ver livre deste inconveniente.

— O senhor já tem o orçamento do conserto do seu carro? —

questiono, preocupada com a resposta.

Ouço sua respiração e começo a balançar a perna. *Não seja caro, não seja caro,* entoo em minha cabeça como um mantra.

— *Sim, e precisamos nos encontrar para ver a melhor maneira de você efetuar o pagamento* — Benjamin fala tão rápido que acredito ter entendido errado.

— Oh! — murmuro em surpresa. — O senhor... É... O senhor quer que nos encontremos? — gaguejo.

— *Isso mesmo, moça. Isto é, se deseja realmente me pagar*

— pronuncia secamente.

Ai, que vontade de gritar! Como pode ser tão grosso?

— É claro que vou pagá-lo, senhor, ou não perderia meu tempo perguntando o valor do reparo — respondo, brava com ele.

— Diga-me logo o valor, assim providencio o dinheiro de uma vez.

— *Não estou com o valor preciso aqui comigo, mas sei que é algo em torno de vinte mil* — informa como se o valor fosse a coisa mais insignificante do mundo.

Quase perco o ar, esse é o valor de um carro! Eu sabia que seria caro, mas não tanto. E não tenho nem um terço do total. Sinto meus olhos se encherem de

lágrimas, pois não vejo saída. Porém, eu não posso contar isso a ele. Engulo a saliva e coço a cabeça.

— O senhor quer que eu entregue esse dinheiro já? —

pergunto como se já tivesse o dinheiro todo em minha posse.

— *Não* — responde, e solto a respiração, um pouco mais aliviada. Ao menos terei algum tempo para decidir o que fazer. —

Vamos nos encontrar e levarei a nota para você, aí decidiremos o dia do pagamento.

— Okay — digo. Não há saída para mim, é melhor fazer como ele diz. Eu não quero despertar sua fúria ou que ele venha até aqui me cobrar, preciso de tempo. — Só me diga o dia e o lugar.

— Não se preocupe, Duarte a buscará. Hoje à noite te informarei por mensagem o dia e a hora em que deverá estar pronta.

Homem mandão! Se eu não estivesse tão encrencada, responderia à altura. Eu não sou um dos seus empregados. O que ele pensa, que pode dirigir a vida das pessoas? Que todos lhe devem obediência? Presunçoso!

Controlo minha boca e suspiro.

— Tudo bem, aguardarei — afirmo com tranquilidade. — Não sei se o senhor sabe, mas se esqueceu de entregar a minha

habilitação, e eu gostaria que me devolvesse no dia em que nos encontrarmos.

— *Falaremos sobre isso* — responde com estranheza. — *E*

para a sua informação, eu não me esqueci de entregá-la, eu a confisquei propositalmente.

Eu não posso acusá-lo de mentiroso, ao menos não nesse aspecto.

— E posso saber o motivo?

— Não. Agora preciso ir, já perdi tempo mais que suficiente.

Espere pelas minhas coordenadas — diz e sequer espera por resposta, desliga o telefone.

Fico olhando para o fone com a boca aberta. Homem mais grosseiro que esse não existe.

Após pôr o fone no lugar, eu me levanto e ando de um lado para o outro.

Minha Santa, onde arrumarei esse dinheiro? Será que meus pais teriam esse valor para me emprestar? Eu não quero pedir ajuda, mas não haverá outro jeito.

Minha mente borbulha de angústia. Tenho que dar um jeito em minha vida, preciso arrumar clientes, e não somente isso. Eu preciso de um milagre em minha vida!

Vou para o quarto e arrumo minha bagunça para me distrair.

As horas se passam e escuto o barulho da porta, então corro para a sala. Minha mãe e tia Kelly conversam baixinho, enquanto Thomas, com seu fone de ouvido, segue as duas imerso em seu mundo.

— Vocês demoraram, cadê o papai? — pergunto ao notar sua ausência.

Mamãe me olha com um olhar cansado, mesmo assim sorri.

— Ele já está vindo. Como sabe, hoje não abrimos a pizzaria, então aproveitamos para fazer uma faxina geral — conta e caminha

até o sofá, onde se joga. — Estou exausta! Sorte que a Kelly deu uma grande ajuda.

Olho para a tia Kelly e percebo que Thomas já não se encontra em lugar nenhum.

— Por que não me ligaram? Eu poderia ajudar — afirmo.

— Você estava preparando um bolo, e não precisava, o Luigi também apareceu, demos conta do recado — responde tia Kelly. —

Deixe-me dar uma olhada em Thomas, hoje é um daqueles dias em que temos que prever suas necessidades.

Observo-a se afastar e vou para perto de minha mãe.

— Mãe, essa psicóloga do Thomas é boa? Pois não vejo muito progresso nele — comento e me sento na outra ponta do sofá, pegando seus pés para uma massagem.

Ela fecha os olhos.

— Isso é tão bom, filha! — exclama, suspirando. — Quanto ao Thomas, ele precisa de um profissional com especialização em seu problema, e não conseguimos nenhum em órgão público, estamos na lista aguardando nossa vez. Infelizmente não temos como pagar um tratamento particular, é muito caro.

Causa-me tristeza saber sobre as dificuldades dos meus pais. Lembro-me de um tempo onde nossa situação era muito melhor, minha família era proprietária de três pizzarias na Grande São Paulo, porém, a crise nos pegou. Meus pais tiveram que passar adiante duas das nossas pizzarias, e até hoje não se recuperaram.

— Entendo. Mas não existem programas específicos no governo ou ONGs que possam nos ajudar?

Minha mãe dá um sorriso triste.

— Seu irmão, o Luigi, chegou a entrar em contato com uma ONG, porém, não fomos aprovados, pois somos proprietários de um restaurante e possuímos uma casa. Como se isso nos fizesse ser

ricos... Mas eles só ajudam famílias necessitadas — declara, desanimada.

Continuo massageando seus pés. Minha mãe não precisa dos meus questionamentos.

— Eu sei que encontraremos uma saída — pronuncio, esperançosa.

Ela solta uma risada.

— Apenas se acontecer um milagre, filha — responde o mesmo que eu estava

pensando antes de chegarem.

A porta volta a se abrir e meu pai entra com uma caixa em sua mão. Ele nos olha e sorri, também tem o semblante cansado.

— Eu também quero uma dessas — diz, referindo-se à massagem que faço em minha mãe.

Sorrio para ele.

— Pode deixar, o senhor terá sua massagem — respondo.

Ele e minha mãe trocam um olhar cúmplice, e desconfio de que tenham mais problemas do que os que eu já sei. Mas meus pais não costumam se lamentar e não gostam de comentar problemas da pizzaria em casa.

Meu pai diz que precisa de um banho e vai para o seu quarto.

Eu termino a massagem em minha mãe, que parece mais leve. Ela beija minha testa, agradece e também segue para o quarto.

Fico um tempo na sala tentando colocar as ideias no lugar.

Tudo o que vejo são problemas, e todos acontecendo ao mesmo tempo. Talvez eu deva esquecer o meu sonho de ser confeiteira e arrumar um trabalho, mas não tenho experiência em nada. No convento, eu ajudava na cozinha fazendo docinhos para venda, e algumas vezes visitávamos orfanatos e eu brincava com as crianças. Sempre tive jeito com os pequenos, mas fora isso, não tenho nenhuma habilidade.

Tudo o que sei fazer são doces e bolos, e este, além do Ensino Médio, é o único diploma que eu tenho, o de confeiteira.

Talvez eu possa conseguir um emprego numa padaria ou supermercado. O Sandro comentou uma vez que eles pagam muito pouco e que eu não poderia fazer o que realmente gosto, que é criar, mas não vejo outra saída, embora até isso seja difícil, pois sei o quanto é complicado arrumar um trabalho, ainda mais sem experiência.

Tia Kelly retorna à sala e pergunta por minha mãe. Quando digo que

provavelmente foi descansar, ela informa que vai preparar alguma coisa para Thomas comer. Vejo-me sozinha novamente, então vou para o quarto. No caminho, eu não resisto e paro no corredor ao ouvir minha mãe fungando, como se estivesse chorando.

— Giulia, não há o que fazer, teremos que dispensá-la, não temos como pagá-la — anuncia meu pai.

— O Thomas adora a Kelly, e ela é como se fosse da família

— responde minha mãe.

Jesus! Eles vão despedir a tia Kelly? Mas eu pensei que ela nunca fosse embora. Sinto meus olhos lacrimejarem.

— Eu sei, meu bem. Mas a nossa situação está impraticável.

A pizzaria não está dando lucro, e olha que já dispensamos alguns empregados. Eu não sei mais o que fazer, só sei que me sinto um fracassado — lamenta, e por fim deixo uma lágrima escapar de meus olhos.

Ouço minha mãe fungar.

— Não fique assim, Martino. Ninguém tem culpa. Sabemos que as grandes redes de *fast food*, pizzarias e outros tipos de restaurantes nos engolem, mas sinto que daremos um jeito.

— Que jeito, mulher? — indaga.

— Vamos esperar mais um mês, só peço isso. Um mês apenas — insiste.

Fico com a respiração em suspenso e aguardo pela resposta de meu pai. Posso ouvir sua respiração.

— Tudo bem, um mês. Mas se nada melhorar, teremos que dispensar a Kelly e desfazer o nosso negócio, pois não teremos como conduzir a pizzaria.

Escuto passos e saio correndo para o quarto, assim, eu não sou capaz de ouvir o que minha mãe diz.

Sento-me na cama e olho para a janela. Eu faria qualquer coisa para ajudá-los, mas não posso. Sinto meu telefone vibrar no bolso da saia e o pego, noto que há uma mensagem e verifico.

Mais uma vez meu coração se contrai, pois trata-se de Benjamin. Como posso ajudar minha família, se não sou capaz de ajudar a mim mesma? Pela conversa que ouvi entre meus pais, percebi que eles não poderão me socorrer, e só trarei mais preocupações para eles. Eu não tenho coragem de contar que estou devendo a um homem que, com certeza, é poderoso.

Com as mãos trêmulas, abro a mensagem.

Duarte a buscará amanhã às 19:00. Esteja no portão, pois não admito impontualidade.

Jogo a cabeça para trás e pouso a cabeça no travesseiro.

Olho para o teto, com as mãos estendidas na cama e as palmas para cima. Meu celular cai no chão, sinto meu corpo dormente.

O que eu vou fazer da minha vida? Não tem como escapar, farei o que aprendi no convento. Não vou mentir.

Serei franca com Benjamin, e ele que faça o que quiser com a informação. Sei que ele não é o tipo de homem generoso, e mesmo sendo rico, Benjamin não deve admitir que fiquem o devendo. Não que esteja errado, o fato de ter dinheiro não o obriga a ser caridoso ou abrir mão de qualquer coisa.

Para mim, no momento só resta fazer o que a Nilza vive dizendo: vou orar e ver se o tal milagre acontece em minha vida.



Capítulo 9

Estou sendo perseguida por cobradores de todos os lados.

Eu corro e, no fim, paro dentro de um carro cujas portas se trancam e não me deixam sair. Então olho para o lado e vejo aquele homem de olhar dominante e sorriso cínico me encarando. Ele se aproxima de mim com lentidão, seu rosto perfeito encontra-se junto ao meu.

Estendo a mão e toco em seu cabelo. Benjamin fixa seu olhar no meu e noto quando ele se curva em minha direção. Meu coração bate com leveza.

Sinto uma sacudida e mal consigo abrir os olhos.

— Acorda! Você não para de se debater, está atrapalhando o meu sono! — Nilza tem a voz zangada.

Finalmente desperto e sento-me com rapidez. Olho para os lados e percebo que acabei de sonhar com Benjamin. Ou melhor: ter um pesadelo com ele.

Olho para Nilza. Ela tem maquiagem borrada em seu rosto e sua expressão é assustadora.

— Eu estava tendo um pesadelo — alego.

Ela se afasta e deita-se em sua cama.

— Então vá ter seus pesadelos em outro lugar. Trabalhei até tarde e preciso dormir — diz com grosseria.

Olho para a cama perto da janela e noto que está vazia. Ruth já deve ter acordado, pois sua aula é bem cedo. Pego o celular e verifico as horas. Passa das sete, e sei que meu sono já era, então

levanto-me em silêncio, não quero que minha irmã tenha outro ataque.

Abro o armário e pesco uma peça de roupa. Sinto algo vibrando em meus pés e, quando abaixo o olhar, percebo ser o celular da Nilza. Imediatamente agacho-me. Pego-o para entregar a ela e vejo *"Agência L"* escrito no visor.

De repente, após reerguer-me, o telefone é arrancado da minha mão e uma Nilza irada me olha com antipatia.

— Nunca mais pegue o meu celular, ou juro que arrebento com você! — explode

em um tom de voz baixo, porém assustador.

Dou um passo para trás.

— Por que essa agressividade toda? Eu apenas peguei o seu celular que estava jogado no chão e tocava insistentemente, eu pensava em entregá-lo a você — respondo, chocada com a sua atitude.

Ela me dá uma última olhada atravessada e vira-se de costas para mim.

— Está avisada! — diz e sai do quarto batendo a porta.

— Só pode estar louca — balbucio olhando para a porta fechada.

Meia hora depois, eu já me encontro na cozinha tomando o meu café. Sandro chega e senta-se comigo.

— Bom dia, irmãzinha! Que cara é essa?

Olho para ele e entorto o pescoço.

— É a única que tenho — respondo e dou língua para ele.

Ele bagunça o meu cabelo como se eu fosse uma criança e senta-se de frente para mim, servindo-se de café.

— Dormiu mal? — pergunta.

Solto um bocejo e respiro fundo.

— Perdi o sono.

Noto que ele me assiste e levanto o olhar. Sandro tem um ar de preocupação.

— Você anda assim desde a batida no carro, eu já falei para se tranquilizar — diz com um sorriso acolhedor. — Você já sabe o valor do prejuízo? Já entraram em contato com você?

Se existe alguém em quem eu posso confiar, esse alguém é o meu irmão. Tenho plena convicção de que ele faria qualquer coisa por mim, e justamente por isso não posso contar o que me aflige. Eu já causei aborrecimento o suficiente para

Sandro, pois ele arcou sozinho com a reparação de seu carro, quando deveria ter sido eu a pagar.

Pego um pedaço de pão para esconder a minha expressão.

— Ainda não — minto.

— Eva? — Sandro me chama, então olho para ele. — Não precisa se sentir culpada de nada, acidentes acontecem o tempo todo, por isso, pode contar comigo. E quando souber o valor, não hesite em me falar — insiste e volta a preparar o seu café.

— Obrigada por ser um irmão maravilhoso! — declaro com carinho.

Alguém adentra a cozinha e nós dois levantamos o olhar.

Nilza nos olha com hostilidade, pega uma xícara de café e senta-se afastada. Noto que está bem arrumada, com uma calça jeans muita justa, sandália de salto e uma blusa preta com brilhos.

Eu não digo nada e volto a tomar o meu café, porém, Sandro não perde tempo.

— Não sei se você sabe, mas ainda não são nem nove da manhã... Parece até que você vai para uma boate — comenta.

— Não que seja da sua conta, mas vou para a faculdade e depois tenho que passar na empresa, participarei de um evento à tarde — responde secamente.

— Você bem que poderia arrumar alguma coisa para a Eva, pois essa sua empresa deve lucrar muito, tem evento todos os dias e em horários variados...

Tento não rir com a ideia de Sandro.

— Não perca seu tempo, Sandro, eu já pedi à Nilza para tentar uma colocação para mim. E nem precisava ser como recepcionista dos eventos, mas ela disse que a empresa tem critérios altos de beleza — conto.

Eu não sou nenhuma miss, não tenho um corpo magro como o da Nilza, mas, ainda assim, sinto-me magoada com a sua resposta.

Noto Sandro olhar para mim e o encaro de volta, então ele olha para Nilza e cai na gargalhada. Fico sem entender e franzo a testa. Minha irmã também o encara, e parece tão perdida quanto eu.

— Qual é o motivo da graça? — questiona ela, impaciente.

Sandro controla o riso, mas tem lágrimas nos olhos de tanto rir.

— Eu não resisti — responde e volta a rir, então sacode a cabeça e olha para Nilza. Eu apenas assisto aos dois, pois sei que vem bomba, e Nilza já me odeia sem que eu faça nada. — Que critério de beleza é esse? Por favor, Nilza! Arrume outra desculpa.

— Não é desculpa, participamos de festas com pessoas de alto nível, a aparência é fundamental.

— Então é melhor não levar a Eva mesmo — diz Sandro, e olho para ele chateada. Até meu irmão me acha esquisita?

Eu não digo nada, só olho para Nilza, que tem um sorriso vitorioso.

— Que bom que entende — responde ela, olhando-me com ar de superioridade.



— Sim, eu entendo. Porque, se levar a Eva até lá e apresentá-la, na mesma hora eles vão se dar conta do que é padrão de beleza. Então, com toda a certeza você perderá o seu trabalho.

Minha irmã emburra a cara, e desvio o olhar para Sandro.

Fico de boca aberta com o seu comentário, só mesmo ele para levantar o meu astral.

Nilza levanta-se com tanta força que a cadeira se arrasta e quase cai.

— Você é um cretino! Eu não vejo a hora de me mandar desta merda de casa e me ver livre de todos vocês! — esbraveja e sai batendo o pé, nem espera por uma resposta.

Sandro termina o seu café como se nada tivesse acontecido.

— A Nilza sempre foi assim, não suporta ouvir a verdade —

comenta, e eu nem sei o que dizer, mas um sorriso leve se desenha em minha face.

Mais tarde, eu me distraio tentando encontrar uma roupa para vestir. Eu não posso me apresentar de qualquer jeito, quero causar uma boa impressão e mostrar que, apesar de ter cometido uma infração, sou uma mulher responsável.

Escuto um barulho vindo da porta e me viro. Ruth entra no quarto carregando sua mochila. Assim que me vê, ela sorri. Quase não nos encontramos em casa, pois ela é uma menina muito estudiosa, e até onde sei tem facilidade para fazer amigos. Sandro comentou comigo que Ruth será uma ótima *digital influencer*. E eu também acredito que fará sucesso, pois mesmo tão nova, com apenas quinze anos, consegue ser cativante.

— Quem bom encontrar com você — diz, joga a mochila sobre sua cama e vem para o meu lado.

— Pois é, quase não nos vemos.

Ela beija meu rosto e se afasta, lançando-me um sorriso animado.

— Eu queria te pedir uma coisa — revela, e vejo que parece empolgada. — Você faria um bolo para eu presentear uma amiga?

Cruzo os braços e sorrio.

— É claro que sim. Você só precisa me dizer o sabor, o recheio, e se deseja algum tema especial.

Ruth dá pulos de alegria e bate palmas.

— O bolo pode ser de chocolate mesmo, e o recheio também

— responde, toda feliz.

— Tem algum tema que queira escolher? E para quando e quantas pessoas?

Ela entorta a boca e pensa por alguns instantes.

— Para umas vinte pessoas, mais ou menos. E para sexta-feira à tarde — declara e fica séria de repente. — Quanto ao tema, eu não sei se será possível.

Eu sorrio e coloco uma mecha de cabelo que escapa de seu rabo de cavalo para trás de sua orelha.

— Qualquer tema é possível, uns são mais difíceis que outros, mas nada é impossível.

— Ela gosta... quero dizer, nós amamos o BTS!

Desta vez, eu entorto a boca, gesto que herdamos da mamãe, pois eu não faço a menor ideia do que ela está falando.

— BTS? O que é isso? Algum desenho? Série?

Ruth revira os olhos.



— O melhor grupo de todos os tempos! BTS é um grupo K-pop, eles são coreanos — conta como se todos fossem obrigados a saber.

— Ah! — exclamo. — De qualquer maneira, vou pesquisar na internet e obter imagens.

Ela corre até a sua cama e abre a mochila, então volta para perto de mim com uma revista na mão e me entrega.

— Aqui tem tudo sobre eles, não são lindos? — comenta, sonhadora.

Eu não vejo nada de mais, são meninos bonitos e com uma pele de dar inveja, mas fã é fã.

Folheio a revista e olho para ela.

— Terei que comprar algum material, não tenho tudo aqui, e preciso de tudo até quinta-feira.

— É só dizer, eu e as outras meninas vamos dividir tudo.

Quer dizer, elas vão, pois eu estou dando a melhor parte: o bolo mais gostoso e bem-feito do mundo! — exprime, empolgada.

Eu rio dela.

Faço uma lista do material que usarei e Ruth garante que hoje mesmo providenciará tudo.

Depois que sai do quarto, volto para a minha realidade.

Que roupa usarei?

Faltando dois minutos para as sete da noite, chego ao portão e aguardo. Meu coração parece que vai explodir, aperto minha bolsa

entre os dedos e faço um exercício de respiração na vã tentativa de me acalmar.

Avisto um carro de cor branca se aproximar e noto ser do mesmo estilo em que eu bati. Antes mesmo de parar, sei tratar-se do veículo de Benjamin. Permaneço parada em frente ao portão e aguardo até que a porta do motorista se abra, então reconheço Duarte.

Ele curva a cabeça levemente e se aproxima.

— Senhorita Eva — cumprimenta, educado.

Esboço um sorriso.

— Olá, Duarte. Você é pontual — digo.

— Tenho de ser.

Só imagino o motivo. Provavelmente o chefe deve comer o fígado do pobre homem caso não obedeça às suas ordens.

Coloco as mãos na cintura.

— Então? Onde devo encontrar o carrasco? — pergunto sem pensar.

Duarte não demonstra nenhuma reação. *Será que esse homem tem algum tipo de paralisia facial?*

— O senhor Clarke a aguarda em seu escritório, eu a deixarei lá.

Solto o ar, aliviada, pois em um dos meus devaneios eu o imaginei levando-me para sua casa. Ou pior: para algum tipo de calabouço. Rio de mim mesma com o meu pensamento, e mais uma vez o comportamento de Duarte é o de um robô.

Ele abre a porta traseira, dando-me passagem para entrar. O

luxo do carro é impressionante, tenho medo até de me mexer e causar algum dano; com a sorte que eu tenho, está arriscado o couro se rasgar até com um espirro meu.

Duarte entra no trânsito, e observo as luzes do lado de fora.

Estou receosa com esse encontro, e ao mesmo tempo ansiosa para vê-lo. Pois Benjamin é o tipo de homem que me causa sentimentos contraditórios, e o mais perigoso deles é a reação do meu corpo todas as vezes que eu penso nele.

Eu não deveria ficar pensando nele desta maneira, preciso focar em meu problema real, que é pagar pelo reparo de seu carro, porém, até o momento não encontrei nenhuma saída.

Abro minha bolsa e encontro o terço que irmã Dita me deu no meu último dia no convento. Lembro-me bem dela entregando-me o terço e o apertando em minha mão. Suas palavras invadem minha mente:

— Lembre-se de que nada acontece por acaso! Tenha fé em você e acredite: o milagre pode estar onde menos se espera!

Eu não sei por que suas palavras me tomaram neste momento, devo estar tão

desesperada que quero encontrar uma resposta em qualquer coisa. Rio comigo mesma e deixo o terço dentro da bolsa.

Sinto o carro silenciar e meu coração para. Tento ver onde me encontro, mas não tenho como enxergar, apenas sei estar em uma garagem, onde se encontram poucos carros, a maioria de luxo.

Minha porta se abre e Duarte me olha.

— Chegamos, senhorita. Eu a levarei até o senhor Clarke —

informa e me estende a mão.

Olho para sua mão estendida e meu corpo todo paralisa.

Olho para minhas mãos e respiro com dificuldade.

— Vo-você sabe o que ele pretende? Pois vou confessar, estou apavorada. Pensei que estivesse tudo bem, mas não está —

digo com sinceridade e finalmente olho para Duarte.

Pela primeira vez hoje, vejo seu sorriso e seu olhar acolhedor.

— Não tenha medo, trabalho para ele há muito tempo e posso garantir que, apesar do jeito intransigente, é um homem justo e incapaz de fazer mal a alguém, principalmente a uma moça bonita e gentil como a senhorita. — Suas palavras me deixam surpresa e aliviada.

— Okay, confiarei em você — murmuro e tento sorrir.

— Confie, tenho certeza de que irá se surpreender, assim como eu estou surpreso — comenta.

Aceito sua gentileza e seguro sua mão para sair do carro.

— O que quer dizer? — pergunto, curiosa.

Ele apenas nega num gesto.

— Nada, senhorita! Já falei o suficiente por hoje.

Assim, eu o sigo até o elevador.

É melhor acabar logo com isso. Talvez, quando o vir na minha frente, eu perceba que tudo não passa de um delírio, que Benjamin não é tão lindo como me lembro, ou tão dominador.

Talvez seja minha mente me pregando uma peça e todo esse sentimento reprimido dentro de mim não passe de ilusão. Afinal, Benjamin, tão poderoso, vê em mim apenas um problema a ser despachado quanto antes. Eu também não gosto dele, o pouco que vi não me agradou, e, assim como ele, quero vê-lo bem distante.

Com os pensamentos renovados, empertigo a coluna e tento ser corajosa. À medida que o elevador sobe, também aumenta a pulsação em meu peito.

Benjamin saberá quem eu sou de verdade: uma mulher forte e capaz de enfrentá-lo, minto para mim mesma.



Capítulo 10

A qualquer momento, ela estará aqui. Já olhei para o relógio de pulso inúmeras vezes, o ponteiro anda com lentidão. Eu gostaria de tomar uma bebida para tentar relaxar, porém, sou contra ingerir álcool no local de trabalho.

Impaciente, levanto-me da cadeira e vou até a parede de vidro. Vislumbro a avenida movimentada; de onde estou, só é possível ver os faróis e os postes iluminados. Mais uma vez verifico as horas. Penso em ligar para Duarte a fim de saber se já estão chegando. Retorno para a minha mesa e pego o celular. Então, escuto uma batida na porta.

Endireito-me na cadeira e aguardo.

A porta se abre e Duarte chega para o lado, dando passagem para Eva adentrar.

— O senhor precisa de mim para mais alguma coisa? —

pergunta Duarte.

Neste instante, esqueço-me completamente do meu motorista, pois Eva e eu nos encaramos, como se nada mais existisse. É incrível como ela parece ainda mais linda. Seus olhos castanhos e encantadores conseguem me fascinar. Eles possuem um magnetismo incomum.

— Pode nos deixar a sós, Duarte. Ligarei assim que precisar

— esclareço, sem desviar meus olhos dos de Eva.

— Sim, senhor — responde e fecha a porta.

Finalmente nos encontramos a sós. Eva fica parada segurando com força a alça de sua bolsa, demonstrando o seu nervosismo.

— Pode se sentar — digo e aponto para uma das cadeiras à minha frente. — Não precisa ficar aí parada a noite toda.

Ela entorta a boca de um jeito sexy e aperta os olhos, então solta um suspiro e caminha devagar até a cadeira.

Aproveito para viajar meus olhos por seu corpo, noto em seu pescoço uma gargantilha delicada em forma de terço. Ela usa um vestido transpassado verde-claro que vai até os joelhos, fazendo-me lembrar perfeitamente de suas coxas. Eu me remexo na cadeira, incomodado com o quanto essa moça mexe comigo. Continuo a passar meus olhos por suas pernas, até chegar aos delicados pés, e sua sandália permite que eu vislumbre as unhas pintadas de um rosa muito claro.

Eva se senta, então volto a olhar em seus olhos. O cabelo preso deixa à mostra com mais nitidez seu lindo rosto. Posso enxergar pequenos detalhes que passaram despercebidos na última e única vez que a vi. Como o fato de possuir um pequeno sinal no pescoço, perto da orelha.

Ela se remexe na cadeira e um rubor toma seu rosto. Eu não sei ao certo se faz de propósito ou se está acanhada, mas essa moça é sexy para caralho.

— O senhor não vai falar nada? — pergunta de repente com a voz enrouquecida.

— Porque estou ficando constrangida com a sua análise.

Eva até pode ser tímida, mas sabe ser atrevida como ninguém.

Jogo meu corpo no encosto da cadeira e cruzo os braços.

Preciso me livrar dessa moça, ela é uma distração para mim, e isso não é nada bom.

— Vamos ao que interessa: o valor e como você vai pagar o conserto do meu carro — pronuncio. Seu rosto sofre uma mudança, e noto como Eva é uma moça expressiva.

Ela olha para o lado e entorta a boca. Observo cada nuance sua, a preocupação é evidente, e sinto-me um verdadeiro imbecil por ter causado tal desconforto. Eu sei que deveria acabar com isso agora, que deveria mandá-la de volta para casa, mas não consigo.

Uma força maior me domina e eu não sou capaz de deixá-la ir.

Ainda não.

Eva fecha e abre os olhos e finalmente se vira para mim, demonstrando muita coragem ao empinar o nariz e me enfrentar.

— Eu quero... não só quero, como vou pagar o que devo, mas agora não tenho como. Posso dar um sinal, tenho algum dinheiro guardado, mas não é muito. Assim que eu arrumar um trabalho ou alguma encomenda, eu juro que o pago! — revela de uma só vez. Então deixa os ombros caírem, seus olhos brilham suplicantes. — Peço que não cobre do meu irmão, a culpa foi minha, e não é justo que ele venda seu carro para pagar por algo que eu fiz. Por favor.

Essa moça, com esse olhar tão expressivo, essa voz doce saindo de seus lábios tentadores, poderia pedir qualquer coisa que eu faria sem pestanejar.

— O que você faz? — indago, curioso.

Ela me olha com certa incerteza.

— Como? — pergunta. Acredito não ter entendido o que eu quero saber de fato.

Persisto, sem tirar meus olhos dela:

— Você disse que espera por um trabalho ou encomenda...

Quero saber com o que trabalha.

Ela sorri com suavidade.

— Eu sou confeiteira, também faço pratos salgados, mas os doces são o meu forte — conta com orgulho, e fico ainda mais curioso.

Ao assistir seu sorriso, sou instantaneamente tomado por uma sensação de fascínio. É um sentimento, ao qual é para mim, sem lógica. Sinto-me irritado com os pensamentos despertados por Eva. Eu não sei o que ela tem, mas um magnetismo me atrai e tenho vontade de saber tudo sobre ela.

— Creio que esteja desempregada — comento, descruzo os braços, e uma ideia tentadora, porém perigosa, começa a se formar em minha cabeça.

— Sim, mas tenho recebido algumas encomendas, e logo outras virão. Assim espero... — diz mostrando certa hesitação.

Lembro-me de Cora, ela mantém o meu apartamento impecável, mas não cozinha tão bem. Eu já havia pensado na possibilidade de contratar alguém responsável por preparar minhas refeições, mas nunca levei a ideia adiante. Até agora.

Encaro Eva, minha ideia começando a tomar forma. Deslizo minha cadeira para frente, apoio os cotovelos sobre a mesa e uno as mãos, apoiando meu queixo.

— Tenho uma solução para o seu problema — afirmo. Eva tem um olhar indagador. — Uma solução perfeita.

— Que tipo de solução? — pergunta, desconfiada, e entorta a boca. E que boca!

— Você pode trabalhar para mim, assim, eu desconto o que me deve, e quando sua dívida for paga, podemos ou não diluir o nosso acordo.

Ela se remexe na cadeira, sua respiração parece falhar.

— Que tipo de trabalho?

— Você disse que sabe cozinhar, eu preciso de alguém para preparar minhas refeições...

Eva me encara com seriedade, e reconheço esse olhar de quem está digerindo a informação. O melhor seria ela recusar, porém, tem uma parte minha que deseja com toda força sua aceitação.

Ela suspira, fecha os olhos e volta a abri-los.

— Como seria esse acordo? — Com sua pergunta interessada, eu sei que aceitará.

— Você trabalhará em meu apartamento três vezes na semana, vai preparar minha refeição — declaro sem tirar meus olhos dos seus. — Terças, quintas e sábados. Você será paga por isso, assim poderá arcar com o prejuízo do carro.

Porra! Eu não sei o que me deu para sequer pensar nessa proposta. É claro que ter essa moça na minha cozinha despertará em mim mil fantasias, mas não sou capaz de me controlar.

Provavelmente eu não a verei enquanto estiver no apartamento, o que será perfeito. E terei com ela uma relação de patrão e empregado, nada além disso.

Eva observa as próprias mãos, a demora por sua resposta me deixa apreensivo, então abaixo minhas mãos e fico tamborilando com os dedos sobre a mesa.

Finalmente ela me olha.

— Okay, eu aceito, mas sob uma condição — fala.

Dou um sorriso debochado.

— Você não está em posição de impor nada, Evangeline —

advirto, e ela me olha com animosidade.

— Serão duas condições: uma delas é não me chamar de Evangeline! — declara, e sua relutância em ser chamada por seu verdadeiro nome me diverte. — A outra

condição é não dar palpite no que faço, eu não gosto disso.

Balanço a cabeça, essa moça tem a capacidade de me divertir como ninguém mais. Com ela, eu tenho vontade de rir, algo

difícil de acontecer.

— E se você preparar algo que eu não como? Serei obrigado a comer?

Ela solta um bufo, e é muito sexy o modo como faz.

— É claro que não, mesmo porque, o senhor terá que me passar uma lista de restrições e do que não gosta de comer, assim será impossível eu fazer algo que não o agrade — diz, petulante, mostrando toda a sua impetuosidade. Adoro isso nela.

— Você é bem segura no que diz — comento e penso em algo que ela pode fazer e que muito irá me agradar.

Por sorte, existe uma mesa entre nós, ou ela poderia enxergar a minha excitação.

Eva dá um sorriso falso.

— Quando me disponho a fazer algo, dou o melhor de mim.

Meu telefone toca em cima da mesa e eu o atendo sem ver quem é, porém, persisto em encarar Eva, que não desvia o olhar.

— Pronto?

— *Benjamin, sou eu.* — Eu já esperava por sua ligação, mas não estou nada disposto a falar com Charlotte.

— Sim — digo enquanto Eva e eu nos olhamos.

— *Está de pé irmos juntos para o jantar dos Albuquerque?* —

questiona. Respiro fundo, eu havia me esquecido desse jantar.

— Sim, passarei para buscá-la na quinta-feira — respondo, e Eva desvia o olhar para a janela.

— *Ótimo, esperarei por você. Depois me passe o horário que virá*.

— Okay — digo. — Depois nos falamos, estou ocupado agora.

Eu não espero por resposta e desligo.

Eva volta a me olhar.

— Quando começo? — questiona, direta.

— Não vai querer saber o seu salário? — Geralmente essa é a preocupação de todos os que estão para iniciar um trabalho.

Ela sacode os ombros de modo rebelde.

— Como o senhor mesmo disse, eu não estou em posição de exigir nada.

Meu coração se aperta no peito. Imagino como seria se fosse outra pessoa lhe fazendo uma proposta. E se fosse outro homem?

Com certeza se aproveitaria dela. Pois Eva, mesmo sendo tão atrevida, carrega certa inocência, e isso é um perigo. Tenho medo por ela, e, com isso, uma vontade leviana de protegê-la.

— De qualquer maneira, pagarei o justo. Pedirei que minha assistente entre em contato com você — revelo, e ela abaixa o olhar.

— Tudo bem. Obrigada pela oportunidade — sussurra, e quase não a ouço. — O senhor não me disse quando devo começar, é preciso saber como chego até sua casa.

— Não se preocupe com isso. Quanto ao início, vamos começar na próxima semana.

Ela acena e ergue a cabeça para me olhar.

— Precisa me dizer se tem alguma restrição alimentar e do que não gosta de comer — profere.

— Não tenho restrição alguma — respondo e olho para o meu relógio. — Amanhã minha assistente entrará em contato, fique alerta.

— Sim, senhor — pronuncia em tom cínico.

Volto a olhá-la com seriedade e ela aperta os lábios.

— Eva, vou lhe dar um aviso: eu não levo muito bem comentários debochados, então guarde para si qualquer tipo de observação leviana — falo de modo rude.

E se eu pensava que a deixaria sem graça, cometi um grande engano, pois Eva chega seu corpo para frente e me encara com irritação.

— E eu lhe darei outro aviso, senhor... — diz pausadamente, e minhas mãos coçam para agarrá-la pela nuca e eu poder calar a sua boca insolente com a minha. — Eu não levo muito bem comentários indiretos, então guarde para si suas observações inconstantes.

Ela repete cada palavra minha mudando apenas os adjetivos.

E ser confrontado dessa maneira me deixa com ânsia de domá-la.

Eva me intriga, é como se existissem várias nuances dela.

Pois, ao mesmo tempo que aparenta ser frágil e irresponsável, demonstra uma força e atitudes de quem não precisa de ninguém para nada. E saber disso me faz querer saber tudo sobre ela. Eu nunca fui o tipo de homem que se interessa pela vida de outras pessoas, mas Eva atiça um lado meu até então desconhecido.

— Não entrarei em uma discussão idiota, tenho coisas mais importantes a fazer — declaro e me levanto. Pego meu telefone e ligo para Duarte, que me atende ao primeiro toque. — Estamos de saída — informo e desligo. — Vamos, Duarte a deixará em sua casa.

Eva também se levanta e cruza os braços.

— Sou capaz de ir embora sozinha. E, por falar nisso, quero a minha habilitação — demanda e estica um braço, com a palma da mão virada para cima.

Olho para sua mão e volto a encarar seu rosto.

— Entrego quando deixá-la em casa.

— Eu já falei que não precisa me levar, sou cap...

— Sei que é capaz de fazer o que bem entender, Eva —

corto-a com voz rude, pois ela consegue acabar com a minha paciência. — Porém, eu a tirei de sua casa, e é lá que a deixarei.

Você deveria saber que detesto discussões inúteis. Agora vamos, tenho mais o que fazer.

Passo por ela e, com passadas largas, chego até a porta e a abro. Fico de lado e me viro para Eva, que me observa do mesmo lugar. Vejo que tem algo a dizer, porém, apenas sacode a cabeça e faz como ordeno.

— Isso não vai dar certo, já estou até vendo! — Ouço seu resmungo ao passar por mim. Sua fragrância invade minhas narinas e aperto minha mão na maçaneta.

Onde estou com a cabeça para levar essa tentação para dentro da minha casa? Só em imaginá-la na minha cozinha, sinto um ardor passear por todo o meu corpo. Preciso resistir à Eva, e não ser como o Adão, que experimentou do fruto proibido .

Ela será minha funcionária, jamais haverá qualquer coisa entre nós. Além disso, ela é o tipo de mulher que não faz meu perfil, afinal, é muito jovem e desaforada. Mulher, para mim, deve ser mais experiente e contida.

Com esses pensamentos, seguimos para o elevador, mas meus olhos insistem em vislumbrar seu corpo.

Puta que pariu! Em que eu fui me meter?



Capítulo 11

Entro em casa e não ouço barulho algum, assim, corro para o quarto. Ruth está dormindo em sua cama. Na ponta dos pés, vou até o armário e pego minha roupa de dormir. Sigo apressada para o banheiro, tranco a porta e me encosto a ela, fechando os olhos.

Ainda sinto minhas mãos trêmulas e a respiração instável. Trago uma mão até meu coração, esforço-me para ficar calma, mas torna-se uma façanha quase impossível quando a causa do meu estado emocional insiste em permanecer em meus pensamentos.

Benjamin! Esse homem sabe como mexer com os meus sentidos. Desde o instante em que pus meus olhos nele, com sua pose arrogante, como se fosse o senhor de tudo, é como se dentro de mim existisse um tsunami.

Hoje, com um terno escuro muito elegante, ele se apresentava ainda mais lindo do que eu me lembrava. Seus cabelos castanho-claros pareciam despenteados, como se tivesse passado os dedos por eles diversas vezes. Cheguei a desejar passar minhas mãos por seus fios e sentir a textura.

E quando sugeriu que eu me aproximasse, à medida que eu caminhava até a cadeira, senti-me inquieta, com medo, e corajosa ao mesmo tempo. E um sentimento de saudade. A mistura de emoções me dava vontade de fugir, mas também um forte desejo de cair em seus braços.

Ainda agora, com ele longe, eu me encontrava tomada por sua presença.

Afasto-me da porta e vou até a pia, abro a torneira e lavo o rosto para amenizar o calor em minha pele. Olho-me no espelho e penso no acordo que temos. Eu não posso acreditar que irei trabalhar para Benjamin, em sua casa. Eu nunca poderia imaginar que ele me fizesse tal proposta. Devo admitir que me sinto curiosa, ele não deu nenhuma pista sobre como é sua vida, se vive com alguém ou não.

Para mim, foi uma boa alternativa, eu não estou em condições de exigir nada, e assim posso liquidar minha dívida com ele fazendo aquilo que mais amo: cozinhar. Porém, notei que Benjamin tem um temperamento forte, é arrogante e muito mandão.

Não deve ser fácil trabalhar para ele. Isso sem contar o fato de ser um homem atraente, que parece ter um imã que desperta em mim um desejo inexplicável, afinal, eu nem mesmo gosto dele.

Tomo um banho rápido e vou para a cozinha. Estou faminta, mas resolvo por comer uma fruta. Fico distraída revivendo a conversa que tive com Benjamin, e me pego incomodada com a ligação que ele recebeu enquanto discutíamos. Uma mulher ligou para ele e ambos combinaram alguma coisa, agora não paro de me perguntar sobre essa tal mulher. Seria alguma namorada? Noiva? E

o que mais me perturba é o ressentimento que toma o meu coração.

Mal o conheço, apenas superficialmente, não há lógica eu ter essa sensação, de como se me faltasse o ar. Sinto uma angústia em meu peito só de imaginá-lo com uma mulher.

— Deus, o que está acontecendo comigo? — resmungo, sentando-me à mesa com uma pera na mão.

— O que aconteceu? Parece até que acabou de perder seu animalzinho de estimação, caso tivesse um... — Sandro comenta ao entrar na cozinha de surpresa.

Olho para ele e faço uma careta.

— Não aconteceu nada — respondo de má vontade. Dou outra mordida na pera, e ele vai até a geladeira. — Estive com o

homem do carro hoje.

Com uma expressão surpresa, Sandro se vira para mim.

— Aquele em quem você bateu? — pergunta, e eu apenas aceno. — Por que não me contou que ia encontrá-lo? Eu teria ido contigo.

— Não foi necessário. Além disso, já resolvi tudo.

Ele fecha a porta da geladeira, aproxima-se e senta-se de frente para mim.

— Resolveu como, Eva? Sabemos que não temos como pagar o prejuízo, suas economias não cobrem nem o arranhãozinho do para-choque.

Respiro fundo, ponho a pera sobre a mesa e o encaro.

— Vou trabalhar para ele três vezes por semana, e assim ele descontará o que devo — conto de uma vez. Sandro me olha com desconfiança.

— Trabalhar de quê? Esse homem não vai se aproveitar de você? Quem é ele, afinal de contas? Quero saber tudo, não vou permitir que minha irmãzinha seja enganada por um pilantra.

Tento sorrir com seu discurso caloroso. Desde que voltei para casa, Sandro tomou para si essa atitude de cuidar de mim. Nós somos muito ligados, ele é meu maior incentivador, e foi graças a ele que eu pude tirar minha carteira de motorista. Meu irmão é extraordinário, mas seu zelo muitas vezes soa exagerado.

— Benjamim não é nenhum pilantra. Ele pode ser rude, mas tenho certeza absoluta de que é íntegro — defendo, embora meu futuro chefe não mereça.

— Eva, você acredita demais na bondade das pessoas, minha irmã! — exclama com preocupação. — Você viveu boa parte da sua vida num internato e logo seguiu para um convento, está há pouco mais de um ano convivendo aqui fora, e mesmo assim você mal sai de casa. Eu só te vejo sair para ir para a pizzaria da nossa

família ou quando precisa comprar algo para fazer seus doces.

Existe muita maldade nesse mundo, e eu me preocupo com você.

Balanço a cabeça, chego para frente e pego sua mão que se encontra em cima da mesa.

— Por mais que não acredite, eu sei disso, Sandro. Não foi porque estudei num internato para meninas e fui para o convento que não conheci pessoas más. Elas estão em todos os lugares —

declaro com tristeza ao recordar alguns episódios aos quais fui testemunha. — Eu não sei tudo sobre a vida, acho que nenhum de nós sabe, por isso, não se preocupe. Sei o que estou fazendo.

Ele aperta minha mão e dá um sorriso triste.

— Eu sou um irmão chato, sei disso. Mas não quero que minha irmã preferida passe por qualquer tipo de dificuldade —

confessa em voz baixa. — Você pode me contar sobre esse trabalho e quem é esse homem?

Dou risada e solto sua mão, então volto a pegar minha pera.

— É claro — digo e dou uma mordida na fruta. Então conto sobre a proposta feita por Benjamin, garantindo que estou mais do que satisfeita com o acordo, afinal, terei dias livres para me dedicar a alcançar clientes.

— Benjamin Clarke, esse nome não me soa estranho... —

Sandro analisa, com olhar distante, depois que exponho tudo para ele.

— No cartão dele diz que é CEO de uma empresa de petróleo — revelo.

— Então ele é realmente um homem importante — comenta.

Dou um sorriso debochado.

— Querido, todos nós somos importantes, isso independe da nossa ocupação. Temos nossos valores — digo ao me levantar. —

Agora preciso dormir, fiquei de ir à pizzaria amanhã logo cedo com a mamãe para ajudá-la.

Vou até a pia e jogo fora o restante da pera no lixo, volto e beijo a cabeça de Sandro, que sorri para mim.

— Boa noite, irmãzinha.

No quarto, deito-me em minha cama e lembro-me da volta para casa depois de eu ter saído do escritório de Benjamin. Ele me olhava o tempo todo, como se estivesse me avaliando. Tentei convencê-lo a me deixar perto do metrô, mas de nada adiantou.

Mais uma vez ele veio com a sua resposta seca de que deveria me deixar em casa.

Todo o trajeto foi feito em silêncio, e quando Duarte estacionou no meio-fio em frente ao meu portão, finalmente Benjamin se dirigiu a mim. Ele mexeu no bolso

do paletó, então olhei em sua direção e percebi minha habilitação em sua mão. No entanto, quando fui pegar, ele desviou a mão da minha.

— Tome cuidado, caso for dirigir — falou em tom de exigência.

Lembro-me de ter sentido uma raiva desmedida com suas palavras. Assim, eu o encarei e apertei os olhos.

— Eu sempre tomo muito cuidado — murmurei entre dentes.

Ele deu uma risada cínica.

— Percebi — disse, e por fim me entregou a habilitação. —

Amanhã a senhora Lopes, minha assistente, entrará em contato, permaneça com seu celular por perto.

— Sim, senhor! — exclamei em tom sarcástico e tentei abrir a porta, mas estava trancada. Então voltei a encará-lo.

Benjamin tinha os olhos fixos nos meus, seu olhar impressionante fazia com que meu corpo ficasse agitado e meu coração apreensivo. Por alguns instantes, senti uma conexão inexplicável enquanto nos olhávamos. Seu olhar era como brasa, e parecia aquecer minha alma.

— Duarte, abra a porta para a Eva — ordenou ao seu motorista, sem deixar de me fitar. Duarte prontamente saiu do carro para abrir a porta e me ajudar a sair.

Retirei-me do veículo sem dizer nada.

Fecho os olhos apertados ao recordar as nuances de seu rosto. Eu não posso estar atraída por Benjamin, seria muito insano da minha parte. Eu vou trabalhar para ele, simplesmente não posso me sentir interessada. Benjamin é intratável, pensa ser superior, não há nada nele que possa me atrair. É claro, ele é um homem lindo, e aqueles olhos, ora verdes ora castanho-dourados, são fascinantes.

Isso sem mencionar seu corpo, que, mesmo de terno, pode-se perceber que é atlético. Só de imaginar, sinto meu corpo reagir.

Pego o travesseiro e o coloco sobre meu rosto, tenho vontade de gritar de frustração.

Ouço uma movimentação e me levanto, a fim de prestar atenção. Reconheço a voz da minha mãe, ela parece estar chorando. Vou na ponta dos pés até a porta, mas não consigo escutar mais nada, ela deve ter entrado em seu quarto. Penso em voltar para a cama, mas alguma coisa me diz para sair do quarto.

Então, no corredor, caminho lentamente até o quarto dos meus pais, cuja porta encontra-se fechada, mas posso ouvir a conversa abafada.

— ... *ninguém vai perceber, vamos dar um jeito* — fala meu pai, e não sei o que quer dizer, pois peguei a conversa já iniciada.

Minha mãe funga.

— Martino, não teremos como pagar esse homem. Você não deveria ter pegado dinheiro com essa gente — queixa-se mamãe, e meu coração bate forte.

— Você está exagerando, mulher! Tenho o prazo de dois meses para pagar. Até lá, terei esse dinheiro.

— Você não viu o olhar dele? Aquele homem apareceu na pizzaria para dar um aviso silencioso, e eu temo que algo de muito

ruim aconteça — confessa e chora.

— Tudo vai se resolver, o Geraldo não fará nada contra nós, conversei com ele, que até me ofereceu mais dinheiro caso eu necessite.

Ouço um som abafado de algo caindo, talvez uma bolsa, eu não consigo identificar.

— Não faça essa asneira, Martino! Você está louco? Nunca ouviu falar do perigo que é pegar dinheiro com agiota? — indaga mamãe, e me afasto da porta, colocando a mão no peito.

Papai pegou dinheiro com agiota? Meu Pai Eterno!

Começo a tremer, volto para o meu quarto e me jogo na cama.

Até mesmo eu, que vivi num internato, sei de histórias tenebrosas. Como meu pai vai sair dessa? E minha mãe? Coitada!

Ela já passou por tantos sofrimentos na vida, e agora mais essa.

Respiro fundo algumas vezes e tento ser otimista. De repente, pensar que agiota é algum tipo de bandido é exagero, certamente as histórias que ouvi foram excessivas, meu pai não pediria dinheiro emprestado a qualquer pessoa. Devemos confiar nele. Mesmo assim, ficarei alerta. Não custa prevenir.

Tento dormir mais uma vez e não consigo, minha cabeça está cheia. Já não bastava Benjamin persistir em rondar minha mente, agora, por mais que eu acredite no bom senso de papai, fico preocupada.

Sendo assim, desisto de tentar pegar no sono e vou para a cozinha. Abro os armários e pego alguns ingredientes que tenho estocado para fazer meus doces. Fecho os olhos e, aos poucos, a calmaria toma conta de mim. Mas os olhos de Benjamin me perseguem.

— Eu desisto — sussurro.

Então, tenho uma ideia. Corro para a geladeira e procuro por alguma fruta que possa me atender. Encontro uma caixa de kiwi e abro um sorriso. *Perfeito!* Farei um doce especial, inspirado em seus olhos quando estão verdes. Só vai faltar dar um nome para o doce.

Animada, começo a preparar minha mais nova invenção, e com os pensamentos voltados para Benjamin, crio um dos melhores doces feitos por mim. Ninguém, muito menos ele, pode saber da minha fixação. Preciso enfiar na cabeça que ele será o meu chefe, eu não posso misturar as coisas, ou com certeza sairei muito ferida.

Benjamin jamais me olharia com desejo, e isso é ótimo, pois não quero nada com ele.

Benjamin que fique bem longe de mim, pois eu o detesto!

Suspiro com energia e sacudo a cabeça.

Ao menos tento detestar.

Benjamin

Capítulo 12

Ligo para Charlotte e informo que estou a aguardando. Eu não vejo a hora de acabar com essa merda. Só estou indo para esse jantar porque pretendo fechar um negócio no futuro. Mas não com um dos Albuquerque; para mim, eles servem apenas como ponte, pois sei o quanto são desonestos em seus negócios. Porém, outras pessoas do ramo da indústria estarão presentes.

Meu celular apita com a chegada de uma mensagem e eu o pego imediatamente. Vejo tratar-se de Eva. Curioso para saber o que ela quer, resolvo ler de uma vez.

Sua assistente entrou em contato e eu já passei todas as informações pedidas. Porém, quando liguei hoje e perguntei para onde deveria ir na próxima terça, para começar a trabalhar, ela me informou que esse assunto deveria ser tratado diretamente com o "senhor Clarke". Perdoe minha ignorância, mas pensei que o senhor fosse muito ocupado para cuidar de algo tão supérfluo.

Leio e releio sua mensagem insolente. Eu deveria estar irritado e com muita raiva da ousadia de Eva, mas algo inesperado me acontece e dou risada, achando sua petulância divertida.

A porta traseira do carro se abre, viro-me e vejo Charlotte sentar-se ao meu lado, então Duarte fecha a porta e ela dá um sorriso comedido.

— Acho que esta é a primeira vez que o vejo rir de verdade

— comenta com olhar apático.

Fico sério e a encaro. Eu não tenho a obrigação de dar satisfação de nada, ela me conhece o suficiente para saber. Assim, dou de ombros e volto a ler a mensagem.

Duarte entra no veículo e dá partida no mesmo.

— Preciso responder uma mensagem importante e já lhe dou atenção — digo, imperturbável com o seu comentário.

— Tudo bem, fique à vontade. — Percebo que ela se endireita e olha pela janela.

Com um pequeno sorriso de lado, respondo à Eva.

Sim, você está certa, Evangeline, sou ocupado. Quanto ao seu questionamento, não se preocupe, Duarte a buscará e a levará até o seu trabalho.

Tenho certeza que, ao ler a mensagem, ela ficará irritada, pois não gosta de ser chamada por seu nome verdadeiro.

Satisfeito, guardo o celular. O que ela pensa, que pode falar comigo como bem entender? Eva deve aprender a me respeitar, ela está muito enganada se acha que vou tolerar suas respostas abusadas.

Olho para Charlotte no intuito de lhe dar a devida atenção, mas mais uma vez meu telefone vibra em meu bolso e volto a pegá-

lo.

Outra mensagem de Eva.

Não é necessário que seu motorista, que deve ter mais o que fazer, me busque. Sou muito capaz de me locomover sem uma babá, senhor Clarke.

Ass.: EVA.

Essa moça passou do limite do atrevimento, e, como se não bastasse, assina seu nome com letras maiúsculas, como se estivesse gritando comigo. A sorte de Eva é não estar na minha frente, ou ouviria umas boas verdades sobre a sua capacidade de se locomover. Até nisso ela me tira do sério, pois odeio ser repetitivo. Penso em ignorá-la, mas não consigo.

Senhorita, no momento, encontro-me impossibilitado de discutir tolices, então faça como ordenei, espere por Duarte na terça-feira, às 8:00 da manhã.

Aperto enviar e, desta vez, permaneço com o telefone em minha mão.

— Problemas? — pergunta Charlotte, e olho para ela.

— Não — respondo em tom ríspido.

Ela me observa, e mais uma vez o telefone vibra. Solto um suspiro impaciente e verifico a mensagem, que, conforme eu previa, é de Eva.

Sim, Vossa Majestade! Farei como "sugerido" pelo senhor!

Eu não acredito no quanto essa moça é desaforada. Ela deve estar me testando, é a única explicação para o seu cinismo. Talvez eu deva lembrá-la de que trabalhará para mim, por muito menos já mandei demitir funcionários meus. Se Eva continuar com essa irreverência, não durará um dia comigo. Ou pior, nem mesmo permitirei que comece a trabalhar.

Guardo o celular, depois eu decido o que fazer com essa abusada.

— Agora você parece *muito* chateado. — Ouço o comentário de Charlotte, e até ela está me irritando.

Porém, eu me recomponho e me viro para ela. Tentarei ser sociável, afinal, minha noite deve ser produtiva, e não será uma moça petulante que estragará meus planos.

— Apenas um problema com um funcionário, nada de mais

— digo e, num movimento, abro o frigobar. — Aceita beber alguma coisa?

Charlotte assente.

— Apenas água, nada de álcool antes do jantar — responde, então pego uma garrafa de água mineral e um copo.

Ao contrário dela, eu preciso beber alguma coisa mais forte.

Eu não sou de beber, mas as palavras de Eva martelam em minha cabeça. Necessito relaxar.

— Aqui — ofereço. Ela pega o copo, e posso sentir seu olhar me queimar.

Sirvo-me de um conhaque e volto a me acomodar. Tomo um gole da bebida, que é uma das minhas favoritas, deixo o líquido descer pela minha garganta e tento relaxar.

— Você está diferente — comenta.

Olho para o seu rosto perfeitamente maquiado. Reparo em sua elegância e na beleza fria. Tão diferente de Eva... Por que estou comparando as duas? Não tem lógica. Eva nem mesmo chega perto de possuir o refinamento de Charlotte, são mulheres completamente diferentes. Sacudo a cabeça e bebo um pouco mais de conhaque, então ponho o copo no compartimento à minha frente.

— Diferente como?

Charlotte faz um movimento suave com os ombros.

— Estou te achando muito inquieto.

— Impressão sua — respondo e olho para a rua. — Diga, vocês conseguiram fechar com aquele cliente? — pergunto, a fim de uma conversa mais adequada e segura.

Então volto a encará-la, Charlotte tem estampado no rosto agora um sorriso simulado.

— Estamos quase lá. Inclusive, fiquei sabendo que um dos diretores estará no jantar de hoje, assim, aproveitarei para convencê-lo — conta, cheia de orgulho.

Faço um pequeno aceno com a cabeça.

— Com certeza conseguirá — estimulo.

Até chegarmos ao hotel para o jantar, conversamos sobre o seu trabalho. Charlotte é uma mulher muito sagaz, e admiro isso nela. Ela sabe o que quer, e, como boa advogada, tem um grande poder de convencimento. Além disso, é uma mulher muito bonita, que chama atenção por onde passa; com sua postura altiva e olhos verdes aguçados, é capaz de alcançar seus objetivos com certa facilidade. Tudo o que um homem como eu precisa. Mas por que essa ideia me parece cada vez mais desagradável?

Chegamos ao jantar em vinte minutos. Victor Albuquerque vem nos receber com um falso galanteio. Ele é o mais jovem da família, e assim como os outros membros, adora ostentar. Não me passa despercebido a morena em seus braços. Ela é muito bonita, parece uma modelo, provavelmente uma de suas mulheres de catálogo.

Victor segura a mão de Charlotte, curva-se e a beija. Então se apruma e abre um sorriso capaz de deixar qualquer um cego, pois seus dentes são muito brancos e brilhantes, logo se vê que são falsos.

— Que honra tê-lo no jantar que minha família oferece, Benjamin! — comenta em tom dissimulado. — Afinal, você vive

ocupado. Até mesmo antes de se tornar o CEO da empresa, não era muito de comparecer aos nossos eventos.

— Nem todos podemos nos dar ao luxo de deixar o trabalho em segundo plano — retruco, sério.

Ele ri de modo afetado.

— Não exagere, meu caro. Sabemos que não há necessidade de se matar de trabalhar, sua família é uma das mais ilustres da América do Sul.

— Eu te garanto que isso se dá graças ao trabalho árduo, tudo o que conquistamos foi com muito suor.

Victor oscila no sorriso, uma vez que é de conhecimento geral que a fortuna de sua família não veio de trabalho honesto. Não há provas concretas contra eles, pois carregam no bolso muita gente importante, incluindo juízes e políticos.

Ele olha para Charlotte da cabeça aos pés.

— Você, como sempre, muito elegante! — elogia.

— Obrigada, Victor. E você, como sempre, um galanteador —

responde ela.

Diferente de mim, Charlotte é simpática.

Em seguida, Victor nos apresenta a moça ao seu lado e nos acompanha por todo o salão. Há alguns empresários de prestígio.

Isso não posso negar, a família Albuquerque sabe como manter uma ótima conexão no meio empresarial.

No decorrer da noite, atinjo meu objetivo, consigo a atenção do diretor de uma fábrica de embalagens plásticas e ele se interessa em conhecer a empresa, pois temos um projeto que contribui com a preservação do meio ambiente.

O jantar transcorre bem, sou capaz, com muito esforço, de não responder de maneira ríspida quando ouço algum comentário maldoso vindo da família anfitriã. Por mais que eu não concorde

com a maneira como levam a vida, tenho que reconhecer: eles são necessários no meio corporativo, pois têm bons conhecimentos.

Estamos nos preparando para ir embora quando Carlos Albuquerque, o patriarca da família, vem até mim. Ao seu lado, uma jovem, que parece mais sua neta. Eu não sou contra um homem mais velho se relacionar com moças mais jovens, mas, no caso dele, sabemos que é mais uma que usa como acessório de luxo.

— A noite está chegando ao fim e somente agora pude vir falar com você, Benjamin — diz ao se aproximar e estende a mão.

— E como está seu pai? Pensei que ele viesse.

Devolvo seu cumprimento.

— Esta semana ele e minha mãe estão no haras.

— Sim, é mesmo, ele comentou quando eu o telefonei na semana passada. Inclusive, preciso retornar àquele haras, é um belíssimo lugar — exalta e saúda Charlotte, então pega a mão de sua acompanhante. — Deixe-me apresentá-los, esta moça bonita ao meu lado é Eva.

Aperto o copo em minha mão e dou um leve aceno para cumprimentar a moça. É claro que ela não tem nada a ver com a Eva que eu conheço, pois é magra e tem um olhar fingido. Elas só têm o nome em comum. E por mais que esteja bem vestida e bem maquiada, não chega aos pés da minha Eva.

Mas que porra é essa agora? “Minha Eva?” Ela não é minha.

Devo estar enlouquecendo.

Carlos e eu trocamos algumas ideias, e para eu não me estender muito, digo que preciso ir, pois tenho trabalho a fazer, o que não deixa de ser verdade. Sei que Charlotte gostaria de ficar, mas como veio comigo, vê-se na obrigação de me acompanhar.

Então eu a aconselho ficar e comprometo-me a enviar Duarte para buscá-la e levá-la embora quando assim desejar. Ela é uma mulher independente, mas mesmo assim eu me sinto na obrigação de fazer tal gesto.

Porém, ela decide acabar a noite e saímos juntos.

No carro, fico absorto em meus pensamentos invadidos por Eva, nem sei ao certo o motivo de eu pensar nela neste momento.

Talvez por conhecer uma mulher com seu nome, eu não sei...

— Você realmente precisa trabalhar ou só falou aquilo para se ver livre daquela conversa chata? — indaga Charlotte, e eu a encaro com a testa franzida. — Você não gosta da família Albuquerque. Acredito que ninguém gosta, mas com você é diferente, não consegue disfarçar muito bem.

— Não é que eu não goste deles, nunca me fizeram nada, apenas não concordo com a maneira como trabalham. E já falei sobre isso com um dos irmãos, não preciso dissimular, como a maioria faz. Porém, tenho ciência de que são pessoas influentes.

Ela sorri e põe a mão em minha coxa. Olho para sua mão e volto a encará-la.

— Gosto disso em você, Benjamin, é franco e direto, mas não respondeu a minha pergunta. Porque, caso tenha apenas dado uma desculpa, podemos estender a noite em meu apartamento. Ou no seu. Seria uma boa oportunidade de conhecer a sua cobertura.

Desta vez, eu sorrio. Charlotte e eu já transamos algumas vezes, e foi okay. Talvez, eu precise exatamente disso, uma transa.

Porém, meu corpo não reage. Na verdade, há um bom tempo não venho reagindo às suas investidas.

— Eu falei a verdade, Charlotte. Preciso verificar um relatório e enviar para Nova Zelândia ainda hoje. Afinal, lá já é amanhã.

Ela dá de ombros e se afasta.

— Que pena, deixa para a próxima.

— Quem sabe — respondo.

Alguns minutos depois, o carro para na calçada de seu prédio. Charlotte beija minha face e acaricia meu rosto.

— Aguardo sua ligação, você está me devendo um jantar —

diz sorrindo.

— Não me esqueci.

Duarte abre sua porta e ela sai. Quando me vejo sozinho, jogo a cabeça para trás e fecho os olhos. Havia uma mulher linda e disposta para mim, no entanto, eu a dispensei. Pior, a mulher com quem pretendo me casar um dia. Fico me perguntando o que eu realmente quero. Tenho tudo planejado, tudo estava certo, e de repente isso. Alguma coisa me trava e eu não sou capaz de dar seguimento aos meus planos.

E essa agonia em meu coração precisa passar, tenho que voltar aos meus objetivos.

Preciso ser racional.



Capítulo 13

Verifico minha bolsa mais uma vez para conferir se não estou me esquecendo de nada. Em alguns minutos, Duarte chegará, então preciso me acalmar. Hoje começo a trabalhar para Benjamin, mas mais parece que estou indo para o meu julgamento. Na semana passada, quando falei com sua assistente e ela me passou quanto eu ganharia, quase caí para trás. Eu nunca poderia imaginar que cozinhar para um milionário pagasse tão bem. Cheguei a questionar se ela não estava enganada, afinal, eu só trabalharia três vezes na semana, porém, Maria Eugênia, ou Senhora Lopes, como diz Benjamin, assegurou que estava correto. Fiquei animada com a expectativa, pois em meus dias de folga poderei preparar doces para vender e ainda conseguir algumas encomendas.

— Sua animação é contagiante, irmãzinha! — Dou um salto e trago a mão ao peito. Meu coração bate forte devido ao susto.

Sandro então gargalha, encostando-se à parede. Chega a dobrar o corpo de tanto rir de mim.

— Bom saber que consigo te divertir logo cedo — comento, azeda.

Ele se controla e me olha, mas sua expressão é de quem está prendendo o riso.

— Desculpe-me, você estava tão distraída que não pude resistir. Afinal você se sobressalta à toa.

Pego o celular e verifico as horas, é melhor eu ir para o portão.

— Preciso ir, o motorista deve chegar a qualquer momento, não quero causar nenhum transtorno.

Sandro se aproxima e apoia a mão em meu ombro.

— Pode ser que eu esteja enganado, mas quando esse homem provar as delícias que você faz na cozinha, vai baixar a guarda.

Eu sorrio para o meu irmão e o abraço pela cintura.

— Não sei o que seria de mim sem você — sussurro.

Ele beija minha cabeça.

— Sei que sou o melhor irmão do mundo — brinca e solta uma risada. Então se afasta e me olha, ainda segurando meus ombros. — Não tenha medo, faça o seu melhor. E tente segurar essa sua língua abusada.

Cruzo os braços e o encaro com olhos apertados.

— Eu não tenho a língua abusada!

— Nós sabemos o quanto você é respondona, Eva —

comenta com cara de riso. — Você tem que usar essa sua bravura com a nossa irmã quando ela vier com seus comentários maldosos.

Sacudo os ombros e olho para o lado.

— Tenho vontade, acredite. Mas eu me seguro por conta dos nossos pais, e principalmente pelo Thomas, não faria bem a ele uma discussão, só iria piorar sua situação — confesso e volto a olhá-lo, sorrindo com tristeza. — Eu ainda não sei como o meu patrão vai descontar o que lhe devo, mas estou pensando em dar um jeito de pagar um profissional para tratar o Thomas, um psicólogo qualificado, que entenda sobre o seu transtorno.

Sandro me observa, agora sério. Sei que ele, assim como eu, quer o melhor para o nosso irmão mais novo, e nossos pais não estão em condições de pagar por um tratamento especializado.

— Eva, eu também penso nisso, mas você não tem planos de comprar utensílios para preparar seus doces?

Assinto com a cabeça.

— Mas o Thomas é mais importante, eu me preocupo com ele. Eu li em um blog que quanto antes a criança receber um tratamento adequado, mais rápido poderá haver uma melhora.

— Sei disso, também andei pesquisando — conta. Ouvimos uma buzina, e quando verifico o celular, vejo que passaram três minutos da hora marcada.

Coloco minha bolsa no ombro e corro para a porta.

— Meu Deus! Estou atrasada. Mais tarde nos falamos — falo enquanto saio.

— Boa sorte, irmãzinha! — Ouço Sandro gritar.

Alcanço o portão e encontro Nilza chegando com cara de noitada, mas nem comento nada. Passo por ela, dou bom dia, e vejo Duarte sair do carro.

— Desculpe-me, Duarte! Eu estava pronta desde cedo, mas me distraí conversando com meu irmão — digo assim que o vejo.

Ele faz um leve aceno com a cabeça e abre a porta traseira.

— Senhorita, bom dia! — saúda.

Antes de entrar no carro, eu sorrio para ele.

— Bom dia, Duarte. Espero não ter te atrapalhado, mas foi seu patrão quem insistiu que você me buscasse, eu poderia muito bem ir por mim mesma.

— Este é meu trabalho. A senhorita não atrapalha em nada, é uma honra levá-la.
— Tento não rir de sua formalidade. Nem no convento éramos tão formais.

— Obrigada — respondo e entro.

Em alguns instantes, estamos passando pelas movimentadas ruas paulistanas. Meu coração está eufórico e bate com energia. Eu não sei como será essa nova etapa da minha vida. Sinto-me empolgada, mas quando me lembro de Benjamin, e que vou trabalhar para ele, o medo do desconhecido me faz ficar aflita. Eu sei que não o verei, mas só de saber que estarei em sua casa, entre suas coisas, fico alvoroçada.

Pegamos um pouco de engarrafamento, mas Duarte logo foge dele. Para passar o tempo, pego um livro para ler, pois preciso me distrair com algo. Noto o carro parar e olho ao redor. Estamos em frente a um edifício luxuoso. O portão de uma garagem se abre e o carro volta a se movimentar, descendo uma rampa. Reparo em alguns carros. Eu não entendo nada sobre automóveis, mal sei distinguir alguns modelos, mas aqui tem carros de luxo, alguns esportivos vistos apenas em filmes.

Mal percebo Duarte estacionar, só me dou conta quando ele abre minha porta.

Saio do carro e observo em volta. Há câmeras por todos os lados, o que não me surpreende.

— Levarei a senhorita até a cobertura do senhor Clarke, e Cora, a governanta, lhe mostrará tudo — informa.

— Tudo bem — respondo, boquiaberta, seguindo-o.

Ao entrarmos no elevador, Duarte posiciona o indicador numa pequena tela. Imediatamente as portas se fecham e o elevador sobe.

Confusa, olho para ele. Percebendo o meu espanto, Duarte me encara.

— É um leitor de impressão digital, nos levará direto até a cobertura — responde.

— Caramba, pareço estar em outro mundo! — comento baixinho.

— Logo a senhorita vai se acostumar.

O elevador para e abre as portas perante um hall com um piso espelhado e tão limpo que eu penso em tirar os sapatos.

Duarte caminha à minha frente, e mais uma vez o vejo colocar o dedo no leitor, e em seguida uma grande porta destrava. Quando se abre, vislumbro um ambiente requintado. Abro a boca e arregalo os olhos. *Minha Virgem Santa! Toda a minha casa cabe nesta sala e ainda sobra espaço. Será que Benjamin vive aqui sozinho?*

Duarte para e me olha com certa curiosidade. Volto-me para ele e sustento um sorriso sem graça.

— Nós não deveríamos entrar por algum tipo de entrada de serviço? — pergunto, pois do jeito que Benjamin é pomposo, não gostará de saber que usamos a entrada social.

Ele nega com um gesto sutil.

— O senhor Clarke, embora não pareça, gosta que todos sejam tratados como iguais, e a entrada de serviço é usada apenas em casos especiais, até mesmo por

ele.

Acredito que ainda tenho muito a aprender sobre o senhor Clarke!, penso.

— Okay — digo.

— Agora vamos, eu lhe apresentarei Cora — Duarte diz e volta a marchar pela sala.

Dou uma rápida olhada e percebo uma escadaria que leva a um andar superior. Só de imaginar Benjamin andando por aqui todos os dias, já fico com minha pele arrepiada. Olho para cima e não vejo muita coisa, percebo apenas que tudo é muito limpo e de bom gosto.

Passamos por outro cômodo, com uma grande mesa de vidro, e nossos passos ecoam pelo ambiente muito bem decorado, digno de capa de revista.

— Aqui é a sala de jantar, usada apenas quando tem visitas, pois o senhor Clarke prefere fazer suas refeições na cozinha —

declara, então para de repente e se vira para mim. Duarte me olha com gentileza, ele é um homem que me transmite muita confiança.

— Tenho certeza de que se sairá muito bem, senhorita. E não se sinta oprimida pela opulência do lugar, como disse antes: logo vai se acostumar.

Entorto a boca e mais uma vez admiro tudo à minha volta.

— Difícil acreditar que se acostuma com tudo isso — balbucio e volto a encará-lo.

Duarte tem um olhar sábio, mesmo com sua expressão passiva. Olhando de perto, percebe-se que é um homem esperto e inteligente. Observo sua face com atenção e me sinto curiosa quanto à sua idade. Aparentemente, Duarte não passa dos quarenta, porém, sua atitude me leva a acreditar que tem mais.

— A senhorita quer me perguntar alguma coisa? —

questiona.

Sinto que meu rosto fica vermelho. Será que sou assim tão transparente?

— N... não.

Ele acena e se vira para a porta à sua frente, abrindo-a.

Com dois passos, eu me vejo dentro da cozinha dos sonhos.

É tanta coisa que fico perdida. Abro e fecho a boca, pisco algumas vezes, pois tudo parece um devaneio. É tudo muito requintado, e a sensação que tenho é que nada aqui foi usado antes.

Existe no ambiente uma bancada de mármore que percorre quase toda a extensão da cozinha. Logo se vê que tudo foi perfeitamente planejado, desde o padrão estético impecável até a escolha dos eletrodomésticos com tecnologia. Mesmo sendo a primeira vez que me encontro aqui, noto a funcionalidade do lugar.

— Vejo que gostou do seu local de trabalho. — Ouço a voz de Duarte e dou alguns passos à frente a fim de tocar a bancada fria e clara.

— Esta cozinha é fascinante — declaro enquanto vislumbro tudo à minha volta. — Eu vou amar trabalhar aqui.

— Tenho certeza que sim. E logo se sentirá em casa, não apenas na cozinha — diz, e olho para ele, que desvia o olhar. —

Vou procurar por Cora.

Duarte me deixa sozinha neste paraíso, então aproveito e vou até a pia. Encontro uma torneira diferente, mas nem a toco, pois tenho medo de fazer besteira no meu primeiro dia, e não posso me dar ao luxo de perder este trabalho, mesmo sendo o meu patrão um idiota mandão.

Olho para uma mesa próxima a uma parede de vidro, onde se vê um jardim, e penso nele ali, fazendo suas refeições. Suspiro e o imagino saboreando um dos meus doces enquanto me olha.

Sorrio com a imagem, sonhadora.

Escuto alguém limpando a garganta e me assusto. Então viro-me, sem graça, e

vejo uma senhora sorrindo para mim.

— O Carlinhos me avisou que estava aqui. Você é a Eva, não é isso?

Eu sorrio.

— Sim. E você deve ser a Cora. Eu só não sei quem é Carlinhos — confesso.

Ela ri.

— É o Duarte, mas, para mim, ele sempre será o Carlinhos

— segreda, então rimos juntas.

Eu me sinto mais tranquila, pois quando fui informada de que a governanta de Benjamin me receberia, fiquei receosa e só pensava naquelas mulheres rígidas de coque que se sentem donas das casas de seus patrões. Porém, Cora é uma mulher gentil e me deixa super à vontade.

Ela me explica tudo sobre o lugar e onde ficam todos os utensílios. Pergunto sobre as preferências do chefe, e embora eu



ache difícil acreditar, ela diz que o senhor Clarke não é muito exigente, apenas não gosta de nada fora do lugar. Conta que trabalha para ele há algum tempo e que quase não o vê, pois vive para o trabalho.

Depois de me orientar, Cora diz que vai verificar a limpeza do piso superior e quer saber se eu preciso de algo antes de iniciar o preparo da refeição.

— Preciso trocar de roupa, onde posso fazer isso e deixar minhas coisas? E também quero saber onde fica o banheiro dos empregados — completo.

Ele me olha e sacode a cabeça.

— Aqui não tem essa de banheiro dos empregados, o senhor Clarke detesta esse tipo de distinção. Você usa o banheiro mais próximo quando necessário — conta, satisfeita. — É claro, não vamos abusar e usar a suíte dele — completa e ri.

Olhando para Benjamin, ninguém diz que é um homem tão humano. Ele não deve ter gostado muito de mim, pois me mostrou um lado muito soberbo.

O dia passa muito rápido, e como voltarei apenas em dois dias, preparo dois pratos diferentes, Benjamin precisará apenas aquecer. Com tudo o que tenho à disposição, aproveito e faço um doce que aprendi no internato, mas com um toque especial todo meu, e torço para que meu chefe goste da combinação de chocolate e chantilly.

No *timing* perfeito, Duarte adentra a cozinha, que se encontra muito limpa, como se não houvesse ninguém passado por aqui, e faz um gesto com a cabeça.

— Estou aqui para levá-la.

— Se quiser, pode me deixar no metrô. Eu me vir...

Ele nega antes mesmo de eu terminar de falar.

— Devo deixá-la em casa, senhorita. Para mim, é um prazer

— insiste.

Solto um bufo.

— Não vai adiantar discutir com você — murmuro e dobro o pano de prato, colocando-o no lugar. — Espere um pouco, vou trocar de roupa.

Saio da cozinha contrariada. Não é que eu não goste da mordomia de ser levada para casa; na verdade, eu adoro, mas me sinto abusando da situação, e não entendo por que Benjamin insiste nisso. Mas sei que ele é um cabeça-dura e não vai adiantar falar com ele.

Entro no banheiro e vejo meu celular. Sorrio de maneira maliciosa, e aquele diabinho fica me atiçando. Eu não resisto e passo uma mensagem.

Eu sei ir embora sozinha. Até quando seu motorista será minha babá?

Aperto enviar e troco de roupa com vontade rir imaginando a cara de Benjamin ao ler a mensagem.

Depois de me aprontar, volto à cozinha. Duarte permanece no mesmo lugar, e Cora faz alguma anotação em seu caderno. Ao me ver, ela abre um sorriso.

— Gostou do seu primeiro dia? — pergunta.

— Sim, adorei — declaro, olhando para o ambiente e não querendo sair daqui. Mas me volto para ela. — Eu amo cozinhar.



— Percebi — responde, rindo. — Quinta-feira nos veremos novamente. Trabalho aqui de segunda a sexta.

Fico surpresa.

— Você não trabalha aos sábados?

— Não. O senhor Clarke gosta de ficar sozinho quando não precisa trabalhar.

Fico sem reação e olho para Duarte, que vê alguma coisa em seu telefone. *Se ele gosta de ficar sozinho, por que definiu que eu trabalhasse aos sábados? O cara*

deve ser insano...

Sinto meu celular vibrar e sei que é ele. Mesmo muito curiosa, eu não o pego.

Minutos depois, Duarte entra na avenida, e só então decido verificar a mensagem. Como eu havia previsto, é de Benjamin.

Duarte ficará responsável por sua condução até que eu ache necessário.

Um aviso: eu odeio mensagens.

Eu rio sozinha, é bom saber que odeia mensagens, agora sim enviarei aos montes.

— A começar por agora — digo em voz alta.

— Falou comigo, senhorita? — pergunta Duarte, olhando-me pelo retrovisor.

— Não, falo comigo mesma.

Ele acena e volta a prestar atenção no trânsito.

O senhor não deveria me perguntar se deu tudo certo no meu primeiro dia?

Envio e espero. Não demora muito e vem a resposta.

Eu sei de tudo o que se passa em minha casa, Evangeline. Não preciso ficar me preocupando com meus novos funcionários, nem tenho tempo para isso.

Ele sabe como me provocar.

Devemos estabelecer algumas regras, senhor.

Esse homem consegue me irritar. Penso em guardar o celular, mas ele vibra em minha mão.

Regras? Que tal não me passar mais mensagens?

Benjamin é mesmo um babaca.

Que tal não me chamar de Evangeline?

Envio, e como uma criança birrenta, mando língua para o telefone. *Deixa estar, enquanto ele insistir em me chamar de Evangeline, enviarei mensagens.*

Só espero não ficar encrencada.

Guardo o celular e encosto-me ao banco. Fecho os olhos e sorrio, pode alguém detestar tanto uma pessoa e ao mesmo tempo querer vê-la? Pois isso acontece comigo. Quero tanto encontrá-lo novamente. Mas, pelo que percebi, eu não o verei, Benjamin é o tipo de homem que vive para o trabalho.

Solto um suspiro desanimado, ao menos posso sonhar com ele, embora não seja uma boa ideia.

Afinal, eu o detesto.



Capítulo 14

Entro em minha suíte soltando um suspiro exausto. O dia foi tenso, tivemos alguns contratempos na plataforma do Nordeste, e enquanto não resolveram o problema, eu não pude relaxar. Por incrível que pareça, o único momento prazeroso do dia foi quando a minha nova funcionária mandou suas mensagens malcriadas para mim, já no fim da tarde.

Eu não gosto de ficar trocando mensagens, prefiro resolver qualquer inconveniente numa conversa regular, de preferência pessoalmente. No entanto, as notas enviadas por Eva, apesar das palavras atrevidas, trazem-me diversão, e, quando vejo, eu a estou respondendo do mesmo modo. Eu não sei o que essa moça faz comigo, mas com ela sinto-me como outra pessoa.

Hoje mesmo, algo inusitado aconteceu. Apesar de todo o problema no trabalho, eu me peguei pensando nela em minha casa, desfilando pela cozinha e preparando o meu jantar. Eu estava a ponto de inventar uma desculpa apenas para vir ao meu apartamento e surpreendê-la, pois a vontade de vê-la me consumia.

Termino de me despir e tomo um longo banho antes de descer para jantar. Estou faminto e entusiasmado para experimentar minha refeição. Será que Eva, tão jovem, sabe fazer uma comida decente? A verdade é que eu duvido, mesmo ela dando a entender que domina bem uma cozinha.

Logo após terminar o banho, coloco uma calça de moletom e visto uma camiseta, então desço para a cozinha e percebo que está tudo organizado. Ao menos ela não é bagunceira. E sei que foi ela que deixou tudo limpo, pois dei ordens expressas à Cora para não

interferir. É evidente que Eva não se responsabilizará pela limpeza da cozinha, afinal, temos uma equipe responsável pela limpeza de toda a cobertura. Minha governanta supervisiona e cuida para manter tudo higienizado e organizado.

Cora também deveria ser a responsável por monitorar Eva, todavia, eu a isentei dessa responsabilidade, permiti apenas que a orientasse em seus primeiros dias. Em resumo, Eva é incumbência minha.

Na geladeira, encontro o jantar embalado do jeito que eu gosto. Ao menos Cora soube orientá-la de acordo com as minhas exigências. Quando o pego, vejo uma pequena nota num *post-it*, com uma letra arredondada: *"Jantar 1"* . Enrugo a testa, e assim percebo outra embalagem, também com uma nota: *"Jantar 2"* . Como deve se tratar do mesmo tipo de refeição, pego a primeira para aquecer. Antes de fechar o refrigerador, percebo na parte de baixo um recipiente de vidro, e surpreendentemente lá está seu recado:

"Sobremesa" . Ou Eva quer adquirir minha credibilidade ou é realmente muito habilidosa.

Ponho o jantar para aquecer e me sirvo de uma taça de vinho. Não demora muito e um aroma maravilhoso preenche o ambiente, e mal espero o micro-ondas desligar. Minha boca chega a salivar, e quando dou a primeira garfada, fecho os olhos e saboreio a iguaria. Sei que se trata de algum prato feito com frango, e posso sentir o gosto de alguns temperos e um leve toque apimentado.

Perfeito!

Devoro minha refeição, praticamente raspo o prato. Até o arroz com alguns legumes bem picados tem um sabor singular, dando-me vontade de comer mais. Lembro-me da sobremesa, e mesmo não sendo chegado a comer doces, opto por

fazer apenas uma prova. Assim, pego o recipiente. Seja o que for, tem um aspecto bonito. Com uma colher, experimento o doce e sinto meu paladar aguçar com o gosto primoroso. O sabor de chocolate e algo



que não consigo identificar, mas que é gostoso, misturam-se. Eu não resisto e como mais.

Tenho que reconhecer, Eva sabe como preparar uma boa refeição. Ela tem talento.

Antes que eu acabe com o doce, pois não sou capaz de parar, devolvo-o para a geladeira e coloco a louça na máquina.

Então subo para o escritório, preciso trabalhar um pouco mais e tentar não pensar na morena que me intriga cada vez mais.

Aproveito e entro em contato com o meu piloto, pedindo que prepare o jato para a tarde de amanhã, pois vou ao Nordeste ver de perto se o problema da plataforma foi realmente solucionado. Eu não sou homem de ficar atrás de uma mesa desferindo ordens e confiando que tudo será resolvido.

Como eu previa, nem tudo aconteceu conforme minhas ordens. Bastou algumas horas na Bacia do Ceará para esclarecer as falhas do incompetente do supervisor de manutenção. Eu não vou permitir que tenhamos entre os nossos funcionários um homem ineficiente, incapaz de prever um acidente tão comum. Por sua causa, um dos operários quase foi atingido gravemente por um motor mal instalado.

— Quero esse homem fora da equipe quanto antes! —

determino ao Suarez, meu gerente de operações da plataforma do Nordeste.

Estamos numa reunião, em um de nossos espaços reservados, e ele anui.

— Você está certo, eu já havia pensado nessa possibilidade, tanto que já tenho sondado outros profissionais para ocupar seu lugar — revela.

Levanto-me e vejo o tardar da hora, assim, resolvo dormir num hotel próximo, onde sempre me hospedo quando estou por aqui.

— Mantenha-me informado, Suarez. Amanhã partirei para São Paulo logo cedo, e espero não ter mais problemas desse tipo por aqui. — Pego minha pasta e, após algumas trocas de palavras, nós nos despedimos.

Um motorista me aguarda e seguimos para o hotel. Após fazer meu registro, subo e peço o jantar. Fico com ainda mais raiva do supervisor ao lembrar que tenho em minha casa uma refeição esperando por mim, mas que, devido à sua incompetência, estou privado de saboreá-la.

Ligo para Duarte e peço que leve a refeição ao escritório para mim amanhã. Será até melhor, pois não precisarei que Maria Eugênia providencie o meu almoço em algum restaurante. Após falar com ele, tomo banho e meu jantar chega. Depois de experimentar o tempero de Eva, todo o resto me parece sem gosto.

Deito-me bem mais tarde e verifico o celular; com tantos problemas, nem mesmo vi se havia algum recado.

Para minha surpresa, há uma mensagem, e posso imaginar de quem seja. Com um sorriso, eu a abro.

Tomei a liberdade de comprar temperos frescos. Deixarei a nota com sua

governanta.

A mensagem foi enviada na parte da tarde. Olho a hora e vejo que passa das onze. Mesmo assim, respondo.

Da próxima vez, faça uma lista e deixe que Cora providencie a compra.

Envio e coloco o celular na cabeceira. Ele vibra. *Essa moça não dorme?*

Prefiro escolher os ingredientes dos quais farei uso.

Então, senhor Clarke, sem chance de isso acontecer.

Eu não acredito que ela me respondeu de maneira tão malcriada!

Evangeline, você tem noção de que EU sou o chefe?

— Garota abusada! — resmungo, e é claro que ela me responde.

Sim, senhor! Mas, na cozinha, se quiser uma comida que preste, a chefe sou eu! Tenha uma boa noite!

Ass.: EVA.

Eu não sei onde estou com a cabeça que aturo essa moça desaforada. Ainda terei uma conversa séria com ela para estabelecer alguns limites.

Jogo o celular na mesa de cabeceira e ajeito o travesseiro, mas não consigo conter o sorriso que se desenha em minha face.



A semana passa como um furacão e eu me sinto exausto.

Dormi tarde quase todos os dias, a impressão que tenho é que todos os problemas aconteceram ao mesmo tempo, causando-me grande estresse. Porém, antes de terminar o dia, preciso conversar com a minha nova CHRO, pois, a partir da próxima semana, ela assumirá o cargo, e assim como faço com todos os diretores, preciso lhe dar as boas-vindas.

Peço que minha assistente a chame. Enquanto a aguardo, envio um e-mail para Suarez aprovando a contratação do novo supervisor. Escuto uma batida na porta, que logo se abre. Quando olho, Maria Eugênia fica de lado para Rebeca poder entrar.

— O senhor quer que eu mande servir alguma coisa, senhor Clarke? — questiona minha assistente.

Olho para Rebeca e faço um sinal para que se sente à minha frente.

— A senhorita deseja um café, ou água? — pergunto a ela.

— Não, senhor.

Olho para Maria Eugênia.

— Não precisamos de nada, senhora Lopes. Obrigado.

Ela acena e sai.

Então, volto-me para Rebeca, uma loira alta que se veste com elegância. Ela sorri com discrição.

— Antes de qualquer coisa, eu gostaria de agradecer pela oportunidade, prometo que não o decepcionarei — declara.

— Nós a escolhemos por merecimento, sabemos que é competente — digo gesticulando com as mãos. — Apenas a chamei aqui para lhe dar as boas-vindas e confirmar que participará de sua primeira reunião como diretora na próxima terça-feira.

— Sim, eu já recebi a agenda.

Encaro-a pensativo, pois sei que sofrerá com alguns comentários. Por mais que a empresa tenha uma política progressista, ainda temos pessoas conservadoras aqui.

— Só peço que tenha paciência, pois poderá encontrar algumas dificuldades. Mas você é capacitada para o cargo, ou não seria escolhida para tal. Então, não se deixe abalar com comentários inúteis, faça o que deve ser feito para mostrar quem está no comando.

Ela respira fundo e sorri.

— Entendo perfeitamente o que quer dizer, senhor Clarke —

responde com segurança.

Estendo minha mão e a cumprimento.

— Eu, com o cumprimento dos acionistas, desejo-lhe sorte. E

seja muito bem-vinda, senhorita Rebeca Gomes.

Ela aperta minha mão, e noto o quanto está contente.

— Muito obrigada, senhor!

Ainda passo alguns documentos para que ela analise no fim de semana, então nos despedimos. Chamo minha assistente e, após lhe passar algumas recomendações, verificamos a agenda da próxima semana, que parece mais branda. Em seguida, eu a dispenso. Ligo para Duarte e encerro o dia. Estou louco para chegar em casa e experimentar outro jantar feito por Eva.

Mais tarde, assim que meu motorista estaciona na garagem do meu prédio, saio do carro antes que ele possa abrir minha porta e tiro o terno. Duarte também sai do automóvel e me olha.

— O senhor sairá esta noite? — pergunta.

— Não, está dispensado. E amanhã venha direto, pegue o carro e busque Eva — ordeno enquanto desabotoo o punho da minha camisa.

— Sim, senhor. Mais alguma coisa?

— Não, Duarte. Amanhã, se eu resolver ir para a empresa, te informo. Caso contrário, apenas leve Eva até a cobertura, como vem fazendo esses dias.

Eu me afasto com uma saudação e ouço sua resposta de boa noite.

Algumas horas mais tarde, depois de comer outro delicioso doce feito por Eva, o celular toca, tirando-me dos meus pensamentos. Respiro fundo quando vejo que é Charlotte. Sei que ela ligou para a empresa no início da semana, certamente para tratar de algum assunto relacionado a trabalho, ou teria ligado diretamente para mim. No entanto, devido à correria, eu não retornei. Por outro lado, também venho a evitando. Penso em não responder, mas minha consciência não deixa.

— Charlotte? — Atendo dando um suspiro.

— Benjamin, boa noite! Tentei falar com você esta semana, não lhe deram o recad o *?*

— Sim, minha assistente passou o recado, mas tive uma semana bastante atribulada, não pude retornar — respondo de má vontade. — Aconteceu alguma

coisa?

— Era para informar que mandamos o relatório para o setor jurídico da empresa — anuncia, e ouço um resmungo indecifrável.

— Fui inteirado, e sei que está tudo correto em relação aos tributos e que tivemos uma recuperação de crédito além do esperado — menciono enquanto caminho até minha suíte.

— Imaginei que já soubesse. Agora, mudando de assunto, precisamos nos encontrar uma hora dessas, não tivemos mais

oportunidade de sair juntos.

Chego à suíte e vou até a janela. Olho o tempo, que está nublado, então, com alguns passos, alcanço a cama e me deito.

— Na próxima semana verei um espaço na minha agenda e te informo, temos que conversar.

— Tudo bem, você sabe como me encontrar — comenta. —

Agora vou terminar de analisar um processo.

— Boa noite, Charlotte — cumprimento e desligo.

Coloco o celular na mesa de cabeceira e fecho os olhos.

Tento me convencer, mais uma vez, de que Charlotte é perfeita para mim.

Há alguns anos, quando fiz meu doutorado em Coimbra, eu me envolvi com uma mulher, Keyla, uma brasileira que fazia um curso preparatório. Nutri por ela um sentimento de afeição. Eu pensava até mesmo em me casar com ela, pois me via cada vez mais apaixonado conforme nos relacionávamos. E ela também se mostrava interessada por mim. Fazíamos planos para o futuro, lembro que ela dizia que gostaria de morar em Nova York, pois odiava o Brasil. Eu não gostava da ideia, mas por ela pretendia abrir mão de ficar perto da minha família.

Keyla era uma mulher muito bonita, e sabia como usar sua beleza a seu favor. Com ela, eu não pensava em assumir meu lugar na empresa, afinal,

pretendíamos ir embora do país. Muitas vezes ela declarava seu amor por mim, dizendo que eu era o homem de sua vida. Eu tinha a intenção de trazê-la comigo para o Brasil e apresentá-la à minha família, para em seguida nos casarmos.

Por pouco eu não perdi o foco dos meus estudos, mas consegui terminar o doutorado. Estava tudo pronto para a nossa partida, ficaríamos em Coimbra apenas por mais uma semana. Eu tinha um apartamento não muito longe da universidade, e Keyla morava um pouco mais distante. Ela chegou a insinuar que

deveríamos morar juntos, mas alguma coisa, apesar de toda a paixão que eu sentia por ela, ainda me prendia.

Alguns dias antes de nossa partida, decidi surpreendê-la.

Peguei o carro e dirigi até o local onde ela morava, uma casa que dividia com outros estudantes. Chegando lá, perguntei por ela e fui informado de que havia ido ao restaurante a algumas quadras dali.

Assim, fui a pé. Ao virar a esquina, eu não acreditava no que meus olhos viam. Keyla estava aos beijos com o cara que dizia ser seu amigo de sala de aula.

Naquele momento, algo se quebrou dentro de mim. Andei devagar até eles, que estavam tão envolvidos que sequer perceberam minha aproximação. Parei e fiquei vendo aquela cena.

O casal se agarrava, com Keyla encostada a um muro enquanto seu

“amigo” se roçava nela sem pudor, para quem quisesse ver.

— Vou sentir sua falta. — Ouvir sua voz rouca dizer tais palavras para outro homem me enojou. — Quando eu finalmente conseguir viver em Nova York, darei um jeito para que você me encontre lá.

Então era isso, eu era apenas seu passaporte para viver em outro país. Como eu pude ser tão cego? É claro, sentimentos são assim, eles nos cegam.

Sei que aquele foi o último dia em que vi Keyla. Quando ela percebeu minha presença, perdeu a cor, e eu simplesmente virei as costas e parti. Antecipei minha volta para o Brasil e prometi não me envolver novamente com outra mulher, ao menos não sentimentalmente.

Hoje, eu não tenho rancor da Keyla, a verdade é que não sinto nada por ela, nem sei como reagiria se a visse. Também não me considero um homem revoltado, que não acredita no amor.

Acredito, sim. Tenho meus pais e meu irmão com minha cunhada que provam que o amor existe. Apenas fiz uma escolha para a minha vida, eu não quero me afeiçoar a ninguém, prefiro um relacionamento baseado em acordo e respeito.

Por isso a Charlotte é tão perfeita. Com ela, eu tenho certeza de que não sairei do eixo, pois não há amor entre nós. Poderei continuar me dedicando cem por cento aos meus objetivos. Eu não quero ter que ficar preocupado em agradar uma mulher ou ter que chegar mais cedo em casa para lhe dar atenção.

É isso o que devo ter em mente. O meu trabalho deve continuar sendo minha prioridade.

Com esses pensamentos, pego no sono, mas meus sonhos são invadidos por Eva, que, mesmo com muito esforço, eu não sou capaz de esquecer.



Capítulo 15

Acordo cedo e deixo tudo preparado para quando Duarte chegar. Vou à cozinha para tomar café e encontro minha mãe sentada e com o olhar distante. Aproximo-me dela e beijo o topo de sua cabeça.

— A senhora está sentindo alguma coisa? — pergunto, preocupada.

Ela me olha e sorri com tristeza, afagando minha mão.

— Não, apenas perdi o sono — responde enquanto eu me sento. — E você, trabalha hoje?

Sirvo-me de café e a encaro. Minha mãe tem olheiras, e eu gostaria de ajudá-la, mas não sei como, pois ela não se abre com os filhos.

— Sim, daqui a pouco o Duarte estará aqui.

— Fico tão feliz por você ter conseguido um trabalho que lhe agrade, agora poderá comprar suas coisas — comenta.

Suspiro fundo, tomo um gole do café e volto a olhá-la.

— Mãe, eu quero ajudar a pagar o tratamento do Thomas.

Poderíamos procurar por um profissional especializado, vou ganhar um salário razoável.

Ela nega com um gesto brusco.

— Nem pensar, filha. O tratamento dele é muito caro, não faz ideia. E você vivia dizendo o quanto estava animada para juntar dinheiro para comprar seus utensílios e quem sabe abrir um

pequeno negócio. Não se prive dos seus sonhos — declara com seriedade.

— Isso pode ficar para depois — respondo com segurança.

— Evangeline, um tratamento especializado é caro, e o Luigi vai tentar novamente ajuda com uma ONG. Enquanto isso, Thomas continuará no psicólogo de sempre.

Solto um suspiro desanimado e olho para minhas mãos segurando a xícara.

— O Thomas é uma criança especial, mãe. E eu acho que o psicólogo dele não é adequado, ele precisa de um especialista.

Andei lendo sobre o seu transtorno, existem muitos caminhos que podem fazer com que meu irmão evolua. Não adianta o psicólogo tratá-lo da mesma maneira que trata outros pacientes, cada caso é um caso — alego e levanto o olhar. Minha mãe tem os olhos marejados. — O tempo está passando, quanto mais cedo ele for cuidado, melhor.

Desta vez, ela suspira.

— Nós sabemos disso, filha. Não pense que eu não quero fazer nada, já tentei de

tudo. Mas não sei o que acontece, às vezes tenho a impressão que para a nossa família tudo é mais difícil. Você pensa que é fácil para mim ver meu filho desse jeito, sem interagir?

Vivendo em seu mundo como se nada mais existisse, sem demonstrar emoção? Não é fácil, minha filha — desabafa.

Levanto-me, vou até ela e a abraço, colocando o queixo em sua cabeça.

— Não é minha intenção cobrar a senhora, eu quero apenas colaborar de algum modo.

Ela põe a mão em meu braço e o acaricia.

— Você já colabora. Desde que voltou, vem ajudando o Thomas. Acho que você é a pessoa favorita dele — anuncia e solta uma risada. — Pelo menos ele se manifesta com você.

Sorrio com os olhos fechados e volto a abri-los. Eu amo o Thomas, e minha impressão, algumas vezes, é que ele, em seu silêncio, pede socorro. Seu olhar, que para a maioria é vazio, para mim é cheio de significado.

— Precisamos apenas entendê-lo, mamãe. E eu acredito, de verdade, que encontraremos um caminho a fim de facilitar sua vida.

— Eu também acredito — sussurra.

Então eu me afasto e volto a olhá-la.

— Tem mais alguma coisa que a perturba, sei disso —

comento, e ela desvia o olhar. — Tem a ver com o fato de estarmos no vermelho?

Mamãe sacode a cabeça.

— As coisas apertaram e seu pai encontrou uma solução que me preocupa — admite e volta a me fitar. — Porém, ele garante que tudo está sob controle, então devo ter fé nele. Seu pai sabe o que faz.

Sorrio.

— Sim, ele sabe.

Ela respira fundo.

— Vamos deixar esse papo pesado de lado. Conte-me como está indo no novo emprego. Seu chefe metido tem dado trabalho?

— pergunta.

Volto a me sentar, sorrindo. Quando decidi aceitar a proposta de Benjamin, contei para minha mãe como tudo aconteceu.

Comentei que ele é um homem difícil e soberbo, além de autoritário, mas que não me amedronta. Deixei de fora o quanto é um homem lindo, essa informação não é relevante.

— Estou adorando tudo, o lugar tem a cozinha dos meus sonhos, e o bom é que eu posso preparar qualquer prato sem ser incomodada por ninguém — confesso, animada.



— E ele, gostou da sua comida?

Deixo de sorrir e balanço os ombros.

— Eu não sei... Ele não me parece o tipo que distribui elogios, porém, só em não reclamar já é formidável. — Na verdade, fiquei esperando por algum comentário de Benjamin, mas foi em vão.

— Não fique chateada, algumas pessoas são assim. E não tem como não amar sua comida — pronuncia para me animar. —

Vocês já se encontraram depois que começou a cozinhar para ele?

— Não. Fiquei sabendo por sua governanta que o senhor Clarke vive para o trabalho. Dificilmente o verei, ainda mais por não gostar muito de mim.

Minha mãe ri sacudindo a cabeça.

— Se não gostasse, não a contrataria.

— Ele me contratou por causa do prejuízo que lhe causei, só assim poderá ver a cor do dinheiro que lhe devo — declaro fazendo uma careta.

— Duvido muito disso — diz e se levanta. — Vou tentar dormir um pouco mais, preciso descansar, pois reservaram algumas mesas para comemoração de um aniversário.

Eu também me levanto, quero estar no portão quando Duarte chegar.

— Isso é bom. Se precisar de ajuda, é só falar. — Abraço minha mãe, que beija minha cabeça.

— Obrigada, filha!

Algumas horas mais tarde, eu me encontro na cobertura, empolgada para começar meu dia. Será minha primeira vez sozinha, pois hoje Cora está de folga. Duarte, no caminho para cá, não deu nenhuma pista sobre Benjamin, então certamente o nosso chefe foi para a empresa.

Pego meu celular e abro uma *playlist*. Quando a primeira música começa a tocar, noto que a bateria está quase no fim. *Essa droga de celular ainda vai me deixar na mão.* Assim, eu o coloco para carregar, e enquanto a música invade o ambiente, inicio meu expediente.

Quando estou na cozinha, preparando uma refeição ou uma sobremesa, sinto-me realizada. Para mim, cozinhar não é apenas um trabalho, é uma terapia. Amo quando posso criar algo diferente, e quando se ama o que faz, não se vê o tempo passar.

Separo alguns temperos frescos, que comprei no Mercado Municipal, e enquanto os pico bem, penso que talvez seja uma boa ideia termos por perto alguns desses

temperos plantados. Olho através do vitral que dá para o jardim do terraço. Posso reservar um pequeno espaço ali, bem escondido, para não prejudicar a beleza das plantas. Para isso, precisarei da permissão de Benjamin, em algum momento falo com ele. Retorno minha atenção ao preparo da refeição do dia. Lembro que preciso separar outros ingredientes, pois serão dois dias que não estarei aqui e devo deixar tudo organizado para a refeição do meu chefe.

Entro em sintonia com a música, desligando-me completamente de tudo. Já se pode sentir no ar um aroma de alho e especiarias que usarei no prato do dia. Nada foi dito para mim sobre o almoço de Benjamin, se ele costuma almoçar em casa aos sábados ou não. E ainda tem o domingo, mas, na dúvida, resolvo fazer comida para os três dias, um pouco a mais por conta do fim de semana, e caso ele não faça suas refeições em casa nesse período, Cora pode almoçar o que não for consumido.

Pego a faca para descascar algumas cenouras e canto baixinho ao som que sai do meu celular.

— Posso saber por que está descalça? — A voz grossa rompe o ambiente, dando-me um susto tão grande que pulo e me corto sem querer.

Largo a faca e seguro o dedo que começa a sangrar.

— Ai, droga! — queixo-me.

— Merda! — resmunga Benjamin, que muito rápido chega ao meu lado e pega minha mão. — Você é louca? Dar um pulo desses com uma faca afiada na mão?

Olho para o seu rosto zangado e fico hipnotizada com sua proximidade. Ele cheira tão bem! Parece recém-saído do banho.

Meu coração golpeia com força e sinto a boca ressecada.

— Eu... Você me assustou — murmuro e sinto minha voz falhar.

Tento levar ar aos pulmões e passo a língua pelos meus lábios.

Benjamin leva minha mão até a torneira e deixa a água escorrer por meus dedos. Eu não consigo tirar os olhos dele, e sentir o toque de suas mãos me deixa desorientada. *O que é isso que estou sentindo?* A sensação que tenho é que todo

o meu corpo cria vida com sua proximidade.

Ele finalmente olha para mim e permanece segurando minha mão. Nossos olhares se cruzam, meu corpo fica em brasa e esqueço por completo o corte em meu dedo. Benjamin examina meu rosto, seus olhos verdes cintilam, deixando-me sem ar.

— Eva... — Sua voz grossa e rouca chega até mim como uma linda melodia. Sinto sua outra mão subir pelo meu braço. —

Você está bem?

Por Deus! Estou ficando louca!

Aceno com velocidade.

— Sim, estou. Apenas me assustei com a presença do senhor — confesso, então olho para minha mão embaixo d'água.

Ainda sangra, mas não deve ser um corte profundo.

Sinto sua respiração em meu rosto. Fecho e abro os olhos, ainda respirando com certa dificuldade.

— Você fica nervosa com sangue? — questiona.

Dou um sorriso sem graça.

— Sim, fico um pouco tensa — minto. Ele não precisa saber o verdadeiro motivo de eu estar tão abalada.

— Vou pegar alguma coisa para fazer um curativo — diz, e sinto um vazio dentro de mim quando se afasta.

— Não precisa, é comum acontecer isso — pronuncio e reparo em suas costas largas.

Ele para, sem se virar.

— Não entraremos nessa questão, fique aqui quietinha, eu já volto — demanda e caminha até a porta que leva à sala.

Assisto-o se afastar. É a primeira vez que o vejo em roupas informais. Com uma camiseta de malha cinza bem justa, marcando os músculos bem definidos, e uma calça de moletom, Benjamin é a imagem do homem atlético.

Assim que desaparece pela porta, eu me encosto à pia e, com a mão no coração, inspiro e expiro algumas vezes para acalmar meus nervos. Pensei em tanta coisa para dizer quando o visse, no entanto, nada saiu da minha boca. Preciso me conter, eu não posso deixar que esse homem me abale assim. Desde o dia que o conheci, eu me sinto exaltada, é como se todo o meu corpo despertasse para o desconhecido.

Olho para o meu dedo. Como imaginei, não é um corte excessivo. Só arde um pouco, o que é um incômodo, apenas. Pego

um copo e sirvo-me de um pouco de água. Aos poucos, meu coração volta ao normal, mas quando lembro que Benjamin entrará por aquela porta novamente, ele volta a disparar.

Poucos minutos depois, meu chefe adentra a cozinha trazendo consigo uma caixa de plástico. Marcha até a mesa e me olha, sem dizer nada. Ficamos assim por alguns segundos, até que eu não resisto.

— O que foi? — indago, irritada.

Ele sacode a cabeça.

— Aproxime-se, por favor. Não posso fazer um curativo com você a essa distância — manifesta, aborrecido.

— Já está tudo bem, não precisa fazer curativo algum. — No fundo, estou com medo de me aproximar e fazer alguma besteira.

Ele põe a caixa sobre a mesa e me encara com olhos apertados, cruzando os braços.

— Não vou falar duas vezes. Eu juro que se não vier, vou até aí e a trago arrastada — fala pausadamente, sem tirar os olhos de mim.

Dou um passo para trás.

— Você não faria isso — respondo num fio de voz.

Ele sorri, não um sorriso doce ou afável, mas um sorriso desafiador.

Pode uma pessoa se sentir excitada ao imaginar tal cena?

Por poucos instantes, penso em provocá-lo, para saber até onde é capaz de ir com suas palavras. Seu olhar me diz o quanto não é homem de falar qualquer coisa em vão.

Benjamin não é o tipo que diz algo para não cumprir. E, agora, estou realmente muito disposta a desafiá-lo.

É verídico: Estou ficando louca.



Capítulo 16

Eva me encara de maneira provocante, até parece travar uma batalha interna. Estou a ponto de ir ao seu encontro e segurá-la em meus braços. Eu nunca me senti tão tentado a capturar uma mulher, nem quando era mais jovem e acreditava estar apaixonado.

É um sentimento imprevisível e que me deixa frustrado, pois eu não sei como agir.

Ela entorta a boca, e percebo sua respiração pesada.

Descruzo os braços e permaneço com os olhos cravados em seu rosto.

— Então, Eva? Terei que ir até aí? — questiono e sinto minha voz áspera.

Eva solta um suspiro alto. Meus olhos descem até seus lábios carnudos e imagino como seria beijá-la. O desejo envolve meu ser, a minha vontade é me aproximar, mas não para fazer um curativo em seu dedo, e sim para soltar seus

cabelos cacheados, jogá-la em cima da bancada, embrenhar-me entre suas pernas e me afundar em seu sexo. A imagem é tão real que meu pau pulsa.

Deve estar estampado em meu rosto tudo o que sinto, pois Eva tem o olhar alarmado. Quando penso em dar um passo em sua direção, ela se move e se aproxima. No momento que chega à minha frente, Eva me encara. Seus olhos cintilam como se estivesse com raiva, mas ao mesmo tempo noto seu desejo. Eu também mexo com ela. E ainda não sei o que fazer com tal constatação.

Entretanto, uma coisa é certa: alguma coisa deverá ser feita. O ideal seria afastá-la, mas essa ideia não me agrada em nada.

Estou fodido, essa é a verdade.

Eva se mostra impaciente.

— Estou aqui, como o senhor ordenou — anuncia e levanta a mão cujo dedo está cortado.

Olho para ela com seriedade e pego sua mão. Ela tenta esconder, mas noto seu tremor assim que a toco. E comigo é como se uma descarga elétrica viajasse pelo meu corpo.

Finalmente olho para o seu dedo e percebo que o pequeno corte parou de sangrar, assim, pego na caixa o antisséptico e espirro no local ferido. Em seguida, eu o cubro com *Band-aid*.

— Você não respondeu a minha pergunta — interpelo enquanto termino de colocar o curativo.

Suas mãos são macias, e finjo estar concentrado em cuidar de seu ferimento, quando na verdade quero permanecer mais um pouco sentindo a suavidade de sua pele.

— Que pergunta? — Sua voz sai mais como um sussurro.

— Por que está descalça? Aliás, quando a conheci, no dia do acidente, também não usava nada nos pés — comento e, sem largar sua mão, volto a olhar para o seu rosto. — Tem alguma coisa contra usar sapatos?

Ela me olha com intensidade e pisca algumas vezes, deixando-me curioso quanto aos seus pensamentos.

— Naquele dia, minha sandália havia arrebentado — conta, indiferente.

Estamos um de frente para o outro, e eu não solto sua mão.

Eva também não faz nada para se afastar. Tão perto, percebo sua beleza incomum, mas o que mais me chama atenção é o seu olhar.

Ela carrega nos olhos todos os seus sentimentos, e eu me perco em sua vivacidade.

— E hoje? — murmuro, mas noto que não entende minha pergunta. — Por que está descalça hoje?

Eva dá um sorriso suave, o que a torna ainda mais atraente.

— Tenho que providenciar uma sapatilha, sempre me esqueço disso. Eu não posso trabalhar com salto Anabela, ou certamente me estabaco, este piso é muito liso — acrescenta com calma, então fica séria. — Não estou reclamando do piso, ele é perfeito. Mas eu sou um pouco desastrada.

Levanto uma sobrancelha.

— Um pouco?

Ela ri e sacode a cabeça. Ouvir sua risada me traz contentamento. Eu não sei explicar como acontece, ou o porquê, mas me sinto leve. Vê-la sorrir me dá mais prazer do que eu poderia imaginar.

— Pronto, agora é a hora em que o senhor vai destacar o meu desempenho na direção — comenta com bom humor.

Olho para as nossas mãos unidas e percebo que ela faz o mesmo. Juntos, nós nos afastamos, e Eva fica sem jeito. Fecho a caixa de primeiros socorros e volto a encará-la.

— Isso não passou pela minha cabeça — respondo e abaixo os olhos devagar até seus pés descalços. — Este piso é muito gelado, você pode se resfriar.

— Estou acostumada a ficar descalça — diz, e subo o olhar para sua face. Suas bochechas estão rubras.

Eu tenho que lutar contra a vontade de enterrar meu nariz em seu pescoço e inspirar seu aroma, pois cada célula do meu corpo vibra em sua presença. Perto de mim, ela é tão pequena... O desejo que sinto não é apenas de possuí-la, tenho ânsia de protegê-la.

Dentro de mim há um turbilhão de emoções, preciso sair daqui, mas não sou capaz.

Respiro fundo e dou outro passo para trás.

— Vou guardar isso e fazer um trabalho no escritório. Você está bem para cozinhar?

Eva levanta o olhar, e vejo tantas perguntas ali. Porém, ela apenas sorri, levando meu coração a dar uma forte batida.

— Estou bem, obrigada. Isso acontece muitas vezes —

responde.

— Sendo assim, deixarei que trabalhe. Daqui a algumas horas retorno para almoçar — informo, viro-me e saio da cozinha com rapidez.

Coloco a caixa de volta no armário próximo ao banheiro e subo para o escritório. Jogo-me na cadeira e fecho os olhos enquanto respiro fundo por alguns instantes.

Eu soube de sua presença na cobertura assim que chegou.

Eu havia acabado de retornar da minha corrida e com muito custo não fui ao seu encontro. Tomei um banho demorado e decidi trabalhar um pouco. Porém, eu não conseguia me concentrar de modo algum. Retornei a ligação de um cliente e, após esclarecer algumas de suas dúvidas quanto ao nosso contrato, desliguei. E por mais que tentasse, eu não parava de pensar em Eva. Tão perto de mim... Eu sabia que a veria a qualquer momento no decorrer do dia, afinal, precisaria almoçar. Mas não suportei esperar.

Assim, desci silenciosamente, e quando cheguei à cozinha e a vi com uma calça

jeans justa onde eu pude vislumbrar o contorno de sua bunda, quase enlouqueci. Ela estava tão à vontade ali. Era como se o lugar a pertencesse, tudo ali parecia certo, mas quando desci o olhar e notei seus pés no chão, incomodou-me o fato de que ela pudesse se machucar ou pegar uma gripe.

Abro os olhos e sei que devo fazer algo, e deve ser agora.

Normalmente minha mente fica ligada no trabalho, em probabilidades e no que pode acontecer na empresa. Sempre penso adiante; muitas vezes, antes de o problema chegar, já tenho a

solução. É claro que eu não sou *expert* em todos os assuntos, às vezes coisas inesperadas acontecem, por isso preciso de pessoas competentes ao meu redor.

Eu nunca fiquei tanto tempo perturbado por causa de uma mulher. Os relacionamentos que tive ao longo da minha vida foram sem apego, apenas com Keyla senti algo diferente. Ainda assim, hoje tenho certeza de que não sentia nada além de atração física.

Mas a Eva tem algo que me fascina. Em alguns momentos, fico zangado com ela; em outros, quero protegê-la; e na maioria das vezes, quero jogá-la em meus ombros e amarrá-la em minha cama para então explorar todo o seu corpo.

Passo o restante da manhã trabalhando, mas com os pensamentos na cozinha. Quando o segurança do prédio liga, avisando que chegou uma encomenda, peço para deixar em minha porta, pois pegarei em seguida. Termino de ler alguns documentos, passo no lavabo, desço, atravesso a sala, e, ao abrir a porta, vejo o pacote ali. Eu o pego e sigo para a cozinha, que, mesmo com a porta fechada, tem um cheiro maravilhoso de comida.

Abro a porta e meus olhos logo encontram Eva, que lava um copo na pia. Uma música suave se alastra pelo ambiente, e posso notar que ela canta baixinho. Eu não quero assustá-la como aconteceu nesta manhã, assim, bato na porta e arranho a garganta.

Eva se vira e, quando me vê, abre um sorriso espontâneo. Luto para me impedir de andar até ela e puxá-la para meus braços.

— O almoço está pronto, eu já arrumei a mesa para o senhor

— diz, então olho para o lugar onde costumo fazer minhas refeições.

Caminho até lá e noto que a mesa está cuidadosamente posta para mim. Volto a olhar para Eva.

— Você já almoçou?

— Não, só agora terminei a sobremesa, mas estou bem —

garante, encostada à pia.

— Pegue outro prato e venha almoçar comigo — digo inesperadamente.

— Não precisa se...

— Eva, é uma ordem! — advirto com muita seriedade, sem permitir que termine de falar. Ela desfaz o sorriso e cruza os braços.

— Você já sabe que é perda de tempo discutir comigo, então seja rápida.

— Senhor, eu fui informada de que gosta de fazer suas refeições sozinho. Não quero incomodar.

Eu suspiro alto, olho para o teto com impaciência e me volto para ela.

— Pegue seu prato agora, Evangeline! Você esqueceu que detesto discussões inúteis?

Ela aperta os lábios, zangada, e tenho ímpetos de atacar sua boca. *Porra!* Eva está sendo o meu grande teste de resistência.

— E o senhor parece ter esquecido que eu não gosto do meu nome, prefiro ser chamada de Eva! — retruca e caminha até o armário de pratos e talheres.

Eu não entendo por que ela detesta tanto o seu nome, acho-o tão bonito, embora Eva combine bastante com ela.

Observo-a se aproximar com uma expressão emburrada, então passa por mim e arruma o seu lugar à mesa. Assisto a cada movimento seu e acho graça na maneira como se comporta. Eva cruza os braços e me olha sem dizer nada.

Olho para a mesa e fico satisfeito.

— Assim está melhor — murmuro.

Ela respira alto.

— Vou pegar o refratário — diz, e, quando se vira, seguro seu braço.

— Eu pego, sente-se aí. Enquanto isso... tome, veja se está do seu agrado — anuncio e entrego o pacote para ela.

Eva pega e olha para o embrulho com uma mistura de curiosidade e desconfiança.

— O que é isso?

— Abra e terá sua resposta.

Afasto-me para pegar o recipiente de vidro sobre o fogão. A aparência e o aroma são convidativos. Com cuidado, levo o nosso almoço até a mesa. Eva segura um par de sapatilhas, ela tem um sorriso suave, e mais uma vez sinto grande satisfação em vê-la feliz.

Acomodo o refratário no centro da mesa e sento-me de frente para ela, que no mesmo instante levanta a cabeça e me olha.

— Como sabia o meu número? — Ao contrário do que pensei quando fiz a encomenda, ela não parece zangada. Eva sacode a cabeça e sorri sem jeito. — Obrigada pela gentileza, senhor.

Outra vez me perco em seu olhar. Então aceno devagar, dando de ombros.

— Minha assistente fez várias perguntas a você, está lembrada? — indago, e Eva entorta a boca. Noto quando finalmente percebe o que digo e volta a sorrir. — Todos que trabalham para mim preenchem uma ficha.

— Sim, eu me lembro. Cheguei a pensar que usaria uniforme

— confessa.

A ideia era essa, porém, eu não quero Eva usando uniforme.

Tenho que admitir, ela não é como os outros empregados.

— Gostou?

Eva tira os olhos dos meus e olha para suas mãos, então se curva e calça as sapatilhas brancas, que ficam perfeitas em seus pés.

— Elas são lindas e confortáveis.

Na verdade, eu comprei outros pares, um de cada cor, mas para pronta entrega com seu número havia apenas um disponível, os outros chegarão no início da semana. Ao menos agora não precisará andar descalça, podendo pegar um resfriado.

— Que bom, agora podemos almoçar — anuncio e me sirvo.

Ela faz o mesmo e iniciamos a refeição. Eva fica silenciosa e com a cabeça baixa. Sei que está sem jeito. Saboreio sua comida, e, como havia imaginado, está deliciosa.

Chego para frente para pegar a garrafa de água que está no meio da mesa, e Eva, por coincidência, faz o mesmo, então nossas mãos se tocam. No mesmo instante, ela recolhe o braço.

— Desculpa — pede.

Assim, pego seu copo e a sirvo primeiro, depois me sirvo. Ela agradece e bebe a água.

— Como aprendeu a cozinhar tão bem? — questiono, fazendo-a levantar a cabeça.

Seus olhos descem para o meu prato quase vazio, então pressiona os lábios, e sei que tenta segurar seu sorriso.

— Acredito que tenha gostado da minha comida — comenta com voz grave e levanta o olhar. — O senhor nunca disse se tinha gostado ou não.

— Você não reparou que nunca sobra nada? Acredito que isso diga muita coisa — respondo e bebo um pouco de água. Sem deixar de olhá-la, coloco o copo de

volta à mesa. — Então, como aprendeu a cozinhar?

Eva fica reflexiva antes de responder.

— Quando eu estava no Ensino Médio, as meninas deviam escolher um curso extra para fazer. A maioria escolheu algo ligado à administração e internet, fui uma das poucas a escolher o curso de *chef*, pois sempre gostei muito de cozinhar, principalmente doces —

conta com olhar saudoso.

Algo em seu relato me chama atenção.

— Por que só as meninas?

Ela dá uma risada.

— Estudei num internato católico no Sul do país, exclusivo para meninas — completa.

Sua declaração me deixa ainda mais curioso.

— Você sempre estudou em colégio interno?

Agora, por algum motivo, certa tristeza transborda de seu olhar.

— Não. Meus pais conseguiram uma bolsa para mim quando eu tinha treze anos. Lá, terminei o Ensino Médio e consegui fazer alguns cursos de extensão, todos voltados para a gastronomia. Com 21 anos eu... Bem é isso. — Ela para de falar, como se tivesse falado demais.

Eu não sou de desistir fácil, preciso saber mais.

— O que aconteceu com 21 anos?

Eva fica nervosa e entorta a boca.

— O senhor não vai rir? — questiona, preocupada.

— Agora você me deixou curioso.

Ela suspira.

— Bem, com 21 anos eu decidi entrar para o convento, pensei em virar freira. Mas essa maluquice não durou nem um ano.

Nunca alguém me surpreendeu tanto! Eu não consigo imaginar Eva de hábito, a não ser que seja uma daquelas fantasias de freira. Remexo-me na cadeira com a visão dela vestida com esse traje.

— O que te levou a querer seguir a vida religiosa?

Ela dá de ombros.

— No internato, eu via as freiras sempre se juntando para ajudar as pessoas. Elas faziam tudo de maneira muito generosa, e cheguei a ajudar algumas vezes. Eu preparava alimentos para distribuir e fazia doces especiais para as crianças — declara e sorri.

— Mas quando me tornei noviça, descobri que teria que abrir mão de muitas coisas, como ver minha família ou ter minha confeitaria.

Assim, desisti — fala com tranquilidade. — Essa é a história, nada de extraordinário.

Pode ser que eu esteja enganado, mas Eva está escondendo alguma parte dessa história. Um dia eu descubro o que é.

— Você não seria uma boa freira — comento e me levanto, recolhendo os pratos.

Ela também fica de pé.

— Deixa isso comigo, é o meu trabalho.

— Fique aí e descanse um pouco, vou colocar isso na lava-louças — explico e noto que ela vai protestar. — Eva, como eu disse para você: sou o chefe e estou mandando ficar quieta! Você tem direito à hora do descanso.

Afasto-me e coloco tudo para lavar.

— Tem sobremesa na geladeira — avisa, mas permanece onde a deixei.

Aceno.

— Daqui a pouco eu como. Vou subir, tenho uma videoconferência agora. — Eu queria ficar e saber mais sobre a sua vida, mas tenho mesmo que trabalhar. — Nos vemos mais tarde.

Deixo a cozinha e subo as escadarias para o escritório sorrindo. *Eva sendo freira, inacreditável!* Com esse temperamento teimoso, provavelmente passaria todo o tempo pagando penitência.

Outra vez em meu escritório, eu me pego pensando nela e em sua história. Se eu quisesse, poderia saber tudo sobre a sua

vida num estalar de dedos. Mas prefiro descobrir tudo por ela.

Inclusive a parte que está escondendo.

Meu notebook anuncia uma chamada de vídeo e preciso atender. Com Eva em meus pensamentos, retomo a minha atividade. E, pela primeira vez, eu me arrependo de ter trazido trabalho para casa.

Afinal, meu desejo é estar com Eva. De alguma maneira, ela me faz bem. Mesmo me irritando constantemente.



Capítulo 17

Deixo tudo organizado e, antes de trocar de roupa, dou uma última olhada para ver se não me esqueci de nada. Viro-me para a porta que dá para a sala e solto um suspiro desanimado. Benjamin não retornou para comer a sobremesa, como havia dito. Passei toda a tarde agoniada esperando por sua presença.

Saio da cozinha e vou direto para o quarto onde estão minhas coisas. Sigo para o banheiro e tomo um banho, como tenho feito nos dias em que trabalho aqui. Faço tudo com os pensamentos cheios de Benjamin. Hoje ele parecia diferente,

não foi tão rabugento como costuma ser, estava mais relaxado. Quanto a mim, eu me senti um pouco retraída, a minha coragem está apenas nas mensagens que costumo mandar para ele.

Recordo de seu gesto ao me dar as sapatilhas. Sei que vai descontar do meu salário, mas mesmo assim foi uma atitude generosa. A minha única preocupação é com o valor, pois é notável a qualidade do calçado.

Termino de me arrumar e deixo as sapatilhas guardadas no armário que Cora disponibilizou para mim. Quanto ao avental e minha roupa, coloco tudo numa sacola para levar, pois precisam ser lavados. Retorno à cozinha para aguardar Duarte, que deve estar para chegar. Enquanto ele não chega, sento-me à mesa e mexo em meu celular.

Percebo alguém entrar na cozinha, e, para minha surpresa, é Benjamin. Ele está com outra roupa, agora usa calça jeans e uma camisa preta com as mangas dobradas. Ele olha para mim de uma maneira que me deixa desequilibrada. Sempre que estamos

próximos, seus olhos fixos nos meus me fazem sentir como se ele pudesse enxergar a minha alma.

É uma sensação muito diferente e prazerosa. Eu trabalho para ele, não posso enxergá-lo como outra coisa, somente como meu patrão. Porém, não é como me sinto. Sei que isso é perigoso, preciso cuidar para não me fascinar tanto por esse homem tão enigmático.

Benjamin vai até a geladeira e pega a taça de sobremesa.

Em seguida, pega uma colher. Então se aproxima e se senta de frente para mim. Ainda me encarando, leva a colher com o doce até a boca. Minha garganta fica seca. Benjamin lambe a colher e sinto um calor anormal viajar por meu corpo. Eu não suporto ficar olhando para ele, então volto para o meu celular e sequer me lembro do que estava fazendo.

— Vejo que está pronta para ir — diz ele, quebrando o silêncio.

Com a respiração suspensa, levanto o olhar. Seus olhos ainda estão cravados em mim. Finjo tranquilidade e sorrio.

— Sim, estou apenas esperando o Duarte chegar — informo.

Ele acena e come mais do doce.

— Duarte não virá — anuncia, deixando-me surpresa.

— Então é melhor eu ir embora, só preciso que libere o elevador para mim — esclareço, já me levantando. Pego minha bolsa e a sacola, então guardo o celular. Benjamin continua em seu lugar, e me observa de maneira indecifrável. Sua taça encontra-se vazia, mas mesmo assim ele não se move. — O senhor precisa de mais alguma coisa?

Benjamin olha para a sacola em meu braço.

— Por que está levando o avental? — questiona. Olho para baixo e noto que uma das tiras de amarrar está para fora. Por alguns segundos, pensei que ele fosse algum tipo de vidente.

Sorrio e volto a encará-lo.

— Estou levando para ser lavado.

— Deixe aí. Pedirei para Cora que providencie a lavagem —

aconselha e finalmente se ergue. — E não venha com sua frase repetitiva de que não precisa, vou acabar proibindo-a de dizer isso.

Abro a boca, atônita.

— Eu não disse nada! — exclamo.

Benjamin dá um passo e fica muito perto de mim, sinto meu coração bater na garganta. Com esforço, levanto o olhar. Mesmo em meu salto, mal alcanço seus ombros. E me conter é difícil, pois seu cheiro delicioso me deixa alucinada.

Ele tem um brilho caloroso em seus olhos.

— Mas ia dizer, tenho certeza — sussurra.

Eu não consigo pensar em nada, o calor de seu corpo funde-se ao meu, e se ele continuar assim por muito tempo, eu não sei se serei capaz de permanecer de pé,

pois sinto minhas pernas bambas.

— O senhor está enganado — sopro com respiração pesada.

Benjamin viaja os olhos pelo meu rosto e para em minha boca. Aperto minha mão na alça da bolsa.

— Vamos combinar uma coisa, Eva... — diz e volta a olhar em meus olhos. — Vamos deixar o senhor de lado. No entanto, poderá usá-lo em outras circunstâncias. — Sua voz soa baixa e rouca.

Minhas mãos suam e coçam de vontade de tocar seu corpo.

— Entendo.

Ele sorri de lado, ergue a mão e toca meu queixo com delicadeza.

— Você realmente entende o que estou dizendo? — indaga com olhar intenso.

Um caroço parece se formar em minha garganta, minha pele arde com seu toque. Aceno devagar.

— É para chamá-lo de senhor quando houver outras pessoas por perto... — explico, hesitante, pois não estou conseguindo raciocinar com clareza.

Benjamin faz um gesto de negação e inclina minha cabeça um pouco mais. Posso enxergar com nitidez seus olhos escurecidos. Nossos corpos quase se tocam e meu estômago se contrai.

— Eva, você parece mais ingênua do que eu poderia imaginar — exprime e se afasta. Pega a taça vazia de cima da mesa e a leva até a pia. — Vamos, ou nunca sairemos daqui. — Ele me olha, e ainda estou parada no mesmo lugar, apática, sem entender o que aconteceu há alguns instantes. — Deixe isso aí, a Cora providenciará a lavagem.

Assinto e deixo a sacola na cadeira.

— Okay.

Em seguida, Benjamin caminha até a porta, e eu o sigo.

Quando entra no elevador comigo, eu estranho e o olho.

— O que foi agora, Eva? — pergunta. Ele tem a cabeça jogada para trás e os olhos fechados.

— O sen... Você vai me deixar na portaria?

— Vou levá-la para casa — responde sem se mexer.

— Não prec... — Benjamin me olha, cortando o que eu ia falar. Suspiro fundo. — Apenas não gosto de incomodar ninguém —

resmungo.

— Já falamos sobre isso.

O elevador chega à garagem e eu o sigo. Aproveito e passo os olhos por seu corpo. *Virgem Santa! Ele é tão fascinante.*

Benjamin para perto de um carro esportivo que dá a impressão de que é colado ao chão. Ele abre a porta para que eu entre. É incrível como por fora o automóvel é pequeno, mas por dentro é tão confortável. Coloco o cinto, e quando Benjamin entra, olha para mim antes de ligar o carro e balança a cabeça. Eu não sei o que pensou, mas nem quero perguntar, hoje ele está agindo fora do normal.

Assim que pega a avenida principal, olho para fora da janela.

O carro é tão macio que nem parece trafegar.

— Você é descendente de italianos? — indaga de repente, e me viro para ele. — Pergunto por conta do seu sobrenome.

Ele é bem observador, penso comigo mesma.

— Meus avós nasceram na Itália — resumo, pois minha família é complicada de se explicar.

— Entendo. E você é filha única?

Solto uma risada.

— Tenho sete irmãos, sou a filha número seis — respondo em tom divertido.

A reação de Benjamin é hilária, ele me olha perplexo e se volta para a direção.

— Porra! Seus pais não brincam em serviço — comenta e arranha a garganta.

Eu rio e olho para o lado.

— Eles queriam uma família grande.

Depois, Benjamin pergunta se todos moramos juntos, e conto que meus três irmãos mais velhos são casados, cada um morando em suas casas. No entanto, todos os outros e eu ainda vivemos com os nossos pais.

Aproveito e pergunto sobre ele, então descubro que tem dois irmãos mais novos e que o do meio é casado. Eu nem reparo quando chegamos ao meu bairro, e me sinto desolada quando o carro para em frente ao meu portão. Solto o cinto de segurança e olho para Benjamin, que está sério.

— Está entregue — anuncia.

— Obrigada, Benjamin. — Ele faz um gesto quase imperceptível com a cabeça. — Tchau!

Destrava a porta e eu a abro.

— Eva? — chama, e, antes de sair, volto a olhá-lo. — Eu não perguntei antes: seu dedo melhorou?

Sorrio e mostro o dedo machucado ainda com o *Band-aid* colocado por ele.

— Está tudo bem, foi um corte superficial. Obrigada. — Saio do carro e, antes de fechar a porta, volto-me para ele. — Agora só retorno na terça-feira, qualquer coisa te passo uma mensagem.

Benjamin ainda está sério.

— Eva... você sabe que odeio mensagens — resmunga.

Dou um sorriso atrevido.

— Eu sei — confirmo rindo e fecho a porta.

Passo pelo meu portão, e à medida que me distancio, sinto uma melancolia, um vazio em meu peito.

Eu não posso estar interessada em Benjamin, ele é meu chefe. E o fato de ter sido gentil comigo não o absolve de seu comportamento anterior. Devo lembrar-me do quanto é prepotente, dominador e orgulhoso. Preciso parar de imaginar como seria ser beijada por ele e sentir seu toque em minha pele.

Por sorte, eu não encontro ninguém na sala, mas posso ouvir um burburinho vindo da cozinha, assim, corro para o quarto, pego

uma muda de roupa e vou para o banheiro. Meu corpo parece estar em brasa, sinto como se eu fosse explodir a qualquer momento.

Embaixo do chuveiro, fecho meus olhos, e não tem como parar, penso em Benjamin. Na maneira que cuidou do meu corte, na sua preocupação ao me ver descalça, no modo selvagem que me olhou e falou comigo. Para um homem que não gosta de mim, ele foi muito gentil. Deixo escapar um suspiro sonhador e a água desliza pelo meu corpo sedento.

Hoje ele estava tão lindo. Será que tem alguém e foi encontrá-la depois de me deixar em casa? Tal pensamento me deixa aflita, então termino o meu banho. Depois de me vestir, volto para o quarto e me jogo na cama.

Recordo a primeira vez que me interessei por um homem. Foi Eduardo, era meu vizinho, e desde que tinha doze anos, eu me vi apaixonada por ele. Com o tempo, eu só o via nas férias do colégio interno. Quando alguns anos se passaram, nós conversamos e ele se declarou apaixonado por mim. Fiquei tão feliz naquele dia.

Eduardo tentou me convencer a me entregar para ele, como prova de amor, mas devido à rigorosa educação do internato, eu me acovardei e prometi que no ano seguinte seria dele, pois seria minha formatura.

Passei todos os meses pensando em Eduardo e contando os dias para retornar para casa e vê-lo. Naquele ano, precisei retornar um pouco antes do previsto, pois minha avó materna falecera e minha mãe queria todos em sua despedida. Assim, depois de todo o procedimento do velório, voltamos para casa, então

Sandro pediu para falar comigo. Ele sabia da minha paixão por Eduardo.

Meu irmão me contou que Eduardo tinha engravidado outra vizinha, que eles já estavam de chamego havia mais de dois anos e iam se casar. Naquele dia, fiquei arrasada, pois eu tinha acreditado nas palavras de Eduardo. Ele me enganou, e por pouco eu não transei com ele. Senti-me tão estúpida que chorei por horas.

Ninguém reparou, pois estavam todos abatidos pela perda da minha

avó. Para piorar, eu me sentia culpada, pois sofria mais com a decepção do que pela morte da vovó. Tudo bem que eu não tinha nenhuma afinidade com ela, mal a conhecia. Mas, mesmo assim, eu me senti mal.

Depois disso, voltei para o colégio interno, e devido à minha desilusão, tomei a atitude precipitada de pedir à Madre Ciça que me deixasse ir para o convento, pois eu queria ser freira.

Hoje eu me sinto ainda mais imbecil por ter agido com tanta infantilidade, pois não sentia com Eduardo metade do que sinto com Benjamin. E eu nem gosto dele.

Alguém abre a porta do quarto, então viro-me para ver quem é. Ruth entra, e assim que me nota, vem em minha direção toda empolgada.

— A mãe da minha amiga adorou o bolo que você fez e quer saber se você pode fazer um bolo para o marido dela.

Sento-me na cama, animada.

— É claro que sim. É para quando? — pergunto, já pensando no dinheiro extra e no quanto poderei ajudar meus pais.

Ela se senta ao meu lado.

— Não tenho certeza, vou enviar uma mensagem para a Maysa para saber — responde e me olha com seu sorriso contagiante. — A verdade é que todos amaram, e minha amiga ficou até com pena de partir o bolo, de tão lindo. Você é muito talentosa.

Desta vez, eu abro um sorriso satisfeito.

— Obrigada.

A porta se abre e olhamos juntas. Sandro nos observa e cruza os braços.

— Estão de segredinhos, vocês duas?

Ruth se levanta, vai até sua cama e pega o celular que está carregando, e coloca os fones de ouvido em seguida.

— Como se pudéssemos ter segredos nesta casa —

responde, já mexendo em seu celular.

— Difícil mesmo — completo.

— Não sei por que dizem isso — Sandro diz entrando no quarto, então senta-se na beirada da minha cama. — Como foi o trabalho hoje? Encontrou seu chefe?

Desvio o olhar, pois meu irmão consegue me ler como ninguém.

— Sim.

— Sim?! E como foi? Ele foi grosseiro? É do tipo ditador? —

Sandro enche-me de perguntas.

Mexo na bainha da minha blusa, tudo para evitar olhá-lo.

— Não. Na verdade, foi bastante atencioso, embora não perca aquele ar dominante — confesso, tentando demonstrar naturalidade.

— Eva... olha para mim — pede. Dou um suspiro e o encaro.

— Você está sentindo alguma coisa por esse homem? — pergunta com olhar desconfiado.

— É claro que não, Sandro! — respondo, na defensiva. —

Benjamin é um homem fora de alcance. Além disso, eu não gosto dele, é muito arrogante. — Sinto uma pontada no coração ao mencionar tais palavras.

Benjamin foi tão cuidadoso comigo, não merece que eu fale mal dele. Mas meu irmão é esperto, e não posso deixar escapar que sinto certa atração pelo meu patrão. Com certeza é algo passageiro, logo vai cessar.

Sandro está desconfiado e sorri com cinismo.

— Eva, Eva... Você não me engana. Está na cara que esse homem mexe com você.

Reviro os olhos.

— Sim, com certeza mexe, pois no geral me deixa muito irritada com seu comportamento — digo e o empurro da cama, então me levanto. — Nossos pais já foram para a pizzaria?

— Acabaram de sair. Thomas está com a tia Kelly, e Nilza, para variar, saiu. Foi a uma festa com aquela amiga gostosa dela —

comenta enquanto saímos do quarto.

Sandro me diverte.

— Você não tem uma namorada? — questiono, abismada.

— Mais ou menos. A Tati e eu apenas nos divertimos juntos.

Você deveria fazer o mesmo, irmã. Assim não ficaria por aí se apaixonando pela pessoa errada.

Dou um tapa em seu braço.

— Eu não fico por aí me apaixonando, tive apenas uma *paixonite* pelo Eduardo, e isso foi há muito tempo — declaro.

Chegamos à cozinha e eu preparo um lanche, enquanto Sandro pega um refrigerante.

— Ainda bem que não ficou com aquele idiota, estão dizendo que ele engravidou a amiga da esposa, você se livrou de uma roubada — acrescenta, e eu fico atônita.

Caramba, o Eduardo parecia ser um homem tão decente.

Sandro está certo, eu me livrei de uma grande roubada.

Agora eu só preciso me cuidar para não cair em tentação com o meu chefe. Porém, devo ficar tranquila, Benjamin jamais se sentiria atraído por mim.

Assim sendo, estou segura. Eu não cometerei nenhuma tolice. *Mas nada me impede de imaginar*, penso em meu íntimo.



Capítulo 18

Estou sentado atrás da minha mesa, já se passaram alguns dias desde que deixei Eva na porta de sua casa, tento me concentrar no trabalho, mas ela é a única coisa em que consigo pensar. Meu humor encontra-se terrível, e com certeza é visível em minha expressão, pois notei os funcionários saírem do meu caminho enquanto eu caminhava até minha sala.

Nem a corrida matinal, que costuma me desestressar, vem adiantando esses dias.

O telefone em minha mesa toca e eu o atendo.

— *A senhorita Davis na linha, senhor* — informa Maria Eugênia.

— Pode passar — ordeno de modo seco e escuto um pequeno clique. — Boa tarde, Charlotte.

— *Benjamin, eu recebi o recado de que havia me ligado* —

responde.

Jogo meu corpo para trás e giro a cadeira para ver o céu acinzentado.

— Exato. Você está livre amanhã para o nosso jantar? —

pergunto com um gosto amargo na boca.

Tomei a decisão de me encontrar com Charlotte para que ela tome ciência da minha decisão sobre o que havíamos conversado há alguns meses sobre nos casarmos.

— *Sim, podemos nos encontrar.*

— Ótimo! Às nove da noite está bom? Posso pegá-la em seu prédio, como da última vez.

— *Está perfeito* — responde, direta.

— Até amanhã, então — falo e desligo.

Levanto-me, vou até a parede de vidro e penso na frieza de nossa conversa. Por que antes isso não me incomodava nem um pouco? Agora, no entanto, esse desinteresse me aborrece.

Pego o celular em meu bolso e nada de mensagem.

Finalmente Eva deve ter entendido o recado. Meu humor parece piorar, e ainda tenho uma reunião antes de terminar o dia. *Merda!*

A noite cai e vou da empresa direto para casa, estou ansioso para chegar à cobertura e saber o que Eva deixou preparado para o jantar. Sinto que estou viciado em sua comida, isso sem citar as sobremesas que ela costuma fazer. Se eu não tomasse cuidado, ganharia um peso extra.

Duarte dirige com cautela, verifico meu celular mais uma vez.

Eva não deu sinal de vida, será que aconteceu alguma coisa?

Lembro-me de que ao deixá-la em casa, ela me fez saber que passaria uma mensagem.

— Duarte? — chamo meu motorista, que me olha pelo retrovisor. — Eva comentou alguma coisa com você?

Ele parece pensar, mas nega gesticulando a cabeça.

— Não, senhor! Embora hoje ela parecesse chateada com alguma coisa.

Meu motorista consegue me deixar alarmado. O que teria acontecido?

— Você não sabe o motivo? — indago, tenso.

Duarte continua dirigindo, e sei que tem algo a dizer. Meu motorista não me engana, sei o quanto é atento sobre tudo.



— Talvez tenha a ver com o fato de ter acontecido algum tipo de acidente com o telefone celular dela — conta com sua voz mansa.

— Acidente? — *Meu Deus! O que será que aconteceu desta vez? Eva é um perigo para si mesma.*

— Sim. Apenas ouvi quando seu irmão falou que ela deveria cobrar a uma tal de Nilza por um telefone novo, pois era a verdadeira culpada — declara, dá uma rápida olhada para mim através do retrovisor e volta a atenção para o volante. — Ela me pareceu muito infeliz, tentou esconder, mas eu vi que andou chorando.

Sinto um aperto no peito com a revelação de Duarte. Ele não é muito de falar, mas por alguma razão decidiu contar o que viu.

Então foi por isso que não recebi suas mensagens. O que deve ter acontecido de fato para Eva estar tão abalada, a ponto de chorar? Droga! Eu não tenho como fazer nada, não posso simplesmente aparecer na porta de sua casa sem motivo. Mas essa é a minha vontade. E agora apenas sábado poderei vê-la e tentar que me conte o que ocorreu.

As horas se passam e eu me sinto inquieto. Encontro-me deitado em minha cama, as mãos cruzadas atrás da nuca e olhando para o teto. Pensei em diversas razões a fim de me convencer de que Eva não é problema meu. Ela tem sua vida, e eu a minha. Nós apenas estabelecemos um acordo de patrão e empregado. E

mesmo assim por causa do que ela me deve.



Então, qual é o motivo de eu estar parecendo sufocar ao imaginá-la com problemas? Já tomei ciência de que Eva não é uma funcionária comum, mas não deixa de ser uma funcionária.

Meu celular está na mesa de cabeceira, pego-o e vejo que não é tão tarde, então procuro por seu nome e ligo, nem penso no que estou fazendo, só ajo por impulso. Mas nem chega a chamar e uma voz robótica diz que o número está indisponível ou fora de área.

Droga! Jogo o aparelho de lado. *Amanhã resolvo isso. Eva precisa estar disponível. E se eu precisar falar com ela?* Tenho gravado o número de sua casa desde o dia em que me ligou pela primeira vez, mas se ela estiver fora, é a mesma coisa que nada.

Permaneço acordado por mais algum tempo, e pego no sono decidido a solucionar essa questão quanto antes.

Vou para a empresa logo cedo e ordeno que Duarte fique por perto, pois precisarei dele para fazer um serviço. Antes de iniciar o trabalho do dia, faço algumas ligações. Consigo, até que com certa facilidade, sanar o problema em questão.

Em seguida, ligo para Duarte, que me atende ao primeiro toque.

— Duarte, preciso que vá buscar um aparelho celular para mim. Enviarei o endereço e as coordenadas — anuncio em um tom indiferente.

— Sim, senhor.

— Vou passar o número de telefone da casa da Eva, ligue para ela e combine um horário para levar o aparelho até lá. Se precisar fazer algum procedimento para que ela continue com o mesmo número, resolva quanto antes — ordeno de uma vez. —

Outra coisa... Caso a Eva dificulte as coisas, diga que é ordem minha e que nenhum dos meus funcionários pode ficar incomunicável. Estamos entendidos?

— Perfeitamente, senhor — responde com naturalidade.

— Avise-me assim que tudo estiver resolvido — completo e desligo.

Mando todas as informações para Duarte. Agora talvez eu consiga ter um pouco de paz.

No fim da tarde, recebo uma ligação do meu motorista, que me conta que tudo foi solucionado. Respiro aliviado e o agradeço.

Penso em perguntar sobre a reação de Eva, mas sei que amanhã, em minha casa, certamente vai ter algo a dizer.

À noite, depois de passar em casa e tomar um banho, sigo para o meu compromisso com Charlotte. Enquanto Duarte conduz o veículo, aproveito para ler um e-mail no laptop. Sinto meu telefone vibrar no bolso do paletó. Eu não sei explicar a sensação ao ver que é uma mensagem de ninguém menos que Eva.

Muito obrigada pelo celular e também pelas sapatilhas, foi muita gentileza da sua parte. Mas não precisava se incomodar.

Respondo o mesmo instante:

Não agradeça. Todos os meus funcionários devem estar devidamente equipados.

Noto o carro diminuindo a velocidade e ligo para Charlotte para avisar da minha chegada. Quando encerro a ligação, há outra mensagem de Eva. *Essa moça não tem jeito!*

Estou ciente disso.

Sua resposta é curta e direta, mas logo chega outra mensagem.

Amanhã meu irmão não precisará do carro e disse que posso usá-lo. Assim, posso ir ao trabalho sem que precise acionar seu motorista.

Leio e não penso duas vezes antes de responder: **Isso está fora de questão. Sua condução faz parte do contrato.**

Aperto enviar. Nem existe a porra de um contrato, mas, se for preciso, redijo um agora mesmo. Só de pensar em Eva dirigindo aquela lata velha que pode causar um acidente a qualquer momento me faz suar frio.

Mal percebo a porta se abrir, só me dou conta quando Charlotte senta-se ao meu lado.

— Boa noite, Benjamin — cumprimenta.

A verdade é que a noite não está nada boa. Eva consegue acabar com o meu humor. Meu telefone vibra mais uma vez.

Respiro fundo e olho para Charlotte.

— Boa noite. Permita-me resolver um pequeno problema e já lhe dou atenção — digo e abro a mensagem.

Não me lembro de ter lido contrato algum.

Juro que se ela continuar a me questionar sobre tudo, desfaço o contrato, mesmo não tendo um.

Então, amanhã você o lerá e o assinará.

Encaminho com tanta força que não sei como o aparelho não quebra.

Sinto que Charlotte me observa e não estou nem um pouco preocupado com ela. E, é claro, lá vem a resposta da abusada da Eva.

Tudo bem, mas digo logo que se alguma coisa não me agradar, eu não assinarei nada.

Eu não acredito que ela escreveu isso. Eva não me conhece.

Ela acha que ficar me afrontando vai ajudá-la em alguma coisa?

Pois ela verá!

Evangeline, eu ODEIO mensagens, portanto, amanhã discutiremos isso pessoalmente. Esteja pronta no horário para não deixar o motorista esperando.

Espero, mas Eva não manda mais nada. Fico preocupado, afinal, ela não é de deixar passar nada. Guardo o aparelho com má vontade e finalmente olho para Charlotte.

Por sorte, Duarte sabe para onde iremos e já conduz o carro pelas ruas.

— Problemas com funcionários novamente? — indaga e toca minha mão, dando um leve aperto.

— Sim, mas depois resolvo.

— Mande-o embora de uma vez. O empregado não tem que discutir com o patrão, deve é dar graças por estar trabalhando, afinal, precisa ganhar dinheiro — comenta de maneira fria.

Encaro Charlotte, ela tem um sorriso malicioso, e suas palavras me dizem muito sobre como pensa.

— Precisamos uns dos outros, Charlotte — respondo.

Ela dá de ombros.

— Lá fora existe um monte de gente querendo trabalhar, porém, não tem tantos dando empregos. Os empregados precisam muito mais de você do que você deles.

Balanço a cabeça, é melhor nem responder, já basta a Eva me tirando do sério.

— Fiz reservas num restaurante no Jardins, acho que você vai gostar.

— Com certeza vou, você tem muito bom gosto —

argumenta, cordial.

Já no restaurante, após sermos servidos de bebidas e fazermos nossos pedidos, conversamos um pouco sobre trabalho, mas sei que Charlotte espera por outra conversa. Havíamos cogitado elevar o nosso relacionamento a outro patamar, e pensei ser uma boa ideia, um casamento com ela seria bom para ambos.

Entretanto, eu não quero ficar ligado por toda a minha vida a uma mulher que não me atrai. Charlotte é uma mulher linda e elegante, mas quando estamos juntos, eu não consigo sentir nenhuma conexão. Até quando transamos não é tão espetacular. Eu preciso decidir o que farei mais tarde, mas quanto à Charlotte, já estou decidido.

— Precisamos conversar, Charlotte — começo, e ela sorri.

— Sim, precisamos definir o nosso futuro. Por mim, estou preparada para assumir um compromisso com você, Benjamin. —

Como de costume, ela é direta.

— Sobre isso... — começo e a encaro. Charlotte tem um sorriso lisonjeiro. — Não acredito que seja uma boa ideia nos casarmos. Andei pensando bastante nas últimas semanas e cheguei à conclusão de que não daremos certo.

Seu sorriso vacila e noto sua mandíbula latejar. Charlotte pega seu copo e toma um gole do drinque. Tudo com os olhos fixos nos meus.

— Pelo jeito, sua decisão já foi tomada — comenta.

— Sim. Peço desculpas se criei alguma expectativa, mas veja pelo lado bom: não nutrimos nenhum sentimento romântico um pelo outro — declaro e dou um leve sorriso.

Ela respira fundo.

— Mas é justamente por isso que a ideia era boa. Nós somos diferentes das outras pessoas. Não queremos viver um romance. O

nosso casamento seria baseado em respeito, companheirismo e sexo — retruca, concisa.

Concordo quanto ao respeito e ao companheirismo, mas de onde ela tirou a parte do sexo? Será que ela não percebeu que não há química entre nós?

— Eu sei, e por mais que a ideia tenha partido de mim, eu disse que pensaria com cuidado. Não sou homem de agir com

impulsividade, você sabe bem disso, Charlotte — esclareço, porém, ela parece insatisfeita. — Pensei muito sobre o assunto, e um casamento entre nós só traria infelicidade.

— Você conheceu alguma mulher? É isso? — indaga, imperturbada.

— Não.

Ela sorri e pega minha mão por cima da mesa.

— Benjamin, nós seríamos perfeitos juntos. Pense um pouco mais e verá que estou certa. Você, assim como eu, é *workaholic[4].*

Nenhuma mulher aceitará isso.

Eu detesto ter que explicar o óbvio, e não pensei que teria que fazer isso logo com Charlotte.

O garçom traz o nosso jantar, e, quando se afasta, volto a olhá-la.

— Charlotte, primeiro de tudo: eu não estou atrás de um casamento, foi apenas uma possibilidade que passou pela minha cabeça, eu não te dei certeza de nada — exponho, descontente. —

E com certeza seríamos infelizes. Com o tempo, acabaria o respeito, pois certamente procuraríamos nos satisfazer fora do casamento.

Ela sorri com frieza.

— Desde que você seja discreto, eu não me importo. Não acredito em fidelidade.

Ergo as sobrancelhas, nego com um gesto e pego meu talher.

— Vamos jantar, antes que esfrie — sugiro. Eu não quero me exaltar com Charlotte, pois, se realmente nos casássemos, eu estava disposto a não a trair, mesmo não gostando dela como deveria. — Agora eu tenho ainda mais certeza da minha decisão —

resmungo.

Charlotte traz sua mão até a minha mais uma vez e sorri.

— Sim, vamos aproveitar a noite. Você deve estar nervoso com alguma coisa, outra hora voltamos a este assunto.

Será que ela não entendeu que a minha decisão já foi tomada? Charlotte é inteligente, tenho certeza que entendeu meu ponto, eu só não sei o que ela espera ao insinuar que espera que eu volte atrás. Procuro comer, enquanto ela inicia

uma conversa trivial.

Charlotte não está satisfeita com o que falei, mas estou pouco me importando.

Quando, meses atrás, eu perguntei a ela o que achava de nós dois nos casarmos, pois éramos parecidos e não haveria cobranças, eu pensava em levar o casamento a sério. Tenho em casa o exemplo dos meus pais, e cresci ouvindo dos dois que fidelidade e lealdade andam de mãos dadas, e que se eu não estivesse preparado para assumir uma relação baseada nesses dois elementos, seria melhor ficar só.

Pensei em me casar com Charlotte pelos motivos errados, tenho ciência disso, porém, eu queria fazer dar certo. Ela tem razão quando diz sobre eu ser um workaholic, e gosto de ser assim. Se eu tiver que arrumar uma mulher, ela terá que entender e aceitar como sou. Eu não estou disposto a me apaixonar, escolhi viver para o trabalho, sinto-me feliz assim. Mas quero no mínimo ter uma atração física, não precisa ser nada avassalador, porém, que seja ao menos agradável para ambos.

Nosso jantar segue sem que toquemos no assunto novamente. Quando nos é oferecida a sobremesa, penso em Eva, e apenas esse pensamento é suficiente para me deixar ansioso e com vontade de terminar a noite. Eu quero chegar em casa e comer o doce que ela preparou para mim. E, mais do que tudo: quero dormir e acordar logo para que chegue o dia seguinte.

Não que eu queira vê-la, não é nada disso. Quero apenas...

Bem, eu nem sei mais o que quero.



Capítulo 19

Uma onda de má sorte se instalou em minha vida nos últimos dias. Eu começava a acreditar que estava sendo castigada por ter saído do convento. E eu nem acredito em castigos vindos de Deus, uma das razões que me fez desistir de me

tornar freira. A minha semana está sendo uma porcaria total. As melhores horas foram quando eu preparava as refeições de Benjamin em sua cobertura.

O início da semana até que correu bem, então, quando retornei para casa na terça à noite, encontrei Luigi, meu irmão mais velho. Ele queria conversar comigo, Sandro e Nilza, mas nossa irmã, como de costume, estava fora. Ele aproveitou que os nossos pais estavam na pizzaria para dividir conosco o que havia descoberto.

Estávamos sentados na mesa da cozinha. Thomas estava com a tia Kelly no quarto, enquanto Ruth ainda não tinha voltado do curso. Ocasião perfeita para conversamos à vontade.

— As coisas não estão indo nada bem, e o nosso pai adquiriu dívidas com um agiota — revelou, abatido.

— Eu sabia que havia algo errado, mas nem ele nem nossa mãe falam nada — Sandro comentou. — E isso é ainda pior do que eu poderia imaginar.

Olho de um para o outro.

— É verdade que essa gente é perigosa? — questionei.

Luigi tinha a respiração pesada.

— Pode-se dizer que a maioria é. Muito raro encontrar agiota que trabalhe sem usar de violência para cobrar o que lhe devem.

Meu coração batia forte de tanto medo.

Sandro encontrava-se tão preocupado quanto eu.

— O que podemos fazer? Você tem alguma sugestão, Luigi?

— indagou.

Nosso irmão mais velho parecia pensar enquanto passava a mão pelos cabelos.

— Poderíamos, todos nós, tentar levantar essa grana. Temos pouco mais de vinte dias até que vença a promissória. Eu pensei em pôr meu carro à venda, mas para

isso preciso do aval da Marcela.

— Preferi me calar quando disse isso, pois é de conhecimento de toda a família que a esposa do meu irmão não gosta de nenhum de nós.

— Pare de sonhar, Luigi, a Marcela nunca concordaria com isso — Sandro, diferente de mim, deu sua opinião.

— Eu estou trabalhando, o dinheiro até que é bom, mas tenho que liquidar uma dívida, não sei ainda quanto meu patrão vai descontar — acrescentei, desanimada.

Luigi sorriu.

— Estou sabendo, a mamãe me contou — confirmou e olhou de mim para Sandro. — Mesmo assim, não vai adiantar muita coisa.

E a pizzaria não vai bem.

— Não entendo por que nosso negócio não vai para frente —

declarou Sandro, aborrecido. — Fica num ponto ótimo, nossa massa é de qualidade, somos preocupados com a clientela...

Luigi sacudiu a cabeça.

— Parte se deve ao nosso pai ser cabeça-dura, ele insiste em não modernizar a pizzaria. Até hoje somos os únicos que não fazemos uma pizza de dois sabores ou mais, por exemplo —

contou, parecendo contrariado. — Dei a sugestão de fazermos um dia de rodízio, mas ele diz que isso afetará a qualidade da pizza, que devemos ter orgulho de termos a melhor massa e blábláblá.

— Assim fica difícil mesmo, nosso pai precisa rever seus conceitos — falei, pensativa.

Papai é um homem que se orgulha muito do seu negócio, que foi iniciado por seu avô quando chegou da Itália. Ele vive dizendo que não aceita mudar nada na pizzaria. Quando Luigi quis informatizar a parte financeira, foi um custo para

convencê-lo.

— Ele tem que entender que os tempos mudaram, mas ainda tenho esperança de conseguir — Luigi ponderou.

Conversamos por mais algumas horas. Eu não contei que havia escutado uma conversa entre mamãe e papai falando sobre o agiota, pois não adiantaria de nada. Quando Ruth chegou, mudamos de assunto, ela ainda é muito jovem para ter essa preocupação na cabeça. Luigi ficou de conversar com Consuelo e Giovane para ver se podem ajudar de alguma maneira, o que achamos complicado, pois Consuelo vive com o marido e os filhos em outro Estado, e Giovane tem uma família muito grande, ele é o irmão que seguiu o exemplo dos nossos pais e lava a sério o ato de multiplicar.

Sandro falaria com Nilza, então resolveríamos o que fazer.

Afinal, somos uma família e devemos nos ajudar, pois nunca faltou nada para nenhum de nós.

No dia seguinte, passei todo o tempo preocupada. No fim da tarde, quando papai e mamãe partiram para a pizzaria, Sandro conseguiu encontrar Nilza na cozinha e foi conversar com ela. Tia Kelly precisou sair e fiquei cuidando de Thomas, que montava um quebra-cabeça que Luigi dera para ele. Fiquei distraída o observando e levei um susto ao ouvir o tom de voz alterado de Nilza.

Olhei em direção à cozinha, Nilza vinha para a sala, com Sandro a seguindo.

— Deixa de ser egoísta, não vê que o Thomas está aqui, sua imbecil?! — ele falava baixo, para não incomodar Thomas.

Nilza parou com uma mão na cintura e olhou para Sandro.

— Estou cansada de ter que ficar nesta merda de casa e não poder fazer um ruído sequer por causa desse garoto — esbravejou.

Eu me levantei e olhei para Thomas, que começou a mexer a cabeça com rapidez. Então, voltei-me para Nilza, implorando:

— Para com isso agora! Ele está ficando nervoso! Por favor!

Ela deu um riso perverso.

— Você, santinha, não manda em mim! Eu falo como bem entender! E esse retardado deveria estar internado, ele só sabe dar trabalho e prejuízo, por isso a nossa família está indo para o buraco!

— gritou apontando para Thomas, que se levantou e tapou os ouvidos.

Eu não sabia o que fazer, pois meu irmão não gosta de ser tocado, e numa crise isso pode piorar. A minha vontade era estapear Nilza, mas por Thomas permaneci quieta.

Sandro se aproximou dela e segurou seu braço.

— Para com isso, ou juro que você vai pagar caro! — disse entredentes.

Nilza puxou o braço e olhou para nós dois.

— Estou farta de todos nesta casa! Eu odeio vocês, e ninguém vai ver o meu dinheiro! Não tenho culpa se o papai é incompetente nos negócios e o pouco dinheiro que tem usa para ficar mimando esse garoto.

Olhei para Sandro, que, como eu, estava horrorizado com as palavras de Nilza. Thomas continuava nervoso, e eu temia por ele, então respirei fundo, eu não podia me exaltar.

Assim, encarei Nilza.

— Tudo bem, Nilza, esqueça tudo o que o Sandro falou.

Agora você pode ir — falei com voz baixa.

Ela se aproximou de mim com raiva no olhar.

— Deixa de bancar a boazinha, a moça perfeita que só quer ajudar. Você me irrita com esse seu jeito de puritana — vociferou.

— Não perca seu tempo com ela, Eva. Vamos lá para dentro, pois eu sim estou farto dessa cobra — Sandro retrucou.

— Vocês são dois idiotas! — ofendeu Nilza.

Eu estava me virando para verificar Thomas, e tudo aconteceu muito rápido. Meu irmão mais novo, num ato de fúria, pegou meu telefone, que estava em cima do sofá, jogou no chão e começou a pisar no aparelho. Ele gritava enquanto destruía meu celular, completamente fora de si. Ficamos ali parados, sem reação.

Nós não podíamos segurá-lo, seria pior.

Ver meu irmão naquele estado de desespero me deixou agoniada, eu só senti as lágrimas descendo por meu rosto. Eu me sentia uma completa inútil. Sua raiva era tanta que ele conseguiu quebrar o aparelho em pedaços. Eu não me importava com o celular, preocupava-me com Thomas, que com certeza sofria com as palavras de Nilza. E não só isso, sofria mais por não suportar o que acontecia em seu íntimo.

Desesperada, olhei para Sandro.

— Ele já teve uma crise assim antes? — perguntei.

— Aí está o que falo, esse garoto deveria estar internado num manicômio! — Nilza insistia em destilar seu veneno.

— Sai daqui, Nilza, ou juro que vou retalhar sua cara! —

Sandro exclamou, perdendo a paciência.

Ela sorriu com maldade, olhou para Thomas como se estivesse satisfeita com sua crise e saiu.

Sandro me olhou com preocupação.

— Ele teve uma crise faz muito tempo, e apenas tia Kelly pôde contê-lo.

Eu estava com medo que Thomas se machucasse. Ele tinha as mãos fechadas e seus olhos estavam opacos. Então, sentou-se no chão, colocou as mãos nas orelhas e ficou se movendo para frente e para trás. Foi aí que eu tive uma ideia.

— Pegue o MP3 dele, rápido — pedi a Sandro, e ele correu até o quarto. Abaixei-me perto de Thomas, sem tocá-lo. — Meu querido, tudo vai ficar bem, eu prometo. — Minha voz saiu baixa e calma.

Passei as mãos pelo rosto para secar minhas lágrimas, então Sandro chegou com os fones e o MP3.

— Aqui, tomara que dê certo. — Sua voz estava trêmula quando me entregou o aparelho.

Liguei o MP3 e, com cuidado, tirei as mãos de Thomas de seus ouvidos, colocando os fones em seu lugar. Aos poucos, ele foi parando de se mover e sua respiração voltou ao normal. Sandro e eu respiramos aliviados. Deu certo!

Sorri com tristeza.

— Música clássica o acalma — comentei. Sandro se aproximou e se abaixou ao meu lado, então me abraçou pelos ombros e nossas cabeças se tocaram. — Por que a Nilza é tão má?

Parece que ela gostou de ver o Thomas naquele estado.

Ele suspirou e nós dois observamos Thomas se acalmando.

— Ela sempre foi diferente de todos nós. Nilza é revoltada por natureza — argumentou e deu um aperto em meu ombro. —

Eva, seu celular está destruído, e você precisa dele, como será se algum cliente quiser fazer uma encomenda?

Olhei para o chão e vi o aparelho em pedaços ao redor de Thomas.

— Quando eu receber meu dinheiro, compro outro, isso é o de menos.

— Você quer ficar com o meu?

Balancei a cabeça.

— Nem pensar, você precisa para o trabalho. Não se preocupe com isso.

— Acho que a Nilza deveria comprar um novo, pois tudo isso aconteceu por culpa dela, você deveria cobrá-la — disse com revolta.

— Não quero nem olhar na cara dela, muito menos falar com ela.

Eu nunca havia sentido tanta raiva de alguém como senti da Nilza. Não por causa do meu celular, que estava detonado, e sim por Thomas. Ela sabe que devemos ter cuidado perto dele. Nosso irmão é sensível a qualquer tipo de agitação. Ele não é doente mental, como Nilza vive dizendo, ele apenas tem um transtorno que pode ser cuidado. Thomas necessita de compreensão e amor.

Nós não contamos o que houve para os nossos pais, optamos por evitar mais brigas e aborrecimentos, porém, tia Kelly, por ser a pessoa que cuida de Thomas, precisou saber. Ela, assim como nós, ficou perplexa com o que Nilza fez. Nós não dissemos o que a levou a ter tal atitude, pois é um assunto delicado e que diz respeito aos problemas que a nossa família vem passando, embora talvez ela já saiba de algo. Minha mãe considera a tia Kelly uma grande amiga, possivelmente pode ter desabafado com ela em algum momento.

Desde a discussão, há dois dias, eu não vejo Nilza. Passei a dormir no quarto de Sandro, com a desculpa de que precisava fazer um curso online e, como ele tem o sono pesado, lá eu poderia estudar com tranquilidade. Thomas está bem, porém, tenho a impressão de que se fechou um pouco mais em seu mundo. Quanto

ao meu celular, Sandro tentou recuperar, mas o estrago foi irremediável.

Tenho um dinheiro guardado, mas não quero gastá-lo, pois posso precisar dele para ajudar meus pais, embora seja muito pouco. Sem telefone, não terá como eu conseguir encomendas. E

eu pensava que o trabalho na casa de Benjamin era a única coisa que me salvaria, mas agora estou com medo.

Encontro-me aflita, pois recebi uma ligação do Duarte dizendo que estava vindo para cá para falar comigo. Tentei saber sobre o que se tratava, mas o homem não me contou, disse apenas que eu saberia quando ele chegasse.

Fico andando de um lado para o outro na sala. Minhas mãos tremem de nervoso e por pouco eu não choro. Será que fiz alguma coisa errada? Eu estava tão mal no dia anterior que de repente salguei demais a comida ou a deixei passar do ponto. Se Benjamin me despedir, eu não sei o que vou fazer.

Escuto a buzina e meu coração quase para. Respiro fundo e vou ao encontro de Duarte. Quando chego ao portão, eu o vejo do lado de fora do carro, e segura

uma sacola em sua mão. Aproximo-me dele e tento sorrir, mas não consigo.

— Duarte... — digo, mas minha voz sai retraída.

— Senhorita. Espero que esteja bem.

Coloco as mãos na cintura.

— Eu vou ser despedida. Por isso você está aqui. Não é isso? — interpelo, nervosa.

Duarte me olha com estranheza, então, do nada, estende-me a sacola.

— Aqui está, senhorita. O senhor Clarke pediu que eu lhe entregasse isso — fala, e olho para a sacola com desconfiança. —

É melhor aceitar.

Pego a sacola e olho para ele.

— O que é isso?

— Abra e poderá ver.

Faço como sugere, e para minha surpresa encontro a caixa de um aparelho celular novo, pois a caixa encontra-se lacrada.

Perplexa, abro a boca e analiso o objeto em minha mão.

— É... por que ele está me dando este celular?

— O senhor Clarke não me disse, senhorita, mas posso afirmar que ele gosta que todos os seus funcionários estejam disponíveis caso ele queira se comunicar.

Meu coração bate com força, abro a caixa sem nem pensar.

É um *iPhone*, e sei o quanto é caro.

Tento devolver para Duarte.

— Não posso aceitar isso, devolva e agradeça. Pode dizer que logo vou

providenciar um celular — falo com rapidez e olho para Duarte. — Como ele sabe que estou sem celular?

Duarte continua impassível, nem se move para pegar o aparelho de volta.

— Em algum momento devo ter comentado.

Balanço a cabeça e ainda tenho a mão estendida. Devo tomar cuidado com Duarte, pois não me lembro de ter contado a ele que meu telefone quebrou. Assim, tenho um estalo. Recordo de Sandro vindo comigo ao portão, e quando eu estava para entrar no carro, meu irmão disse que eu deveria cobrar de Nilza um novo celular, afinal, ela foi a grande motivadora do que ocorreu.

Certamente Duarte ouviu.

— Tudo bem, mas não posso aceitar.

Ele mexe no paletó e dali tira seu telefone.

— Este foi dado pelo patrão, para facilitar o trabalho. Eu tinha um telefone muito ultrapassado — conta ao me mostrar um aparelho

parecido com o que está em minha mão, apenas com alguns detalhes diferentes.
— A senhorita deve ficar com ele, pois o senhor Clarke não aceitará um não como resposta.

Olho para o lado e entorto a boca. Bem, agora a coisa muda de figura, afinal, Duarte também foi agraciado com um celular. Por outro lado, eu não estou em condições de ser orgulhosa. Suspiro e abaixo minha mão.

Volto a olhar para o motorista.

— Okay, sendo assim... eu aceito.

Ele dá um aceno quase que imperceptível.

Duarte me pergunta sobre o chip, e digo que preciso providenciar um novo, pois o meu ficou danificado. E mesmo que não fosse esse o caso, eu teria que trocá-lo, pois meu telefone também era antigo e não daria para usar o mesmo chip.

Ele mais uma vez me convence, e após eu pegar minha bolsa, vamos providenciar um novo chip com o mesmo número.

Depois de tudo resolvido, Duarte me deixa em casa, despede-se e diz que amanhã me esperará no mesmo horário.

Vou para o quarto, e como Sandro não está, jogo-me na cama e fico brincando com meu novo telefone para aprender como funciona. Ele é lindo e elegante, e tem muitas funções das quais eu ainda não sei usar.

Com ar sonhador, abraço meu novo aparelho e penso em Benjamin. Será que eu o verei amanhã? Sinto-me eufórica e muito ansiosa. Com tanta coisa acontecendo aqui em casa, por incrível que pareça, ele está sendo a única coisa boa nos meus dias.

Sandro chega e me tira dos meus devaneios. Conversamos um pouco e mostro para ele meu novo celular, contando logo quem me deu.

— Esse homem está a fim de você — ele comenta com um sorriso cínico.

Nego no mesmo instante.

— É claro que não! O Duarte tem um celular igual ao meu, que foi dado por ele — explico.

Sandro ri, pega sua roupa e caminha rumo à porta do quarto.

— Eu não o conheço, mas aposto minhas bolas que ele está querendo você — afirma.

Ele nem espera por uma resposta. Sento-me no chão, perto da cama de Sandro, e fico olhando para o telefone.

— Benjamin a fim de mim... a mulher que prepara sua comida... Impossível — resmungo.

Só de pensar que um homem como ele tem algum interesse por mim, já fico toda arrepiada.

Sandro retorna e me olha com cara de riso.

— Amanhã, caso precise, pode usar o carro, vou sair com o Luigi e ele vem me buscar — avisa enquanto abotoa a camisa. —

Mas com certeza seu namorado vai pedir que o motorista venha buscá-la.

Pego o travesseiro de cima da cama e jogo no meu irmão.

— Você é um imbecil! — ataco, e ele sai do quarto rindo.

Sorrio sozinha, e por fim passo uma mensagem para Benjamin. Agradeço não apenas pelo celular, mas também pelas sapatilhas que recebi na cobertura. Achei exagerado ter me enviado tantos pares, mas achei melhor não falar nada.

Como era de se esperar, ele me responde, e fico com raiva de sua resposta seca. Assim, iniciamos uma pequena discussão por mensagem, e decido não respondê-lo quando me chama de Evangeline. Penso que o melhor a fazer é me acalmar, afinal, preciso do emprego. Mas ele bem que merece umas boas respostas.

E agora vem com essa de contrato. Pois não assinarei nada!

Vou para a cama irritada. Imagino como será o dia de amanhã, e meu coração bate descompensado só em pensar em Benjamin. Espero que esse sentimento seja apenas raiva, nada mais. Embora eu comece a acreditar que algo muito maior floresce dentro de mim.

Durmo com a cabeça confusa, pois não reconheço tal sentimento. Tenho medo do desconhecido e do que pode me acontecer.

No entanto, eu nunca me senti mais viva.



Capítulo 20

O tempo está chuvoso e eu não posso dar minha corrida matinal, então corro por uma hora na esteira. Ainda é cedo quando termino, assim, depois do banho,

tomo um café forte e vou para a empresa. Como preciso apenas resolver uma pendência, eu não aciono Duarte, mas ordeno que pegue Eva e a deixe na cobertura, depois estará dispensado.

Passo algumas horas da manhã no trabalho, e quando consigo solucionar um pequeno problema de logística junto ao meu gerente de plataforma, retorno à cobertura. No caminho, recebo uma ligação da minha mãe. Ela me chama para jantar, diz que Lucas chegou de viagem com a esposa e que gostaria da minha presença.

— Não prometo nada, mãe. Tenho que terminar um relatório

— explico, parado no sinal.

— Meu filho, hoje é sábado, você precisa relaxar um pouco

— anuncia, contrariada.

Estou habituado com as reclamações de minha mãe.

— Mãe, o mundo não para só porque é fim de semana. — O

sinal abre, então coloco o carro em movimento.

— Eu sei, Ben. Acontece que eu não vejo você tirar uma folga. Até quando está conosco, em algum almoço ou jantar de família, fica com esse celular, verificando se tem alguma coisa do trabalho.

Acabo rindo.

— A senhora sabe como gosto de tudo resolvido. E na maioria das vezes apenas eu posso solucionar algum problema —

conto. Minha mãe sempre me questiona sobre o meu trabalho, e eu sempre lhe dou as mesmas respostas. — Já deveria ter aceitado.

Eu sou assim, mãe.

— Pois eu me preocupo com você. Põe o trabalho até mesmo acima da sua família. Isso não é certo, Benjamin. Desse jeito, nunca arrumará uma mulher,

pois nenhuma aceitaria viver com um homem tão sobrecarregado.

Dirijo com cuidado enquanto ouço a voz da minha mãe no alto-falante. Estava demorando para ela vir com suas cobranças.

— E quem disse que eu quero arrumar alguém, mãe? A minha vida é perfeita do jeito que é.

Ouço seu suspiro.

— Você pensa que é perfeita. Por que não se espelha no seu pai? Ele sempre se dedicou à empresa, mas soube dividir o trabalho com a atenção à sua família. Como você mesmo já observou, a companhia nunca deixou de lucrar — argumenta.

Ela está certa nesse ponto.

— Meu pai e eu somos pessoas diferentes, mãe — apresento e faço a curva para entrar na rua onde moro. — Agora eu preciso ir, falo com a senhora mais tarde.

— Se cuida, meu filho! E vê se consegue vir — completa.

Nós nos despedimos e eu entro na garagem. Saio do carro logo que estaciono, e meu coração se alegra, pois verei Eva.

Quando piso na cobertura, posso sentir sua presença. É

assombroso o modo como me sinto em relação à Eva. Quero subir para o escritório e trabalhar, mas algo mais forte que a razão me atrai até a cozinha. Preciso vê-la e saber se está bem, pois a verdade é que desde que Duarte contou-me que ela havia chorado, eu não parei de pensar sobre isso.

Aperto a mão com força na maçaneta e abro a porta. Tenho sentimentos conflitantes, e ainda me pergunto por que ela me deixa assim, tão inquieto e fascinado ao mesmo tempo.

Eva está de costas e tem os cabelos presos no alto da cabeça. Alguns fios escapam de seu coque, dando-lhe um ar de sensualidade. Ela usa camiseta branca e uma calça jeans apertada.

Meus olhos descem por seu corpo bem-feito e cada célula do meu ser se agita. Assisto aos seus movimentos, ela parece concentrada enquanto mistura algo numa panela.

Fico encantado, e ficaria aqui por horas a observando.

Respiro fundo e, com dificuldade, faço-me presente.

— Eva? — chamo em voz baixa para não assustá-la.

Ela se vira no mesmo instante. Quando me vê, sinto como se seus olhos brilhassem de contentamento. Abre um sorriso sincero e me olha com vivacidade.

— Benjamin... — diz com simplicidade, e meu sangue corre a toda a velocidade por minhas veias.

Fecho a porta e me aproximo devagar, ela se encosta à bancada e me observa com atenção.

Fico à sua frente, posso sentir o calor de seu corpo, e noto que cada vez mais é difícil manter-me longe. Eu nunca desejei tanto beijar uma mulher como desejo beijar Eva.

— Como você está? — pergunto, sério.

Aperto a mandíbula, minha imaginação transborda com o pensamento de Eva em minha cama. Preciso de muita força de vontade para não a atacar.

— Estou bem — sussurra.

Deus! Ela é tão linda! Sua beleza é natural, ela consegue tirar meu fôlego. Sem poder me conter, ergo uma mão e toco sua pele macia. Eva não se move, e com a ponta dos dedos acaricio seu

rosto. Existe uma conexão entre nós, é tão forte que chega a ser palpável.

— Vou me trocar e volto em alguns minutos — aviso e dou um passo para trás.

Mantemos nossos olhares fixos. Ela acena, e noto um tremor em seus lábios.

Então sorri.

Por fim, eu me viro e saio da cozinha. Tenho que me controlar, eu não posso simplesmente assediar minha funcionária.

Mesmo tendo plena certeza de que ela me deseja tanto quanto eu a desejo. Isso seria loucura.

Com a cabeça cheia, subo até minha suíte e sigo direto para o banheiro. Abro a torneira da pia e jogo água fria em meu rosto.

Ergo a cabeça e me olho no espelho. Por fora, continuo o mesmo, nada mudou, porém, em meu íntimo sinto como se algo se rompesse.

Com o tempo, aprendi muitas coisas, e uma das mais relevantes é controlar-me no que se refere a sexo. Isso não quer dizer que eu não gosto de sexo. Eu adoro. Já tive muitas parceiras sexuais, tudo sem envolver sentimentos. A verdade é que eu gosto de foder e ter uma mulher bem disposta sob o meu domínio.

Entretanto eu procuro controlar o meu lado dominador.

Porém, com Eva, essa minha face está cada dia mais aflorada. Passo horas imaginando como seria tê-la ao meu dispor.

Como ela reagiria quando eu deslizasse em sua boceta? Como soaria?

Fico duro só com meus pensamentos. Eu desejo Eva, essa é a mais crua verdade. Sinto como se ela fosse minha, e quando eu a imagino sendo ferida por alguém, fico louco o suficiente para pensar em aniquilar tal pessoa.

Eva não é minha! , penso comigo mesmo. Repito que ela não é minha, e nunca será. É assim que deve ser. Porém, não é o que sinto.

Meia hora depois, retorno à cozinha. Desta vez, ela me vê assim que entro. Sem dizer nada, vou até a mesa, puxo uma cadeira e me sento. Tudo sem tirar meus olhos dos dela.

— O almoço já está pronto. Quer que eu sirva? — pergunta, insegura.

— Você está com fome? — questiono, sem respondê-la.

— Ainda não, mas posso servi-lo.

Eu nego.

— Por favor, venha até aqui, quero falar com você — peço, e ela entorta a boca. *Que vontade de mordê-la!*

Eva coloca a colher de pau em cima da bancada e se aproxima de modo oscilante. Aponto a cadeira à minha frente e ela se senta.

— Pronto — sussurra. Percebo que segura as laterais da cadeira. Só não entendo o porquê do seu nervosismo. — O que você quer?

— Acredito que não esteja preparada para ouvir minha resposta — digo, enigmático, e ela inclina a cabeça para o lado.

Solto uma risada seca e sacudo a cabeça. — Você está gostando de trabalhar aqui?

Sua boca move-se com sutileza ao tentar esconder um sorriso.

— Sim, eu adoro o que faço — responde com entusiasmo. —

Não existe razão para não gostar.

— Você tem tudo o que necessita aqui? Precisa de mais alguma coisa? — Eva olha em volta e mexe os ombros. Aproveito para admirar seu pescoço. Sua pele macia é um convite silencioso ao toque.

Ela volta a me olhar, e quando nossos olhares se cruzam, é como se existisse um vínculo entre nós. É um sentimento tão

intenso que o sinto em minha alma. Algo que nunca vivenciei antes.

Eva solta o ar, seus lábios carnudos tremem com sutileza. Ela sorri, e noto que está nervosa.

— Está tudo perfeito — assegura, sua voz sai mansa. Mas sinto como se ela quisesse dizer alguma coisa.

Coloco os cotovelos sobre a mesa e apoio o queixo em minhas mãos. Estreito os

olhos enquanto a observo atentamente.

— Você tem alguma coisa para me dizer? Ou sua coragem se estende apenas às suas mensagens?

Eva fica ruborizada, mesmo assim empina o queixo e me olha com certo ímpeto.

— Não tenho nada a dizer, apenas oponho-me quando não concordo com algo, e isso acontece, geralmente, quando conversamos por mensagens — responde, cruzando os braços.

Desço os olhos até sua boca e volto a encará-la.

— Eva, eu vou te dar um aviso, peço que guarde bem minhas palavras — anuncio enquanto me levanto e me aproximo dela. Seus olhos brilham com minha aproximação. Inclino o corpo, apoio uma mão no encosto de sua cadeira e a outra em cima da mesa, deixando-a sem saída. Nossos rostos estão bem próximos, e posso sentir sua respiração em minha face. — Eu não responderei por mim se você continuar a me provocar. — Minha voz sai grossa.

Ela engole seco.

— O... o que está querendo dizer? — pergunta, arfante.

Olho para os seus lábios, tão próximos que mal consigo raciocinar.

— Exatamente o que você ouviu — sussurro e subo meu olhar com lentidão até o seu. — E, se isso acontecer, temo que não a deixarei escapar com tanta facilidade.

Eva arregala os olhos, e eu os noto confusos.

— Isso é uma ameaça? Você vai...?

Ergo a mão que estava sobre a mesa e levo a ponta do dedo até seus lábios, silenciando-a.

Desta vez, fixo meu olhar com intensidade, para que ela possa perceber a verdade em minhas palavras.

— Nunca, jamais, sob hipótese alguma eu a machucaria, Eva

— declaro, e ela suspira, talvez de alívio. — Aconteça o que acontecer, de maneira nenhuma eu a tratarei com desrespeito. Você acredita em mim?

Ela acena.

— Sim, eu acredito.

Deslizo a ponta dos dedos por sua face, sua reação ao meu toque é de puro deleite. Sei que se eu a beijar neste momento, Eva não recuará. Ela também me deseja, porém, preciso me esforçar para não me precipitar. Afasto-me dela com dificuldade, sem deixar de encará-la.

— Tenho um telefonema para fazer e volto para almoçarmos

— esclareço e retiro-me.

Quando me encontro sozinho no escritório, ando de um lado para o outro. Sinto-me impaciente, parece que a qualquer momento vou explodir. Eva está me levando à loucura sem fazer nenhum esforço. Preciso pensar e definir qual caminho seguir.

Afinal, se dermos vazão ao desejo que nos consome, como será nossa relação? Ela continuaria sendo minha funcionária?

Saberíamos dividir bem nossos interesses? Eu nunca nem mesmo cogitei a ideia de me envolver com uma funcionária, no entanto, agora me vejo num beco sem saída.

Eu não tenho mais como negar, cansei de mentir para mim mesmo, não há nada que me impeça de descer neste momento e atender aos meus desejos, mas sei que devo ir devagar, ou poderei assustá-la. Respiro fundo e olho para o telefone em minha mesa.

Sei que tenho que fazer uma ligação, mas não estou sendo capaz de me concentrar.

Porra! É melhor acabar logo com isso.

Sem pensar duas vezes, saio do escritório e desço as escadarias com rapidez. Atravesso a sala e marcho até a cozinha.

Abro a porta e vejo Eva parada, com ambas as mãos sobre a bancada. Ela está de costas e não nota minha presença. Assim, bato a porta, fechando-a. Ela se vira assustada, e quando me vê, arregala os olhos.

— Benjamin? Aconteceu alguma coisa? — indaga, sua voz soa oscilante.

Devo estar parecendo um animal, meu coração bate com energia em meu peito. Caminho até ela e paro à sua frente, então a encaro. Quero devorá-la e saciar minha fome em seu corpo.

Eva tenta recuar, mas é impossível, pois fica presa entre mim e a bancada. Sou muito rápido para ela, então uma de minhas mãos a segura pela nuca e a outra agarra sua cintura, puxando-a até que esteja praticamente grudada em mim. Inclino a cabeça, minha boca a centímetros da sua.

— Acredito que só o fato de você existir é o suficiente para que eu não responda por minhas atitudes — desabafo, rouco de desejo, e assim pressiono meus lábios contra os seus.

Nada em minha vida me preparou para a sensação de alívio que toma conta de mim quando Eva abre os lábios e permite que minha língua a invada. Sua boca é macia e se molda perfeitamente contra a minha. Um gemido suave escapa dela e sinto seus dedos agarrarem a parte da frente da minha camisa. Eu a puxo para mais perto e aprofundo o beijo. Luto contra o desejo de jogá-la sobre a bancada e tomar o que é meu.

Deslizo minha mão de sua cintura até sua perna esquerda e levanto sua coxa para que envolva meu quadril. Através de nossas roupas, sinto o quanto está quente. Meu pau, rijo desde o momento

em que a vi, lateja. Esfrego-me entre suas pernas e arfamos juntos em pura sintonia. Puxo seu lábio inferior entre meus dentes e o mordo. Ela geme e aperta sua perna em minha cintura.

Nunca um beijo me deixou tão extasiado, sinto-me como se estivesse bêbado. O nosso beijo se prolonga, eu me sacio entre seus lábios, chego a ser agressivo e aperto sua coxa entre meus dedos, nossa respiração se mistura e sugo sua língua.

Eu quero mais dela, muito mais. Eu quero tudo.

Com relutância, afasto meus lábios dos seus, mas não a deixo escapar. Envolvo meus braços ao seu redor e descanso o queixo no topo de sua cabeça. Estamos respirando com dificuldade, e fecho os olhos apertados para tentar me acalmar. Então, finalmente olho para o seu rosto. A visão de seus lábios molhados e as bochechas avermelhadas me fazem desejar beijá-la novamente.

Porém, eu me controlo, pois sei bem aonde isso nos levaria. E ainda não é hora.

Eva me encara e entorta a boca. Ela solta minha camisa, mas quando tenta afastar as mãos, eu rapidamente as seguro junto ao meu peito.

— Não se afaste — peço, a voz ainda rouca.

Ela fixa seus olhos nos meus e solta um sonoro suspiro.

— O que acabou de acontecer? — sussurra.

Deixo escapar uma risada.

— Nós nos beijamos — respondo sem soltá-la.

Ela me olha extasiada.

— Eu sei, não foi isso o que perguntei — diz, e sinto que desce sua perna, porém não se afasta. — É que você... Bem, você sabe.

Franzo a testa.

— Na verdade, eu não sei aonde quer chegar, pode ser mais específica?

— Eu acreditava que não gostava muito de mim, apenas me aturava por ter lhe causado um prejuízo — declara.

Levo minha mão até seu rosto e passo a ponta dos dedos por sua face.

— Você está enganada. Acontece que você é irritante na maioria das vezes, mas eu não desgosto de você.

— Eu? Irritante? — indaga, contrariada.

Seguro seu queixo.

— Irritante e abusada.

Ela tenta me empurrar.

— E você se acha o quê? O *Mister Simpatia*? — retruca.

Sacudo a cabeça, contemplando seu rosto, e aperto sua cintura.

— Viu? É disso que estou falando! E me esqueci de outro adjetivo: teimosa. — Ela se esforça para não sorrir, mas não consegue.

Fixo os olhos em sua boca, e como um homem que acabou de descobrir um vício, eu não luto contra o meu desejo. Eu a beijo novamente.

O beijo é suave, deslizo minha língua por sua boca. Passeio minhas mãos pela extensão de seus braços e sinto sua pele arrepiar. Eva se contorce de encontro ao meu corpo, seus seios se esmagam em meu peito. Ela fica ofegante, e imagino o quanto deve estar molhada. Apenas esse pensamento me deixa a ponto de gozar.

Subo minha mão até seu pescoço e a acaricio enquanto nosso beijo torna-se ainda mais lento. Nunca antes eu me senti tão ligado a uma mulher apenas por conta de um beijo.

E, agora, depois de beijá-la, de uma coisa eu tenho certeza: não há como voltar atrás, Eva é minha, e não vejo a hora de dominá-la por completo.



Capítulo 21

Quando Benjamin me puxou de encontro ao seu corpo foi como se eu entrasse em órbita. Eu havia imaginado diversas vezes, como seria beijar sua boca, mas nada poderia se comparar com a realidade. Em nenhum momento da minha vida me senti tão viva.

Ele me beija com devoção, meu corpo formiga por inteiro e um tremor intempestivo passa por mim. Todo meu corpo está em chamas e o movimento de sua boca na minha faz meus pensamentos irem para outro caminho. Sinto-me dominada, isso deveria me assustar, mas não. Faz apenas com que eu deseje me entregar cada vez mais.

Seus dedos fazem pequenos círculos suaves na pele do meu pescoço, sinto meus seios pesados, a necessidade toma conta de todo o meu ser e a ânsia de ser tocada por Benjamin em todos os lugares me deixa desnorteada.

De repente ele afasta seus lábios, mas não me solta, encosta sua testa na minha e respira fundo, com olhos fechados.

— Muito melhor do que imaginei — murmura, sua voz sensual me deixa desconcertada. Benjamin abre os olhos escurecidos pelo desejo e roça a ponta dos dedos em meu pescoço.

— Eva... você sabe que muita coisa a partir de agora irá mudar, não sabe?

Minha cabeça fica em total confusão. Fico com medo de tanta coisa, que nem sei o que pensar. Meu coração se aperta em meu peito, pois qualquer que seja a ideia de Benjamin poderá me deixar desolada. Não posso afirmar qual o pior cenário: ele me despedir, dizer que isso jamais poderá acontecer outra vez, ou que posso

continuar a trabalhar para ele, mas não teremos nenhum contato a partir de agora.

Olho para frente e encaro seu peito, ele está tão próximo que sinto seu cheiro amadeirado. Além de um homem lindo, ainda é cheiroso, isso só complica mais a minha vida, sem tirar o fato de seu beijo ser abrasador.

— E... eu sei disso! — Minha voz sai sufocada. Tenho vontade de chorar, mas mantenho minha compostura.

Benjamin leva sua mão até meu queixo e com delicadeza ergue minha cabeça e nossos olhares se cruzam. Fico hipnotizada com seu olhar tão significativo.

Ele exprime um sorriso. Noto sua outra mão deslocar-se pelas minhas costas e parar em minha cintura, onde dá um leve aperto. Minha respiração falha.

— Eva eu não...

— Já sei, você vai me despedir, pode falar de uma vez, eu irei entender. — Não espero que ele encontre palavras para falar aquilo que já sabemos, quero logo sair daqui e chorar sozinha.

— Eu não vou despedir você — responde e eu o olho surpresa e aliviada, então me lembro da outra possibilidade.

Suspiro, desanimada.

— Tudo bem, então já sei o que vai dizer — comento e ele franze a testa.

— Sabe? E o que é?

Olho para onde minha mão descansa, sobre seus ombros.

— Com certeza manterá a distância, não vai querer que nos encontremos — falo pensativa e volto a subir meus olhos até os seus. — Afinal, não há necessidade de nos encontrarmos, você passa a maior parte do tempo na empresa, com exceção de sábado.

Benjamin me encara com uma expressão impenetrável, então faz algo que jamais poderia imaginar. Ele desce sua outra mão, me pega pelo quadril, senta-me na bancada e fica entre minhas pernas.

Tenho vontade de me esfregar, porém consigo com uma força incomum, me controlar.

Aproximando seu nariz do meu, volta sua mão direita para a minha nuca. Com a outra mão aperta meu quadril e faz o que eu pensava em fazer: esfrega-se em mim, o sinto duro no meio das minhas pernas, eu fico sedenta de tanto desejo.

— Sinta isso, Eva. Você realmente acha que excitado do jeito que estou, irei me manter longe? Nem que eu quisesse, minha querida! — rosna e ataca minha boca, com um beijo selvagem. Eu gemo em sua boca. — Você não tem noção do que penso em fazer com você, se soubesse sairia correndo para longe.

Cravo as unhas em seus ombros e roço meu sexo no seu.

Pela primeira vez queria estar nua diante de um homem.

— O q-que você pensa? — Minha voz sai abafada devido sua boca estar explorando a minha.

Benjamin força seu aperto, não resisto e envolvo minhas pernas em sua cintura, sentindo uma sensação aterradora, urgente, diferente de tudo que já experimentei. seu membro fricciona em meu centro. Pensando melhor, desejo que ele também estivesse nu.

Porque essas malditas roupas atrapalham. Quero senti-lo em sua plenitude.

Benjamin desliza a boca até meu pescoço, minha pele pega fogo por onde ele passa.

— Respondendo a sua pergunta: tenho muitas coisas em mente. Mas tudo no momento certo — sopra em minha orelha. Eu jogo a cabeça para trás e com olhos fechados permito que sua boca vagueie pelo meu pescoço. — Porra, eu beijaria você por horas e não me cansaria.

Sinto como se uma labareda passasse por meu corpo e me perco com o toque de seus lábios. Benjamin agora passeia suas mãos por minhas costas, meus cabelos se soltam do grampo e caem por meus ombros. Assim ele afasta sua boca e olha em meu rosto, também me fixo em seu olhar. Eu respiro com dificuldade quando se move entre minhas coxas.

— Benjamin eu... — arfo, fecho os olhos e aperto sua cintura.

Ajo por puro instinto.

— Caralho Eva, assim você acaba comigo — admite. Então ele morde meu queixo, percebo seus dedos subirem pela minha costela, passar através do meu braço e parar em meu seio dolorido.

— Vou acabar com sua angústia — diz apertando meu seio, então desce sua mão por meu estômago e desliza até chegar ao fecho da minha calça. — Vou cuidar de você — acrescenta.

Ele se afasta e com habilidade, abre o botão e zíper da minha calça. Assim leva sua mão entre minhas pernas e me toca através da calcinha.

Todo meu corpo estremece.

— Por favor! — imploro e agarro sua camisa com força.

Benjamin me segura, enquanto passa seus dedos pelas bordas da minha calcinha e coloca de lado, tocando-me sem nada para impedi-lo. Nunca senti nada parecido em toda a minha vida.

Seus dedos circulam minha carne, uma descarga elétrica atravessa meu corpo e mordo meus lábios para inibir um gemido alto.

Ele inclina a cabeça e morde minha orelha.

— Eu sabia que você estava molhada — sussurra rouco. — E

perto de gozar... você vai gozar nos meus dedos, não vai?

Eu mal podia ouvi-lo, sentia apenas sua mão entre minhas coxas e seus dedos se movendo causando em mim uma explosão de sensações.

Jogo a cabeça para frente e apoio em seu ombro.

— Eu... eu... ah! — arfo embriagada.

Benjamin mergulha seu dedo em meu sexo, dou um salto com sua invasão e aperto minhas pernas.

— Caralho, essa sua boceta é tão apertadinha que meu pau quer se perder aqui dentro. — Suas palavras são cruas e sujas, e despertam em mim intensa luxúria. Seus dedos se movimentam num vai e vem, cada vez com mais força. — Goza, eu sei que você está perto. Lambuza meus dedos com seu prazer.

Fico desorientada, então levanto a cabeça e fixo meus olhos nos seus, eu abro a boca, mas fico sem palavras, eu sou capaz apenas de sentir a reação do meu corpo, é algo espetacular e tão novo que me assusta.

Eu suspiro.

— Benjamin — sopro, pois não tenho forças para falar.

Ele continua a movimentar seus dedos e me observa com interesse, alguma coisa

parece estalar em sua cabeça.

— Porra Eva, vai dizer que...? — Ele inclina a cabeça e me beija com paixão. Meu corpo convulsiona, o prazer, a sensação de bem estar, de liberação atravessa meu ser e ofego em sua boca.

Benjamin atinge um ponto de ruptura e me sinto entorpecer.

Volto a deitar minha cabeça em seu ombro e fecho os olhos, deixo minha respiração voltar ao normal.

— O que foi isso? — Deixo escapar.

Ele tira sua mão de dentro da minha calça, fico sem saber como olhá-lo.

Sinto seu toque em meu queixo e levanto o olhar.

— Você é virgem? — pergunta de forma direta.

Droga! Como ele descobriu? Devo ter feito alguma coisa errada, só pode. Por que não conversei com minha mãe? Ela quis falar sobre sexo comigo e eu desconversei.

Pior, quem é virgem com 23 anos. No colégio interno fomos educadas para não falar de sexo, até tivemos aula sobre reprodução, mas por ser uma escola católica, eles não incentivavam a sexualidade das meninas. A madre superiora, o dia que descobriu a carta de um menino no meio das coisas de uma das meninas, fez todas nós rezarmos.

Algumas professoras conseguiram conversar conosco, tinha até algumas freiras que eram mais modernas, afinal os tempos eram outros, mas mesmo assim até hoje tem-se uma ideia contorcida do sexo.

Nunca me liguei muito nisso, meus pais são liberais, mas por ter sido criada num internato fiquei um pouco retraída. Até agora.

Benjamin me encara e espera por alguma palavra minha.

— Acho que isso não vem ao caso — respondo na defensiva.

Ele é um homem experiente. Com certeza vai fugir para as montanhas se souber a verdade.

Ele solta uma risada.

— Isso vem ao caso sim, é uma informação muito relevante, por sinal — completa.

— Por quê? Faz alguma diferença?

— Para mim faz, a você não? — questiona sério.

Eu sabia. Agora ele vai recuar.

Empino o nariz.

— Ser virgem não quer dizer que eu seja inocente, se é isso que está pensando — respondo na defensiva.

Ele ri e sacode a cabeça.

— Você acabou de responder, eu deveria saber — comenta e alisa meu rosto.

Noto que ainda tenho minhas pernas em volta de sua cintura e as retiro, Benjamin me ajuda a descer da bancada e dá um passo para trás. Abotoo minha calça e aproveito para bisbilhotar, vejo que ainda sustenta uma ereção. Seus jeans não escondem o quanto ainda está excitado.

Fico perdida e confusa. Não sei nem onde colocar as mãos, então as ponho no bolso de trás. Respiro fundo e olho para ele, que me observa com uma expressão cínica.

— Olha, somos adultos. Podemos fingir que isso nunca aconteceu. Foi o calor do momento — disparo com um nó na garganta.

— Você acredita que isso pode ser realmente esquecido? —

indaga e dá um passo para frente. Sinto seu calor irradiar em meu corpo. — Você vai esquecer que meus dedos a fizeram gozar?

Minha boca seca com suas palavras.

— Posso tentar... — balbucio sem acreditar em minhas próprias palavras.

Ele balança a cabeça.

— Eva, nada será como antes. Eu lutei contra o meu desejo, e vou ser sincero, ainda não entendo o que acontece comigo quando o assunto é você, mas não vou fugir. Sou um homem bem crescido, não vou me acovardar. E eu quando quero muito uma coisa eu faço tudo para conseguir — declara e dá outro passo para frente, desta vez ficamos praticamente colados. Olho para cima, pois sua altura eleva-se sobre a minha. — E eu quero muito você, sendo virgem ou não.

Meu coração bate eufórico.

— Você me quer? É sério isso?

Ele puxa minha mão direita e leva direto para a frente de sua calça, eu arfo ao sentir sua ereção.

— Isso deve responder — diz sério.

— Não vou ser seu brinquedo sexual, você é um homem poderoso, bonito e muito charmoso, mas não permitirei que me use

— desabafo, embora me sinta tão atraída e envolvida que é arriscado eu aceitar qualquer migalha.

— Então você me acha bonito e charmoso?

— Você só prestou atenção nisso? Inacreditável —

repreendo.

Nossas mãos permanecem unidas na frente de sua calça.

Seu pênis empurra contra minha mão, e penso que poderia acariciá-

lo, mas não seria uma boa ideia.

Benjamin tem o olhar sério em meu rosto.

— Eu disse antes e repito: Não irei de forma alguma desrespeitá-la, isso eu

prometo.

Benjamin é um homem de palavra, já percebi isso. Sei que ele não iria nutrir sentimentos românticos por mim, não vou me iludir quanto a isso. Mas só dele não estar correndo para longe, me deixa feliz. Meu único medo é de um dia me apaixonar por ele.

— Essa sua promessa, para mim é de grande valor —

admito.

— Será assim: nós vamos devagar, sem atropelos. Você continuará a trabalhar aqui normalmente, depois veremos algum arranjo — esclarece e baixa a boca até minha orelha — E quanto a ser meu brinquedo sexual, ainda discutiremos sobre isso —

sussurra de forma sensual fazendo-me suar. — Agora vamos almoçar, estou faminto de comida.

Benjamin lambe meu pescoço e se afasta. Senta-se à mesa e me olha com interesse.

Fazemos a refeição, e ele se controla e conversamos amenidades, depois ele sobe para o escritório, pois tem trabalho a fazer e diz que me levará para casa. Passo a tarde perdida em



pensamentos, sem acreditar que ele me beijou. Não somente isso.

Fez coisas que me levaram à loucura.

Quando tudo está pronto tomo um banho e me troco, ao chegar à cozinha ele me aguarda e antes de sairmos ele me beija com suavidade. E imagino que o verei apenas no sábado, meu coração dá um baque e tento não me abalar.

À noite estou à mesa com Sandro e Ruth que conversam e eu nem presto muito atenção. Estou olhando para o nada e relembro os momentos que passei a tarde nos braços de Benjamin.

Nunca imaginei que um beijo pudesse me deixar tão alucinada. Será que ele me beijaria novamente? Eu teria que esperar uma semana?

Terei que tomar banho gelado todos os dias.

Alguma coisa bate na minha cabeça e olho para os lados, então vejo uma bolinha de papel caída em cima da mesa. Olho para meus irmãos. Ruth tem cara de riso e Sandro me olha debochado.

— Fiz duas vezes a mesma pergunta, te chamei e você parecia estar em outro planeta — Sandro informa e cruza os braços.

— Eva, você está bem?

— Sim, estou apenas um pouco cansada — respondo.

— Isso tem a ver com seu patrão gato? — Ruth questiona, faceira.

Sandro olha para ela.

— Como sabe se ele é gato? — pergunta.

— Ele trouxe a Eva para casa hoje e vi quando saiu e abriu a porta do carro para ela sair — conta com sorriso jocoso. — Além de lindo é cavalheiro.

Sandro se volta para mim.

— Eva, esse homem tá a fim de você. Eu sabia — diz e bate na mesa com euforia, então volta a me olhar. — E você tá caidinha por ele, olha só a sua cara.

— Também acho, irmã, até eu ficaria caidinha. Que homem lindo! — comenta sonhadora.

Eu me levanto e ponho a mão na cintura irritada.

— Parem vocês dois. Não tem ninguém caidinho aqui —

reclamo e me volto para Ruth. — Você é muito nova para falar desse jeito. Benjamin é muito velho para você.

— Ah, não precisa ficar com ciúmes, ele é lindo, mas não faz meu tipo. Gosto

dos morenos — responde, risonha.

— Se com quinze já está assim, imagino quando fizer dezoito

— argumenta Sandro sobre a Ruth, ele se levanta e coloca a mão no meu ombro. — Quanto a você, sei que está a fim do cara. Só cuidado com seu coração, esses homens costumam massacrar moças como você.

— Eu estou bem — digo e me afasto. — Vou para a cama, preciso dormir.

Saio da cozinha, a verdade é que estou fugindo. Não quero falar sobre Benjamin com ninguém. Ele diz que me quer, mas me sinto insegura. Jogo-me na cama e fecho os olhos. Desejava ficar mais tempo com ele, sentir seus braços ao meu redor. E seu beijo avassalador. Queria que ele tivesse me pedido para ficar, por que será que não o fez? No caminho para casa comentou que iria ver o irmão que chegara de viagem, embora não estivesse afim, mas que sua mãe o perturbaria por uma vida caso não fosse. Será que ele teria pedido para eu ficar?

Droga melhor parar de ficar imaginando coisas, nem sei se vamos ter alguma coisa de fato.

Solto um bufo e soco o travesseiro, tomara que esse sentimento em meu peito seja apenas uma atração passageira. Não sei o que faria se me apaixonasse por um homem como Benjamin.

Virgem santa! Estou tão confusa.



Capítulo 22

Faz alguns dias desde que vi Eva pela última vez, infelizmente precisei fazer uma viagem de emergência e fiquei fora por quatro dias. Nunca desejei tanto estar de volta como desejo agora. E essa vontade nada tem a ver com o conforto da minha cama, mas sim com Eva.

Pela primeira vez não consigo parar de lembrar de um beijo e o quanto esse beijo mexeu comigo. Ainda posso sentir seu gosto e a sensação de sua boca macia.

O jato pousa em solo brasileiro e já fico ansioso, assim que vem o aviso de que posso descer, não perco tempo e levanto-me da poltrona e pego minha pasta.

— Tenha uma boa tarde, senhor Clarke — cumprimenta o co-piloto.

Eu aceno e pego o meu celular do bolso.

— Duarte, estou a caminho do estacionamento — informo e desligo sem esperar resposta.

Passo rapidamente pela alfândega, em seguida sigo apressado até o estacionamento e Duarte está a posto com a porta aberta.

— Senhor! — congratula.

Olho para o relógio de pulso, ainda é início da tarde, deveria passar na empresa para ver como estão as coisas, mas a vontade de ir para a cobertura fala mais alto.

Duarte se posiciona atrás do volante.

— Leve-me direto para casa — ordeno.

— Como queira, senhor Clarke.

Conforme avança no tráfego noto o céu escuro e sei que há uma previsão de temporal para o fim do dia. Não demora muito, chego à garagem do meu prédio, quando Duarte estaciona saio do carro antes que ele abra minha porta.

Desamarro minha gravata e logo ele se encontra ao meu lado.

— Duarte, você está dispensado por hoje. Esteja aqui amanhã no horário de sempre — demando e me viro em direção ao elevador.

— Senhor? — Ouço sua voz vacilante e paro. — A senhorita Eva se encontra na cobertura, não vai querer que a leve?

Como se eu tivesse esquecido dela.

— Não se preocupe, depois resolvo isso — declaro e continuo meu caminho.

Na cobertura vou direto para a minha suíte e tomo um banho, encontro-me muito cansado. Para resolver de uma vez, alguns problemas, trabalhei até de madrugada, pois queria estar em casa o quanto antes.

Depois de limpo coloco uma calça de moletom cinza e camisa preta, então dirijo-me à cozinha. Assim que abro a porta não vejo Eva em lugar nenhum, porém há no ambiente um aroma de chocolate que desperta minha fome. Passo os olhos pelo local e nada. Em cima da mesa enxergo seu celular, assim entro e fecho a porta atrás de mim. Ando até a mesa e ouço seus passos vindo da área de serviço.

Ela se aproxima andando com a cabeça baixa, parece estar lendo alguma coisa. Há algo em suas mãos, como sempre está distraída e não percebeu minha presença.

Finalmente ela levanta o olhar e para assim que me vê, com olhar surpreso. Passeio meus olhos por seu corpo, e mesmo com o avental não tem como esconder suas curvas suaves. Volto a subir meu olhar até encará-la.

— Você por aqui, hoje? — Sua voz sai fraca.

— Sim, algum problema com isso?

Ela me olha intrigada e dá de ombros.

— Não, afinal a casa é sua. Pode estar aqui a hora que bem entender — responde e passa por mim com queixo erguido.

Sacudo a cabeça e sorrio. A mesma abusada de sempre!

Viro-me e a observo. Sei que ela está me evitando, pois pega uma colher e começa a mexer o interior de uma vasilha. Cruzo os braços e me encosto a mesa, sem deixar de fitá-la. Após misturar bem, seja lá o que for, leva a colher até sua boca e experimenta.

Sinto-me afetado quando ela fecha os olhos e lambe os lábios.

Percebo algo no canto de sua boca e me aproximo. Ao notar minha aproximação

ela me olha em expectativa. Quando estou perto o bastante, baixo os olhos até o interior do recipiente e o aroma do chocolate chega até minhas narinas. Assim ergo os olhos até sua boca.

— Sua boca está suja — sussurro e trago meus dedos até o canto de seus lábios.

Sinto seu corpo tremer.

— Deve ser o chocolate — conclui e sua respiração está falha.

Tiro a colher de sua mão e jogo na bancada. Pego sua cintura e a puxo até que esteja grudada em mim. Sinto seu corpo junto ao meu e fico totalmente perdido.

— Eu adoro chocolate, você sabia? — sussurro baixando a cabeça.

Sua respiração morna se mistura à minha.

— Eu não... sabia — responde arfante e com olhos cerrados.

— Bom saber, assim posso preparar mais coisas com chocolate —

completa.

Minha outra mão desliza de seu rosto até sua nuca e assim agarro seus cabelos macios e puxo, sua cabeça fica inclinada, ela abre a boca e seus olhos brilham de desejo.

— Vou adorar... mas por hora quero limpar esse chocolate de sua boca — confesso com voz rouca e toco minha boca em sua pele, então com a língua deslizo no cano de seus lábios e saboreio o chocolate que escorria dali. Sinto suas mãos subirem e agarrar minha camisa. — Maravilhoso, nunca comi um chocolate tão gostoso. Imagino como será o sabor em seu corpo.

Ouço um gemido saindo de sua boca.

— Benjamin... você fala cada coisa — murmura.

Trago minha boca até o centro de sua boca.

— Eu não sou homem de falar, Eva. Sou mais de agir.

Sem esperar mais, pois estou faminto, sugo sua boca. A luxúria toma conta de mim, é sempre desta maneira quando estou com Eva, eu não penso, ou raciocínio com coerência. É como se uma força oculta tomasse conta de tudo em mim, e só o desejo de estar com ela sobressai.

A verdade é que já beijei muitas mulheres, mas nenhuma conseguiu mexer tanto assim comigo. Nunca, jamais, deixei de trabalhar pelo simples fato de querer beijar uma mulher. É insano e completamente fora de rumo, mas não me arrependo. Beijar Eva me deixa leve.

Movo nosso corpo até que ela esteja encostada à bancada e esmago seu corpo. Minhas mãos deslizam por sua pele e a sinto arrepiar. Meu pau, rijo e pulsante roça em sua barriga. Eva solta um gemido e me agarra pelo pescoço. Assim como eu, ela perde a

compostura. Nossas línguas travam uma guerra, e sinto que meu coração irá explodir. O que essa mulher está fazendo comigo? Por que não consigo me controlar? E pior, por que gosto tanto de beijá-

la e a desejo tanto?

Eu só consigo pensar em tirar suas roupas, levá-la para o meu quarto e dominá-la. Quero descobrir seu prazer e deixá-la desorientada de tanta excitação.

O barulho de uma música nos desperta e afasto minha boca da sua sem deixar de segurá-la. Ela olha para a mesa e sua respiração está acelerada.

— Meu telefone. Devo atender — atesta, mas assim como eu não quer se afastar.

Eu beijo sua testa.

— Atenda logo de uma vez, ainda não terminei de beijar você do jeito que quero — admito.

Ela me olha, sua boca inchada, e pele corada, faz meu pau saltar. Nunca lidei com tanto tesão.

Ela sorri, sem graça e deixo que vá atender o seu telefone.

Observo quando pega o aparelho e sorrindo me olha.

— Sandro, meu irmão — informa e atende. — Por que está me ligando? Estou no trabalho. — Ando até ela devagar e noto que sua fisionomia está abalada. Então presto atenção e tento perceber o que acontece. — Como você sabe disso? Tem certeza? — Ela para de falar e mais uma vez ouve seu irmão, Eva entorta a boca e coça a testa. Sei que alguma coisa não vai bem. — Mas para onde vamos? E o Thomas? — questiona nervosa batendo a ponta do pé no chão. Não posso ouvir o que seu irmão diz, mas é algo muito sério. Então Eva suspira, fecha e abre os olhos, seus ombros tensos caem em derrota. — Okay, não se preocupe comigo. Darei um jeito.

Se cuida e me mantenha informada, por favor.

Ela desliga o aparelho e fica um tempo olhando para o nada.

— O que aconteceu? — pergunto, e só então parece me perceber ali.

Eva me encara e desvia os olhos alguns instantes depois.

— Nada, está tudo bem — diz e sei que se trata de uma mentira.

Com a ponta dos dedos ergo seu queixo.

Ela me olha insegura.

— Vou perguntar novamente: O que aconteceu?

Ela suspira e esboça um sorriso forçado.

— Estourou... é... estourou um cano lá em casa, foi isso —

balbucia.

Eu nego com um gesto de cabeça.

— Você está mentindo, não precisa me contar o que acontece de fato, mas sei que é um problema maior do que um cano estourado — avalio.

Ela baixa o olhar.

— Você está certo, mas não posso contar agora, pois não sei ao certo o que acontece realmente — confessa.

Uma força, maior que a razão me domina, tenho um grande desejo em protegê-la, assim a abraço e beijo o topo de sua cabeça.

— Sei que é cedo, mas você pode confiar em mim, Eva.

Ela abraça minha cintura.

— Eu acredito em você — afirma e se afasta para me olhar.

— Nunca falei nada, mas sou muito grata a você.

Enrugo a testa.

— Não fiz nada para você ser grata — anuo.

Ela ri e encosta a cabeça no meu peito.

— Sim, fez. Você me deu uma oportunidade.

Desta vez eu rio e aliso suas costas.

— Não. Eva, agi por puro interesse, só não tinha certeza do que realmente queria, mas agora eu sei.

— E que interesse é esse? — indaga com voz abafada.

— Você — respondo com sinceridade.

Ouço sua risada, então ela se afasta e me olha.

— Preciso fazer uma ligação.

— Para seu irmão? — pergunto colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

— Não, preciso ver se consigo falar com uma amiga minha —

declara com desanimo.

Eu a encaro por um tempo.

— Posso saber o motivo? Ou também é segredo?

Eva ri e balança a cabeça.

— Tenho que ver com ela se posso passar a noite em sua casa, não posso ir para casa hoje — responde e sinto um tom triste em sua voz.

— Não seja por isso, você pode dormir aqui — acentuo com naturalidade.

Eva fixa seus lindos olhos nos meus.

— Acho melhor não.

— E por que não?

Ela coça a testa.

— Eu sei que estamos em outro patamar sobre nossa relação, mas não estou segura se devemos ir além, ainda —

acrescenta sem graça. — Não que eu não queira, não é nada disso,

mas... bem uma mulher tem que estar preparada para essas coisas, e como pode ver, eu...

Eu faço uma coisa que há muito tempo não faço, eu solto uma gargalhada.

— Eva, você me diverte como ninguém mais — comento e desço a mão até sua cintura. — Posso afirmar que você está mais do que preparada, e sem sombra de dúvida que está molhada, vejo o desejo em seus olhos e no modo como sua boca aceita a minha

— sopro bem perto de seu rosto, ela ofega. — Você já é minha, cedo ou tarde irei devorar você dos pés a cabeça. Não prometo que seja hoje, ou amanhã, mas farei com que seja logo, porém hoje posso respeitar você. Mas você dorme aqui. Isso está decidido.

Ela joga a cabeça para trás e aproveito para lamber seu pescoço.

— Você não manda em mim, Benjamin — sussurra toda derretida.

Passo a língua em sua pele até sua orelha e ali a encho de pequenas mordidas.

— Não? — provoco com a voz grossa. — E se eu disser que será recompensada, se for bastante obediente? O que me diz.

Esfrego-me nela que solta um gemido ansioso.

— Recompensa? — questiona.

Aproximo-me de sua boca e aperto sua bunda.

— Sim, a recompensarei e serei generoso, Eva. Passe a noite aqui comigo, juro que não farei nada que a deixe desconfortável.

Beijo seus lábios com fome e penso numa maneira de convencê-la. Não vou permitir que ela durma em qualquer outro lugar. Eva me abraça e respira forte. Suas mãos sobem até meus cabelos e é a sensação mais prazerosa que já senti.

Todo meu corpo reage.

— Sim — ela geme em meus lábios.

— Amo essa palavra vindo de sua boca — confesso com a boca grudada na sua.

— Você é muito mandão.

— Você ainda não viu nada — replico.

Meu pau duro como ferro empurra em minha calça. Não sei por quanto tempo posso suportar essa agonia. Preciso dessa mulher tanto quanto um faminto precisa de comida. Pareço mais um adolescente diante de sua primeira mulher, isso até me assusta, mas ao mesmo tempo me deixa vivo. Era como se eu estivesse esperando por ela, para despertar esse homem das cavernas em mim, esse lado primitivo que quer apenas fazer dela a minha mulher.

E que se dane tudo, hoje ela será minha, e até o final da noite ela vai implorar para que eu a tome. Ou mudo meu nome.



Capítulo 23

Ponho fim ao nosso beijo, seguro seus ombros, e Eva me olha com paixão, ergo uma das minhas mãos e passo as costas dos meus dedos em seu rosto. Seu olhar tão expressivo demonstra o desejo que sente, o mesmo desejo que me consome por inteiro.

Eu sorrio enquanto a admiro.

— Você já almoçou? — pergunto.

Ela acena.

— Sim, almocei cedo com a Cora — ressalta e só assim lembro-me da minha governanta.

Não a vi desde que cheguei, estava tão cego e não me dei conta de Cora, saí agarrando Eva sem refletir, poderíamos ser flagrados a qualquer instante. Minha preocupação não era comigo, pois estava em minha casa, eu não devo satisfação a ninguém e faço da minha vida o que bem entender, mas tenho que preservar Eva, pois com certeza se sentiria constrangida.

— Por falar nisso, onde está Cora? — indago. E mesmo correndo o risco de sermos pego não a deixo escapar dos meus braços.

— Ela avisou à sua assistente que tinha uma consulta hoje, então saiu mais cedo — informa.

— Ela está bem? — interpelo e ao mesmo tempo percebo que na minha ânsia nem mesmo liguei para Maria Eugênia.

Eva dá um sorriso suave.

—Sim, apenas uma consulta de rotina.

Seguro seu queixo, deposito um beijo na ponta de seu nariz e me distancio.

— Ótimo! Agora enquanto almoço, você pode terminar de preparar seja lá o que for.

Eva balança a cabeça e sorri.

— Você me confunde na maioria das vezes — confessa enquanto marcha até a bancada.

Eu olho para sua bunda e lambo os lábios.

— E você me confunde sempre — retruco, já arrependido de deixá-la se afastar.

As horas seguintes passam e procuro saber mais sobre ela, como foi seu tempo no colégio interno e depois no convento. Eva conta que muita coisa não é como ela esperava, revelou que algumas vezes se divertia e que fez duas grandes amigas, uma, assim como ela, abdicou de ser freira, já a outra amiga ainda era noviça e faria seus votos em breve. Por um lado ela lamentou, pois sabia que mais cedo ou mais tarde perderia o contato.

Uma das coisas que admiro em Eva é o fato dela falar naturalmente, claro que ela se resguarda sobre alguns assuntos, aos quais ainda irei descobrir, não a forçarei a nada e sei que aos poucos conseguirei minhas respostas. Pois quero saber tudo sobre ela, desde seus mais profundos segredos e desejos, até o mais comum de seus hábitos e anseios.

Ao terminar de preparar o doce ela o põe na geladeira e de repente noto um clarão, nós dois olhamos ao mesmo tempo para o terraço e uma chuva torrencial começa a cair.

— Você iria ficar aqui de qualquer maneira, pois é impossível sair com o mundo desabando lá fora — concluo satisfeito.

Eva sorri e me olha.

— Isso me faz lembrar o dia que te conheci — comenta.

Ela está a alguns passos de mim, então volto a divisar seu rosto. Levanto-me da cadeira e vou até ela, ando devagar e paro em sua frente, meu corpo quase

encosta no seu, mas não a toco. Seus olhos brilham de desejo.

— Engraçado... toda vez que chove lembro-me de você, no entanto o sol tem mais a ver contigo — evidencio com voz serena e deixo meus olhos passearem por toda extensão de seu rosto. —

Afinal, de certa forma, você traz brilho por onde quer que passa.

O sorriso de Eva se alarga e o brilho de seus olhos se intensifica.

— É por essa e outras que me sinto confusa, nunca poderia imaginar que você falaria coisas tão bonitas — externa e ergue uma de suas mãos e acaricia meu peito. — Você é um enigma, cada vez mais quero descobrir o que mais você esconde.

Eu seguro seu pulso e trago sua mão até minha boca, então viro sua palma e beijo demoradamente e fixo meus olhos nos seus, com necessidade.

— Sinta-se à vontade para me desvendar — incentivo com voz rouca.

Capturo seus lábios com necessidade. É um beijo rápido, porém cheio de promessas. Afasto-me dela dando um passo para trás, Eva respira com urgência e se segura na bancada.

Esboço um sorriso vitorioso e caminho até a porta.

— Aonde você vai? — pergunta arfante.

— Preciso ligar para a empresa, enquanto isso pegue sua bolsa, já volto para buscá-la — aviso abrindo a porta.

— Você vai me levar embora? — questiona incerta.

Eu paro. Permaneço de costas para ela.

— Vou apenas levá-la para o lugar que é perfeito para você

— respondo, olho para trás e sorrio com malícia. Eva me observa e ainda se agarra a bancada, noto sua expressão confusa. — À minha suíte, minha cama, para ser mais específico.

— Eu vou dormir com você? — Sua voz sai vibrante.

Balanço a cabeça e volto a olhar para frente, passo pela porta.

— Não garanto que vá dormir, mas passará a noite comigo —

afirmo e assim fecho a porta, antes que ela venha com outra pergunta.

Subo as escadas, eufórico. Entro no escritório e me encosto à porta, fecho os olhos e faço alguns exercícios de respiração.

Preciso me controlar, não posso simplesmente pegar Eva e foder sem sentido, porque é exatamente isso que quero fazer. Não quero assustá-la ao mostrar esse lado instintivo e selvagem. Abro os olhos e caminho para minha mesa. Melhor eu trabalhar um pouco, devo ligar para Maria Eugênia e solicitar que agende uma reunião para o dia seguinte com os acionistas, antes que me perca em minha luxúria.

Em menos de uma hora consigo estabelecer uma programação junto a minha assistente e antes de desligar ela informa sobre Cora, e que havia passado um e-mail avisando sobre sua consulta. Finalizo a ligação e vou até a janela, uma chuva torrencial cai sobre a cidade, por sorte dispensei Duarte cedo, ou ficaria preso no temporal.

Ainda é cedo, normalmente aproveitaria para adiantar meu trabalho e verificar algumas planilhas, mas não adianta mentir para mim mesmo. Eva está lá em baixo à minha espera e com certeza se perguntando o que acontecerá. Não a deixarei esperar por mais tempo. Pego meu celular em cima da mesa e o desligo, pela primeira vez faço algo tão inesperado. Decido que não quero analisar minhas ações.

Então desço e mais uma vez sigo para a cozinha, abro a porta e vejo Eva olhando para o terraço, ela tem os braços cruzados e parece distraída, meu peito se exulta, meu corpo reage instantaneamente apenas em vê-la ali, de pé e tão desnorteada, pois é assim que a vejo.

Dou um passo para dentro da cozinha, ela não me vê ainda.

— Eva! — chamo e ela se vira.

Caminho em sua direção, ela descruza os braços, deixando-os cair ao lado de seu corpo.

— Benjamin! — Toda vez que meu nome sai de seus lábios sinto um baque forte em meu coração.

Estaco em sua frente.

— Você está pronta?

Eva solta o ar pela boca e passa a língua por seus lábios, sinto como se atingisse minha ereção, fecho as mãos apertadas para não segurá-la com força. Nunca pensei que fosse tão difícil controlar minha atração por ela.

— Pronta? Para quê?

— Para subir, vou te mostrar onde passará a noite —

anuncio, ela acena e me olha hesitante. Levanto minha mão, acaricio seu rosto e seguro seu queixo, meus olhos prendem os seus. — Eva, eu jamais farei algum mal a você, não a machucarei, ao menos não propositalmente, e nunca farei nada que você não queira. Dou minha palavra.

Eva me encara com seriedade. Se ela soubesse o quanto é magnífica para mim, o quanto a venero, não teria dúvidas.

Ela sorri com suavidade.

— Eu sei — murmura.

Sua confiança em mim faz com que eu deseje protegê-la de tudo. Eva é tão doce e encantadora, gostaria de ter o poder de que

nada de ruim a acontecesse.

Beijo sua cabeça, desço minha mão e pego a sua.

— Então vamos, onde está sua bolsa? — pergunto olhando em volta.

— Na cadeira.

Assim pego sua bolsa e a arrasto da cozinha.

— Você conhece toda a cobertura? — pergunto para tentar aliviar a tensão.

— Apenas a sala de estar e de jantar, além da cozinha e área de serviço, é claro — responde.

— Mais tarde te mostro tudo — aviso já subindo as escadas em direção a minha suíte.

— Eu não tenho roupa para dormir, somente esta que uso para trabalhar e a outra que venho — dispara de repente.

Paro em frente à porta da minha suíte e olho para ela, que está sem jeito. Eu sorrio.

— Não se preocupe, arrumarei algo para você — ressalvo.

Melhor do que dizer que ela não precisa de roupa alguma, que pode ficar nua, mas não tenho a intenção de assustá-la. Abro a porta e entro na suíte. — Aqui estamos, vou providenciar tudo para que se sinta à vontade.

Paro no meio do quarto e olho para Eva. Ela contempla ao redor e se volta para mim.

— Aqui é grande, e devo admitir, muito bonito também.

Merda! Sabia que não poderia me segurar por muito tempo.

Eva em minha suíte, com a cama tão perto, nem mesmo um eremita poderia manter a compostura por muito mais tempo. Porque esta é a verdade. Não suporto mais resistir.

Com certeza ela sente minha mudança, pois seu sorriso morre, e seus olhos lampejam. Largo sua bolsa e não sou capaz de esperar mais tempo.

Agarro Eva, desço minha boca até a sua e a beijo. Na mesma hora ela corresponde ao beijo e envolve seus braços em meus ombros. Inclino meu corpo, seguro seu quadril e a ergo fazendo com que envolva suas pernas em minha cintura. Carrego-a até a cama king size, ponho um joelho e depois outro no

colchão e a levo até o centro da cama, desço seu corpo, não a solto, nem deixo de beijá-

la, e fico por cima dela. Permito que minhas mãos deslizem por sua pele e sinto seus arrepios. Mergulho minha língua mais profundamente em sua boca, Eva esfrega seus seios contra o meu peito, e sinto seus mamilos duros. Minha necessidade cresce e paro de beijá-lo por um instante.

Esfrego meu pau entre suas pernas e ela geme.

— Porra, Eva! Estou ficando louco de tanto tesão —

manifesto-me e simulo estar me enterrando nela. — Eu quero você, Eva, como nunca quis nada em minha vida. Não vou te pressionar a nada, mas vou mostrar o quanto podemos ser bons juntos, e no final, se for de sua vontade, a farei minha — rosno passando os lábios por seu rosto.

— Benjamin, quem me enlouquece é você — revela, ofegante.

— Então, prepare-se, quero que você perca os sentidos.

Ajoelho-me entre suas pernas, retiro minha camisa e jogo aleatoriamente em algum lugar, Eva me olha com desejo e traz suas mãos até meu tórax, com a ponta dos dedos alisa minha pele.

Seguro seus pulsos e a trago para ficar sentada, então sem pedir licença arranco sua blusa, ela usa um sutiã rosa que com certeza ficará perfeito fora do meu caminho. Assim levo minhas mãos até suas costas e os abro, e como fiz com a blusa, também me livro dele.

Baixo o olhar até seus seios redondos com bicos empinados.

É de dar água na boca. Sua pele, levemente bronzeada e exposta é convidativa. Minhas mãos tocam seus seios e Eva fecha os olhos.

Ela se encontra com as pernas envolvidas em minha cintura, sentada em meu colo, então inclina a cabeça para trás e trava os dedos em meus ombros. Aperto seus seios com força e puxo os bicos fazendo com que solte um murmúrio.

Escorrego minhas mãos até sua cintura e com cuidado faço com que volte a se

deitar, afasto-me alguns centímetros e abro o botão de sua calça. Ela abre os olhos, seus cabelos escuros estão espalhados enquanto seus braços repousam acima de sua cabeça, é a imagem da sensualidade.

Ela lambe os lábios.

— O que você pretende fazer comigo? — pergunta num fio de voz.

— Já te falei: fazer com que perca os sentidos — digo enquanto tiro seus jeans.

Ela permite que eu os tire, sem titubear, soltando as pernas da minha cintura. Junto levo suas sapatilhas e jogo tudo no chão ao lado da cama.

— Te garanto que estou bem perto disso — admite.

Eu sorrio e olho para seu corpo quase nu, apenas de calcinha. Meus olhos vagueiam por sua pele. Ela é tão linda, tão perfeita! Sinto-me em brasas, o desejo é tão forte que acredito não suportar tamanha fome.

Volto a fixar meus olhos cerrados nos seus.

— Estar perto não é o bastante, minha querida! — retruco.

Inclino meu corpo e deposito minha boca em seu seio, tomo seu bico e sugo. Eva se contorce sob meu corpo. Mudo de posição e faço o mesmo com seu outro seio. Separo bem os meus lábios,

absorvo o máximo que me é permitido enquanto minha língua brinca com seu mamilo.

Eva rebola e percorre minha perna com seu pé.

— Aí... Benjamin... — geme enquanto se remexe.

Saboreio seus seios por mais alguns instantes, logo desço minha boca passando por seu estômago e barriga. Rodeio seu umbigo com a ponta da língua e desço um pouco mais.

Com suavidade abro um pouco mais suas pernas e encaixo meus ombros para que suas coxas fiquem apoiadas. Respiro forte e sinto o cheiro de sua excitação.

Esfrego o rosto por cima de sua calcinha molhada e ela salta, deixando escapar outro gemido.

— Maravilhosa — sussurro e puxo sua calcinha de lado. Sua bocetinha completamente encharcada me deixa alucinado. Passo a língua em seu clitóris e o saboreio. — Tão doce e deliciosa!

Começo a explorar seu clitóris com a língua e depois chupo com força, agarro suas coxas e a seguro no lugar, a cada lambida ela salta e geme alto. Deslizo a língua até sua entrada e introduzo a língua em seu núcleo enquanto meu nariz roça seu montículo. Eva arqueia suas costas, sua boceta empurra contra minha boca e assim sugo sua excitação com mais energia.

Sinto uma de suas mãos puxarem meus cabelos e empurrar minha cabeça.

— Benjamin, por favor — suspira completamente tomada pelo prazer.

Eu abro os olhos e direciono meu olhar até seu rosto. Ela tem os olhos fechados, vira a cabeça de um lado para o outro enquanto sua outra mão puxa o lençol com vigor entre seus dedos.

Eu aperto suas coxas, e minha língua move-se com eficiência. Eva está pronta para gozar, então diminuo o ritmo.

— Eva, abra seus olhos — ordeno sem tirar a boca de sua bocetinha. Ela solta um suspiro e os abre, nos encaramos. Muito

devagar deslizo minha língua até seu clitóris e ela morde seu lábio.

— Assim está melhor, quero que você goze em minha língua sem tirar seus olhos dos meus.

Ela respira com dificuldade.

— Okay — sopra sem ar.

Volto a me deliciar em seu sexo. Estamos presos um no outro, seu rosto se contrair e ela finca as unhas no meu couro cabeludo. Ela goza e eu delicio-me do seu gozo.

Quando ela relaxa eu me afasto apenas para arrastar-me por seu corpo. Minha boca fica próxima da sua.

— Agora você sentirá seu gosto em minha boca — acentuo e aproprio-me de sua boca. Eva envolve meu pescoço e arfa em minha boca quando volto a simular estar fazendo sexo com ela.

Levo minha boca até seu ombro e a mordo para depois lamber.

Passeio minha língua por seu pescoço até sua orelha. — Meu pau está duro querendo essa boceta gostosa — sussurro em seu ouvido.

Eva se contorce e choraminga.

— Benjamin, eu quero você — confessa.

Pego seus pulsos e tiro seus braços do meu pescoço e os elevo no alto de sua cabeça, os mantenho presos, segurando-os apenas com uma das minhas mãos. Mais uma vez fricciono meu pau, ainda dentro da calça, entre suas pernas.

— Você tem certeza de que me quer, Eva? Porque depois não há como voltar atrás — declaro no meu limite, louco para tomá-

la de uma vez, ela acena. — Preciso de suas palavras, minha querida.

Ela passa a língua em seus lábios.

— Eu quero você. Faça-me sua... Benjamin, por favor — roga com urgência.

Eu paro meus movimentos e a olho com admiração e fascínio. Eva é tão genuína que sinto-me completamente arrebatado por ela. Eu acaricio sua face com a minha mão livre.

— Antes quero que saiba uma coisa importante — enfatizo com seriedade, ela me assiste incerta. — Você se tornou muito especial para mim, e eu tenho muita sorte por você estar aqui comigo.

Seus olhos transbordam de emoção e eu a beijo com carinho.

Levanto-me devagar e tiro minha calça de moletom, pego na cabeceira da cama

um preservativo. Eva permanece deitada e me observa com atenção. Volto para cama e retiro sua calcinha, fico de joelhos entre suas pernas, ela desce seus olhos até fixá-los em meu pau. Eu o manuseio e ponho a camisinha, então desço meu corpo fechando a distância entre nós.

Pego uma de suas pernas e a levo até que envolva minha cintura e pressiono meu pau em sua entrada.

Ela me encara e noto o receio em seu olhar.

— Só peço que vá com calma — sussurra.

Eu nunca transei com uma virgem antes, mas é do meu conhecimento o quanto a primeira vez pode ser desconfortável e até dolorida, queria poder ser eu a sentir qualquer tipo de dor, pois Eva merece o melhor dos tratamentos, mas infelizmente não tenho esse poder, mas farei o possível para que ela sinta-se bem.

Aliso seu rosto e a olho com carinho.

— Desta vez você dita o ritmo, prometo não ser apressado —

reforço e dou um selinho em sua boca.

Eva me segura pelo ombro e sorri.

Finco uma das mãos no colchão, a outra, eu seguro em sua cintura. Assim impulsiono o quadril e deslizo meu pau bem devagar em sua entrada, por ela ter gozado antes facilita um pouco. Porém Eva é apertada para caralho, o que faz ser muito difícil para mim, ter

que controlar meu desejo. Ela me deixa desnorteado, minha vontade de fodê-la forte terá que esperar, pois ela sempre será a prioridade para mim, seu prazer sempre virá em primeiro lugar.

Eu fecho os olhos apertados e mesmo com o ambiente climatizado sinto o suor permear meu corpo. Volto a abrir os olhos e avanço um pouco mais até que chego num ponto onde posso perceber certa dificuldade em seguir adiante.

Eva respira fundo e me olha com confiança, neste momento ela consegue

derrubar uma barreira invisível que existe dentro de mim.

— Por favor, continue — pede.

— Não quero te machucar — respondo baixo.

Eva se remexe e por pouco não me enterro de vez em seu sexo. Agora, eu respiro com dificuldade.

— Você não vai me machucar — garante —, por favor, Benjamin, eu preciso de você.

Não tenho como negar nada a esta mulher.

Assim com um único golpe afundo-me em seu núcleo. Eva solta um gemido e aperta meu ombro com força. Eu abaixo a cabeça e beijo sua boca.

— Desculpa — lamento sentindo-me culpado, deveria ter ido com mais calma.

Ela me abraça e me beija de volta.

— Foi apenas um incômodo, agora passou e preciso que você continue — desabafa arfante.

Então tomo seus lábios e a beijo com paixão. A princípio movo-me com lentidão, aos poucos acelero e Eva se contorce me deixando louco. Eu entro e saio da sua boceta apertada com precisão. Levo a mão que está em sua cintura até seu clitóris e com

o polegar faço pequenos círculos enquanto empurro meu pau mais forte. Eva começa a gemer e rebolar embaixo de mim.

— Porra... goza no meu pau — demando com a voz grossa e ela morde os lábios.
— Caralho, você é ainda mais linda quando está excitada.

Eva revira os olhos e ofega pela boca. Então segura meus braços.

— Benjamin... eu... eu...

Empurro meu pau até minhas bolas grudarem em sua bunda e circulo o quadril para dar ainda mais prazer a Eva. Ela arranha meus braços.

— Agora você é minha, Eva. Essa boceta gostosa é minha.

Está ouvindo? — exijo.

— S-sim... ai — murmura e sua boceta aperta meu pau.

Ela goza e quando está se acalmando permito liberar meu próprio prazer. Jogo a cabeça para trás e encho a camisinha de esperma, quando queria mesmo era marcá-la com meu gozo.

— Caralho, você é muito gostosa! — exclamo depois de gozar e caio em cima dela com a cara em seu pescoço.

Nunca me senti tão completo. O prazer que sinto não se estende somente ao meu corpo, é algo muito maior.

E pela primeira vez estou perdido sem saber o que fazer. Mas com a certeza de que não deixarei Eva sair da minha vida.

Isso nunca.



Capítulo 24

Meu corpo repousa saciado. Benjamin está estendido em cima de mim, sua boca toca meu pescoço e sinto sua respiração quente em minha pele. Nem acredito que estou em sua suíte e que acabamos de fazer sexo. Fiquei tão hipnotizada por suas carícias e palavras pervertidas que o desejo me dominou por completo.

Eu deveria estar arrependida, mas não estou. A verdade é que me senti atraída por Benjamin desde o primeiro dia em que o vi, mesmo quando ele foi um imbecil não fui capaz de tirá-lo dos meus pensamentos. Não imaginava que ele se sentia da mesma maneira.

Agora estou aqui em sua cama, mal posso acreditar nas coisas que fez comigo,

presumia que ele fosse um homem mais contido, afinal sua postura rígida não permite transparecer o quanto é audacioso. Entendo que Benjamin esconda muitas facetas, ele sabe ser ainda mais dominador na cama, também sabe como dar prazer. Considero-me uma felizarda por ter sido meu primeiro. Valeu a pena a espera.

Ele beija meu pescoço e finalmente sai de cima de mim.

Deita ao meu lado, puxa-me pela cintura e me prende a cama pondo uma de suas pernas sobre minhas coxas, eu fecho os olhos e suspiro.

— Você está bem? — Sua voz rouca consegue acalentar minha alma.

Abro meus olhos e o encaro. Seus olhos, ainda mais verdes, se fixam nos meus. Ele é tão lindo! Sua boca tem um desenho perfeito e está levemente umedecida, para completar a barba bem

feita permite que a simetria do seu rosto fique inclusive mais perfeita.

— Não poderia estar melhor — respondo com voz mansa e sorrio.

Benjamin tem o olhar ébrio, meus batimentos cardíacos se intensificam em meu peito. Ele ergue a mão e afaga meu rosto.

— Você me deixa louco, sabia?

Também estendo minha mão e aliso sua barba.

— Sou incapaz de entender o motivo. Não há nada de especial em mim — retruco com um sorriso.

Ele move a cabeça e beija a palma da minha mão.

— Com certeza existe muita coisa de especial em você. —

Benjamin traz sua boca até a minha e me beija, em seguida seus lábios sobem até meus olhos, onde com suavidade deposita um beijo. — Só não enumero o que tem de especial, pois ficará muito metida.

Eu caio na gargalhada e ele ergue a cabeça e apoia em sua mão com o cotovelo

fincado no colchão. Sorrindo me observa com olhar sensual.

Olho para ele e controlo a risada.

— Eu metida? O metido aqui é você — caçoo e passo a ponta do dedo em seu nariz. — Eu sim, não posso dizer nada ou está arriscado você ficar presunçoso.

Benjamin prende nossos olhares e fico séria, sua mão vem até minha nuca, onde ele massageia deixando meu corpo incendiar.

— Eva — sussurra meu nome com voz grossa e sinto a mudança em sua expressão. Antes divertida, agora cobiçosa. —

Você não tem ideia do que imagino fazer com você — revela e sinto-me arrepiar da cabeça aos pés. — E quando eu pôr em prática tudo que penso, ficarei presunçoso, afinal serei o único a lhe dar prazer.

Passo a língua em meus lábios e sinto a garganta secar.

Esse homem está despertando um lado meu que eu nem sabia existir. Mesmo dolorida volto a ficar excitada com suas palavras e desejo que ele me possua uma outra vez.

Acaricio seu peito e viajo meus olhos por seu tórax, ele ainda não retirou o preservativo e noto seu pênis voltando a ficar rijo ao prensar a lateral do meu quadril.

— Confesso estar curiosa com o que pretende — admito ofegante.

Subo os olhos até os seus que encontram-se em brasas.

— Não brinque com fogo Eva, pois pode se queimar.

Dou um meio sorriso ousado.

— E quem disse que não quero me queimar? — replico.

Benjamin fecha os olhos apertados e respira fundo, então vagarosamente volta a abri-los.

— Você é tão atrevida! — exclama com intensidade. —

Porém por agora não vou fazer nada, pois tenho certeza que está dolorida. Vou retirar a camisinha e preparar um banho de banheira.

Cuidarei de você — completa. Beija minha testa e se distancia.

Acompanho seus passos com o olhar. Ele vai até o outro lado do quarto e abre uma porta para depois fechá-la atrás de si.

Sozinha, viro-me de lado e puxo um lençol, pois sinto frio.

Com Benjamin longe meus pensamentos viajam até minha família, deveria estar duplamente culpada, mas apenas agora minha mente volta a analisar a complexidade da situação.

Mais cedo Sandro ligou e pediu que não voltasse para casa, que todos passariam a noite fora, e que até a pizzaria havia fechado, pois fora invadida, não roubaram nada, mas destruíram algumas coisas. Quando me ligou Benjamin estava perto de mim, e não fiz muitas perguntas, não quero trazer meus problemas a tona,

por muitos motivos: um deles é que Benjamin não faça mau juízo da minha família.

Então assim que ele saiu da cozinha me deixando sozinha liguei para Sandro e pedi explicação, meu irmão logo contou que Luigi após a invasão da pizzaria pressionou nosso pai e este confessou estar devendo um agiota e que o mesmo o ameaçou.

Logo depois de papai ter revelado a verdade, mamãe apareceu no escritório em prantos, pois os invasores deixaram um recado dizendo que nossa casa seria a próxima.

Segundo Luigi, houve grande desespero e para fechar com chave de ouro, papai recebeu uma ligação, e o agiota informou que se chamassem a polícia a mobília não seria quebrada, e sim um de seus filhos.

Ao lembrar de tudo que Sandro falara meus pelos se arrepiam de pavor. Apontei para meu irmão que esses bandidos poderiam aparecer a qualquer momento, mas Sandro contou que Luigi iria tentar uma conversa com o tal agiota para ganhar mais tempo. Claro que ainda não há garantia de nada, e por isso mesmo fiquei aflita.

Depois que desliguei o telefone criei vários cenários em minha cabeça, e nenhum era bonito e quando Benjamin reapareceu na cozinha pude me desligar um pouco da minha realidade, ele conseguiu que eu esquecesse todos os meus problemas familiares, todas as minhas preocupações.

Penso em minha mãe e no Thomas, em como eles estão na casa da tia Kelly, sei que para ela está sendo difícil, pois com tudo isso acontecendo não pode extravasar por conta do meu irmão caçula. Levo a mão ao meu cordão em forma de terço e fecho os olhos pedindo que não aconteça nada de ruim e Luigi consiga resolver ao menos parte do problema. Também temo por ele, mas sei que meu irmão mais velho é esperto.

Sinto o colchão se afundar e percebo o toque de Benjamin em minha testa. Eu abro os olhos e ele me observa com atenção.

— Por que está com essa carinha? Está arrependida? —

questiona sério.

Esboço um sorriso.

— De forma alguma estou arrependida — afirmo.

Seu dedo desliza por minha face até chegar a minha boca, onde ele contorna meus lábios.

— Fico feliz em saber — externa e me olha com carinho. —

Torço para que entre nós não haja arrependimentos. Porém tenho um pedido a fazer.

Observo-o intrigada, pois ele volta a ter uma expressão muito severa. De certo modo sinto-me receosa.

— Qual pedido?

Ele fixa o olhar no meu e meu coração dá um salto.

— Que você nunca esconda nada de mim, que se alguma coisa não estiver do seu agrado que me diga. Seja lá o que for.

Entende?

Aceno, e sei que ele deve ter suas razões para seu pedido.

— Okay. E peço o mesmo de você — assinalo.

Ele sorri.

— Você sabe que quando não gosto de alguma coisa eu digo

— argumenta e eu reviro os olhos brincando com ele. Benjamin ri.

— Você é tão atrevida, Eva — comenta, tira o lençol de cima de mim e me pega em seu colo. — Você vai me contar por que estava com expressão aflita ainda há pouco?

Tenho vontade de me abrir com ele, mas não acho certo despejar meus problemas de família em Benjamin, nem mesmo sei como ficaremos daqui por diante. Também não quero que ele me veja como uma dessas mulheres problemáticas e por consequência tenho medo que queira se afastar de mim caso descubra que meu pai deve dinheiro a um agiota que ameaçou minha família.

— Não foi nada, apenas estava pensando na vida — minto e para distraí-lo entrelaço meus braços em seu pescoço e beijo seu rosto. — O que pretende fazer comigo?

Ele me olha desconfiado, era de se esperar que Benjamin notasse minha estratégia. Ele sorri e atravessa o quarto.

— Sei o que está tentando fazer, Eva. Você não me engana.

Quando estiver preparada você conta o que está te deixando angustiada — rebate e entra no banheiro. — Por hora vamos tomar banho de banheira.

Olho em torno e fico surpresa com o que ele chama de banheiro. Nunca vi tanto luxo, isso é maior do que algumas casas que existem por aí. Existe uma bancada de uma parede a outra com um espelho a acompanhando. Observo uma parede de vidro no fundo, e é para lá que Benjamin caminha e noto os vidros embaçados.

Quando chega, ele consegue apertar um botão no canto da parede e a outra de vidro desliza dando a visão da grande banheira.

— Nossa! — exclamo.

Benjamin entra comigo em seu colo e senta-se, a água está quente e deliciosa. Ele me acomoda entre suas pernas e começa a massagear meus ombros.

— Agora vou cuidar de você, depois tiraremos um cochilo e pretendo comer aquela sobremesa mais tarde.

Eu sorrio com olhos fechados, suas mãos são deliciosas, sinto meu corpo relaxar.

— Isso é tão gostoso — murmuro e deixo escapar um bocejo.

— Nunca recebi uma massagem desta.

Ele baixa a cabeça e morde minha orelha, um tremor passa pelo meu corpo.

— Bom saber que sou o primeiro em muitas coisas.

Vou aos poucos relaxando e encosto em seu peito soltando um suspiro. Queria nunca sair daqui, e ficar para sempre em seus braços, ouvindo sua voz e sentindo o toque de suas mãos em meu corpo. Meu corpo relaxa por completo e sinto seus lábios tocar meu pescoço. Esse homem é maravilhoso!

Escuto um alarme soar em algum lugar e desperto assustada. Sento-me na cama e vejo Benjamin de pé. Ele me observa. Tudo o que aconteceu entre nós volta à minha cabeça, por alguns instantes me sinto encabulada. Como vim parar aqui? A última lembrança que tenho é de estar na banheira com ele massageando meus ombros e beijando meu pescoço e orelha.

Sinto meu rosto ficar vermelho. Fecho os olhos e ponho as mãos no rosto.

— Não acredito que cai no sono — murmuro.

Volto a abrir os olhos e olho para Benjamin que usa uma camisa branca e calça de moletom da mesma cor. O quarto encontra-se escuro, mas noto que o dia amanhecera. Ele sorri de maneira sacana. Não reclamaria nem um pouco se todos os dias tivesse essa visão.

— Acredito que estava cansada — responde.

Olho para mim mesma e estou usando uma camisa de manga curta da cor vinho que é enorme.

— Você me vestiu — comento e subo o olhar.

Então vejo Benjamin arrancar sua blusa e calça sem tirar seus olhos famintos de mim, baixo o olhar até sua ereção que está rígida, além do homem ser lindo tem um belo membro, além de grande. Por isso devo ter ficado tão dolorida. Olho seu pênis que estica tocando seu próprio umbigo e sinto a umidade entre minhas pernas.

Ele sobe na cama e chega perto de mim e só então percebo estar segurando um preservativo.

— Tire a blusa — ordena com a voz grossa.

Eu lambo meus lábios enquanto subo meus olhos por seu peito até seu rosto que está contraído de desejo.

— O que? — pergunto perdida.

— Eva, não me teste. Tira essa blusa agora. Quero essa boceta como meu café da manhã.

Esse homem maravilhoso falando assim consegue me deixar derretida, mesmo que eu quisesse, seria impossível resistir. Eu tiro a blusa e a jogo do meu lado. Olho para ele sedenta.

— Assim está bom? — Minha voz sai arrastada.

Ele coloca a camisinha, então alisa seu membro mordendo o lábio.

— Fica de quatro. Quero te comer por trás — declara.

Fico na dúvida, porém seu olhar não me deixa saída, e também quero saber o que ele tem em mente.

Faço como ele manda e me sinto exposta, por sorte ele não pode ver meu rosto.

— O que você pretende, Benjamin? — pergunto corajosa.

Dou um grito ao sentir uma palmada em minha bunda.

— Não pretendo nada. Eu farei com você uma das coisas que tenho sonhado fazer! — Sinto seu dedo passear por minhas dobras e solto um gemido abafado. — Você está molhada, totalmente preparada.

Assim agarra minha cintura e invade meu sexo em um só golpe, sinto-me preenchida por sua grossura e arfo.

— Benjamin... — gemo agarrando o lençol entre meus dedos.

Benjamin se dobra e sinto seu peito em minhas costas, ele morde meu ombro com força e com certeza deixará sua marca em mim. Então ele se ergue sem sair de dentro de mim e puxa meu cabelo fazendo com que minha cabeça se eleve para cima.

Sua boca encosta em minha orelha, sua respiração quente toca minha pele. Todo o meu corpo reage.

— Você sentirá meu pau nessa sua boceta o dia inteiro. A cada minuto durante o dia se lembrara de como te comi gostoso —

rosna saindo para depois entrar novamente em mim. — E eu tenho certeza de que ficarei duro no decorrer do dia lembrando dessa sua bocetinha apertada e gostosa.

Benjamin puxa meus cabelos e aumenta a velocidade batendo fundo e forte em meu sexo. Sinto como se eu estivesse me dissolvendo. Sua outra mão trava em minha cintura. Seu membro duro parece pulsar a cada batida, estou entregue a ele e nesta posição consigo senti-lo por inteiro. É uma sensação magnífica.

Minha pele se arrepia com suas investidas.

Meu sexo se aperta. Eu fecho os olhos e minha respiração acelera. Não sei o que quero, seja o que for quero mais.

— Benjamin.... eu....

— Eu sei o que você quer, Eva. — Ele para de repente totalmente enterrado e rebola em meu núcleo, eu arfo e aperto com mais força o lençol. Sua mão segura meu cabelo, e a outra mão desce até meu clitóris e o circula. É como se eu visse estrelas. —

Você quer gozar, eu sei. E você vai gozar gostoso, vai encharcar meu pau.

Não tem como me segurar, sua voz é deliciosamente rouca e a sinto em todo o meu ser.

— Sim, eu quero gozar...

Ele volta a se mover com velocidade, minha coluna inclina, Benjamin puxa meu cabelo de forma que meu rosto se vire e assim

ele toma minha boca num beijo devastador enquanto gozo gemendo e ele morde meu lábio inferior.

Assim que gozo ele sobe sua mão e aperta minha bunda.

— Um dia essa bundinha também será minha — sopra em minha boca e sinto seu membro pulsar quando chega ao clímax. —

Porra, acho que estou viciado em você. — completa enquanto goza.

Caímos os dois na cama e ele solta meu cabelo do agarre de sua mão e beija meu ombro. Eu sorrio e tento respirar.

— Estou sem ar — arfo e ele sai de cima de mim imediatamente e se joga ao meu lado.

Olho para ele que se volta para mim e sorri.

— Bom dia! — cumprimenta.

— Bom dia! — respondo num sopro.

Ficamos nos encarando por alguns instantes e ele afaga meu cabelo.

— Espero não tê-la machucado — declara preocupado.

— Não machucou — tranquilizo.

Ele se aproxima e me beija. Meu coração bate forte em meu peito. Eu poderia ter me entregado a outro homem, tive a oportunidade mesmo tendo uma vida regrada no internato. No entanto, o único que despertou essa ânsia foi o Benjamin.

Eu sei que o que sinto não é apenas uma paixão passageira, é muito mais. Tenho medo dos meus sentimentos. Porém estou disposta a ver onde vai dar.



Capítulo 25

Termino de pôr minha gravata no closet e retorno para o quarto, Eva está saindo do banheiro e já está devidamente vestida.

Minha pretensão era tomar banho com ela, mas se isso acontecesse não sairia daqui hoje. Por pouco não esqueci a reunião que terei agora pela manhã, logo eu que jamais esqueço meus compromissos de trabalho.

Ela me vê caminhar em sua direção e sorri.

— Você fica muito sexy vestido de terno — comenta passando os olhos por mim.

Seguro sua cintura e beijo seu rosto.

— Aposto que ficarei ainda mais sexy quando estiver enterrado em sua boceta vestido assim — provoco.

Eva empurra meu ombro e me encara embaraçada.

— Nunca poderia imaginar que falasse tanta besteira —

declara sacudindo a cabeça. — Você parece um homem tão sério e discreto.

Rio de seu comentário, seguro seu queixo e nos olhamos.

— Eu sou sério e discreto quando devo ser, com você, no entanto, não penso nisso, penso apenas em te possuir. — Baixo a cabeça e beijo sua boca.

Quando fico ouriçado me afasto. Eva tem o olhar nublado de desejo.

Ela então respira fundo e cruza os braços.

— Preciso ir para casa, você precisa me ajudar a sair sem ser vista — pede nervosa.

Franzo a testa e a encaro com atenção.

— Por que quer sair sem ser vista?

Ela rola os olhos e solta um bufo.

— O que a Cora e o Duarte irão pensar se perceberem que passei a noite aqui? — indaga descruzando os braços, então entorta a boca e põe as mãos na cintura.

— Eles não têm nada a ver com nossa vida, Eva — declaro sério.

Ela me olha surpresa.

— Você não se importa se acharem que nós dois.... bem, se acharem que passamos a noite juntos?

Aproximo-me mais uma vez de Eva e pouso uma das minhas mãos em seu ombro, enquanto a outra acaricio seus cabelos úmidos.

— Por que deveria me importar? Sou um homem livre, você também é livre, somos desimpedidos, no entanto não há com o que se preocupar.

Os ombros de Eva caem. Ela me olha inquieta.

— Eu vou ficar muito sem graça perto deles. Ainda ontem mal te conhecia e agora já estou aqui... — Ela move a mão mostrando o quarto. — Dormindo em sua cama.

Assisto Eva toda nervosa e aflita. Seguro sua mão e beijo seu pulso, ela me olha

com cautela.

— Relaxa, minha querida. A vida é nossa, fazemos dela o que bem entendemos, eu pago Cora e Duarte para trabalharem para mim, ela cuidando da cobertura, enquanto ele presta serviços de motorista entre outras coisas, não os pago para darem palpite ou tomarem conta da vida alheia — friso com calma.

— É fácil para você, afinal é o chefe deles, e meu também.

Assim eles podem pensar mal de mim, achar que quero me aproveitar de você — diz tensa.

Mais uma vez eu rio de suas palavras. Eva é inacreditável.

Ela me olha irritada, eu a puxo em meus braços e a agarro pela cintura.

— Eva, logo se vê o quanto é inocente. Eles não têm nada o que pensar, e mesmo se fosse o caso, sabem que eu sim posso estar me aproveitando de você. Então relaxa. Não estamos cometendo nenhum crime. Como já falei, somos adultos —

argumento.

Ela parece pensar no que acabei de falar entortando a boca.

Beijo a ponta de seu nariz, e ela suspira.

— Você está certo, não deveria estar preocupada com isso, mas é mais forte do que eu — confessa.

Sorrio e acarinho seu rosto com as costas da mão. Olho meu relógio de pulso e vejo o avançar das horas.

— Vamos, a deixarei em sua casa, acredito que já tenham arrumado o cano — comento. Ando até o sofá que fica no canto oposto a cama e pego ali meu notebook.

— Cano? — Eva indaga confusa e quando olho para ela, ri sem graça. — Sim, o cano que estourou. Certamente já arrumaram, recebi uma mensagem do Sandro avisando.

Eu a encaro e analiso sua expressão culpada. Sei que está com algum problema e por algum motivo não quer contar, preciso provar a Eva que ela pode confiar em mim, nos conhecemos há pouco tempo, eu sei, mas sinto como se a conhecesse a vida toda.

Volto para perto dela e pego sua mão e levo até minha boca e deposito um beijo em seus dedos.

— Não insistirei que me conte nada, mas você precisa saber que pode confiar em mim, okay? — ressalvo e ela acena. Beijo sua

face e me afasto. — Agora vamos, ou não sairemos daqui hoje.

Ela pega sua bolsa e saímos da suíte, vamos para a cozinha de mãos dadas e quando Eva percebe que estamos sozinhos, noto que relaxa. Ela não tem jeito.

Tomamos um rápido café, não costumo fazer refeição matinal em casa, mas não quero que Eva saia sem se alimentar, assim resolvo acompanhá-la.

Alguns instantes depois descemos até a garagem e Duarte já se encontra a postos e não emite expressão alguma quando vê que Eva me acompanha, discreto, como sempre, abre a porta traseira do carro.

— Bom dia senhor, bom dia senhorita — saúda.

Eva sorri sem jeito e acena antes de entrar no carro, eu olho para Duarte.

— Levaremos Eva para casa, primeiro — informo e Duarte anui.

Entro no carro e Eva está sentada toda recatada com cabeça baixa e as mãos unidas em cima dos joelhos. Sua pele está ruborizada e tenho vontade de beijá-la ali mesmo. Acho que se fizer isso ela morre de tanta vergonha.

Duarte entra no carro e quando liga o carro Eva finalmente me olha.

— Acho que nunca fiquei tão constrangida na vida —

sussurra e solta uma risada. — Certamente Duarte está acostumado com isso, assim como você, mas para mim é tudo tão novo.

Eu encaro Eva seriedade.

— O que você quer dizer com estamos acostumados com isso? — Indago mesmo sabendo a resposta.

Ela fica séria e olha para as próprias mãos.

— Ah, você sabe... dar carona para a mulher que passou a noite contigo. — Eva volta a me encarar de maneira incerta. — Não estou criticando nada, afinal como você mesmo disse: é livre e desimpedido.

Balanço a cabeça, olho para fora da janela, em seguida me volto para ela novamente.

— Eva, você está enganada. Duarte nunca levou para casa mulher alguma que tenha passado a noite comigo, mesmo porque, nunca permiti que nenhuma mulher passasse a noite ou o dia na minha cobertura — relato e ela arregala os olhos. — Você ainda tem muito a aprender sobre mim.

Ela olha para Duarte que continua a conduzir o veículo como se não existíssemos, então volta a me olhar e se aproxima.

— Não sei se você disse isso para me tranquilizar, mas não adiantou, agora sim, estou imaginando o monte de coisa que seu motorista deve estar pensando a meu respeito — murmura tão baixo que tenho dificuldade em ouvi-la.

Meu telefone vibra, e atendo sem verificar.

— Alô — respondo encarando Eva.

— *Benjamin, você já está na empresa*? — A voz de Charlotte chega como um balde de água fria.

Ela nunca é de ligar a esta hora para o meu celular, toda vez que precisa falar comigo liga para a minha assistente direto na empresa.

— Não. Por quê? — pergunto e quando vejo que Eva quer se afastar eu seguro sua mão. Ela me olha surpresa, mas não se move.

— *Nada, é que estou no aeroporto e como vou viajar a negócios decidi ligar*

logo, antes que pudesse me distrair no trabalho

— argumenta.

— E o que você quer? — Quero desligar logo para aproveitar a curta viagem com Eva até sua casa.

— O Evento beneficente que seu maior cliente faz todos os anos, será em vinte dias, posso contar com sua companhia? —

pergunta como se eu fosse obrigado a ir a todas as celebrações com ela.

Charlotte talvez não tenha entendido que não há compromisso algum entre nós.

— Não, vou com outra pessoa — respondo direto.

O silêncio me faz pensar que ela desligou, porém ouço sua forte respiração.

— Entendo, só liguei para confirmar, pois temos ido juntos a todos os eventos. De qualquer forma, nos encontraremos lá. —

Charlotte tem a voz fria, por mais que tente esconder é notável sua insatisfação.

— Sim, nos veremos lá — confirmo. Quando ela desliga coloco o celular de volta no bolso do terno, meus olhos cravados em Eva. — Esse telefonema serviu pelo menos para uma coisa —

reflito.

Eva sorri.

— Serviu para quê?

— Quero que vá comigo na festa beneficente — declaro surpreendendo a mim mesmo.

Eva arregala os olhos.

— Eu? — indaga pondo sua mão livre no peito. — Que festa?

Quando?

Ponho um dedo em seus lábios.

— Calma, não a levarei à forca. É apenas uma festa que acontece todos os anos, um cliente arrecada fundos para ajudar

uma instituição de caridade, para isso promove uma grande recepção — explico.

Eva me observa.

— Você dispensou sua companhia usual para que eu vá com você?

— Prestando atenção à conversa, Eva? — indago caçoando dela.

Eva fica vermelha.

— Claro que não, tentei me afastar para não ouvir, mas você me segurou — retruca na defensiva.

— Não precisa ficar envergonhada, Eva — digo e aperto sua mão. — Então você vai? — pergunto mais como uma forma de educação, pois ela irá, a convencerei.

— Vou pensar — diz e dá de ombro. Vejo que tenta esconder um sorriso.

Aproximo-me de sua orelha.

— Hoje à noite você dirá sim a qualquer proposta que eu fizer

— sopro e ela dá um pulo e olha para Duarte.

— Para com isso — sussurra e acho muito engraçado a forma como se comporta. — E quem disse que dormirei com você?

Sorrio de lado e olho para ela com desejo.

— Eu não disse nada sobre dormir, Eva. Quero mantê-la acordada a noite toda. — Sinto a minha voz grave.

Eva se arrepia e sei que está excitada, se estivesse em outro lugar a tomaria agora mesmo.

— Benjamin, melhor você parar de falar essas coisas.

Noto o carro virar a esquina de sua casa.

— Como pode ver estamos chegando e sei um jeito de Duarte parar de imaginar coisas entre nós — aviso e ela sorri.

— Ai que bom, e que jeito é esse? — pergunta empolgada.

Seu sorriso é lindo e penso que não quero ter mais um dia sequer sem esse sorriso.

Antes do carro parar, sem aviso. Seguro a nuca de Eva e a beijo com paixão. Ela primeiro fica sem ação, pois a peguei desprevenida, então não resiste e se entrega ao beijo. Quando finalmente o carro para em seu portão encerro o beijo. Ainda segurando sua nuca nos encaramos com a respiração suspensa.

Eu sorrio vitorioso.

— Você é louco? — Sua voz sai rouca e sexy. — Que jeito é esse? O que Duarte vai pensar.

Acaricio sua nuca com a ponta do meu polegar.

— Então... essa era a intenção: Ele não vai mais pensar ou imaginar. Agora terá certeza.

Antes que ela diga algo a mais eu volto a beijá-la, Eva praticamente se derrete em meus braços. Por fim a solto e Duarte já não está no carro.

Ela me encara e parece me analisar, então sacode a cabeça e sorri.

— Sabe, eu me enganei com você — confessa.

— Se enganou em quê?

Ela ri.

— Imaginava você como um homem frio, esnobe além de rude.

— Só isso? As pessoas costumam pensar muitas coisas ruins sobre mim — admito enquanto minha mão acaricia seu braço.

— E te digo que a maior parte é verdade.

Eva me encara com um brilho afetuoso em seu olhar. Ela levanta sua mão e passa seus dedos por minha barba.

— Acredito que queira passar essa ideia de malvado para as pessoas, mas... — Ela desce a mão até meu peito, e coloca a palma em meu coração que bate acelerado. — Você tem um coração enorme, Benjamin. E nem pense em ficar metido, ainda te acho um mandão — completa debochada.

Eu rio e seguro seu pulso.

— Querida, você ainda não viu o quanto gosto de mandar —

indico louco para deixá-la conhecer esse meu lado.

Depois saímos do carro e noto uma senhora com um garotinho se aproximando do portão de Eva, ela os vê e abre um sorriso.

— Tia Kelly, tudo bem? — pergunta e a senhora responde que está tudo bem. Eva então olha para o menino e se ajoelha perto dele, que tem um fone de ouvido e tem um olhar opaco. Ele não reage ao ver Eva, ela não o toca e parece esperar pela reação do menino que não faz nada. Seu sorriso é triste, mas ela o encara com carinho. — Thomas, daqui a pouco eu entro e podemos jogar alguma coisa.

Ela se levanta e olha com tristeza para a senhora que a observa com desânimo.

— Ele hoje está mais quieto que o normal, mas deve ser devido a mudança de ambiente — ressalta.

— Sim, deve ser.

Eles entram e Eva os acompanha com o olhar, quando passam pela porta ela suspira e me olha.

— Esse é seu irmão? — pergunto e ela acena. — O que ele tem?

Eva cruza os braços e seus olhos estão tristes. Odeio vê-la desta maneira, se pudesse acabaria com todos os seus problemas.

— Thomas tem síndrome de *Asperge* r — conta com voz baixa. — É um tipo de autismo, ele tem problemas com interação e

com um tratamento adequado pode conviver melhor com as pessoas.

Ponho a mão em seu ombro e aperto.

— Ele não faz nenhum tratamento?

— Sim, ele é acompanhado por um psicólogo, mas eu não vejo muita melhora em Thomas. — Eva está visivelmente aflita.

Então ela conta sobre algumas questões, diz que estão tentando um tratamento em uma instituição bem conceituada, com os melhores profissionais que tem como objetivo a inclusão do autista na sociedade, porém é muito difícil de se conseguir.

Ouço com atenção tudo que me diz, esta é a primeira vez que se abre sobre um problema familiar. Eva adora o irmão, sua expressão e a forma apaixonada como fala dele, demonstra seu carinho e devoção.

— Tenho certeza de que irão conseguir resolver esse obstáculo — afirmo e beijo o topo de sua cabeça. — Quando estiver saindo da empresa eu te ligo e venho buscá-la.

Ela põe as mãos na cintura e me encara.

— E quem disse que vou para sua casa hoje? — questiona tentando parecer brava, mas sei que tem vontade de rir.

— Se eu vier e você não estiver pronta a minha espera, te levo de qualquer jeito, não me teste, Eva — aviso e me viro. Duarte abre a porta traseira e antes de entrar olho para ela. — Descanse, você vai precisar.

Ela abre a boca horrorizada com minhas palavras. Sei que tem algo a dizer, mas como Duarte está por perto ela não diz nada.

Entro no carro rindo. Imediatamente pego o telefone e ligo para minha assistente, peço que pare tudo o que estiver fazendo e que procure por algo, que neste momento é o mais importante.

Maria Eugênia toma nota de tudo, sei, pois posso ouvir o barulho do teclado. Antes de desligar, ela diz que ainda hoje terá

tudo providenciado. Com um sorriso satisfeito desligo.

Agora sim me sentirei mais despreocupado. Não posso permitir que Eva fique triste. Quero vê-la sempre feliz, e no que depender de mim ela será.



Capítulo 26

Entro em casa e tia Kelly está sozinha, agachada catando alguns livros do Thomas que estão espalhados pelo chão. Assim que me vê ela se levanta e me olha.

— Então é esse seu chefe? — indaga com um sorriso enigmático.

Jogo-me no sofá de qualquer jeito e coloco a minha bolsa de lado e a encaro.

— Sim — respondo tentando demonstrar tranquilidade.

Ela acena com um gesto de cabeça.

— Bem que a Ruth comentou que ele era bonitão — dispara e se aproxima de mim com olhar curioso. — Ele parece bastante interessado em você, por acaso passou a noite em sua casa?

Adoro tia Kelly, ela é uma pessoa maravilhosa, mas às vezes quer saber mais que o necessário. Assim levanto-me e pego minha bolsa.

— Dormi lá sim, pois como sabe não podíamos vir para casa ontem, também

caiu uma chuva torrencial, como deve ter percebido

— explico rápido demais e caminho para o quarto de Sandro, onde tenho dormido desde o desentendimento com Nilza. — Vou me trocar e depois irei ver o Thomas e tentar entretê-lo um pouco.

Não espero que diga mais nada, não sou obrigada a dar satisfação a ninguém.

Mais tarde tia Kelly sai para ir ao mercado e fico com Thomas, meu coração se aperta, pois ele está completamente

arredio, não olha em meus olhos e fica apenas montando e desmontado um quebra-cabeças. Não insisto em dialogar, pois será pior. Thomas precisa de seu tempo.

Não demora muito, tia Kelly retorna e minha mãe chega junto com ela. Noto minha mãe abatida, mas não questiono nada, sei que no momento certo conversará.

Ela beija a cabeça de Thomas e depois a minha. Tia Kelly diz que irá preparar o almoço do meu irmão, ele a segue até a cozinha.

Minha mãe senta-se na poltrona e olha com um sorriso triste para Thomas, enquanto ele se afasta silencioso.

— Hoje após o almoço eu e seu pai iremos conversar com vocês, já avisei ao Sandro e passei mensagem para Nilza, também quero que Ruth esteja presente, além de Luigi que já está a par da situação — avisa voltando seus olhos para mim.

Chego perto da minha mãe, e como estou sentada no chão, ponho o queixo em seus joelhos e a olho preocupada.

— Mãe, por que não tenta descansar? A senhora está tão abatida. — completo.

Ela analisa meu rosto e traz sua mão até meu cabelo e me afaga.

— Aonde você dormiu, Eva? — pergunta e sei que ela e tia Kelly andaram fofocando sobre mim.

— Dormi no meu trabalho.

— Minha filha, você e seu chefe estão tendo alguma coisa?

Eu rolo os olhos.

— A senhora está cheia de perguntas hoje — falo querendo evitar o que vem pela frente. Pois sei que minha mãe tem algo a dizer.

— E você está evitando falar do assunto — declara e me olha com carinho. — Evangeline, não é minha intenção te criticar em

nada, mas me sinto culpada, afinal nunca conversei sobre sexo com você, e como foi a única filha a ficar distante e estudar num internato, creio que seja mais inocente do que a Ruth sobre certos assuntos.

Solto uma risada nervosa.

— Mãe, o internato não é como a maioria imagina, nós falávamos sobre tudo, incluindo sexo — conto e acho graça da minha mãe. Ela, como a maioria, acha que no internato vivemos todo o tempo para estudar e rezar.

Ela ri.

— Filha, estou falando sobre prevenção. Use camisinha sempre. Não digo isso por conta de uma gravidez, quem sou eu para dar exemplo? Afinal com 16 anos esperava meu primeiro filho.

Mas a maioria dos homens, principalmente os ricos como seu chefe, costumam ter muitas mulheres, e sabe-se lá o tipo de mulher, para depois descartá-las.

Fico séria e encaro minha mãe.

— Mãe, a senhora está julgando um homem que nunca viu só por ele ser rico? — questiono indignada e ela me olha com pesar.

— Desculpe-me, mas a senhora está sendo muito preconceituosa.

— Evangeline, eu sei mais da vida do que você, filha. Não sou preconceituosa, mas essa gente rica costuma usar o dinheiro para atrair pessoas ingênuas como

você. Não estou pedindo que pare seja lá o que for que acontece entre você e esse seu chefe, embora isso fosse o correto a se fazer. Peço apenas para tomar cuidado e não se envolver, porque no fim ele vai encontrar outra novidade e te larga sem pensar duas vezes.

Olho para minha mãe sem poder acreditar que ela seja uma dessas pessoas cheias de preconceitos. Eu me levanto sem tirar meus olhos dela.

— Mãe, muito obrigada por seus conselhos, mas não vou deixar de ver o Benjamin só porque ele é rico e poderoso, a senhora

não o conhece e não deveria julgá-lo, o que a senhora está fazendo é imoral.

Ela também se levanta, fica de frente para mim e põe a mão em meu ombro. E ainda tem aquele olhar de pena que está me irritando.

— Bem que a Kelly disse que você está apaixonada — conta e confirma o que eu havia pensado sobre elas duas fofocarem sobre mim. — Ela contou que viu seu chefe hoje, ela também é uma mulher que sabe da vida, já sofreu muito no passado por conta de um homem rico, Kelly se preocupou, pois viu em seu chefe o homem que a fez sofrer.

Minha vontade é de gritar, mas respiro fundo.

— Pois nem todo mundo é igual, acho melhor vocês duas prestarem atenção no que realmente importa do que tomar conta da minha vida. Eu sei o que estou fazendo.

Minha mãe amarra a cara.

— Não precisa me atacar, estamos apenas preocupadas com você, que tem apenas 21 anos e não sabe nada sobre o mundo fora do internato.

Dou um passo para trás e olho para o teto. Não esperava que teria problemas justamente com minha mãe, e sei que foi a tia Kelly que encheu a cabeça dela. Volto meu olhar para ela.

— A senhora está enganada, não sei tudo da vida realmente, acredito que nem o mais sábio dos homens saiba, mas posso garantir que sei muito mais do que a senhora ou tia Kelly pensa —

desabafo e me afasto e antes de sair da sala olho para ela. — E eu tenho 23 anos mãe, não 21.

Ainda consigo ver sua expressão constrangida, mas não espero que diga alguma coisa e vou para o quarto.

O que minha mãe disse sobre Benjamin considerar-me uma novidade me deixa abalada, não por ele ser um homem poderoso e

muito lindo, pois pode ter qualquer mulher que queira, mas por saber que de alguma forma ela pode estar certa apenas por eu ser um desafio para ele. No entanto, acredito que Benjamin seja um homem íntegro, ele não me fará promessas vazias, na verdade ele não me prometeu nada.

Deito na cama com os olhos voltados para o teto e sonho acordada com tudo que aconteceu entre nós. Já não me sinto culpada por ter dormido com ele, muito menos arrependida, pois valeu a pena cada segundo.

Porém, agora estou com uma ponta de medo. Eu sou tão comum, não há nada de especial em mim para que meu chefe sinta-se atraído por muito tempo, mas vou fazer como minha amiga, também ex-noviça, Fabiana, sempre diz: Aproveitar o presente, afinal nada é garantido no futuro.

Volto a pensar em Benjamin e me pergunto como deve estar agora, será que se encontra em reunião? Olho para meu celular em cima da mesa de computador e me levanto com um sorriso. Há muito não envio uma mensagem para ele. Pego o aparelho e abro o aplicativo, vamos ver como reagirá.

Preciso saber uma coisa de você.

Escrevo e envio com um sorriso travesso.

Claro que não demora muito e vem uma resposta.

Sim, precisa saber que detesto mensagem.

Ponho a mão na boca para abafar minha risada. Caminho para a cama e me sento.

Não precisa ser tão severo comigo. Só preciso que me diga se realmente

falava sério sobre dormir na sua casa.

No fundo quero apenas importuná-lo um pouco.

Digo apenas se responder uma pergunta minha.

Fico curiosa, o que se passa na mente desse homem? Olho por alguns instantes sua mensagem, e não sei por que, mas tenho receio de indagar, porém a curiosidade fala mais alto.

O quê você quer saber?

Desta vez demora um pouco mais a sua mensagem e acredito que esteja ocupado, então quando desisto de esperar meu telefone apita.

Você ainda consegue sentir meu pau em sua boceta?

Arregalo os olhos e a boca ao mesmo tempo. Mesmo sozinha me sinto constrangida com sua ousadia. Coloco o aparelho de lado, consternada. Meu coração bate forte enquanto meu corpo reage com suas palavras.

O telefone começa a tocar ao meu lado e dou um pulo assustada. Vejo um número desconhecido, atendo sem pensar, pois estou totalmente aérea.

— Alô.

— *Você não vai me responder, Eva?* — Sua voz grossa e rouca faz cada pelo do meu corpo se ouriçar.

— Isso é pergunta que se faça? — grito num sussurro.

— *Sim, uma pergunta bastante coerente, mais do que a sua, por sinal. Pois você sabe muito bem que passará a noite comigo, eu não brinco com essas coisas* — exprime.

Minhas mãos suam e minha pele queima, a umidade entre minhas pernas me faz arfar.

— Não sei se quero vê-lo — minto descaradamente, pois não só quero vê-lo como quero suas mãos por toda parte.

Ouço sua risada seca.

— *Sabemos que está mentindo, sinto pela sua voz que agora mesmo está excitada* — Benjamin tem a fala arrastada, eu me sinto mole. — *Guarde esse desejo bem guardado, pois hoje à noite vou te lamber dos pés a cabeça, vai gozar tanto que pedirá arrego antes do dia raiar.*

Fecho os olhos e suspiro.

— Benjamin, para de falar essas coisas. — Minha voz está baixa e enrouquecida.

— *Tenho uma reunião agora, porém mais tarde não apenas direi... farei muita coisa com você, Eva* — promete e desliga.

Respiro fundo e me jogo no travesseiro com olhos fechados.

— Você quer me enlouquecer — resmungo e ouço a porta bater.

Abro os olhos e noto Sandro me olhando.

— Falando sozinha, Eva?

— Apenas pensando alto — respondo e levanto-me.

Ele balança a cabeça e vai até o armário.

— Mamãe já falou com você?

Na mesma hora sinto-me desconfiada e o encaro arredia.

— Não vem você também querer me dizer o que é certo para mim, sei o que estou fazendo — retruco.

Sandro me olha espantado.

— Eva, você está bem? — indaga — Aconteceu alguma coisa que a aborreceu?

Sento-me na beirada da cama, levo ambas as mãos até minha cabeça e apoio meus cotovelos no joelho e meus olhos voltados para o chão.

— Acho que estou um pouco louca — confesso e levanto a cabeça. Conto para

Sandro sobre a conversa que mamãe teve comigo e do quanto estou chateada, pois tia Kelly se mostrou muito intrometida.

Sandro senta ao meu lado e passa a mão em meu ombro.

— Eu adoro tia Kelly, acredito que ela seja uma boa pessoa, mas ela, em alguns momentos dá muito palpite, e nossa mãe a considera uma grande amiga e costuma ser influenciada por ela, então te aconselho a não perder tempo tentando convencer nossa mãe.

— Isso não é certo, Sandro. E mamãe se mostrou muito preconceituosa, não esperava isso dela, senti-me um pouco decepcionada — desabafo ressentida.

— Você passou muito tempo longe de casa irmãzinha, e nesse um ano que retornou, não deu para perceber os defeitos de nossa mãe — confidencia desanimado. — Ela tem seu lado bom, mas deixa a desejar em muitas coisas.

Sandro está certo, quase não convivi com nossa mãe, e mesmo depois do meu retorno ela fica mais fora do que em casa.

Todavia, às vezes em que estivemos juntas ela se mostrava mais tolerante.

— Infelizmente percebi isso hoje — comento.

Sandro se levanta e me olha com cara de riso.

— Então você e seu patrão andam se pegando? Bem que desconfiava — Sandro zomba.

Taco um travesseiro em sua direção, ele pega no ar e joga de volta para mim e ri quando este pega no meio do meu rosto.

— Sandro! Isso é jeito de falar? — Finjo estar zangada e coloco o travesseiro de volta na cama.

Ele para de rir e me olha.

— Eu só espero que ele te trate bem, ou ele conhecerá o peso do meu punho — frisa, fechando a mão apertado e socando o ar.

— Ele é mais alto que você, Sandro e mais forte também —

saliento. Meu irmão olha dá de ombros.

— Sendo assim, uso de outros meios, posso batizar a bebida dele, ou ainda contratar alguém para dar uma lição nele — ilustra como se fosse normal planejar atacar uma pessoa. — Agora falando sério...

— O que? — indago impaciente.

Ele dá um sorriso satisfeito.

— Estou muito feliz que encontrou alguém, não sei se vai durar ou não, mas agora tenho certeza de que esqueceu o idiota do Eduardo.

— Sandro, eu já não penso no Eduardo há muito tempo —

esclareço.

— Eu sei, mas tinha medo de que você caísse em sua lábia, ao menos agora está saindo com um cara e isso facilita para não voltar a pensar nele.

Esse meu irmão é hilário, Benjamin poderia não ter aparecido em minha vida, e mesmo assim não daria uma chance ao Eduardo.



Depois de confabular um pouco mais, Sandro vai tomar banho, pois logo Luigi chegará para nossa reunião em família. Ainda tem isso, o que será que mamãe quer nos falar? Seja o que for, logo saberei.

Meu irmão mais velho chega para almoçar conosco, para minha surpresa Giovane também comparece, disse que conseguiu ser dispensado mais cedo para poder estar presente. Apenas Consuelo, pois mora longe e Nilza, por estar viajando a trabalho não poderão participar. E Thomas, é claro, por motivos óbvios, e mesmo assim ele é apenas uma criança.

Depois de todos nós almoçarmos, papai e mamãe sugerem que passemos para a

sala. Meu pai tem o semblante cansado.

Reparo o quanto está envelhecido.

— Mamãe convocou essa reunião, com aprovação do nosso pai, para expor a verdadeira situação da família — Luigi foi direto ao assunto. Papai tem a cabeça baixa e está pensativo.

— Nós refletimos muito, iríamos tentar resolver tudo sem conhecimento de vocês, mas diante as circunstância decidimos expor a verdade para vocês — mamãe completa. Ela olha para Luigi e sorri. — Acho que você pode falar, filho.

Meu irmão está ao seu lado e dá um aperto em sua mão, em seguida olha para cada um de nós.

— Estamos devendo um dinheiro muito alto para um agiota, e ele vem cobrado esse dinheiro, inclusive está nos ameaçando, por isso, por segurança, propus que ninguém dormisse em casa na noite de ontem, pois seus homens deixaram a entender que viriam aqui — declara.

Vejo a reação de cada um. Estamos todos assustados.

Finalmente meu pai nos encara.

— Luigi está sendo muito condescendente, pois eu fiz a burrada sozinho e não acho justo que todos vocês paguem por isso

— aponta com raiva no olhar. — Eu não concordei com essa palhaçada de reunião familiar, Giulia e Luigi que insistiram nisso.

Neste momento começa uma pequena discussão entre meu pai, minha mãe e Luigi. Até que Giovane pede silêncio e para que se acalmem, pois não irão resolver nada.

Mamãe revela que de alguns anos para cá eles não conseguem lucrar com a pizzaria, e como não havia meio de pegar empréstimo no banco, pois já deviam, papai decidiu adquirir dinheiro com um agiota. E como não tem como pagar vão vender a casa para comprar uma menor.

Ficamos todos consternados, mas as notícias não param por aí: a pizzaria

também será vendida. Vejo em Luigi uma tristeza profunda, pois seu sonho era poder administrar o negócio da família, algo que ele amava fazer. Tinha planos de expandir e ideias de modernização, mas por teimosia do nosso pai não pode dar continuidade em seus planos. E agora era tarde demais.

Ficamos por horas debatendo, mas não havia saída. A casa onde nasci e passei parte da infância seria vendida, assim como a pizzaria que estava na família desde nosso bisavô. Nunca fui presente nos negócios da família, porém sentia muito pelos meus irmãos, e principalmente pensava em Thomas, uma mudança em sua vida não lhe faria nada bem, ainda mais em seu caso, que não tinha um tratamento apropriado.

Quando Luigi e Giovane se partiram, fui para o quarto com Sandro. E aquele sentimento de culpa me invadiu novamente.

Quando meu irmão perguntou o que estava havendo eu me abri com ele, sobre ir a cobertura de Benjamin.

— Se você ficar aqui vai resolver alguma coisa? — pergunta.

Encontro-me sentada no chão com as costas apoiadas na cama.

Penso em sua pergunta.

— Não.

— Eva, a vida continua, e por mais que não queiramos enxergar, parte disso estar acontecendo é pela teimosia do nosso pai, se ele tivesse deixado Luigi dirigir a pizzaria te garanto que hoje não estaríamos nesta situação, e mesmo assim ele não dá o braço a torcer, então, minha irmãzinha, nem pense em parar sua vida, e nem pense que está sendo egoísta, pois não está.

Eu respiro fundo.

— Eu me sinto culpada, mesmo assim.

— Você não tem culpa de nada, Eva. Ninguém vai parar a vida porque nosso pai fez uma cagada e agora teremos todos que ir para uma casa menor. Ao menos Luigi conseguiu conversar com o agiota e garantir mais um mês de prazo. E tenho certeza de que tudo isso será resolvido.

Sandro tem razão, não tenho do que me sentir culpada, todos estão vivendo suas vidas, Ruth vai para a casa de uma amiga, pois tem uma festa para participar. Luigi e Giovane, cada um foi para suas casas, Nilza nem se preocupa com o que acontece, por que tem que ser eu a me martirizar?

Devo sim me preocupar, afinal é da minha família que estamos falando. Mas ficar aqui chorando não vai resolver nada.

Meu irmão está coberto de razão.

Assim levanto-me e abraço Sandro.

— Obrigada por ser esse irmão tão maravilhoso — digo com um sorriso.

— Basta fazer um daqueles doces especialmente para mim e me sentirei agraciado — brinca.

Quando saio do banho e entro no quarto vejo Sandro com meu telefone na mão e rindo para mim. O encaro desconfiada.

— O que você aprontou, Sandro?

— Nada. Apenas atendi a ligação do seu patrão-namorado —

admite. Eu avanço e pego o telefone de sua mão. — Calma, eu disse que era seu irmão favorito e que você estava no banho, então ele disse que chegará aqui em meia hora.

— Não acredito que você atendeu o Benjamin. E se ele não soubesse que você é meu irmão.

Ele ri e se vira, então se joga na cama.

— Ele não sabia e quis saber quem eu era e o que fazia com seu telefone, parece ciumento ele — comenta e ri. — Mas logo esclareci tudo e aproveitei para dizer que você não era qualquer uma, que te tratasse bem.

Cada vez fica pior, fico com vontade de matar o Sandro.

— Sandro, você não devia ter dito nada, na verdade nem deveria ter atendido

meu telefone — esbravejo.

Ele nem se constrange e continua com seu sorriso cínico.

— Gostei dele, pois prometeu cuidar bem de você. E não fica aí me olhando, vá logo terminar de se arrumar, ele chega a qualquer momento.

Só não soco meu irmão por falta de tempo. Então procuro me preparar para quando Benjamin chegar não ter uma surpresa, tal como Sandro o esperando no portão.

No timing perfeito meu telefone toca. Nem digo alô e sua grossa voz me invade.

— Estou na calçada à sua espera — diz e desliga.

Meu coração bate forte em expectativa. Mamãe e papai saíram para a pizzaria, tia Kelly está com Thomas e apenas Sandro me vê sair. Despeço-me dele, que me deseja sorte.

Passo pela porta e posso vê-lo encostado na porta traseira de seu carro. Mesmo de longe vejo seu sorriso sexy, um sorriso de promessa. Tento segurar a ansiedade, mas é impossível, pois tudo em mim grita por esse homem.

E conforme me aproximo meu coração bate mais forte. Está comprovado. Benjamin é minha perdição.



Capítulo 27

Eva se aproxima com um sorriso contido, conforme anda viajo meus olhos por seu corpo. Ela usa uma calça jeans colada ao corpo, uma camisa verde de manga comprida e botas de salto alto.

Quando chega ao lado de fora do portão ela para, cruza os braços e me olha entortando a cabeça.

— Acabou sua análise? — questiona e devagar subo os olhos até seu rosto.

— Nem comecei — retruco, ela sacode a cabeça.

Eva, fecha o portão e vou ao seu encontro, pego sua bolsa e nos encaramos. Quero agarrá-la aqui mesmo, pois sua proximidade me deixa fora de controle.

— Eva... — Ambos olhamos ao mesmo tempo para o lado, onde tem um rapaz parado no portão da casa vizinha. Ele segura uma criança adormecida.

— Olá Eduardo, quanto tempo não o vejo — responde Eva naturalmente. — Este é o seu filho?

Ele olha para o menino e volta a encará-la. Então vem ao nosso encontro. Olho-o da cabeça aos pés, não sei de quem se trata, mas não gosto dele.

Com um sorriso amarelo ele encara Eva.

— Nilza me contou que você desistiu do convento. Então é verdade.

Eva solta uma risada.

— Tem um ano que retornei, Eduardo, e só agora você soube? — questiona balançando a cabeça. Então olha o garoto em seu colo. — Seu filho é muito fofo, parabéns — comenta.

— Obrigado... — diz e respira forte. — Em outro momento podemos conversar? pôr a conversa em dia...

Ela dá de ombros.

— Pode ser, mas agora devo ir — diz e coloca a mão na testa. — Como sou desatenta. Nem apresentei vocês. — Ela me olha. — Benjamin, este é o Eduardo, ele era nosso vizinho.

O cara me olha com desconfiança e eu o encaro sério. Por educação estendo a mão e seu aperto é de um fracote, seu olhar diz que está interessado no que é meu.

— Olá — digo seco e volto-me para Eva. — Vamos, preciso tomar um banho

antes de jantarmos — comento e passo meus braços por seus ombros. Ele acompanha meu gesto com desagrado.

Eva sorri e franze a testa.

— Também tenho que ir, vim deixar o Júnior com a minha mãe, outra hora conversamos — fala dando um passo para trás e me olha. — Prazer em conhecê-lo.

Eu aceno e conduzo Eva até o carro, Duarte aparece e abre a porta traseira.

Quando estamos na avenida principal, olho para Eva que observa a rua.

— Você e aquele cara, já tiveram alguma coisa?

Ela me olha e pensa por alguns instantes. Como se medisse as palavras, então sacode os ombros.

— Já tive uma quedinha por ele — conta.

— E ele pelo jeito tem uma grande queda por você — informo com desgosto.

Eva ri.

— Benjamin, o Eduardo tem uma queda por qualquer uma que use saias, descobri há um tempo que ele é um sem-vergonha

— revela, mas não parece chateada, o que é bom.

Eu observo Eva com atenção. O que sinto é algo inesperado, é um sentimento incômodo, pois a verdade é que odiei saber que ela sentiu algo por aquele merdinha. Pelo que notei ele não mora mais ao lado de sua casa, porém sua mãe vive ali.

E se esse cara cismar de conquistar a Eva? Será que ela se renderia?

— Vocês tiveram algo sério? — questiono.

Ela me olha intrigada.

— Apenas alguns beijos e amassos, nada além — responde e sorri. — Por que

toda essa inquisição?

Seguro seu queixo e fixo meus olhos nos seus.

— Você ainda pensa nele, Eva? — indago em tom baixo.

Eva olha-me ansiosa.

— Já faz um tempo que nem me lembrava da sua existência, ainda mais agora — sussurra.

— Ainda mais agora? Por quê? — Baixo meus olhos até seus lábios convidativos.

Eva faz o mesmo e olha para minha boca.

— Depois que te conheci, por mais que tente, não sou capaz de pensar em mais ninguém, somente em você — confidencia com a voz baixa.

Deslizo minha mão até sua nuca.

— Jamais tente não pensar em mim, Eva, porque sei que o que temos é irreversível.

Colo minha boca na sua a fim de provar minha teoria. Ela suspira e segura meus braços se entregando ao beijo.

Quando chegamos à garagem Duarte abre a porta, Eva o cumprimenta ainda sem encará-lo e acho graça de sua atitude, ela é tão atrevida e ao mesmo tempo tão retraída. Dispenso meu motorista e entro no elevador segurando a mão de Eva. Conforme nós subimos, sinto todo o meu ser entrar em erupção. Esperei o dia todo por este momento, onde teria Eva outra vez em meus braços.

Assim que pisamos na cobertura fecho a porta atrás de mim, deixo o notebook no aparador que fica na entrada da sala, junto com a bolsa de Eva, minha ereção aperta em minhas calças e não suporto ficar mais tempo sem tocá-la. Assim pego Eva de surpresa, encosto-a à parede e colo meu corpo no seu. Fricciono meu pau em sua barriga e seguro suas mãos no alto de sua cabeça.

— Passei o dia imaginando a maneira que a tomaria quando chegasse aqui,

gostaria de ser mais ponderado, mas com você é impossível — rosno em seu ouvido. — Necessito de um gosto seu o quanto antes.

Eva ofega.

— Também pensei em você — sussurra.

— Então melhor partimos para ação, pois pensar não está nos ajudando em nada.

Solto suas mãos e abro os botões de sua blusa, em seguida faço o mesmo com sua calça jeans e deixo minha mão deslizar para dentro de sua calcinha, onde a encontro quente e molhada. Eu sorrio vitorioso.

— Bem do jeitinho que eu imaginava — segredo e beijo sua boca enquanto meus dedos trabalham em seu sexo.

Eva fica enlouquecida e rebola em meus dedos. Eu devoro sua boca e um arrepio eletrizante passa por minha coluna. A intensidade do desejo que sinto por Eva faz minhas bolas

apertarem. E sentir o quanto ela se derrete por mim deixa-me ainda mais cheio de luxúria.

Ela segura meus ombros com força, suas unhas cravam em mim, e se não fosse o terno com certeza estaria arranhado.

Meus dedos se movem e estimulam seu clitóris fazendo-a arquejar de desespero. Meu desejo é tocar cada centímetro do seu corpo, sugar seus seios enquanto me empurro dentro dela. Apenas esse pensamento é o suficiente para me fazer rosnar como um animal enjaulado.

Eva aperta suas coxas e goza em meus dedos, beija-me com vigor, morde minha boca e depois deita a cabeça em meu ombro.

Conforme sua respiração volta ao normal, retiro meus dedos do seu sexo e me afasto fazendo com que ela me encare, então levo meus dedos até minha boca e passo a língua lambendo seu gozo. Seus olhos brilham de desejo, enquanto eu, cheio de tesão, a devoro com o olhar.

— Deliciosa! Assim como eu esperava — declaro áspero.

Ela lambe os lábios enquanto seus olhos fixam-se em minha boca.

— Benjamin não faça isso comigo — sussurra.

Eu sorrio e seguro sua mandíbula entre meus dedos, Eva tem o olhar radiante e me encara com avidez.

— Agora a deixarei nua. Farei com você tudo que venho imaginando, desde o dia em que te conheci — murmuro.

Eva me provoca, lambe seus lábios e dá um sorriso sensual.

— Tomara que você tenha uma imaginação tão boa quanto a minha — incita.

Solto sua mandíbula, dou um passo para trás e olho para ela encostada na parede. Sua blusa e calças estão abertas, a respiração acelerada faz com que seus seios se movam com altivez

dentro do sutiã preto. Meus olhos passeiam por seu corpo até retornar ao seu rosto ruborizado e olhar vigilante.

— Como já falei antes: Não sou de falar e sim de agir.

Com um gesto repentino a pego em meu colo, não há tempo de levá-la a suíte então será aqui mesmo, na sala. Coloco-a no sofá e começo a tirar suas botas, em seguida, sem parar para explicações, arranco toda a sua roupa e a deixo apenas de sutiã e calcinha. Eva está no sofá, sentada com as pernas abertas e me observa séria.

Tiro a gravata e a deixo no braço do sofá, então sigo tirando meu terno, camisa, sapatos, meias e calças. Fico apenas de cueca boxer, tudo isso sem deixar de nos olhar. Eu pego a gravata de volta e Eva estreita os olhos.

— O que você está pensando em fazer, Benjamin? — Sua voz sai arfante.

Sorrio com malícia, desço entre suas pernas e apoio apenas um joelho no tapete, pego seus pulsos e beijo cada um deles, então volto a encará-la.

— Você verá — aviso, e com precisão, uno suas mãos e amarro seus pulsos com a gravata. — Seja boazinha — sussurro e ela me olha num misto de curiosidade,

medo e excitação.

Levanto-me e a levo junto comigo, com cuidado a viro de costas para mim, aproveito para passar a ponta da língua em sua nuca.

Ela se arrepia e arqueia as costas.

— Benjamin... — sopra.

— Calma, agora preciso que fique de joelhos no sofá e se incline, apoie os braços no encosto — explico, ela faz exatamente como mando. Eu me afasto e observo. — Puta que pariu, Eva! Não consigo pensar em nada melhor do que fodê-la.

Sua bunda empinada, voltada para mim, me deixa louco.

Mesmo com sua calcinha cobrindo sua boceta noto o quanto está molhada. Tiro minha cueca e manuseio meu pau que a esta altura está umedecido com pré-sêmen. Cato a camisinha no bolso da minha calça que está jogada no outro sofá. Eva vira a cabeça e tenta saber o que está acontecendo.

— Benjamin? Vai me deixar aqui até quando? — pergunta atrevida.

Encapo meu pênis e dou um passo até estar praticamente grudado nela. Assim desfiro um tapa em sua bunda para em seguida massageá-la, Eva dá um pequeno salto e geme.

— Seja boazinha, Eva! Ou posso além de amarrá-la, silenciá-

la com uma mordaça — advirto.

— Para quem disse que é mais de agir, está falando muito —

atiça me surpreendendo com sua ousadia.

Pego uma grande mecha de seus cabelos e os enrolo em minha mão, com a outra mão cravo os dedos em sua calcinha e a arranco do lugar. Agarro sua bunda e empurro meu pau de uma só vez em sua boceta molhada e apertada. Eva solta um gemido alto e suspira trêmula.

— Não brinque com fogo, Eva. Ou pode sair queimada —

rosno em sua orelha. Ela ofega. — A partir de agora vou te foder da maneira que sempre quis.

Puxo seu cabelo de modo que seu rosto se vire e tomo sua boca. Minha língua acaricia a sua, movo meu quadril com energia, meu pau entra e sai com velocidade. Sinto os músculos de sua boceta apertarem, a cada golpe meu pênis incha e parece que vai explodir. Eva geme em minha boca, eu devoro a sua como um homem faminto.

Retiro-me de dentro dela e com habilidade, pego seu corpo e a deito no sofá, fico entre suas coxas. Pego uma de suas pernas e levanto apoiando-a em meu ombro. Suas mãos atadas ficam acima

da cabeça e ela me olha com ardor. Pego meu pau e direciono até sua entrada, quando, mais uma vez me enterro em seu sexo Eva fecha os olhos e suspira satisfeita.

Com os dedos em garra seguro seu quadril e bato com força enquanto ela se contorce envolvida numa nuvem de luxúria. Sinto um nó em meu estômago, meu coração acelera em meu peito e ver sua expressão de puro desejo me deixa totalmente tomado por essa linda mulher. Sinto-me um homem em êxtase, e apesar de estar dominando-a, a verdade é que sou eu o dominado.

— Benjamin — sussurra meu nome com voz abafada. Eva abre os olhos e nos encaramos. Há uma conexão inexplicável entre nós. Assim movo meu quadril sem quebrar nossa conexão. Em algum momento ela suspira e morde o lábio. — Eu...

Eva não consegue falar, pois sua expressão é de uma mulher em seu auge do desejo sexual. E é linda! Ela é tão maravilhosa, e por mais que eu não queira pensar nisso, sinto como se ela fosse minha. E sim: Eva é minha.

Com esses pensamentos em mente, invisto com energia em sua boceta e o suor escorrega por minha testa. O que temos aqui é intenso, é revelador... É perfeito.

O som de gemidos e do nosso corpo se conectando invade a sala. Meus movimentos já não são regulares, minha visão fica turva e aperto com força sua pele enquanto ela arfa gemendo, meus golpes ficam mais duros e ligeiros e meu

pau pulsa enquanto sua boceta me aperta. Eva solta um grito e sei que goza, ela tenta soltar suas mãos, mas não consegue, e eu perco o controle, todo o meu corpo está inundado de calor. E como ela, eu gozo sussurrando seu nome. Todo o meu ser se estremece. Posso sentir a energia que permeia a nossa volta.

Minutos após nosso ato, permanecemos no sofá. Eva em meus braços. Nunca senti que algo fosse tão certo. Ainda não consigo acreditar que uma menina, muito mais jovem que eu, tem esse poder sobre mim, que o desejo por ela me faz perder os

sentidos. Nem em meus tempos de garoto senti-me tão fora de controle. É insano, mas ao mesmo tempo libertador.

Ouço a respiração forte de Eva e a aperto em meus braços.

— O que foi? — pergunto.

— Você pretende me deixar com essa gravata a noite toda?

— questiona com um riso na voz.

Jesus! Havia me esquecido! Levanto-me de imediato e desato seus pulsos, existe uma pequena marca e com delicadeza a beijo bem ali.

Olho para ela que me observa com intensidade.

— Desculpe-me se a machuquei — peço preocupado.

Ela sorri e traz uma das mãos até meu rosto, noto que sempre faz isso, um gesto o qual muito me agrada.

— Você não me machucou, porém me surpreendeu.

Eu sorrio para ela e acaricio seu rosto.

— Você sim me surpreende, Eva. De muitas maneiras.

Ela fica séria de repente.

— Espero que de uma forma boa.

Eu sorrio e beijo seus lábios com carinho e volto a fixar meus olhos nos seus.

— Tudo em você me agrada, não duvide disso.

Ela admira meu rosto. Em meu coração sei o quanto Eva é autêntica. Sei que de alguma maneira sente algo por mim, deveria estar correndo para longe dela, mas não consigo pelo simples fato de estar adorando cada momento ao seu lado, e também por saber que dentro de mim, Eva foi capaz de quebrar uma barreira, ela com sua doçura e atrevimento conquistou-me de forma irrevogável.

— Por que me olha dessa maneira? — indaga com olhar estreito.

Eu me levanto e a puxo.

— Vamos tomar um banho juntos. Tenho planos para você Ela olha para algum canto da sala e volta-se para mim.

— Começo a ter medo dos seus planos, o último deles tive uma calcinha rasgada e as mãos amarradas — comenta fingindo se estremecer.

Eu inclino seu queixo com a ponta dos dedos.

— Quanto a calcinha você não precisa dela enquanto estiver comigo, mas irei recompensá-la por isso — digo com um sorriso safado. — Quanto aos planos, tenho muitos.

Pego-a no meu colo e a carrego até a suíte. A noite está apenas começando. Ou melhor, não apenas a noite, mas nossa relação, sei em meu íntimo uma coisa: seja o que for que eu e Eva temos não acabará tão cedo, provavelmente não acabará jamais.



Capítulo 28

Apesar de ter uma família bastante liberal, até certo ponto, sempre fui uma

pessoa mais reservada, antes acreditava que poderia ser por ter estudado num internato católico e depois me tornar uma noviça, mas com o tempo essa minha teoria caiu por terra, pois conheci, no convento, algumas moças bem atiradas, algumas estavam ali até mesmo para fugir de um passado encoberto por algo vergonhoso.

A coisa mais ousada que havia feito, até então, foi me interessar por Eduardo, onde aconteceram algumas trocas de carícias e beijos. Em alguns momentos, enquanto estava no internato, após nosso encontro nas férias, cheguei a me sentir culpada por conta dos ensinamentos religiosos. Tão logo descobri o verdadeiro caráter do Eduardo, pensei, num instante de irreflexão, que poderia estar sendo castigada, mas logo tirei essa tolice de minha cabeça, pois eu não acredito em castigo Divino.

Agora, no entanto, encontro-me aqui fazendo coisas inimagináveis com um homem que conheço há pouco mais de um mês, mas que desperta em mim uma mulher irreconhecível. É como se meu corpo e minha alma estivessem adormecidos por um longo tempo e somente Benjamin fosse capaz de motivar meus instintos.

Ele com sua presença e persuasão consegue fazer com que eu esqueça todos os meus problemas familiares.

Benjamin quando está por perto faz meu corpo criar vida e eu me sinto segura e quando longe todo meu ser fica em êxtase na expectativa de encontrá-lo.

Ele entra na suíte e carrega uma bandeja em suas mãos. No mesmo instante ergo meu corpo e encosto-me à cabeceira da cama.

— Pensei que havia dormido — comentou ao se aproximar.

Trago os joelhos até meu peito e os envolvo em meus braços.

Olho-o com um sorriso.

— Apenas pensava na minha vida — confidencio e baixo o olhar para a bandeja. Arregalo os olhos surpresa com o lindo prato, com o preparo de uma massa. — Isso parece estar muito gostoso.

— Não sou tão bom quanto você na cozinha, mas tenho meus talentos — conta e

coloca a bandeja na mesinha ao lado da cama e senta-se na beirada para me olhar. — Você deve estar faminta.

Solto uma risada.

— Não havia me dado conta disso até você entrar aqui com essa refeição — confesso ainda abraçando minha perna com o queixo apoiado nos joelhos.

Benjamin contempla meu rosto e ergue sua mão, com as costas dos dedos acaricia minha face e sinto-me aquecida.

— Devo pedir desculpas — pronuncia com olhar afetuoso. —

Afinal, fico tão fora de controle quando estou perto de você que não sou capaz de pensar em mais nada, apenas me deixo ser dominado pelo desejo.

A intensidade de sua voz, a maneira como olha deixa minha pele arrepiada.

Eu sorrio e solto um suspiro.

— Para falar a verdade, também não penso com clareza quando estou perto de você — declaro com voz baixa.

Benjamin aproxima seu rosto, sua respiração quente se mistura com a minha. Sua mão desliza até minha nuca e então sua boca toma a minha. Meu coração pula ao sentir sua língua tocando

a minha. Quando meu corpo volta a se excitar ele se afasta, apertando minha nuca fecha os olhos apertados e volta a abri-los, vejo seu desejo refletido no brilho do seu olhar.

— Por pouco não a ataco novamente — diz e ri sacudindo a cabeça. — Preciso alimentá-la antes.

Assim ele volta a pegar a bandeja e pede que eu abaixe os joelhos para arrumar a bandeja. Experimento a massa e a saboreio fechando os olhos.

— Está delicioso — comento após uma segunda garfada.

Olho para ele desconfiada. — Foi você quem fez?

Ele franze a testa.

— Não acredita que eu tenha feito? — questiona se fazendo de ofendido. — Saiba que minha mãe sempre incentivou os filhos a aprenderem a cozinhar, era uma das regras básicas da dona Lucy.

— Já gostei dela. Acredito que saber cozinhar, ao menos o básico, seja essencial — digo e dou outras garfadas, enquanto Benjamin me observa. — Você não vai comer?

— Coloquei a refeição que você fez ontem para aquecer enquanto trazia seu jantar.

— Você não precisava preparar um prato apenas para mim, posso muito bem jantar o mesmo que você, afinal sempre faço uma porção a mais — conto, embora tenha adorado que ele tenha uma comida para mim.

— Eu sei, mas quis fazer algo especial para você.

Sorri, sentia-me radiante com seu carinho. Isso só provava que toda essa aparência de homem poderoso e frio era apenas uma capa para esconder o verdadeiro Benjamin, o homem pelo qual acreditava estar me apaixonando. Não queria pensar em meus sentimentos agora, pois sei que ele não é o homem para mim. Um homem importante como ele nunca poderá ter ao seu lado uma mulher tão comum como eu.

Prevejo que irei sofrer em algum momento, mas não ficarei aqui me remoendo. Quero aproveitar esse momento e guardar em minha memória cada segundo que passar ao seu lado. Deixarei o sofrimento para o dia em que nossa relação terminar.

Pego a bandeja e a repouso ao meu lado, com cuidado me ajoelho e apoio minhas mãos em seus ombros e beijo seus lábios com delicadeza. Benjamin, então, segura minha cintura e me beija de volta. Em seguida eu o abraço, com olhos fechados escondo meu rosto em seu pescoço e sinto seu cheiro delicioso. Quero não pensar no dia em que não estarei aqui com ele. Estreito meu abraço e ele beija minha cabeça enquanto aperta minha cintura.

— O que houve? — pergunta com a boca colada à minha orelha.

Respiro fundo com o coração apertado.

— Nada — minto. Não posso de forma alguma contar o que sinto. — Quis apenas te abraçar como forma de agradecimento.

— Se toda vez que eu fizer uma gentileza, você me agradecer assim vou me acostumar mal — brinca e me dá outro beijo antes de se levantar. — Vamos, venha comigo até a cozinha.

Assim você termina seu jantar ao meu lado. Depois comeremos juntos aquela sobremesa de chocolate que você fez.

Abro um sorriso e mordo os lábios.

— Adorei essa ideia.

Levanto-me e pego a bandeja com o meu jantar. Olho para mim mesma. Estou descalça e uso uma de suas camisas e só.

Depois que subimos para a suíte, Benjamin me jogou em sua cama e antes que eu falasse qualquer coisa me fez delirar com suas mãos e boca para depois me arrebatar. Ele tinha um vigor admirável, e não somente isso, era um amante generoso, pois sempre se preocupa com o meu prazer antes do seu.

— O que está olhando? Não gostou da minha camisa? —

questiona com um sorriso sagaz.

Balanço a cabeça e vou em sua direção.

— Eu te falei que trouxe roupa, não precisava me emprestar sua camisa — informo piscando um olho.

Passo por ele, que está segurando a porta para eu sair.

Assim que passo, ele dá uma palmada em minha bunda e pega a bandeja de minhas mãos.

— Gosto de te ver vestida em minha camisa, apesar de preferir você nua, mas acredito que você não iria gostar de andar nua pela cobertura — salienta.

— E está certo, já me sinto um pouco constrangida de andar apenas com sua camisa sem calcinha, isso já é um grande passo para mim — explico.

Chegamos à cozinha e ajudo Benjamin a arrumar a mesa, e sento-me enquanto o aguardo, ele vai até sua pequena adega e pega um vinho, o coloca sobre a mesa e me olha.

— Aceita me acompanhar? Este vinho é maravilhoso.

— Pretende me embebedar, por acaso? — indago brincando.

Ele inclina o corpo e fica com seu nariz praticamente colado ao meu.

— Não, pois preciso de você sóbria para o que tenho em mente — murmura rouco.

— Você anda com a mente muito cheia de ideias sobre mim

— sopro quase sem ar.

Ele sorri de lado, de um jeito muito sexy.

— Você não faz ideia do quanto — confessa, beija minha boca com rapidez e se afasta. — Então? Aceita?

— Vinho é uma das bebidas que mais gosto, então certamente que sim — respondo.

Ele me encara.

— Uma noviça que bebe? Você me surpreende.

Eu solto uma risada.

— Não sou noviça e sim uma ex-noviça. Isso sem tirar que venho de uma família de italianos, nós apreciamos um bom vinho —

rebato.

Benjamin abre o vinho e nós brindamos. E ele tem razão: o vinho é maravilhoso.

Ele leva minha comida para aquecer e depois fazemos nossa refeição juntos. Não entendo porque levou meu jantar para a suíte, só para trazer de volta para a cozinha e rio de sua atitude.

Ele pergunta do que estou rindo e conto, então ele também ri.

— Achei que fosse uma boa ideia jantarmos na suíte, eu levei seu jantar e pensei em vir buscar o meu, mas vê-la comendo em cima da cama não ajudou em nada. Não terminaria bem —

confidencia com um sorriso travesso.

Jantamos num clima descontraído e ele conta um pouco sobre seu trabalho, e para ser sincera não entendo muito bem a dinâmica, mas entendi que ele é responsável por quase tudo que acontece na empresa. Por isso deve ser tão estressado.

Quando terminamos ele põe tudo no lava louças e diz que pegará a sobremesa, então lembro de uma calda de chocolate que guardei para usar em alguma outra sobremesa. Não sei se é o vinho ou todo o clima de sedução, mas tenho a ideia de surpreendê-lo um pouco mais. Não vou negar que mais cedo em casa andei pesquisando algumas coisas na internet, e dentre tantas coisas uma me chamou bastante atenção.

Com um sorriso nervoso me levanto e vou até ele que está pegando a sobremesa na geladeira. Coloco a mão em seu braço e ele me olha.

— E se eu te desse uma sobremesa especial?

Ele estreita os olhos.

— Você quer fazer outra sobremesa agora? — pergunta sem entender.

Eu sorrio.

— Faz o seguinte: Vá até a cadeira e me espera. Prometo não demorar.

Ele dá de ombros e faz como peço.

Pego a calda e aqueço apenas para tirar o gelo e assim ficar mais pastosa. Com o

dedo experimento a fim de verificar a consistência. Faço isso olhando para Benjamin que observa meus movimentos. Aproveito e chupo meu dedo, e com a língua limpo todo o chocolate.

Noto o olhar de Benjamin me queimar. A excitação toma conta do meu corpo. Ele encontra-se sentado com as pernas abertas e desço os olhos, mesmo em suas calças de moletom percebo seu pênis ereto.

— O que você pretende, Eva? — Sua voz sai grossa.

Ando e paro de frente para ele, que traz ambas as mãos até minha bunda e a massageia.

— Pretendo obter minha sobremesa especial — sussurro.

— Mas a sobremesa não é para mim? — Seus olhos irradiam desejo.

Sem aviso me ajoelho à sua frente, entre suas pernas, ponho o recipiente com a calda de chocolate em cima da mesa. Benjamin me acompanha com o olhar, suas mãos seguram meu rosto e seus polegares circulam em meu queixo.

— Acredito que nós dois iremos apreciar a sobremesa que tenho em mente — digo e levo minhas mãos até a frente de sua calça e agarro o cós. Devagar o puxo até que vejo seu grande membro saltar rígido e pulsante. Eu lambo os lábios. — Acho que alguém aqui está sedento pela sobremesa. — Envolvo-o em minha mão, o acaricio com a ponta do dedo e sinto sua ponta molhada.

— Caralho Eva... Você quer me matar? É isso? — rosna agarrando meu cabelo.

Eu olho para cima e vejo Benjamin completamente tomado de desejo, sua respiração está acelerada e seu pênis parece crescer ainda mais em minha mão.

Ergo minha outra mão e ponho meus dedos no recipiente com a calda de chocolate, então trago a mão suja de chocolate e troco de lugar, deslizo em seu pênis e Benjamin fecha os olhos e morde o lábio.

— Só vou te matar se for de prazer — sopro e ele desce as mãos e segura a beirada da cadeira apertado. — Agora sim, terei minha sobremesa.

Assim abaixo a cabeça e tomo seu membro em minha boca lambendo todo o

chocolate que escorre por ele. Passo a língua em sua cabeça e o sabor salgado mistura-se com o doce do chocolate.

Sinto os dedos de Benjamin entrelaçarem em meus cabelos.

— Puta que pariu! Essa boca é tão gostosa quanto a sua bocetinha — regozija-se e tenta enfiar mais em minha boca. —

Como você chupa gostoso!

Eu subo e desço passando minha língua por sua extensão, trago mais chocolate apenas para sugá-lo um pouco mais, o creme escorre pelo meu queixo e sinto passar por minha pele. Eu ofego e aumento a velocidade chupando-o com desejo. Benjamin aperta minha cabeça e sinto seu pênis pulsar, então tenta se afastar, mas não permito e o sugo com mais vontade entre gemidos e sussurros.

Ele ofega alto e sem poder se conter jorra em minha boca.

Seu gozo é tão forte que chega a escorrer entre meus lábios.

Benjamin geme até que todo o seu líquido se despeja. Ele finalmente solta meus cabelos e com uma última lambida me afasto e sento-me no chão, pois meus joelhos doem.

Olho para cima e ele tem seus olhos cravados em mim. Eu sorrio em expectativa.

— Gostou da sobremesa? — indago num sussurro.

Ele me olha sério e até fico temerosa de ter feito algo errado.

Então Benjamin chega para frente e segura minha nuca.

— Estou aqui tentando encontrar um meio de convencê-la a não sair daqui nunca mais — diz com olhar intenso fazendo todo meu corpo reagir a ele.

Eu passo a língua pelos lábios.

— Você é bastante persuasivo. Se tentar, tenho certeza de que poderá me convencer — sussurro.

Ele sorri e olha para cima da mesa, então volta a me olhar.

— Respondendo a sua pergunta: Esta foi a melhor sobremesa que já tive até o momento, embora acredite que possa muito bem lambuzar seu corpo com o restante deste chocolate apenas para lambê-lo depois, aí sim terei a sobremesa perfeita —

ilustra me deixando ainda mais excitada.

Benjamin num movimento brusco me pega em seu colo e me olha como jamais alguém me olhou na vida. Meu coração parece que sairá pela boca.

— O... o que foi?

Ele acaricia meu rosto.

— Você é muito especial para mim — declara e me permito ter um pouco de esperança.

Eu sorrio com suavidade e passo a mão por sua barba.

— Você também é especial — falo baixinho.

Ele tem o sorriso mais lindo que já vi em homem.

— Você tem muitos talentos, não somente cozinhando.

Dou um riso.

— Confesso que algumas coisas andei pesquisando na internet — segredo e ele cai na gargalhada.

— Acho que vou comprar um notebook para você. Para pesquisas futuras — caçoa e caio na gargalhada com ele.

Benjamin então se levanta comigo em seu colo e pede que eu pegue o recipiente com a calda de chocolate, faço como ele sugere, então caminha para fora da cozinha.

— O que você vai fazer com isso?

Ele me olha de maneira travessa.

— Minha vez de experimentar esse chocolate — acentua e beija minha testa.

Eu o abraço e suspiro feliz. Quem poderia imaginar que um dia eu me apaixonaria por um homem totalmente indecente, e ainda iria adorar?

Mas no coração não podemos mandar. Tenho apenas que usufruir de cada momento e rezar para que dure por um longo tempo.



Capítulo 29

Dou um gole no meu café enquanto passo os olhos por todos os membros que participam da reunião. Minhas pernas balançam em baixo da mesa. Estou nervoso e contrariado, pois não consegui encontrar uma razão plausível para ter minha presença exigida por um cliente que se encontra insatisfeito. Então é de se supor que estou puto, porém minha raiva não é somente pelo cliente que, em minha opinião, está se mostrando excessivo em suas considerações. Minha frustração se deve ao fato de ter meus planos prejudicados.

Eva encontra-se na cobertura, pois é seu dia de trabalho e não a vejo faz três dias. Tinha planejado surpreendê-la, chegando cedo, mas a porra do cliente, ou melhor, seu representante, queria uma reunião direto comigo para expor o problema sobre a falha de

uma entrega, a qual atrasou a produção de PEAD[5].

— Senhor Dantas, entendo seu nervosismo, afinal o atraso de matéria-prima prejudica consideravelmente seus negócios, mas o senhor deveria, no mesmo dia da entrega, já que a mesma não chegou no horário combinado, ter entrado em contato com o nosso departamento de expedição, e não ter esperado mais de 48 horas com a exigência de falar diretamente comigo — aponto insatisfeito.

Ele me olha com aborrecimento e não me afeto.

— Acredito que o senhor, como o CEO, deva estar a par de todos os

acontecimentos em sua empresa, não apenas para propagar seu negócio quando quer atrair um cliente em potencial, afinal quando pensávamos em contratar a Clarke Lisboa como

nossa fornecedora de matéria-prima, lembro-me de tê-lo visto em todas as reuniões, então agora que fechamos um contrato somos negligenciados? — manifesta um tanto exaltado, para o meu gosto.

Volto a olhar para os funcionários que participam da reunião, e todos me observam, preocupados, pois sabem da minha intolerância com pessoas mal intencionadas, mesmo sendo um cliente.

Assim volto-me para o homem que conseguiu acabar com o meu dia.

— Senhor Dantas, eu não preciso de ninguém me ensinando quais são minhas obrigações — começo e inclino o corpo para frente e estreito os olhos. — Se o senhor se desse ao trabalho de ler o contrato veria que nele consta o setor responsável caso haja qualquer tipo de problema, e a partir daí seria encaminhado para a pessoa responsável, no seu caso, seria o Renato Carvalho, o nosso gerente do setor de expedição, este aí sentado à sua frente —

declaro irônico e aponto para o referido funcionário, sem desviar o olhar. — Outra coisa: por que o José Carlos, presidente da indústria a qual o senhor representa, não está aqui? Já que a minha presença como CEO foi exigida?

Dantas até tenta se mostrar seguro, porém noto que está preocupado, e não é pouco.

— Ele está viajando a negócios.

— Quero que me diga o que pretende com essa reunião ridícula? Por acaso quer rescindir o contrato? Por que se for esse o caso, se tivesse lido o contrato com atenção veria quais medidas tomar.

— Não quero uma ação drástica — diz e se remexe na cadeira. — Exijo a punição do funcionário que cometeu o erro.

— Quem decide o que fazer com algum funcionário meu sou eu, e para constar: Não tomo medidas com base apenas nas

palavras seja de quem for. Qualquer fato deve ser averiguado, e com precisão — acrescento.

Sua face fica avermelhada e o vejo suar.

— Eu sou o cliente, o senhor tem que por obrigação acatar minha vontade.

O homem é muito mais ridículo do que eu poderia imaginar.

Eu coço a testa e solto um riso e continuo a encará-lo.

— Eu não tenho obrigação nenhuma com o senhor, e se acha que vai com sua conversa descabida conseguir alguma coisa de mim está enganado.

Ele se levanta e bate a palma das mãos na mesa, eu permaneço em minha cadeira e o encaro com calma.

— Sim, a sua empresa tem a obrigação de prestar seus serviços com propriedade e posso muito bem pedir uma indenização por prejuízos causados pela falta de comprometimento de vocês —

esbraveja.

— O senhor queira se sentar e se acalmar, aqui não é sua casa e não tolero selvageria de ninguém, sendo cliente ou não —

demando com voz baixa, porém com precisão.

Ele engole a seco, pega um lenço do bolso e volta a se sentar enxugando a testa.

— Perdoe-me, estou nervoso, pois posso perder um grande negócio por conta do atraso de vocês — afirma.

Olho para Renato que até o momento permaneceu quieto, a meu pedido. Pois chegamos a conversar antes dessa reunião e quando começou a explicar o que de fato ocorreu fomos interrompidos pela chegada de Dantas.

— Renato, você sabe me explicar o que aconteceu? —

pergunto.

Ele acena e abre uma pasta sobre a mesa e me entrega.

— O senhor Dantas está certo em afirmar que não fizemos a entrega — informa.

Eu pego o documento e olho, ali consta o pedido do nosso produto e no final um carimbo de cancelado em vermelho, olho para a outra folha e leio. Sacudo a cabeça e me volto para Simone, a gerente do setor financeiro.

— Você tem o relatório do banco? — questiono.

— Antes de vir para essa reunião enviei tudo para o email da Maria Eugênia — conta e na mesma hora minha assistente me estende a impressão do email e alguns anexos. — Está tudo em ordem e não há erro, senhor Clarke — completa.

Analiso a documentação com cuidado, mesmo sabendo que minha equipe não iria cometer um erro grave, ainda mais em um caso onde o cliente quer arrumar um culpado para alguma merda que fez.

Volto a olhar para Dantas.

— O senhor leu o contrato? — Indago.

— Não sei por que isso é relevante — elucida nervoso.

Respiro fundo. Não vejo outra saída a não ser ter uma conversa com José Carlos. Meu faro diz que Dantas está enrolado, ele fez alguma coisa errada e está tentando se safar nos atacando.

— Bastante relevante, já que no contrato diz que a falta de pagamento suspende todos os serviços por nós prestados —

argumento enfático e quando ele pensa em falar algo, levanto a mão e o impeço.
— Eu tenho uma ótima memória senhor Dantas, lembro que em uma de nossas reuniões José Carlos revelou que você era seu braço direito, além de tomar conta de tudo em sua ausência, era o principal responsável pelas finanças, então deve saber que não houve pagamento nos dois últimos meses.

— É claro que efetuamos os pagamentos! — Ele ainda tenta se defender.

Eu sorrio.

— Não. E o senhor sabe disso, e tenho certeza que está tentando encobrir algum erro seu nos acusando. No mínimo você deve estar tentando ganhar tempo, pois deve saber que em uma empresa de grande porte como a nossa, tudo é muito bem apurado, talvez você não contasse que seríamos tão rápidos.

— Não é nada disso...

Mais uma vez levanto a mão o impedindo de falar.

— Nós não costumamos fazer distinção de clientes, tratamos todos iguais e muitas das vezes, como forma de incentivo, pegamos algumas indústrias menores a fim de gerar uma economia para o país, temos até um contrato específico, com algumas facilidades.

Temos departamentos específicos para tratar com o cliente, caso haja alguma dificuldade, procuramos ser uma empresa humana. No entanto, não admitimos erros e falcatruas, então meu caro, não ter vocês como clientes não fará falta, mas garanto que para vocês a perda será ainda maior — digo e me levanto. Olho para os integrantes da reunião. — Vocês estão de parabéns, não é a toa que trabalham para mim. — Olho para Ricardo, o advogado que está representando o setor jurídico. — Deixarei que resolva todo o resto. Só me mantenha informado.

— Tudo bem, senhor Clarke — responde fazendo algumas anotações.

— O que o senhor vai fazer? — Dantas questiona nervoso.

Volto a olhar para ele com seriedade.

— Neste momento irei para minha sala voltar a trabalhar, pois já atrapalhou meus planos e não temos nada a conversar. Sinta-se um afortunado, afinal poderia neste momento ligar para José Carlos e contar o que aconteceu, mas lhe darei a oportunidade de falar você mesmo com ele — anuncio e pego o meu celular e vejo que tenho uma mensagem, olho uma última vez para Dantas. — Nem

pense em criar mentiras nos usando, ou eu pessoalmente farei com que pague caro.

Despeço-me da equipe e peço a Maria Eugênia que me acompanhe, já em minha sala passo algumas coordenadas e ela confere a agenda do dia seguinte comigo.

Assim que sai pego o meu celular e verifico a mensagem.

Fiz uma comida muito especial para você. E uma sobremesa melhor ainda.

Leio com um sorriso. Eva me deixa louco com suas mensagens e logo me lembro do último sábado, onde ela me surpreendeu com sua sobremesa. Só de pensar em sua boca, meu pau endurece na hora. Se não fosse o Dantas eu poderia estar com ela agora mesmo. Melhor nem pensar muito ou volto para a sala de reuniões.

Por que você insiste em passar mensagens?

Onde você está neste momento?

Envio duas mensagens de uma só vez e logo vem a resposta.

Resposta 1: Porque é uma ótima forma de comunicação.

Resposta 2: Com seu motorista a caminho de casa.

Penso em escrever de volta, mas decido ligar e ela atende ao primeiro toque.

— *Olá, tudo bem com você?* — diz com voz baixa.

— Estaria melhor se você me desse essa sobremesa pessoalmente.

Ela solta uma risada.

— *Não se acostume com minhas sobremesas especiais* —

comenta com riso na voz.

Eu olho para a parede de vidro e vislumbro o crepúsculo.

Nunca fui de sentir a falta de alguém, no entanto sinto a falta de Eva, de sua presença.

— Tarde demais, já me acostumei. Principalmente quando a sobremesa é a soma de sua boca e meu pau juntos — comento tranquilo.

Eva tosse do outro lado da linha e imagino que esteja vermelha.

— *Benjamin, meça suas palavras* — sussurra.

— Querida, com você a única coisa que quero medir é o tempo que você leva para gozar.

Ela solta um bufo.

— *Você não tem jeito* — resmunga —, *esqueceu que estou no carro com Duarte? E se ele ouvir?* — Sua voz sai abafada, posso visualizá-la pondo a mão na boca para falar ao celular.

— Se ele ouvir problema dele. Não devo nada ao Duarte. E

ele não é nenhum imbecil, já sabe que estamos dormindo juntos —

falo e viro a cadeira para verificar meu e-mail. — Você poderia ter ficado hoje. Posso saber por que não ficou?

— *Meu irmão Luigi contou que uma das melhores instituições que trata de crianças e adolescentes com autismo entrou em contato para falar sobre o Thomas, fiquei tão eufórica que estou indo para casa, pois ele quer a família reunida para nos contar tudo.*

— Por sua voz noto o quanto está feliz e eu sorrio satisfeito.

— Isso é muito bom, Eva.

Ouço-a fungando e sei que está emocionada.

— *Isso é maravilhoso, uma das coisas que mais quero nesse mundo é ver meu irmão bem. Ninguém sabe o quanto me dói vê-lo tão distante e não poder fazer nada* — confidencia, e sei que esta é a primeira vez que deixa escapar sua angústia.

Sinto uma vontade imensa de estar ao seu lado e abraçá-la, para então dizer que tudo ficará bem.

— Não fique triste, sei que a partir de agora seu irmão terá o tratamento que merece — asseguro.

Ela funga mais uma vez.

— *Sim, ainda não sei o que aconteceu, ou como chegaram até nós, talvez seja pela ONG que Luigi tentou uma vez, sei lá. Mas seja o que for é maravilhoso* — completa.

— Sim, é maravilhoso — repito.

— *Já estou chegando em casa. Adorei falar com você.*

Desculpe-me por desabafar — pede.

— Nunca se desculpe por isso, Eva. Você pode me falar qualquer coisa. Não se esqueça disso — reafirmo com um sorriso.

— Mais tarde nos falamos.

— *Eu te passo uma mensagem* — fala faceira.

— Eva...

Ela desliga e eu sorrio. Sinto-me feliz por saber que ela está esperançosa e animada por conta do seu irmão. Preciso agradecer a Maria Eugênia, ela foi bastante eficiente. Nem esperava que conseguisse uma solução tão rápida.

Jogo o telefone sobre a mesa e ele volta a apitar, pego-o e quando olho, para minha surpresa, há outra mensagem. Abro-a no mesmo instante.



Só para você saber que se pudesse lhe daria a sobremesa de hoje pessoalmente, mas fica para a próxima...

Não seguro a gargalhada que me escapa.

— Eva... Eva! Você não existe.

Minha noite foi cheia de sonhos com Eva e muito chocolate, mesmo distante ela sabe me atiçar. Se não fosse tantos compromissos daria um jeito de vê-la, mas estou atolado de trabalho.

Uma das reuniões que tenho é com os advogados da firma jurídica que cuida da parte tributária da Clarke Lisboa, Charlotte participa da reunião e como é de se esperar é muito competente e direta, realmente ela é uma ótima profissional. Assim que nossa reunião se finaliza ela vem falar comigo e me entrega a pasta contendo os últimos relatórios.

Ela sorri.

— Espero que esteja satisfeito — comenta.

Pego a pasta e aceno.

— Não tenho do que reclamar, vocês sabem fazer um ótimo trabalho.

— É nossa obrigação, temos que manter nossos clientes felizes — diz e olha em volta, quando percebe que não há ninguém por perto volta a me olhar. — Semana que vem é o evento do

Gerard, recebi o convite hoje pela manhã, será um jantar com algumas atrações no Hotel Unique, você irá?

Estou lendo um e-mail e ergo os olhos.

— Sim, eu sempre compareço, afinal é por uma boa causa —

respondo.

— Então... a pessoa que vai com você é alguma amiga sua?

Encaro Charlotte, ela deve estar bastante curiosa para não ser capaz de se conter.

— Mais que amiga. Por que pergunta?

Ela ri retraída.

— Por nada. É que desde que te conheço nunca o vi com ninguém.

— Já fui em muitos jantares e eventos com você, Charlotte.

Não entendo a surpresa — digo seco.

Ela me observa com olhar frio.

— Aí está. Imaginei que tivéssemos um acordo — expõe.

— Nunca prometi nada a você Charlotte, pode ser que eu tenha dado esperança quanto a termos um acordo, mas nunca levei adiante tal ideia.

— Charlotte, o motorista está nos esperando. — O outro advogado, que a acompanha, nos interrompe. O que para mim está ótimo.

Ela sorri como se nada acontecesse e estende a mão. Eu a cumprimento.

— Caso precise de alguma coisa é só nos procurar, Benjamin. Nos veremos no jantar do Gerard, até lá.

Eu a cumprimento e quando sai da sala balanço a cabeça.

Achei muito estranho Charlotte me questionar. Caminho para a minha sala e Maria Eugênia me entrega o convite do jantar de

Gerard, preciso falar com Eva. Ainda tenho que convencê-la a me acompanhar.

No mínimo dirá que não tem o que vestir, mas para mim isso não é problema. Sento-me em minha cadeira e imagino como Eva ficará em uma dessas roupas de festas. Ela tem uma beleza natural e com certeza ficará ainda mais linda. Precisarei ficar o tempo todo com ela, pois os homens ficarão enlouquecidos diante de sua beleza. Isso sem contar seu ar de inocência. Sei que terei trabalho para manter os lobos distantes.

Passo a mão por meu cabelo. Não acredito que estou com ciúmes. Isso é impossível. Mas, quando penso em algum homem se aproximando dela sinto meu coração pular de angústia.

Levanto para beber água com a cabeça cheia. Eu gosto da Eva, todo o meu corpo vibra quando ela está por perto, não nego que ela me fascina e me atrai como nenhuma outra. E não é somente isso, eu gosto de estar com ela, saber sobre sua vida e sonhos, além de ter um grande instinto em protegê-la.

Agora me pergunto: O que eu sinto realmente por Eva? Só o tempo poderá responder.



Capítulo 30

A primeira pessoa que vejo quando ponho os pés em casa é Nilza. Ela me olha

dos pés à cabeça com desdém, entorta a boca com desgosto e cruza a sala indo em direção a cozinha.

— Pensei que não viria para casa hoje. — Viro o pescoço e noto Sandro sentado na poltrona próxima à janela com o celular na mão.

Aproximo-me dele e sorrio.

— Pensou errado, além do mais Luigi ligou contando a novidade sobre o Thomas — ressalto animada.

Meu irmão abre um sorriso.

— Sim, nem acreditei quando me contou.

— Você sabe os detalhes? Pois quando perguntei, disse que viria aqui hoje e contaria tudo pessoalmente, confesso que estou muito curiosa — externo.

Sandro balança os ombros.

— Disse apenas que ligaram direto para ele, pois seu número estava na ficha do Thomas e não conseguiam falar com mamãe ou papai, mas que a clínica é referência no país — conclui. Com um sorriso maroto me encara. — Então se não fosse pelas novidades você não voltaria para casa hoje?

Estreito os olhos e ponho as mãos na cintura.

— Claro que viria para casa, Sandro — respondo séria, olho em volta da sala e volto a encará-lo. — Melhor parar com suas

insinuações, não quero me aborrecer com a mamãe por conta do Benjamin.

— Eva, não fique se remoendo por causa da nossa mãe. Ela é ótima, mas vamos combinar que nunca foi de se preocupar com a reputação dos filhos.

— Eu sei, mas não se trata somente disso — ressalvo e olho para o teto, então respiro fundo e volto a fixar meus olhos em Sandro, ele presta atenção em mim, percebo sua confusão. — Não concordo em como mamãe falou comigo, no entanto, pensando bem, ela tem certa razão.

Sandro larga o telefone e cruza os braços com expressão de espanto.

— Não acredito que pense como nossa mãe, Eva — sintetiza com desagrado. — Você acha que seu chefe, o qual mostrou interesse por você, pode vir a brincar com seus sentimentos por ser um homem rico?

Ele mal termina de falar e já nego com um gesto de cabeça.

— Não é isso, Benjamin é muito franco, disso tenho certeza.

Porém em algum momento o que temos vai acabar — confesso desanimada e olho para o chão. — Sandro, você já reparou em nossa família? No quanto somos problemáticos? — questiono e volto a olhá-lo com tristeza. — Em algum momento Benjamin pode descobrir todo esse rolo que nosso pai se meteu. Temos uma família com problemas além do normal, cheia de dívidas, que pode ficar sem teto a qualquer momento e poucas perspectivas de vida, pois não vejo nosso pai se empenhar em mudar e nossa mãe prefere tapar o sol com a peneira e rara às vezes se abre com os filhos, escondendo tudo de nós — desabafo.

Sandro se levanta e me abraça.

— Nós temos uma família encrencada sim, mas ele não vai fugir por isso — sussurra apertando seus braços ao meu redor.

Solto um riso sem vontade.

— Você não entende. O meu chefe é um homem de prestígio, eu ao seu lado só prejudico sua imagem. Ele não merece isso —

finalizo com um suspiro.

Sandro se afasta e segura meus braços, então me encara.

— Você fala como se tivesse experiência no assunto. Como pode saber de tanta coisa quando esteve a maior parte da sua vida num internato?

Eu rio e reviro os olhos.

— As pessoas cismam em pensar que vivemos num mundo diferente, não sou nenhuma alienada — comento sacudindo a cabeça. — Acontece que as

informações chegam até nós. Também conheci muitas meninas com histórias distintas.

Sandro suaviza o olhar.

— Desculpe-me, mas na maioria das vezes você é tão pragmática em suas justificativas que me assusta — confessa dando um leve aperto em meu queixo. Ele me olha com carinho. —

Não fique pensando bobagens, nossa família é controversa, mas existem piores por aí. Pelo menos nosso irmão mais velho está trabalhando duro para pôr tudo nos eixos e eu o estou ajudando no que posso, então vamos ter fé de que encontraremos uma saída.

— Eu sei, eu amo essa família, apesar de tudo, mas me preocupa o fato de sermos tão atrapalhados.

Ouvimos passos e olhamos ao mesmo tempo, Nilza vem da cozinha e quando nos vê do outro lado da sala nos olha desconfiada, não diz nada e vai para o quarto. Sandro me olha com divertimento.

— Com exceção da Nilza, eu também amo essa família —

cochicha me fazendo rir. Sandro suspira e fica concentrado. — Não é somente nossa mãe que esconde as coisas de nós, Eva.

Fico intrigada com suas palavras.

— O que você quer dizer?

Ele fixa os olhos em mim e faz um gesto de negação.

— Nada, só peço que não tome nenhuma atitude precipitada, sei que está gostando do seu chefe, siga seu coração.

Eu sorrio.

— Eu estou seguindo, pois se seguisse a razão nem chegaria perto dele — respondo com sinceridade.

Ele pega seu celular jogado na poltrona e me acompanha até o quarto, então conta sobre o trabalho que vem fazendo junto a uma editora, como tradutor, Sandro sempre dominou línguas estrangeiras, quem percebeu isso nele foi Luigi, assim nosso irmão mais velho o incentivou a estudar.

Enquanto estou no banho penso em Luigi, ele sempre foi preocupado com a família, nunca nos abandonou, até mesmo quando casou-se com Marcela permaneceu por perto, nos socorrendo sempre que precisávamos. Nem sua esposa, que após descobrir que não éramos ricos e passou a nos repelir conseguiu com que Luigi se afastasse de nós.

Ele é um grande homem e realmente não sei o que seria desta família se não fosse ele.

Algumas horas depois mamãe prepara o jantar, ela não tocou mais no assunto Benjamin e também decidi por ficar na minha, é como se nada tivesse acontecido, ela conversa comigo normalmente, continua carinhosa. Isso me deixa muito aliviada, pois adoro minha mãe, mesmo ela sendo desatenta com alguns de seus filhos.

Luigi, Sandro e eu estamos sentados à mesa numa conversa animada, a qual mamãe participa. Tia Kelly chega e informa que Thomas está dormindo e que vai para casa, ela se despede de todos e se retira, então Nilza entra na cozinha e o clima, antes leve, agora fica tenso.

Ela está toda arrumada, usa um vestido brilhoso da cor cinza, e devo admitir que está muito bonita. Ela nos olha com desgosto.

— Reunião de família? — questiona e abre a geladeira. Pega uma garrafa de água e bebe no gargalo enquanto olha para Luigi. —

Deve ser sério para você estar aqui.

— Luigi é casado e está mais presente do que você —

Sandro despeja.

— Deixa ela, Sandro. Não sabe como Nilza adora uma encrenca? — Luigi diz com tranquilidade.

— Porque é um idiota — ataca, referindo-se à Luigi e volta a guardar a garrafa na geladeira.

— Nilza... — Mamãe chama sua atenção. — Pare agora mesmo, não quero briga entre vocês.

Ela revira os olhos.

— Vocês são patéticos — resmunga baixo e sei que mamãe não ouviu. Ela me olha atravessado e solta um riso de deboche, depois caminha até a porta e antes de sair nos olha. — Tchau, família amada!

Assim que sai, Sandro olha para a mamãe.

— A senhora tem certeza de que não a adotou? — pergunta franzindo a testa.

Eu e Luigi rimos com sua pergunta e mamãe o olha zangada.

— Sandro, já mandei que parasse de falar isso. Nilza é apenas mais temperamental, mas é uma boa menina.

Olho para Luigi que tem uma expressão engraçada e finge uma tosse para não rir.

— Menina? Isso é piada — murmura.

— A piada do século, você quer dizer — completa Sandro.

Não entendo o porquê deles se referirem a Nilza dessa forma. Porém não quero falar sobre a irmã rebelde, não me sinto à

vontade falando dela pelas costas, ainda mais com ela estando com raiva de mim.

Assim me volto para Luigi.

— Então Thomas iniciará seu tratamento amanhã? —

pergunto curiosa em saber.

Luigi nos revelou que entraram em contato com ele, pois Thomas foi agraciado

por um benfeitor o qual gostaria de permanecer incógnito, chegamos a conclusão de que deveria ser alguma celebridade que mantinha contato com a ONG a qual Luigi estava tentando com que Thomas fosse admitido.

— Amanhã será apenas a entrevista, mamãe irá preencher um questionário e conversará com um especialista — resume.

Nossa mãe nos observa com um sorriso.

— Mãe? Posso ir com a senhora? Ou prefere Ir apenas com a tia Kelly? — questiono com voz baixa.

Ela olha para mim e alarga o sorriso.

— Claro que pode, Evangeline! Será bom para Thomas que você venha, pois ele te adora, e Kelly não irá conosco, pois conversei com ela e não virá mais todos os dias — revela com uma ponta de tristeza na voz.

O que é uma pena, pois tia Kelly pode até ser um pouco intrometida, mas ela sabe cuidar muito bem do Thomas e sei que ela gosta dele.

— Que pena, mãe — Sandro lamenta —, como será quando ela não estiver aqui?

Minha mãe suspira desanimada.

— Isso não será mais problema, afinal vamos nos desfazer da pizzaria e logo não estarei tão ocupada. — Ela sorri com tristeza.

Luigi se levanta e abraça a mamãe.



— De qualquer forma você e papai precisam descansar, a senhora mesmo já pensava em se aposentar — declara.

— Sim, mas não queria que fosse assim. Tenho a sensação de que trabalhamos por nada, e eu queria deixar a pizzaria nas mãos de um dos meus filhos, certamente você, meu filho, pois sempre gostou tanto do negócio — desabafa cabisbaixa.

— Não se martirize, nem tudo é da maneira que queremos, e eu, assim que resolver tudo irei procurar um lugar para trabalhar, já até tenho algumas propostas — conta.

— Mãe, ainda não sabemos o que acontecerá, vai que a pessoa que compre a pizzaria queira dar continuidade ao negócio e contrate Luigi como gerente? — Sandro diz otimista.

Ela ri sem vontade.

— Vamos torcer, mas acho difícil.

Ela se vira e termina de preparar o jantar, depois vai chamar papai, mas ele não vem, pois sente dor de cabeça. Ruth chega e se junta a nós. Sandro conta sobre seu trabalho e tentamos relaxar um pouco.

Aguardo na recepção da clínica e leio alguns panfletos. O

lugar é muito grande e as pessoas são acolhedoras. Assim que chegamos mamãe foi chamada e levou Thomas junto com ela, permaneço sentada e ouço uma moça falar meu nome.

— Evangeline é você? — pergunta sorridente.

Eu me levanto assustada.

— Sim.

— Eu sou a Caroline Piez, uma das psicólogas que faz o acompanhamento terapêutico das crianças e adolescentes admitidos. Você como irmã do Thomas está sendo solicitada para uma entrevista, tudo bem para você? — questiona.

Eu sorrio e aceno.

— Claro, se é para ajudar meu irmão — digo.

— Ótimo, então queira me seguir, por favor.

Atravessamos o saguão e chegamos a uma sala a qual lembra um consultório.

Ela pede que eu me sente e pergunta se quero beber alguma coisa, quando digo que estou bem ela pede para contar como é o entrosamento entre eu e Thomas. Assim conto tudo que vou me lembrando. Caroline é muito boa no que faz, pois revelo até mesmo o último ataque de Thomas e em como ele se acalmou ouvindo

suas músicas.

— Então você acredita que a música o deixa relaxado? —

indaga.

— Sim, não todo tipo de música, meu irmão gosta muito de ouvir música clássica.

— Sempre há discussões em sua casa? — pergunta com naturalidade e me sinto sem graça por ter revelado a discussão que causou o ataque do Thomas, ela percebe meu incômodo, chega para frente e toca em minha mão. — Não precisa ficar desconfortável, toda família tem seus problemas, e a pergunta é apenas para que possamos planejar o tratamento que aplicaremos em Thomas. Não estamos aqui para julgar.

Eu aceno em compreensão, no fim termino contando sobre Nilza e de como ela se refere a Thomas, Caroline indaga se ela chega a comentar o que pensa na frente do meu irmão e eu falo a verdade.

Ficamos mais de uma hora numa conversa que chega ser descontraída, Caroline me deixa muito a vontade e quando termina me agradece, diz que sou uma pessoa clara no que digo e que ficará feliz em conversar comigo depois que Thomas iniciar sua terapia.

Encontro com mamãe na recepção e Thomas está ao seu lado e tem nas mãos um livro. Ela, assim que me vê abre um sorriso e quando me aproximo ela me abraça.

— Filha, quando disse que você estava aqui eles acharam por bem entrevistá-la também, espero que esteja tudo bem — expõe preocupada.

— Claro, está mais do que bem. Estou segura de que Thomas agora está no lugar certo — comento animada.

Ela segura as mãos de Thomas e caminhamos para a saída.

O tempo começa a mudar e ligo para Luigi vir nos buscar, porém não consigo falar com meu irmão, sei que deve estar na pizzaria, pois tinha algumas coisas para resolver. Mamãe fica preocupada, pois está totalmente sem dinheiro, vejo

que fica embaraçada e tem lágrimas nos olhos.

— Nunca pensei que fosse passar por isso um dia. Hoje pela manhã cheguei a pedir dinheiro ao seu pai, mas ele também não tinha, pensei na possibilidade de cancelar a entrevista, mas era tão importante para Thomas. Não podia simplesmente negligenciar meu filho novamente — desabafa e me olha com pesar.

— Mãe, não fique assim, é natural nos dias de hoje estarmos sem dinheiro. Eu estou com o meu cartão, vamos pedir um carro, eu pago — anuncio e pego o telefone, mas não faço ideia de como pedir um desses carros. Olho para Thomas e ele está mal-humorado, pois a calçada começa a ficar movimentada.

Procuro no telefone pelo aplicativo, e fico nervosa quando não o encontro.

— Filha, deixa eu ver se consigo falar com o Sandro. De repente ele pode vir nos buscar

Ela tenta ligar e eu não encontro o aplicativo da Uber. Penso que talvez possamos tomar um táxi, sei que a maioria já aceita cartão. Minha mãe está aflita, afinal não conseguiu falar com meu irmão.

— Fique aqui com Thomas, vou chamar um táxi.

— A esta hora é quase impossível encontrar um táxi, minha filha.

Ela tem razão, mas não há alternativa. Então olho para frente e vejo um carro parecido com o de Benjamin. Será que se eu pedir ele permitirá que Duarte nos pegue? Sei que esta hora ele ainda se encontra na empresa. Fico indecisa e volto a olhar Thomas que está cada vez mais agitado.

— Mãe! Verei se consigo uma solução, espere um instante —

peço e me afasto dela. Então ligo para Benjamin e começo a roer minha unha.

Fico surpreendida com o quão rápido ele atende.

— *Eva? Aconteceu alguma coisa com você*? — pergunta preocupado.

— Oi Benjamin! — Sinto minha voz trêmula. — Na verdade gostaria de te pedir

um favor, se possível.

— *Pode falar, o que é?* — Sua voz sai enrouquecida. Conto onde estou e o que está acontecendo, nem termino de falar e ele me interrompe. — *Aguarde aí, Duarte chegará em alguns minutos e os levará para casa.*

Respiro aliviada.

— Obrigada, Benjamin. Nem sei como posso agradecê-lo já estava ficando desesperada — confidencio.

— *Pois não fique, depois conversamos sobre isso e... Eva?*

— O que? — Minha voz está baixa.

— *Toda vez que precisar não se abstenha em ligar-me* —

frisa e desliga.

Eu sorrio olhando para o telefone. O que fiz para merecer esse homem?

Minha mãe e Thomas estão o mais distante de onde as pessoas passam e quando chego sorridente ela percebe que consegui uma carona.

— O motorista do Benjamin virá nos buscar — informo sem encará-la, pois não sei qual será sua reação.

— O seu chefe? — Ouço sua pergunta e respiro fundo, apenas aceno confirmando. — Bom, ao menos ele lhe atendeu quando precisou.

Solto o ar. Ela não deu nenhum sermão, finalmente a olho e ela sorri. Não falamos nada. Não é preciso. Afinal, o que adianta?

Eu já estou mais do que envolvida com Benjamin. E nada que minha mãe diga irá mudar isso.



Capítulo 31

Relaxo meu corpo na cadeira de couro em meu escritório assim que peço a Duarte para buscar Eva na clínica onde se encontra com sua mãe e irmão. Estava numa ligação com um cliente quando meu celular tocou com uma ligação sua. No mesmo instante despachei o cliente e a atendi alarmado, pois Eva não é de ligar.

Como Duarte sempre fica por perto o acionei de imediato, ainda assim, caso ele estivesse indisponível daria um jeito, eu mesmo a buscaria pessoalmente, se assim fosse preciso. Não a deixaria de forma alguma exposta.

O restante da tarde passo numa reunião com a companhia responsável pelo fornecimento de sondas de perfuração, pois estamos na iminência de renovar nosso contrato e devemos discutir algumas alterações. Chegamos a um acordo tarde da noite e por mais que eu domine bem esse tipo de reunião, ainda assim é cansativo.

Antes de dar por encerrado o dia eu e Maria Eugênia ainda ficamos um pouco mais, pois além da agenda do dia seguinte temos que decidir o hotel onde os engenheiros alemães irão ficar enquanto estiverem na cidade para a inspeção de maquinário, pois mesmo tendo uma empresa responsável considero muito necessário fazer uma vistoria semestral em nossas plataformas por profissionais especializados.

Algumas horas mais tarde e estou seguindo para casa, aproveito e pergunto a Duarte se deu tudo certo com Eva, com tantos compromissos no final da tarde nem pude falar com ela.

— Sim, deixei-a em sua casa juntamente com sua mãe e irmão — diz.

— Ótimo — respondo pensativo.

Eva não me contou detalhes do que aconteceu, mas senti em sua voz que estava constrangida, pois levava consigo apenas um cartão do banco e não havia conseguido chamar um carro de aplicativo. Eu me preocupo com ela, pois Eva é muito desligada em algumas situações. Como se adivinhasse que penso nela meu telefone vibra com uma mensagem sua.

Muito obrigada por ter nos ajudado hoje à tarde, Duarte, como de costume,

foi um cavalheiro.

Eu sorrio ao ler suas palavras.

Só mesmo assim para você ligar... Por quê você insiste em passar mensagens? Pode muito bem me ligar.

Envio para ela e não demora muito, vem sua resposta.

Acho você um homem muito ocupado (palavras suas), não quero perturbá-lo com ligações sem sentido, pois uma ligação é apenas para casos urgentes, como foi hoje.

Ela tem um ponto. Assim ligo para ela.

— *Por que você não gosta de mensagens?* — pergunta com voz de riso logo que atende.

— Porque gosto de ouvir a voz do interlocutor que dialoga comigo — respondo, quando a verdade é que gosto de ouvir apenas

sua voz. — Você acabou de dizer que uma ligação é para casos urgentes, então tenho uma urgência...

— *Sério? Que urgência é essa?* — indaga com curiosidade.

Eu sorrio.

— Preciso muito de você nua em minha cama, pois necessito de um gosto da sua boceta em minha língua — sussurro, minha voz sai grossa.

Ouço sua respiração.

— *Benjamin, você é louco? Aonde você se encontra agora?*

— No carro, indo para casa. Por quê?

— *Você é pior do que eu imaginava... E se o Duarte ouvir essas suas sandices? Você não se preocupa com a sua reputação de CEO sério e controlador*? — completa como se estivesse zangada. No fundo sei que está excitada.

— Minha reputação deve ser impecável onde dever ser, na companhia em que dirijo, meu motorista não é pago para prestar atenção em minhas conversas, porém para deixá-la tranquila, afirmo que ele não me ouviu — declaro e percebo que estou chegando ao meu prédio. — Você poderia vir para a minha casa hoje.

Eva dá uma risada.

— *Benjamin! Passa das 10:00 da noite.*

— E daí? O Duarte irá buscá-la — insisto.

Ela fica alguns minutos em silêncio, sei que está instigada.

— *Eu gostaria muito, mas hoje não dá. Apareceu uma encomenda de última hora e tenho um bolo assando agora mesmo, tenho que deixar tudo pronto para amanhã, pois a pessoa pegará o bolo com a minha irmã.*

Eu suspiro contrariado.

— Tudo bem, então amanhã venha preparada para ficar.



— *Vou pensar no seu caso!* — exclama em tom desafiante.

— Eva! Amanhã quero chegar à cobertura e encontrá-la à minha espera — determino, mas nós dois sabemos que estou apenas a atiçando, afinal não sou nenhum carrasco e também não mando em Eva. Só entre quatro paredes — penso.

Ela solta uma gargalhada.

— *Veremos... Agora devo ir, meu irmão acabou de chegar e ele é muito intrometido, pois fica prestando atenção na conversa dos outros* — declara com voz elevada, certamente para que seu irmão ouça.

Percebo que o carro está parado e quando olho encontro-me na garagem do prédio, até nisso Eva consegue desviar minha concentração.

— Não se esqueça de levar suas roupas, embora você não vá usá-las de qualquer forma — finalizo e desligo com um sorriso satisfeito.

Consigo dormir assim que bato na cama de tão cansado. Sei que terei outro dia cheio amanhã, mas no final valerá a pena, pois tenho certeza de que Eva estará em casa quando eu chegar.

À tarde após o almoço, peço a Maria Eugênia que cancele todos os compromissos e os reagende para outro dia, pois não há nada de urgente. Preparo-me para sair mais cedo, estou lendo um último e-mail quando minha assistente anuncia a visita do meu pai, mesmo afastado, ele costuma, raras vezes, comparecer à empresa.

Levanto-me e o recebo no meio da sala.

— Que boa surpresa, o senhor por aqui — cumprimento-o.

Ele sorri e passeia os olhos pela sala.

— Apenas estava por perto, fui almoçar com um amigo e decidi dar uma passada, para matar a saudade.

— Sentindo falta do trabalho, papai? — pergunto e ele ri.

Andamos até a pequena mesa de reuniões próxima a parede de vidro. Pergunto se ele quer alguma coisa e pede um café.

Ligo para Maria Eugênia para providenciar dois cafés e depois de desligar ele me olha.

— Ben, você teve a proeza de ser melhor do que eu no comando nos negócios — declara com uma ponta de orgulho.

Não gosto muito de receber elogios. Então dou de ombros.

— Não faço nada demais, pai. Apenas conduzo tudo com muita responsabilidade.

Ele continua me encarando com um sorriso.

— Isso em minha época eu fazia também. Eu recebo todo mês o relatório financeiro, e nunca os lucros foram tão evidentes.

Em quase um ano como CEO, você elevou o nível da empresa, não é a toa que todos nós, incluindo os acionistas, estamos satisfeitos —

destaca.

Nosso café chega e quando o mordomo se retira eu o olho.

— Fico feliz em saber, pois não quero que pensem que ocupo o cargo apenas por ser o filho do fundador, quero ser reconhecido pelo meu trabalho — repito o que havia falado outras vezes.

— Pois acredite. Você é muito bem reconhecido. Já até soube de uma grande concorrente nos Emirados Árabes estar interessada em fazer uma proposta a você.

Eu gargalhei. Já ouvi sobre esse boato, mas até o momento ninguém fez nenhum contato comigo.

— Pai, não acredite nesses rumores sem sentido —

aconselho.

Meu pai, pelo que demonstra sua expressão, acredita tratar-se de algo verídico.

— Isso não é rumor, Ben. Só peço que caso pense em nos deixar, lembre que essa empresa é sua também, mesmo partindo, você terá parte das ações — alega, agora com fisionomia séria. —

Porém como seu pai, quero sempre o que for melhor para você.

Olho para fora da parede de vidro, não consigo me ver longe deste lugar. Volto-me para o meu pai.

— Pai! Não penso em sair daqui, mesmo por uma proposta extraordinária — começo e sorrio para ele. — Pelo dinheiro o senhor sabe que não preciso, se for pelo desafio... só digo que na Clarke Lisboa todos os dias sou desafiado.

Ele ri e acena.

— Sim, sei como ser CEO desta empresa é desafiante.

— Então sem mais preocupações. Daqui só saio se vocês optarem por colocar outro em meu lugar.

Meu pai fica mais aliviado e depois conta sobre mamãe estar querendo organizar uma festa, o que o deixa contrariado, pois ele não é muito chegado a festas, diferente da mamãe, para ela qualquer motivo deve ser comemorado. Ele finge um estremecimento exagerado e rio, pois no fim vai acabar cedendo e fará o que minha mãe determinar, meus pais são muito apaixonados. Mesmo após 35 anos de casados.

Ele está de saída e digo que encerrei meu dia. Então para e me olha espantado.

— Você está bem, meu filho? Sente alguma coisa?

— Não. Estou muito bem. Por que a pergunta? — questiono intrigado.

Meu pai parece surpreso.

— Nunca você saiu tão cedo.

— Também não é assim — retruco na defensiva.

Ele sorri.

— Não estou te reprimindo, Ben, ao contrário. Acredito que você deva tirar um tempo para você, não precisa se matar de tanto trabalhar, igual você costuma fazer.

Atravessamos a recepção e chegamos ao elevador.

— Você e minha mãe exageram — resmungo.

— O exagerado aqui é você. — Ele aperta meu ombro e entramos no elevador. — Relaxa filho. Aproveite sua noite e pense em tirar umas férias. Isso é uma ordem.

Na garagem nos despedimos e cada um segue para seu carro. Duarte está à minha espera e abre a porta do carro. Quando ele dá partida penso no que meu pai falou. Até que umas férias não seria nada mal, poderia aproveitar e passar uns dias na minha ilha no Rio de Janeiro. Fui lá apenas uma vez e minha família aproveita mais aquele lugar do que eu.

Com um sorriso lembro-me de Eva. Ela poderá ir e me fazer companhia. A ideia dela estar comigo por alguns dias longe de todos se torna bem atraente.

Quando chego à cobertura, percorro a sala e deixo o Notebook jogado no sofá e sigo para a cozinha. Ao abrir a porta vejo Eva de costas para mim, ela guarda alguma coisa no armário e quando bato a porta ela se vira. Com alguns passos aproximo-me dela e a puxo pela cintura até estar colada a mim. Ela arfa e suas mãos tocam meus braços.

Abaixo a cabeça e a beijo com desespero. Só agora estou me dando conta do quanto senti sua falta. Eu a aperto em meus braços e devoro sua boca. Num movimento brusco a pego pelo

quadril e a ponho sentada na bancada da minha cozinha. Suas pernas envolvem minha cintura e me esfrego entre suas coxas.

Eva traz suas mãos até meus cabelos e enfia os dedos por entre meus fios. Deslizo a minha boca até sua orelha e ela joga a cabeça para trás.

— Estava louco para te beijar — rosno em seu pescoço.

Ela aperta suas pernas e sinto sua pele arrepiar.

— Também. Estava ansiosa para que você chegasse logo —

murmura.

— Não vou conseguir esperar, preciso de você agora mesmo, ou vou explodir de tanto tesão — confesso e viajo minhas mãos até seus seios e os massageio. — Caralho! Como senti sua falta. O que você fez comigo para me deixar tão descontrolado?

Ela dá uma risada rouca e sexy.

— Provavelmente o mesmo que você fez comigo — sopra, e segurando meu rosto entre suas mãos me força a encará-la.

Seus olhos estão nublados de desejo. Ela sorri. É como se tudo que existe dentro de mim fizesse sentido. Sinto-me preenchido com uma sensação maravilhosa de plenitude.

— Você é tão linda! — exalto. Seu sorriso se alarga e ela me olha com carinho.

Volto a beijar seus lábios enquanto minhas mãos descem e desabotoam sua calça. Em seguida me afasto, com cuidado desenrolo suas pernas da minha cintura, consigo retirar seu jeans e deixá-la apenas de calcinha. Levo minha mão entre suas coxas e a sinto molhada e quente. Puxo o elástico para o lado e deslizo meu dedo em seu sexo.

Eva fecha os olhos e aperta as coxas prendendo minha mão.

Ela segura a beirada da bancada e aperta. Sua figura completamente entregue e usando apenas uma camisa branca e calcinha enquanto lhe dou prazer é extravagante. Assisto todo o seu

corpo se contorcer e movo meus dedos em sua carne até deixá-la quase sem ar.

Ela então abre os olhos e fixam-se diretos nos meus. Seguro seu olhar, ela crava os dentes em seu lábio e geme.

— Benjamin... — soluça meu nome. Eu apenas prendo seu olhar e meus dedos a

exploram até que Eva joga a cabeça para trás, eleva uma de suas mãos e agarra meu ombro. Então ela se desfaz em meus dedos os deixando encharcados do seu gozo.

Ela volta a me encarar e me beija de repente. Tiro meus dedos de sua boceta, e pego a camisinha em meu bolso. Eva traz suas mãos até meu cinto e o abre um pouco atrapalhada e em seguida desce meu zíper. Sinto minhas calças caírem. Assim, ponho meu pau para fora da cueca e coloco o preservativo.

— Agora quero que goze novamente, desta vez no meu pau

— exijo entredentes.

Ela beija e morde a minha boca ao mesmo tempo.

— Sim senhor! — ronrona.

Não aguento ouvi-la me chamar de senhor, uma labareda sobe por meu corpo. Sinto o calor me invadir. Ponho sua calcinha de lado e com um impulso forte invado seu sexo.

Eva suspira forte deixando escapar um gemido de prazer. Eu nunca quis nada em minha vida com tanta vontade como a quero.

Eu volto a devorar sua boca, bato forte meu pau em sua boceta.

Escuto alguma coisa cair no chão e nem o barulho é capaz de nos parar. Nós compartilhamos uma necessidade urgente de absorver um ao outro. Eu mergulho com energia e aprofundo os meus movimentos enquanto ela balança o quadril ao meu encontro.

Mal posso acreditar que estou fodendo Eva no balcão da minha cozinha, isso sim é ter uma fantasia realizada com requinte.

Mas a realidade está sendo muito superior à minha imaginação.

Sinto minhas bolas apertarem e cravo minhas unhas em suas coxas. Ela fica mais escorregadia e meu pau desliza em sua

entrada, viajo uma das minhas mãos até seus cabelos e os seguro com força entre

meus dedos.

Paro meu movimento completamente enterrado em sua boceta e rebolo. O atrito a faz ofegar e aproveito para descer minha boca até seu pescoço e beijá-la num ponto onde sei que ela fica enlouquecida. Sua pele arrepia enquanto aperta suas coxas e chega ao clímax mais uma vez. Um formigamento de puro prazer passa por mim e o orgasmo vem com intensidade, meus músculos se contraem e gozo mordendo seu ombro no processo.

Quando paro nos olhamos e temos um sorriso estampado.

Estamos suados e ofegantes, e satisfeitos.

— Estamos uma bagunça — comento quase sem voz.

Ela ri e olha em volta.

— Não posso acreditar que fizemos sexo no balcão da sua cozinha — fala o mesmo que pensei antes, e volta a me olhar. —

Derrubei alguns talheres. — Seu olhar de culpa me deixa encantado.

Beijo sua boca rapidamente e volto a encará-la.

— Melhor os talheres do que um de nós — respondo e ela ri.

Puxo meu pênis para fora de sua boceta, retiro o preservativo, dou um nó e o coloco no bolso do terno. Eva então põe a mão na boca e começa a rir. Eu franzo a testa e ela controla a risada.

— Já pensou se você esquece isso aí? O que a Cora vai dizer? Afinal ela que cuida das suas roupas.

Encolho o ombro e sorrio.

— Não esquecerei, pois sempre verifico os bolsos antes de deixar no cesto, e se caso acontecesse ela teria que lidar com isso

— constato. Puxo minhas calças e tento me recompor. Pego Eva pela cintura e a coloco com os pés no chão. Olho para ela toda

ofegante, apenas de calcinha e blusa. — Puta merda, você é muito sexy.

Ela olha para si e entorta a boca.

— Eu pareço ter saído de uma romaria mal planejada, em que perdi as calças no caminho — aponta e eu caio na gargalhada.

Só mesmo Eva é capaz dessa façanha. Fazer-me rir com mais regularidade. Já nem me reconheço mais.

As pontas dos meus dedos acariciam a pele macia de seu rosto, seus cabelos bagunçados a deixam formidável. Eu a encaro e devagar inclino o pescoço e tomo posse da sua boca. Não tem jeito, quando estou perto dela não desejo nada mais que tê-la nos braços.

Com uma pequena mordida paro de beijá-la e seguro sua mão.

— Vamos subir, preciso de um banho e quero sua companhia.

Ela sorri.

— Ótima ideia, preciso só pegar a bolsa com minhas coisas

— informa e quando tenta se afastar a seguro no lugar.

Ela me olha confusa.

— Por que não levou a sua bolsa para suíte? — indago sério.

Eva encolhe os ombros.

— Não quero ser invasiva, além disso, Cora estava administrando a limpeza e me sinto constrangida o suficiente só de pensar que ela pode saber sobre nós — confidencia.

Ela entorta a boca.

— Eva! Ponha uma coisa na sua cabeça: Ninguém tem nada a ver com nossa vida. Nós somos adultos — declaro a olhando com seriedade. Eu seguro seu queixo. — Amanhã mesmo, embora não

deva nada a Cora, a deixarei ciente sobre nós, assim como providenciarei para que sua entrada e saída aqui, seja livre.

— Não há necess...

— Vai ser assim, Eva. Você não tem que ficar às escondidas.

Agora você está comigo e está mais do que na hora de parar de se esconder.

Beijo-a de repente a fim de selar minhas palavras. Não tem porque ficarmos constrangidos. É hora de assumir isso que temos juntos.

Assim ficarei mais tranquilo, pois todos verão que Eva é minha.



Capítulo 32

Alguns dias depois...

Arrumo algumas roupas na bolsa para o fim de semana.

Benjamin estará chegando a qualquer momento e estou atrasada e conhecendo como o conheço sei que ficará impaciente caso tenha que esperar. Porém, tive uma grande encomenda de doces e trabalhei duro o dia inteiro. Mas valeu a pena, pois recebi um bom dinheiro, cuja parte deixei com minha mãe para ajudar nas despesas.

A princípio não queria aceitar, pois quando recebi o salário do meu trabalho com Benjamin havia dado uma parte em casa, pois percebi que algumas contas estavam vencidas. Minha mãe ficava envergonhada, pois teve uma época em que vivíamos muito bem, e quando tudo começou a ruir ela e papai tentaram o máximo não depender dos filhos. No entanto, agora não havia jeito de ser diferente. Eu e Sandro conversamos com eles e dissemos que tínhamos a obrigação de ajudar, afinal eles sempre nos deram tudo.

Enquanto criança, nada nos faltou.

Mamãe, apesar da teimosia, está aceitando mais nossa atual situação. Porém, venho notando em papai grande tristeza, é como se ele tivesse desistido de tudo, nem quando estamos todos em casa participa do jantar, ele se tranca no quarto e vive dizendo que está muito cansado. Não sabemos mais o que fazer para animá-lo.

Acredito que o fato de ainda não ter encontrado um comprador para a pizzaria e outro para a casa o esteja abalando.

Estamos com a corda no pescoço, e em algumas semanas vence o prazo para pagar o agiota. Nós não tocamos neste assunto na presença de nossos pais, mas eu e nossos irmãos temos discutido, e bastante, esse assunto. Sandro conseguiu vender o carro e deu o dinheiro para Luigi, estamos tentando juntar um dinheiro ao menos para ter parte do pagamento, pois sabemos que mesmo vendendo a casa e a pizzaria não teremos tempo de termos o dinheiro em mãos.

Nossa única alegria se refere ao Thomas. Em apenas duas semanas já percebemos uma grande melhora em seu comportamento. Não é muita coisa, pois ainda prefere ficar sozinho com seus jogos, mas ao menos ele tem se comunicado mais.

Depois de pegar minhas roupas, que ainda se encontra no quarto de Nilza e Ruth, vou para o quarto que venho dividindo com Sandro e o vejo sentado na cama folheando um livro. Ao perceber minha presença levanta os olhos com expressão de pesar.

— Eva, como está abatida — comenta.

Eu encolho os ombros.

— Virei a noite preparando aqueles doces — conto e solto um bocejo.

— Vai dormir na casa do Benjamin? — pergunta.

— Sim. Amanhã é o tal jantar que ele cismou de me levar.

Sandro sorri.

— Fico feliz que ele a tenha chamado. É um bom sinal.

— Sinal de que?

— De que ele não está com você apenas às escondidas.

Certamente não vai querer que trabalhe mais para ele em algum momento. Afinal já não a considera como sua empregada.

Meu coração dá um salto. Não sei se me sinto feliz, afinal preciso muito desse dinheiro. E Benjamin não descontou o que eu o

devo do carro, quando questionei ele desconversou, disse que em outro momento falaria disso. Não reclamei, afinal com o que ganho cozinhando para ele ajudo de alguma forma nas contas de casa.

Não é o suficiente, mas ajuda.

— Espero que ele não faça isso — comento e jogo-me na cadeira agarrando minha bolsa.

— E por que não? — questiona intrigado.

Eu o encaro e suspiro desanimada.

— Foi com esse dinheiro que recebi dele que pude pagar algumas contas vencidas — confesso e entorto a boca angustiada.

— Sandro! Apenas eu e você estamos colaborando. Não tenho dormido direito com tanta preocupação. E se o agiota não aceitar apenas parte do dinheiro? O que faremos?

Ele também tem a expressão tensa. Sabe que estamos num beco sem saída.

Sandro sacode os ombros.

— Para ser franco... não sei o que faremos. E para piorar nosso pai está apático e temo que entre em depressão, se já não estiver — conta.

Ficamos os dois, um olhando para o outro, sem perspectiva.

Meu telefone toca e sei que é Benjamin.

— Onde você está? — Sua voz grossa demonstra impaciência. Eu sorrio, feliz em ouvi-lo. Apesar de ser resmungão, ele me faz feliz.

Benjamin tem sido a minha única coisa boa.

— Boa noite! Já chegou? — pergunto para implicar. Tenho certeza de que já está lá fora me aguardando.

— O que você acha?

Eu rio.

— Já estou de saída — respondo e desligo.

Olho para Sandro, ele se levanta e pega minha bolsa.

— Vou levar isso para você, pois está se arrastando — diz e marcha para a sala.
— Não se esqueça de me enviar uma foto sua, depois de pronta amanhã.

Eu o sigo. Atravessamos a sala e Nilza está no sofá mexendo em seu telefone. Ela olha para nós com cara de nojo e continuamos nosso caminho. A convivência com ela é cada vez mais difícil.

A noite está fria e Benjamin está do lado de fora do carro.

Tento pegar minha bolsa com Sandro, mas ele insiste em me ajudar, e como não quero discutir com meu irmão na frente de Benjamin, não digo nada.

Saímos do portão e Benjamin, como sempre, me olha dos pés à cabeça com um sorriso malicioso.

— Aqui está — Sandro diz e passa a bolsa para ele. —

Prazer, eu sou o Sandro.

Benjamin o encara e o cumprimenta.

— Olá, Sandro, bom te conhecer.

Olho para meu irmão e sorrio.

— Obrigada pela ajuda, irmão.

Ele dá um sorriso arteiro, e tenho certeza que vai aprontar.

— Imagina, você está exausta, afinal passar a noite acordada preparando um monte de doce e ainda ficar o dia todo finalizando tudo não é moleza — conclui e tenho certeza que disse de propósito para que Benjamin ouvisse.

Droga, Sandro não tinha que contar nada.

Eu sorrio e respiro fundo.

— Tchau, Sandro.

Ele olha para Benjamin e este o encara e acena.

— Obrigado por tudo, Sandro! — Entramos no carro e cumprimento Duarte. Benjamin me encara e finalmente olho para ele. — Por que você ficou a noite toda trabalhando?

Eu vou matar o Sandro!

— Fizeram uma encomenda para uma festa. Precisei preparar docinhos, bolo e cupcakes, tudo personalizado.

Benjamin olha para fora da janela, respira insatisfeito e volta a me olhar.

— Não é a primeira vez que você faz isso, tenho certeza. Por que está se matando de trabalhar, Eva?

Sorrio amarelo.

— Esse é meu trabalho, Benjamin. Eu falei que era confeiteira.

— Sim, falou. Só não entendo o porquê de trabalhar tanto.

Não há necessidade disso. Você precisa dormir. Por que não contrata um ajudante. Ninguém faz tanta coisa assim sozinho —

declara.

Eu reviro os olhos.

— Olha quem fala. O homem que vive para o trabalho.

Ele segura meu queixo. Seu olhar me prende.

— Eva, eu sei que está com algum problema em sua casa.

Quando dorme comigo fica agitada e já te peguei algumas vezes com olhar distante e preocupado. Você precisa de ajuda? Pode falar

— insiste.

Eu o encaro. Não sei o que fazer. Tenho medo que Benjamin pense que quero explorá-lo. Já me sinto mal por ganhar tanto apenas para cozinhar para ele, e ainda sem cumprir o que foi tratado, pois eu deveria ser descontada para pagar o prejuízo que lhe causei.



Ele deixou claro que estamos num relacionamento sério, mas ainda assim fico insegura. Não quero despejar meus problemas familiares nele. Não é justo. Posso estar sendo orgulhosa, mas no fundo tenho medo dele se afastar caso descubra a confusão que é minha família.

Eu sorrio, sem jeito e olho para baixo.

— Está tudo bem. Eu só calculei mal e terminei por aceitar uma encomenda grande demais — minto e volto a olhá-lo.

Benjamin estreita os olhos e sacode a cabeça.

— Tudo bem — murmura soltando meu queixo. — Hoje ao chegarmos vou preparar a hidromassagem, depois você irá dormir.

Eu o abraço e encosto a cabeça em seu ombro, Benjamin levanta seu braço e me envolve. Sinto seu beijo em minha cabeça.

— Não precisa se preocupar comigo, mas obrigada — digo.

— Ah Eva... Eva seria tão mais fácil se você se abrisse —

resmunga.

Benjamin cumpre o que promete e prepara um delicioso banho. Estou tão exausta que praticamente durmo na banheira de hidromassagem. Ele me leva para a cama e com um beijo carinhoso na ponta do meu nariz me põe para dormir. Eu desmaio.

Acordo com ele me observando já pronto para o dia. Assim que me vê abrir os olhos sorri e eu me levanto e me sento encostada à cabeceira.

— Bom dia! — saúdo e bocejo pondo a mão na boca. Então passo meus olhos por seu corpo. Ele é tão perfeito vestido desta

maneira. Suas funcionárias devem babar por ele o tempo todo. —

Você deveria ter me acordado para preparar seu café.

Benjamin cruza os braços e mesmo usando seu terno posso perceber seus braços musculosos.

— Você precisava descansar — comenta.

— Dormi muito, vou levantar e começar a preparar sua refeição — falo, mas no fundo estou com muita preguiça.

— Nada disso. Esqueceu-se do jantar beneficente?

Droga! O tal jantar! Só de pensar me dava um frio na barriga e eu nem sabia como iria me arrumar. Faz uma semana que Benjamin me enviou em uma loja onde tiraram minhas medidas e experimentei alguns vestidos maravilhosos.

Todos lindos que precisavam

apenas

de

alguns

ajustes,

disseram

que

providenciariam a entrega até hoje, mas começava a me preocupar.

E se não entregassem nada. Será que se esqueceram de mim?

Levanto-me e vou até ele. Envolvo meus braços em sua cintura e suspiro.

— Não queria dizer nada. Mas ainda não sei o que vestir, até agora não entregaram nenhum vestido ou acessórios, será que esqueceram?

Ouço sua risada abafada.

— Não se preocupe com nada, Eva. Apenas relaxe. Daqui a pouco tudo estará resolvido — diz. Beija a minha testa e se afasta.

— Agora devo ir, gostaria de ficar e te lamber todinha, mas tenho alguns compromissos.

Ele atravessa a suíte em direção à porta.

— O que eu faço? — Cruzo os braços e me sinto toda quente com suas últimas palavras.

Ele para e olha para trás com um brilho no olhar.

— Tome um café, depois aguarde. A loja virá fazer a entrega.

Em seguida você saberá o que fazer — diz misterioso e pisca um olho antes de

sair.

Olho para a cama e tenho vontade de voltar a dormir, mas não farei isso. Cora chegará a qualquer momento e por mais que ela saiba sobre eu e Benjamin, ainda fico retraída com sua presença.

Ela é uma ótima pessoa e continua a me tratar da mesma maneira, tanto ela quanto Duarte veem meu relacionamento com Benjamin com naturalidade. O constrangimento é só da minha parte.

Algumas horas depois estou na cozinha e tomo café. Cora administra a equipe que cuida da limpeza hoje, a chamei para me acompanhar, mas quando pensava em se juntar a mim o interfone tocou e ela precisou atender.

Resolvo tomar mais um gole de café e me levanto indo até a cafeteira.

— Olá! — Ouço uma voz desconhecida e me viro.

Uma mulher negra e muito bonita me olha com um sorriso simpático e não faço ideia de quem seja.

Eu sorrio de volta.

— Olá! — respondo sem saber o que fazer, ponho as mãos no bolso da minha calça.

— Ben não me contou quem é você — declara e meu sorriso morre.

Quem é essa mulher que o trata com tanta intimidade? Ela é linda e lembra uma modelo de passarela. Será que eles... nem quero pensar sobre isso. Benjamin não faria isso. Ele é um homem íntegro. Pelo menos é o que eu acho.

— Eu sou... eu trabalho para ele — respondo num fio de voz.

Quero saber quem é ela e o que quer aqui.

Ela se aproxima ainda sorrindo, eu fico séria.

— Eu sou a Stella — diz como se isso explicasse o fato dela estar aqui.

— Okay. Se veio procurar Benjamin ele está na empresa —

digo.

Ela ri.

— Eu sei. Ele me ligou a caminho do trabalho para lembrar-me de vir aqui te buscar — revela e eu franzo a testa. — Que louca que eu sou — comenta revirando os olhos. — Não precisa se preocupar comigo, eu sou a irmã do Ben.

Eu arregalo os olhos sem poder acreditar. Eles não têm nada em comum.

— Irmã?

— Sim, claro que não biologicamente — declara e me olha da cabeça aos pés. — Você deve ser a Eva, meu irmão está de parabéns. Você é muito bonita.

Stella é tão simpática comigo e eu aqui com a cabeça confusa.

Eu sorrio.

— Desculpe-me pelo modo como falei com você, é que estava imaginando quem seria você — confesso.

Ela aperta meu ombro.

— Sei como é isso. Eu no seu lugar teria me posto daqui para fora a pontapés. Quem entraria assim na casa do meu homem o tratando com tanta intimidade? Menina, você é um doce —

pronuncia.

Caramba, a irmã do Benjamin é totalmente diferente dele, o que ele tem de não falar ela fala pelos cotovelos. Ela conta que seu irmão pediu que fizesse um favor e me levasse para ser mimada, pois teríamos um jantar hoje. Stella ainda revela que chantageou seu irmão e pediu que emprestasse o jato, pois imaginou que eu

fosse uma dessas garotas fúteis e chatas, mas que assim que me viu notou que estava errada.

A mulher fala tanto que mal consigo responder algumas de suas perguntas. Ela

me acompanha no café e Cora aparece na cozinha, elas parecem se conhecer há muito tempo, pois Stella caçoa dela falando que ela deveria ser muito bem recompensada por aturar o irmão. Cora ri de sua piada e diz que sabe lidar com o senhor Clarke. Assim que fala com Stella ela me olha com um sorriso.

— A loja fez a entrega e pedi que deixassem tudo na suíte, conforme senhor Clarke recomendou mais cedo — informa e sei que a loja finalmente entregou o vestido.

Eu agradeço e ela volta aos seus afazeres. Conto a Stella sobre a entrega do vestido e ela pede para ver, na mesma hora subo com ela, também estou curiosa, pois não sei qual vestido me enviaram, já que experimentei dezenas deles.

Quando entramos na suíte fico paralisada no lugar e Stella que vem atrás de mim quase me atropela. Ali ocupando um grande espaço há uma arara não com um, mas com vários vestidos e na sapateira acoplada alguns pares de sandálias.

Stella para ao meu lado e também olha para a arara.

— Você já sabe com qual vestido irá hoje? — pergunta.

Eu nego com a cabeça.

— Ocorreu algum engano, eu experimentei todos esses vestidos, mas a loja deveria ter enviado apenas um — digo nervosa.

Stella se aproxima e toca nos vestidos, então pega um deles e o coloca na frente do meu corpo e analisa.

— Desculpe-me estar me metendo, mas você irá com esse.

Esta cor ficará perfeita e o vestido condiz com o tipo de evento —

fala de maneira profissional, se vira pega uma das sandálias e deixa

tudo separado. — Agora quando for para a festa que mamãe está planejando, poderá usar o vestido prata.

Arregalo os olhos, já estou preocupada com o jantar de hoje a noite e ela agora me conta sobre uma festa. E não uma qualquer, mas a festa que a mãe do

Benjamin irá fazer.

Ponho a mão no coração.

— Esses vestidos deverão ser devolvidos — comento sentindo o meu corpo coçar. — Será que falei alguma coisa errada no dia que os experimentei? — indago tentando lembrar alguma coisa. — Minha virgem Santa, o coitado do Benjamin não pode ter esse prejuízo.

Ouço a gargalhada da Stella, ela se dobra de tanto rir enquanto eu estou tremendo de nervoso sem saber o que vou fazer da minha vida.

Ela para de rir e me olha, então percebendo minha aflição se aproxima e esfrega meus ombros.

— Querida, tenho certeza absoluta de que todos esses vestidos são seus, eu conheço meu irmão e acredite: a loja não iria cometer engano algum e jamais mandaria entregar esses vestidos sem o aval dele — declara com um sorriso doce. — Já que decidimos a roupa vamos ao salão, pena que não verei a cara do Ben, pois tenho certeza que ficará de quatro por você.

Ela puxa minha mão e a sigo para fora da suíte, nem consigo pensar com clareza, o que é bom, ou poderei ter uma síncope.

Passo o dia com Stella e descubro que ela trabalha com publicidade. Deve ser por isso que entende tanto de moda. Ela é uma pessoa muito astuciosa e ao notar minha angústia me dá umas dicas, pois conhece a maioria das pessoas que participarão do jantar.

No fim do dia ela me deixa em frente ao prédio do Benjamin e eu a abraço.

— Muito obrigada por tudo, por gastar seu tempo comigo, não sei o que faria sem você — confesso.

Ela sorri.

— Foi um prazer e para falar a verdade está se tornando quase que uma especialidade ajudar as minhas cunhadas — caçoa piscando um olho.

Eu rio sem graça.

— Eu e seu irmão não temos nada sério — revelo.

Ela fica séria e me encara.

— Querida, Benjamin não me chamaria se não fosse nada sério. — Ela joga um beijo. — Aproveite a noite e me conte tudo depois, sem os detalhes obscenos.

Stella entra no carro e me deixa rindo na calçada. Ela é maravilhosa.

Olho para o prédio e respiro fundo. Finalmente chegou o dia do jantar e farei o meu melhor para que Benjamin não se arrependa de ter me convidado. Com uma confiança que não tenho subo.

Hoje, a noite promete.



Capítulo 33

Escuto passos no andar de cima e olho para as escadas, confesso que estou curioso para ver Eva usando um dos vestidos entregues hoje. Quando cheguei ela estava no banho e para não nos atrasarmos me arrumei no quarto de hospedes e a avisei que esperaria aqui na sala. Faz meia hora que aguardo e finalmente irei vê-la.

A primeira coisa que vejo são seus pés numa sandálias com saltos altíssimos. Conforme ela desce os degraus meus olhos acompanham seus movimentos. Eu quase perco o fôlego quando a vejo por inteira.

Eva me olha ansiosa e para na minha frente com um sorriso vacilante. Ela está maravilhosa. Usa um vestido da cor rosa bem clarinho que chega até acima dos seus joelhos e que acentua bem suas formas. O vestido possui um decote discreto, mas que faz muito para a imaginação.

Eu pego sua mão e trago até meus lábios e a beijo.

— Você está linda — elogio olhando bem em seus olhos.

Eva também está maquiada e seus cabelos antes cacheados agora estão lisos com pequenas ondas.

Ela sorri com olhar radiante.

— Obrigada! Foi sua irmã que escolheu essa roupa —

confessa.

Quando decidi pedir a ajuda da Stella eu sabia que poderia contar com ela. Eva estava muito nervosa e insegura, e mesmo

minha irmã sendo uma intrometida ela tem um dom de deixar as pessoas a vontade.

— Espero que ela não tenha te assustado — comento e passo a mão por seu cabelo e sorrio. — Seu cabelo está muito bonito, embora os prefira cacheados.

Ela ri e leva a mão até onde está a minha.

— Também estranhei, foi a primeira vez que o alisei, mas depois de lavar eles voltarão ao normal. — Eva então se afasta e me olha. — Você também está muito bonito.

Eu aliso sua cintura e dou um leve aperto.

— Vamos sair logo antes que me arrependa de ter aceitado participar deste jantar — beijo seu nariz, e ela ri.

No caminho explico a Eva como costumam funcionar esses jantares e ela demonstra estar tranquila. Vamos o caminho todo de mãos dadas e a cada instante me pego admirando sua beleza. Já posso imaginar o seu sucesso, certamente chamará a atenção de muitos dos homens presentes.

O carro para em frente ao Hotel, um homem abre a porta para sairmos e olho para Eva, que sorri.

— Chegamos, está preparada? — questiono e seu sorriso sereno me deixa

confiante de que tudo dará certo.

— Com você ao meu lado, sempre — responde.

Abaixo minha cabeça e deixo um leve beijo em seus lábios e me afasto. Saímos do carro e caminhamos até a recepção do restaurante do hotel, onde uma mulher nos recebe e permite nossa entrada, logo vejo Gerard que vem me cumprimentar.

— Benjamin, que honra recebê-lo mais uma vez neste evento que é tão importante para mim. — Ele aperta minha mão e em seguida olha para Eva e sorri com simpatia. — Que moça bonita temos aqui — elogia e pega a mão da Eva e beija com floreio.

Gosto bastante de Gerard, ele é um dos poucos homens do nosso meio que é honrado. É um empresário do ramo de exportação, ele cuida do filho sozinho desde a morte da esposa em um acidente de carro. Especula-se muito sobre ele, mas Noah Gerard III, Gerard como é conhecido, é um homem discreto, nada se sabe sobre sua vida particular e o pouco que sabemos é que todo ano realiza um evento para ajudar uma instituição que cuida de crianças com câncer. O motivo: também é outro mistério.

— Esta é Eva — apresento e olho para ela que encontra-se com um sorriso doce e sereno ao meu lado, fazendo meu coração se apertar em meu peito. — A minha namorada — completo e ela me olha surpresa.

Eu apenas dou um leve aperto em sua mão e ela volta a olhar Gerard.

— Prazer conhecê-lo, senhor Gerard — saúda com voz mansa.

Gerard parece encantado por Eva, ele sorri.

— O prazer é meu — diz e volta a me olhar, então ergue a mão e aperta meu ombro. — Parabéns pelo excelentíssimo gosto, sua namorada é muito bela.

Eu estufo o peito, pois sei o grande valor da mulher ao meu lado.

— Eu sei disso — admito orgulhoso.

Gerard ainda troca algumas palavras enquanto caminhamos até a mesa e depois ele sai para receber outros convidados.

Eva se inclina até minha orelha.

— Não sabia que eu era sua namorada — cochicha e volta a se sentar ereta.

Observo o salão que começa a encher e assim como ela fez, inclino-me, sem tocá-la.

— Não gostou da ideia? — sopro em seu ouvido e percebo um leve tremor em seu corpo.

Ela suspira e bebe um gole de champanhe.

Sorri sem me olhar.

— A verdade é que adorei — confessa olhando para frente.

— Benjamin Clarke, vejo que ficaremos na mesma mesa. —

Ouço uma voz masculina e levanto o olhar.

Noto parado ao meu lado Klaus Vieira Smith, sócio da Smith advogados e chefe da Charlotte, e ao seu lado sua esposa, uma senhora distinta e que fala muito pouco.

Levanto-me para cumprimentá-los.

— Klaus, não sabia que viria. Pensei que estivesse fora —

digo enquanto aperto a sua mão.

— Eu não viria mesmo, mas como é por uma boa causa resolvi aparecer — comenta e olha de mim para Eva em choque.

Certamente esperava encontrar Charlotte aqui ao meu lado, então para acabar com todo o constrangimento apresento Eva e sou bem claro ao admitir que somos namorados. Ele disfarça sua expressão anterior e educadamente fala com Eva e apresenta sua esposa, ela dá um meio sorriso e mal ouvimos sua voz.

O garçom nos serve mais bebidas, temos uma conversa trivial. Não demora muito, como já era esperado, Charlotte chega com Fabrício, o outro sócio do escritório, e eles sentam-se na nossa mesa.

Noto o olhar de análise que ela atribui a Eva, não me agrada em nada a forma como Charlotte tenta a qualquer custo desviar a atenção de todos para si. Porém, a minha namorada, sem o menor esforço, conseguiu conquistar o interesse de todos da mesa.

— Posso saber como vocês se conheceram? — pergunta Charlotte de repente.

Eu e Eva nos olhamos e damos um sorriso cúmplice.

— Estávamos num engarrafamento, eu me distraí e bati no carro à minha frente — conta Eva sorridente. Ela olha para Charlotte então se volta para mim e acaricia minha mão que está sobre a mesa. — O carro era do Benjamin, agora vocês devem imaginar o quanto ele ficou bravo comigo.

Todos na mesa riem, com exceção de Charlotte que dá um meio sorriso.

— Não queria estar na sua pele, eu sei como o Sr. Clarke fica quando algo sai errado — comenta Fabrício descontraído.

— Interessante esse encontro, e agora vocês são amigos —

Charlotte declara olhando para nós dois.

Cansado de seu comportamento, eu pego a mão da Eva e beijo, então sorrio e encaro Charlotte.

— Acho que você não entendeu. Eva é minha namorada, embora também sejamos grandes amigos — assumo categórico.

Ela dá um sorriso seco.

— É claro — diz.

Em seguida o evento em si se inicia, o representante de um hospital de oncologia de Minas Gerais apresenta o trabalho feito por eles e a importância da ajuda que podemos dar. Mostra a imagem de algumas crianças em tratamento e de outras que ficaram curadas. É feito um leilão e adquiro uma joia feita de diamantes que foi doada pelo proprietário de uma rede de joalherias em todo o Brasil. Além disso, já havia doado uma quantia em dinheiro a qual já fora transferida.

Após o leilão somos agraciados com uma banda que toca blues, o salão é aberto para quem quer dançar e algumas pessoas começam a se espalhar. Charlotte se afasta o resto da noite, e Eva chama atenção de alguns homens, que mesmo acompanhados,

insistem em comê-la com os olhos. Ela, por outro lado, se porta tão bem que nem parece ser o primeiro jantar deste tipo que participa.

De repente noto que Eva observa uma moça, a qual está acompanhada do Victor Albuquerque, ela já participou de outros jantares e festas, não com Victor, mas com outros empresários, o que leva a crer que é uma das moças de catálogo, como chamamos.

— Por que você não tira os olhos daquele casal? —

questiono curioso. Será que é mesmo a moça que chama a sua atenção? Ou ela reconhece o Victor de algum lugar?

Ela me olha e ri sem jeito.

— Desculpe-me, é que ela já teve lá em casa algumas vezes.

O nome dela é Simone e trabalha numa empresa de eventos com a minha irmã. Estranhei de vê-la aqui, pois a empresa delas funcionam sempre nos fins de semana — comenta e depois encolhe os ombros. — Talvez ela esteja de folga hoje ou até mesmo de férias.

Olho para a moça e depois para Eva. Melhor não falar o verdadeiro trabalho da mulher. Agora me pergunto se a irmã da Eva também é do mesmo ramo, eu apenas aceno.

Não demora muito Gerard para ao nosso lado e conta o quanto está satisfeito com a arrecadação e afirma que a joia adquirida será entregue durante a semana em minha empresa.

Engajamos numa conversa e me distraio, pois um grande amigo do meu pai se junta a nós. Então olho para o lado e vejo Eva mais afastada e numa conversa com Carlos Albuquerque, e não gosto nada da maneira como ele olha para Eva.

Noto que ela dá um passo para trás se esquivando de seu toque. Então peço

licença a Gerard e ao amigo do meu pai e me junto a Eva. Perto dela passo a mão por seus ombros e ela me olha aliviada.

— Benjamin, me perdoe. Mas não resisti em falar com sua acompanhante. Ela é impressionante — pronuncia em tom jocoso.

O que me causa nojo.

— Vamos Eva, hora de irmos para casa — anuncio tirando-a de perto daquele infeliz. Quando estamos distantes dele eu paro e a encaro. — O que ele queria com você?

Eva parece confusa, tenta rir e não consegue.

— Aquele homem é muito esquisito, eu me afastei um pouco de você para pegar água com um garçom e ele se aproximou, então disse que se estivesse livre gostaria da minha companhia para um jantar no dia seguinte — começa e me olha intrigada. — Falou que devo ter algo de especial, já que você, pela primeira vez aparece num evento com uma garota de catálogo.

Sinto uma raiva nunca sentida em toda a minha vida, Eva com certeza vê minha expressão e parece preocupada. *Aquele infeliz me paga*.

Pego o telefone e ligo para Duarte. Pego a mão da Eva e praticamente a arrasto para fora do salão.

— Eva... O Duarte está nos esperando. Peço que espere por mim no carro. Eu já volto.

Ela me olha assustada e acena. Já do lado de fora do hotel, Duarte nos aguarda com a porta do carro aberta. Dou um beijo na testa da Eva e deixo que entre, então peço a Duarte que me aguarde, pois tenho algo importante a resolver.

Volto para o salão cego de ódio e avisto Carlos Albuquerque com uma loira a tira colo e conversando animadamente com um homem que desconheço. Ele percebe minha aproximação, o sorriso que tinha antes morre e ele arregala os olhos.

— Preciso falar com você — digo com voz abafada.

Ele pede licença, larga a tal loira e se aproxima receoso.

— Benjamin, se está assim por eu ter me aprox...

— Não diga nada para eu não ficar ainda com mais raiva. Só quero saber de onde você tirou a ideia de que a Eva é uma garota de programa? — esbravejo com as mãos em punhos. Não gosto nada desse homem e agora tenho mais um motivo para odiá-lo ainda mais.

Ele engole em seco e tem os olhos esbugalhados. Noto o suor em sua testa.

— Desculpe-me, então ela não é...? Quer dizer, nem sei como me desculpar — gagueja e fico mais irritado.

Noto algumas pessoas tentando entender o que acontece.

Estão todos surpresos, pois nunca agi com tanta imprudência.

— Não estou interessado em suas desculpas medíocres.

Quero saber por que chegou a esta conclusão?

— Foi o Fabrício quem me disse, pois Charlotte comentou com ele que a moça que estava contigo era na verdade uma acompanhante de luxo — confessa na defensiva. Sei que diz a verdade, pois Carlos não é o tipo de homem que leva a culpa de nada apenas para proteger outra pessoa.

Não sei o que pensar, pois não esperava que Charlotte agisse com tanta baixeza. Sabia que ela poderia estar corroída, mas difamar Eva por puro veneno e uma vingança boba? Ela que me aguarde. Pois isso não ficará assim, sei que ela já foi embora, mas depois resolvo isso com ela.

Olho bem Carlos Albuquerque e estreito os olhos.

— Você cometeu um grande erro. Eva é uma moça de respeito, e é mais que minha namorada. Não admito que ninguém faça chacota dela e se eu souber de qualquer comentário maldoso sobre ela ou dirigida a ela, a pessoa sentirá o peso da minha ira, dessa pessoa não sobrará nem pó — desabafo e sinto meu coração bater forte. Tanta é minha raiva. — Esteja avisado.

Quando dou um passo para trás, Carlos segura meu pulso e olho para onde sua mão nojenta me toca, na mesma hora ele retira

a mão.

— Só queria me desculpar de verdade. Por favor, não quis ofender sua namorada. Diga a ela que me perdoe. Isso não vai se repetir. Eu mesmo faço questão de desfazer esse mal entendido, caso alguém diga alguma coisa.

Pela primeira vez sinto que Carlos está dizendo a verdade.

Ele sabe que não pode mexer comigo. Ele está verdadeiramente arrependido.

Eu aceno e saio. Encontro com Gerard que me oferece algo para beber, pois nota o quanto estou nervoso. Digo a ele que agora estou bem. O que eu preciso mesmo é ver Eva. Apenas ela pode me acalmar.

Entro no carro e ela me olha aflita.

— Você está bem? — pergunta alisando meu braço.

Olho para ela e tento sorri.

— Sim. Está tudo bem.

O carro se move saindo do estacionamento e ficamos nos encarando por alguns instantes.

— Benjamin? O que aquele homem quis dizer? Por favor, me diga a verdade. Pois vi o quanto ficou transtornado com o que te falei — pede.

Droga, eu não queria falar para ela, sei que a Eva vai surtar.

Afinal ela foi abordada por um homem que pensava que ela era uma prostituta de luxo.

Eu suspiro e jogo a cabeça para trás.

— Eva, melhor deixar isso para lá. De qualquer forma não vai acontecer novamente — afirmo.

— Benjamin. Eu tenho o direito de saber. Por favor.

Deus! Eu juro que vou massacrar a Charlotte, afinal foi ela que causou toda essa

confusão. Olho para Eva e ela me observa atentamente.

— Eva, só fique calma. E eu já resolvi o assunto — começo, mas estou preocupado com o que ela vai pensar. Respiro fundo. —

O Carlos Albuquerque, aquele homem que falou com você, pensou que você fosse uma acompanhante de luxo, nós a chamamos de garota de catálogo, pois são mulheres que saem com homens por dinheiro — conto de uma vez.

Eva me olha e processa o que digo. Porém não esperava pela reação que vem a seguir. Ela põe a mão na boca e começa a rir. Rir não, ela gargalha como se eu tivesse contado algo muito engraçado. Ela chega a se dobrar de tanto rir, de seus olhos saem lágrimas.

Ela recupera o fôlego e me olha.

— O homem então pensou que eu era uma garota de programa? — pergunta e ri mais uma vez. — Isso é inacreditável.

Entorto o pescoço para observá-la.

— Você deveria estar chateada — comento.

Ela balança a cabeça.

— Eu sei disso. É chato ser confundida com uma garota de programa, se fui relacionada a uma acompanhante de luxo então não fui tão mal, pois imaginei que eu seria um desastre nesse jantar

— confidencia com leveza.

Eva é uma mulher incomum. Seu otimismo me impressiona.

Ela imaginou que seria um desastre, pois eu digo que ela se destacou. Agiu com naturalidade e elegância. Notei algumas mulheres a olhando com curiosidade, enquanto alguns homens se encantaram por ela. Cheguei a ficar enciumado, mas o orgulho por tê-la ao meu lado se sobrepôs.

O carro para na garagem e mal falo com Duarte. Puxo Eva pela mão e às pressas vamos para a cobertura. Ainda na sala a pego no colo e a carrego para a suíte. Eu

preciso dela, passei todo o jantar desejando chegar aqui, apenas para tê-la somente para mim. Eva parece pensar como eu, pois assim que a coloco no chão começa a tirar minha roupa.

Estamos numa ânsia frenética, quase esqueço-me do preservativo mas consigo lembrar-me a tempo. Caminhamos aos beijos até a cama e juntos nos arrastamos pelo colchão. Eva me ajuda a pôr a camisinha. Eu me deito de costas e ela vem para cima de mim e desce devagar pelo meu pau, quando se encaixa gememos juntos e eu seguro sua cintura com uma mão enquanto a outra aperta seu seio.

Ela rebola, fecha os olhos e joga a cabeça para trás arfando de desejo. Escorrego minha mão até seu clitóris, com o dedo a estimulo fazendo movimentos circulares.

— Benjamin, você me deixa tão louca! — Sua voz sai grave e sussurrante.

— Você e essa boceta gostosa é minha perdição — rosno movendo o dedo com força.

Muito rápido ela goza se joga para frente e arranha meu peito. Com um movimento brusco movo nosso corpo e fico por cima ainda dentro dela. Suas pernas circulam minha cintura e eu bato forte em seu sexo. Ela geme alto. Então pego suas mãos e as levanto. Seus braços ficam estendidos e seguro seus pulsos apenas com uma mão. Inclino a cabeça e tomo um de seus seios em minha boca e chupo o mamilo.

Meu pau desliza em sua boceta apertada. Inclino-me e sustento meu peso em meu cotovelo. Ela olha em meus olhos e algo em seu olhar provoca um sentimento profundo dentro de mim.

É uma ligação forte que temos e eu não sou capaz de desviar meus olhos dos seus.

Solto seus pulsos e deslizo meus dedos por sua pele macia e suada, então paro a mão em seu rosto. Eu me movo com suavidade entrando e saindo de seu sexo, sentindo as paredes de sua boceta me apertarem. Eva trás suas mãos até minha nuca, seu toque faz meu corpo tremer, suas pernas apertam minha cintura e desço minha mão até sua coxa e acaricio. Eu abaixo minha cabeça e tomo sua boca num beijo que devasta a nós dois.

Mergulho mais profundamente em seu interior e Eva arqueia as costas soltando um grito de prazer.

Afasto-me de sua boca para encará-la novamente.

— Nenhum homem terá o privilégio de tocar em você. Este privilégio é somente meu — rosno e volto a beijá-la enquanto gozo.

Quero consumi-la, deixá-la viciada em mim. Assim como estou viciado nela. Minha Eva.

Apenas minha Eva.



Capítulo 34

Minha cabeça pousa no peito do Benjamin enquanto passo a ponta dos meus dedos pelo seu estômago e barriga. Ele me aconchega em seus braços e sinto o leve toque de sua boca em minha testa e eu sorrio feliz por estar aqui, pois nunca me senti tão bem.

— Eu tenho uma curiosidade sobre você. — Sinto como se sua voz rouca e grossa acariciasse-me por inteira.

Eu suspiro.

— O que quer saber? — indago.

— Você tem um nome muito bonito, Evangeline. Por que não gosta dele?

Viro-me de bruços, ponho ambas as mãos em seu peito e apoio meu queixo. Benjamin coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e nos encaramos.

— Evangeline é o nome da minha avó materna — conto e ele me olha surpreso. Eu sorrio sem vontade. — Eu não gostava muito dela, mesmo após sua morte

não consigo ver nada de bom naquela mulher.

— Ela te fez alguma coisa? — pergunta intrigado.

Eu rolo os olhos.

— Não para mim — respondo e faço uma careta. —

Acontece que minha mãe foi adotada, mas nunca foi tratada como filha por meus avós. Eles a fizeram de empregada. Minha mãe

desde cedo foi privada de muitas coisas, apenas para ficar trabalhando para eles e servindo seus filhos biológicos.

Benjamin franze a testa.

— A sua mãe contou isso? E mesmo assim a homenageou nomeando um dos filhos?

Eu rio com secura.

— Minha mãe jamais contaria isso. Quando crianças, ouvimos muitas conversas, uma delas foi quando minha tia, a única que considerava minha mãe como irmã, conversava com meu pai e eles discutiam sobre o assunto. Ela revelou que minha avó tratava minha mãe como empregada por ela ser negra, e que devia era ser grata, pois tinha o que comer, o que vestir e onde dormir —

desabafo com amargura.

— Que mulher cruel — comenta Benjamin inconformado.

— Sim, no decorrer dos anos fomos descobrindo coisas horríveis e para piorar a situação, meus avós chegaram a escorraçar minha mãe quando esta se envolveu com o primo, no caso meu pai — declaro.

— História interessante. Então seus pais são primos?

Eu balanço os ombros.

— Sim e não. Afinal mamãe, por ser adotada, não carrega o mesmo sangue da família.

Benjamin me observa curioso.

— Por tudo que sua mãe sofreu, por que colocou seu nome de Evangeline? — A mesma pergunta que faço constantemente.

Respiro fundo.

— Minha mãe se sente grata, pois se não fosse adotada poderia ter passado por coisas piores. Para ela, minha avó agia de forma correta — digo. Fecho e abro os olhos sentindo-me desgostosa. — Benjamin, minha mãe é uma mulher passiva, foi

criada com conceitos distorcidos, é uma boa pessoa, mas devido a maneira em que foi educada é uma mulher que se deixa levar pela opinião dos outros, além disso, em alguns momentos ela se apresenta como uma mãe relapsa.

Benjamin acaricia meus cabelos e me olha com carinho. Ele dá um sorriso compreensivo.

— Não conheço sua mãe, mas pelo pouco que me contou, com certeza ela pode ser descuidada, pois em seu caso, nunca teve o cuidado e carinho da mãe, então para ela ser assim é normal —

explica categórico.

Eu sorrio.

— Pode ser isso.

Benjamin me contempla com olhar enigmático.

— Não pense em seu nome como uma associação a sua avó, mesmo porque você é outra pessoa, um nome é apenas um nome, ele não define quem você é — preconiza acariciando minha face.

— Vou tentar me lembrar disso — sussurro e me ergo, então deposito um beijo em sua boca.

Benjamin segura meu rosto e aprofunda o beijo, ele explora minha boca e meu corpo todo reage. Sem soltar suas mãos ele se afasta alguns centímetros e me

encara. Seu olhar quente e turvo de desejo me deixa enfeitiçada.

— Eva, você é maravilhosa! — exclama em tom rouco. — E

quando digo maravilhosa, é em todos os sentidos. Você é uma mulher perfeita.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, eu sorrio exultante.

— Não diga uma coisa dessas, estou longe de ser perfeita —

murmuro.

Ele sorri e seus olhos viajam pelo meu rosto, sinto-me acariciada com a intensidade pela qual me olha.

— Digo sim. Porque aos meus olhos você é perfeita — diz e dá um sorriso sacana. — É uma péssima motorista, mas tirando isso...

Eu solto uma gargalhada e estapeio seu ombro, então o encaro.

— Eu dirijo muito bem, aquele dia foi atípico — informo e lembro de algo sobre esta noite que me deixou intrigada. Precisava tirar esse peso do meu peito. — Posso te fazer uma pergunta pessoal?

Ele observa-me sério.

— Estou nu aqui com você, impossível algo ser mais pessoal que isso — manifesta.

— Você sabe ser engraçadinho — exprimo balançando a cabeça. — Eu falo sério, tem algo que está me intrigando desde o jantar.

Ele enruga a testa.

— O que é? Pode falar.

Desvio o olhar e respiro fundo.

— Você já teve alguma coisa com aquela Charlotte? —

pergunto e volto a encará-lo.

Benjamin me analisa com seriedade. Ele não é obrigado a falar nada, nem me importo com seu passado, ou tento não me importar, mas aquela mulher me incomodou, pois senti seu olhar me queimar e sei que ela não gostou de mim. Só precisava saber se o motivo é o que penso.

Benjamin solta o ar pela boca, sua mão permanece segurando meu rosto, enquanto seu olhar não se desvia do meu.

— Nós já saímos algumas vezes, é complicado explicar, afinal nunca tivemos nada sério e mesmo assim, numa época pensava em me unir a ela em matrimônio — declara.

Sinto meu coração afundar em meu peito. Se ele pensou em casar é porque sentia algo por ela. Minha garganta fica seca de repente.

— Então você gostava dela, ou gosta — comento.

Benjamin sorri com carinho, seu dedo circula a minha bochecha.

— Eva, é comum no meio em que convivo algumas pessoas se casarem por conveniência. Teve momentos em minha vida que pensei em fazer o mesmo, porém reconsiderei — assegura.

— Você não respondeu a minha pergunta — aponto. Não sei se ele fez propositalmente ou não. Mas quero saber a verdade, mesmo que me doa. — Você gosta da Charlotte?

Benjamin, num gesto sutil, nega balançando a cabeça.

— Não. Nunca tive sentimentos por ela, apenas a considero uma mulher inteligente que poderia ser uma boa esposa — ressalta e segura minha nuca. Seus olhos me prendem com alento. — Eva, ela não significa nada para mim, se é isso que a preocupa. Eu, em hipótese alguma a poria em situação constrangedora. Quero que acredite em mim, quanto a isso.

Eu aceno.

— Eu acredito, mas posso afirmar que a Charlotte não está satisfeita com sua decisão. Eu notei os olhares dela para você.

Posso até parecer, mas não sou idiota — completo.

Benjamin anui.

— Você pode ser um monte de coisas, mas eu sei que não é uma idiota, e quanto ao que Charlotte acha ou sente — diz encolhendo os ombros. — Isso é problema dela, nunca menti ou fiz

alguma promessa, não me importo com ela. O que me importa é apenas você, Eva.

Com essas palavras Benjamin me beija com avidez. Ele muda nossa posição e seu corpo fica sobre o meu. A sensação da sua boca na minha faz o desejo exalar por cada poro. Sinto sua dureza em minha barriga e sem me conter esfrego-me nele.

— Benjamin... — reajo clamando seu nome com nossos lábios grudados.

— Eva, somente você desperta essa reação em mim —

segreda espalhando beijos pelo meu rosto e descendo pelo pescoço. — Somente você é capaz de mexer comigo como nenhuma outra mulher é capaz.

Conforme sua boca passa por minha pele, arrepios de prazer agitam todo meu ser. Minha respiração acelera e sinto meu sexo estimulado, tamanho é o desejo que me invade.

— Preciso de você, Benjamin! — Minha voz sai como um sopro e mal consigo raciocinar, pois sua boca desce e passa do meu estômago até minha barriga.

Ele se posiciona entre minhas pernas e as joga por cima de seus ombros. Sua respiração quente em meu sexo faz-me arfar e puxar o ar com força.

— Essa sua bocetinha é minha perdição, Eva.

Benjamin passa a língua por minhas dobras e agarro o lençol entre meus dedos. Minha cabeça vira de um lado a outro e mantenho meus olhos fechados. Seus dedos cravam em minhas coxas e ele dá outra lenta e longa lambida, o prazer flui por todo o meu corpo e movo o quadril, mas Benjamin aperta seus dedos e me mantém no lugar. Ele suga meu clitóris e percebo seu rosnar.

Minhas costas se curvam e puxo o lençol com mais força.

Benjamin movimenta a língua com energia enquanto todo o meu corpo fica em chamas. Sua boca devora-me com vontade e sinto a explosão de prazer permear por cada poro do meu corpo. Ele me

agarra com mais força e intensifica o movimento de seus lábios e língua. Não sou capaz de me segurar e arqueando as costas grito seu nome.

Meu corpo é incapaz de suportar mais estímulos e me deixo cair na cama com a respiração entrecortada. Sinto como se estivesse flutuando. Ele, então rasteja pelo meu corpo deixando um rastro de beijo no caminho. Chega até minha boca e me beija. Sinto o gosto de mim mesma em seu beijo e o abraço totalmente entregue.

Ele cata a camisinha e outra vez me toma, leva-me a loucura com suas palavras sacanas sussurradas e quando vamos dormir estamos exaustos e satisfeitos.

No dia seguinte estou na cozinha terminando de preparar uma mousse de chocolate e sinto que Benjamin me observa. Então viro-me e o encontro encostado à porta com os braços cruzados enquanto me assiste.

— Por que está aí parado? — pergunto curiosa.

Ele então descruza os braços e desencosta da porta, vem em minha direção e para na minha frente.

— Eu andei pensando — começa misterioso.

Eu sorrio.

— Sobre o que especificamente?

— Não quero mais usar preservativo com você. Eu posso te provar que não tenho nenhuma doença contagiosa.

Eu o encaro séria, digerindo o que ele acabou de me dizer.

Benjamin é um homem muito responsável, sei que ele não é o tipo de homem que sai por aí sem se prevenir. Todas às vezes, mesmo no auge do nosso prazer,

ele se lembra da camisinha, e isso me dá certa tranquilidade, pois eu mesma não raciocínio direito quando estou com ele.

— Eu acredito que não tenha nenhuma doença, Benjamin. Eu confio em você. Mas há outra questão — sintetizo.

Ele acena e com as costas da mão alisa minha bochecha.

— Sim, pensei nisso também e devo crer que não tome nenhum remédio?

Eu nego com um gesto e me sinto uma imbecil. Nunca havia cogitado a ideia de tomar anticoncepcional, também nunca havia conhecido um homem como Benjamin, que mexe tanto com meus hormônios.

— Não. Para falar a verdade nunca pensei sobre isso —

sussurro um pouco envergonhada.

Ele ri.

— Então é hora de começar. O que me diz?

— Okay, na segunda mesmo procuro por um médico —

afirmo.

Benjamin move a cabeça negando e eu fico sem entender.

— Hoje mesmo você verá um médico — anuncia.

— Mas assim tão rápido? Como conseguiremos uma consulta?

Ele deposita um beijo em minha face.

— Deixa isso comigo. Quanto antes resolvermos essa questão, melhor — completa e dá um passo para trás.

Eu ponho as mãos na cintura e entorto a cabeça.

— Não sabia que detestava tanto assim usar preservativo —

provoco-o.

Ele dá um sorriso pervertido.

— Isso acontece só com você, Eva. Porque você me deixa tão irracional que em algum momento posso esquecer–me de usar o preservativo.

— Eu entendo. E isso seria um desastre — simplifico.

Benjamin tem o olhar indecifrável. Ele volta a se aproximar e toca meu rosto o acariciando.

— Não. Não seria nenhum desastre, ao menos, não para mim. Quero apenas preservá-la, acho que você deve realizar alguns dos seus sonhos antes de... bem, você sabe — ressalta encarando-me com intensidade. — Mas fique sabendo que caso aconteça eu ficaria muito feliz.

Com essas palavras ele sai da cozinha e me deixa com os pensamentos a mil e o coração cheio de esperança.

— Virgem Santa! Meu coração não estava preparado para um homem desses! — sussurro com as mãos trêmulas.

Tudo por aqui acontece de uma forma muito diferente da minha realidade. Em algumas ocasiões acredito estar num sonho. É

muito surreal o que vem me acontecendo, chego sentir um frio na barriga e um medo de acordar para então perceber que tudo não passara de imaginação.

Benjamin está numa chamada de vídeo e pelo que entendi deu algum problema na plataforma da Nova Zelândia. Notei que ele estava bastante contrariado. Falei que poderia ir para casa, assim ele ficaria mais à vontade. Porém ele nem quis me ouvir, me deu um beijo devastador e me deixou na sala para assistir um filme e descansar. Por sorte, esse contratempo ocorreu após uma consulta domiciliar com a ginecologista que ele arrumou.

Ainda me encontrava atônita com o quão rápido ele foi capaz de conseguir um médico. Agora estou medicada, pois optamos por uma injeção trimestral, mas devemos esperar sete dias até banirmos a camisinha. Benjamin, imediatista como é, diz que o efeito é lento demais, mas que pode esperar.

Com o controle na mão vou passando por canais que nem sabia que existia e paro assim que reconheço o meu filme favorito.

Deito abraçada a uma almofada e sorrio com satisfação. Já assisti

esse filme diversas vezes e nunca me canso. Isso sem contar o livro, que é meu tesouro.

Eu solto um suspiro sonhador quando, no filme, ele se declara e meu coração se aperta quando ela o repele dizendo e o acusando de coisas horríveis. Se ela soubesse o que esse homem vai fazer por ela, se jogaria em seus braços agora mesmo.

— Vejo que encontrou um filme agradável. — Estou tão envolvida que nem notei a chegada de Benjamin. Ele senta-se no sofá e me puxa para eu me aconchegar em seus braços. — Você gosta de filmes de época?

— Eu gosto, mas esse filme é o melhor de todos os filmes —

atesto.

Ele alisa meu braço e assiste ao filme por alguns minutos.

— Você tem certeza que esse filme é bom? — questiona.

— Absoluta, já o assisti muitas vezes, sei até as falas —

confesso sem tirar os olhos da tela.

Benjamin se mexe e sinto que me olha.

— Qual a graça de ver um filme repetido? Afinal você sabe tudo o que vai acontecer — indica.

— Também li o livro, embora seja bem diferente — revelo.

— Piorou! Não há surpresa alguma — esclarece.

— Você não entenderia. Cada vez que vejo esse filme percebo algo de novo. Agora mesmo me dei conta do quanto esse homem venera esta mulher — digo e olho para ele que me encara intrigado. Volto a assistir o filme. — Agora deixa eu

terminar de ver o filme, não me atrapalhe.

Ele ri, mas logo fica quieto.

Eu estampo no rosto um sorriso. Tenho ao meu lado o homem pelo qual me apaixonei, e ele, apesar de contrariado, assiste comigo o meu filme favorito.

É um desses momentos sublimes, que são simples, mas que têm um grande significado.



Capítulo 35

Passo uma semana na cidade de New Plymonth, na Nova Zelândia, não pelo contratempo ocorrido há alguns dias ao qual já fora solucionado, mas precisava visitar um cliente para fecharmos um novo negócio. Antes, não me importava tanto em ficar fora, em algumas ocasiões até estendia minha estadia a fim de inspecionar nossas plataformas. No entanto, já não tenho a mesma disponibilidade de antes. Tento encontrar argumentos para isso, mas Eva é a principal razão pela minha inquietude.

O jato pousa na pista e respiro aliviado, finalmente estou de volta. Olho meu relógio e passa das três da madrugada. Estou exausto e preciso dormir um pouco, pois passamos por algumas turbulências e como meu sono é leve não pude relaxar. Estou acostumado a passar por isso, pois viajo com assiduidade, mas nada como estar em uma cama confortável para relaxar e dormir.

Um carro da empresa me aguarda e me leva para casa. Pego meu telefone e noto uma mensagem, e sei de quem é.

Não sabia a hora de sua chegada. Assim preparei algo para você. Espero que goste da surpresa...

Sorrio. O que será que ela aprontou? Alguma sobremesa deliciosa? Se continuar assim, terei que dobrar meus exercícios.

Respiro fundo e penso que eu desejaria que Eva fosse a minha surpresa. Pois sinto muito a falta dela.

Entro no apartamento e deixo a mala na sala e vou direto para a cozinha, curioso com o que Eva me preparou. Abro a geladeira e ali está: um doce apetitoso onde posso reconhecer

alguns pedaços de uva. Não resisto e nem me importo com a hora, pego uma taça e devoro todo o doce que tem um creme levemente azedo e uma calda de chocolate que me faz lembrar-me de sua boca.

Essa mulher acaba comigo.

Depois de saborear o doce subo para a suíte. Deixo a mala na sala mesmo, pois agora quero um banho e me jogar na cama, pena eu estar sozinho, pois a companhia de certa morena seria muito bem-vinda.

Abro a porta da suíte tirando meu terno e toda roupa, caminho para o banheiro e olho para cama. Paraliso. Ali, dormindo com serenidade está Eva. fico observando-a por um longo tempo e meu coração bate forte, feliz em vê-la. Quero avançar e tomá-la em meus braços. Mas ela dorme como um anjo.

Então com esforço volto a caminhar até o banheiro. Tomo um banho rápido e nem me preocupo em me vestir. Assim, vou para cama e entro debaixo das cobertas e a abraço, ela se aconchega e solta um gemido.

— Você chegou. Estava com saudades — sussurra e esfrega a bunda no meu pau duro.

Mordo o lóbulo de sua orelha e inspiro seu aroma delicioso.

— Também senti sua falta, foi só vê-la aqui tão disponível em minha cama que meu cansaço se foi — sopro em sua orelha.

Ela se vira de frente para mim, a pouca iluminação permite que eu repare no brilho de seus olhos castanhos, tão cheios de vida.

Deixo a minha mão deslizar por sua pele enquanto minha boca se aproxima da sua. Beijo seus lábios com ânsia, meu pau empurra em sua barriga e sinto Eva sorrindo.

— Você está nu? — pergunta com a boca grudada na minha.

Eu aperto sua cintura.

— Querida, não poderia estar de outra maneira com você aqui, deitada em minha cama — murmuro mordendo seus lábios. —

Você poderia ter facilitado e deitado sem nada.

Ela solta uma risada.

— Um passo de cada vez, senhor tarado! Ainda não sou tão ousada — confessa.

— Deixa comigo, serei ousado por nós dois. — Meus dedos agarram a beirada da sua calcinha e a retiro, então toco sua boceta com meus dedos e a encontro molhada e quente. — Porra! Como senti falta disso!

Eva se remexe em meus dedos.

— Ainda bem que hoje não precisamos mais de camisinha, porque acho que morreria se tivesse que esperar, mesmo que por alguns segundos — sussurra e sua voz soa ofegante.

Meu pau incha ainda mais com suas palavras, hoje terei Eva sem nada entre nós. Será a primeira vez que terei uma mulher sem usar preservativo. Em outro tempo jamais deixaria isso acontecer, mesmo quando a mulher dizia estar se prevenindo, não queria correr o risco. Não apenas por causa de doença, também devido a uma gravidez. Não queria estar ligado a nenhuma mulher a este ponto. Entretanto com Eva, tudo mudou. E só não a tomei antes sem preservativo por respeito a ela, pois por mim, não haveria o menor problema.

— Essa é a melhor coisa que ouvi hoje — admito enquanto deslizo meu corpo para cima do seu. Pego uma de suas pernas e dobro em meu braço. Eva abre a boca e geme. — Ah! Essa bocetinha gostosa!

Impulsiono o quadril e deslizo para dentro dela. A sensação de senti-la é maravilhosa. Eu fecho os olhos e empurro com força até estar completamente enterrado em seu núcleo. Eva crava as unhas em meus braços.

— Que delícia! — sopra.



Eu abaixo a cabeça e devoro sua boca, quando nossas línguas se tocam, meu pau fica mais duro, Eva se contorce debaixo de mim arfando e pedindo por mais. Eu bato mais forte e áspero, cada vez mais profundo.

Ergo a cabeça e olho para seu rosto sem deixar de empurrar em seu sexo.

— Caralho, Eva! Você é gostosa demais. — Passo uma das minhas mãos por debaixo da sua bunda e introduzo um dedo em seu ânus. Ela dá um salto e solta outro gemido. — Eu quero esse cuzinho, ele também será meu. Em breve.

— Benjamin... — geme e eu enfio o dedo um pouco mais enquanto como sua boceta.

— Isso, minha gostosa, em breve será meu pau aqui. Eu sou guloso. Quero você por inteira — saliento.

Sua boceta aperta meu pau e Eva arqueia seu corpo. Ela convulsiona e chega ao clímax empurrando seu quadril de encontro ao meu, enquanto suas mãos passeiam pelas minhas costas. Eu movo para frente e para trás, minha necessidade por ela cresce, eu empurro cada vez mais forte dentro e fora de sua

vagina, sinto meu pau pulsar e com um grito abafado me deixo derramar em sua boceta, gozo tão forte que chego perder a visão. Minha respiração fica pesada, tento recuperar o fôlego, e sinto-me realizado.

Eu jogo meu corpo para o lado, pois não quero esmagá-la e trago seu corpo junto ao meu, beijo sua testa e fecho os olhos, satisfeito. Desta vez o cansaço me vence e durmo com Eva grudada em mim.

Estou a caminho da empresa, após deixar Eva em sua casa e meu telefone toca. Atendo em seguida, pois se não atender minha mãe, ela irá me perturbar o dia todo.

— Olá mãe! Bom dia!

— *Posso saber qual a razão de meu filho mais velho não me contar que está namorando?* — interpela aborrecida.

Eu respiro fundo. Tinha a esperança de que Stella não tivesse aberto a boca, afinal tem mais de uma semana que aconteceu o jantar e mamãe não havia feito contato.

— E quem disse que estou namorando? — devolvo a pergunta.

— *Não me enrole, Benjamin. Pensou que sua irmã não me contaria?* — esbraveja zangada . — E posso saber por que a Stella a conheceu e eu não?

Solto uma risada.

— Stella é uma linguaruda, isso sim — comento contrariado.

— Até que a senhora demorou a ligar.

— *Estava esperando para ver até quando meu filho esconderia de mim algo tão importante.* — Eu reviro os olhos, está para nascer uma mulher mais dramática.

— Mãe, digamos que eu esteja vendo alguém, como a senhora afirma — considero —, eu não preciso mandar relatório.

Sou bem grandinho, a senhora não acha?

Escuto um bufo e tenho vontade de rir.

— *Poupe-me de seus argumentos, eu sou sua mãe e quero conhecer sua namorada.*

— Como a senhora sabe que é minha namorada?

— *Benjamin Clarke Lisboa! Você saiu de dentro de mim, e tenho certeza de que não levaria para sua casa uma desconhecida e a presentearia com vários vestidos* — declara.

— A Stella deveria ser repórter — resmungo.

— *Quero conhecer a moça e se você não der seu jeito de apresentá-la apareço em sua casa todos os dias, até encontrá-la.*

Lucas, meu irmão, é que está certo. Nossa mãe seria uma ótima roteirista para a dramatização.

— Mãe! Estou chegando à empresa. Mais tarde conversamos...

— *Não pense que vai fugir, Benjamin* — diz cortando minha fala. Então ela solta uma risada. — *Agora falando sério, filho. Seja quem for a moça espero que o mereça. Mamãe te ama!* — exclama e desliga.

Eu sacudo a cabeça rindo. Minha mãe é surreal.

Maria Eugênia segue-me até minha sala e me passa a agenda do dia.

— A Drª. Charlotte Davis pediu que marcasse um horário com o senhor hoje. Disse que era urgente.

Sento-me e olho para Maria Eugênia.

— O que você fez?

— Como o senhor tem um horário vago na parte da tarde, reservei esse horário para que possa atendê-la. Mas não confirmei nada, fiquei de retornar a ligação dela nesta manhã.

Pensativo, bato os dedos na superfície da mesa. Como passei uma semana fora,

não pude confrontar Charlotte, mas eu não esqueci o que ele fez no jantar. Seria uma ótima oportunidade para falar com ela.

— Pode ligar e confirme nossa reunião, por favor.

— Perfeitamente, senhor — Maria Eugênia anota em sua agenda e volta a me olhar. — Mais alguma coisa?

— Por enquanto, não — respondo ligando o notebook.

A parte da manhã passa rápido e a tarde quando Charlotte chega peço que Maria Eugênia a conduza até a sala de reuniões.

Não sabia o motivo de Charlotte querer falar comigo com tanta urgência, eu sabia que não se tratava de nada sobre trabalho, pois sua empresa teria me enviado uma prévia da reunião. Em parte estava curioso.

Assim que chego à sala de reuniões ela me dispensa um sorriso insólito.

— Charlotte? O que de tão urgente tem para me falar? —

pergunto de maneira direta.

Ela olha para a pasta a sua frente e então se volta para mim.

— Benjamin, como sua amiga tomei a liberdade de fazer algo, fiz porque o prezo muito — diz com olhar inviolável.

Encosto-me à cadeira e estreito os olhar.

— Estou curioso, vá direto ao ponto Charlotte. Você sabe o quanto odeio enrolação.

Ela suspira e empurra a pasta em minha direção. Eu continuo na mesma posição.

— Depois do jantar fiquei intrigada com a mulher que o acompanhava e minha intuição dizia para averiguar, e assim o fiz —

conta e me incomoda a forma como ela está agindo. — Benjamin, eu como advogada e amiga investiguei-a e descobri coisas horríveis sobre a família dela.

Queria ver até onde ia chegar o desplante da Charlotte.

Controlava-me para não expulsá-la.

Eu aceno e ergo as sobrancelhas.

— Você investigou a Eva? É isso que está me dizendo?

Ela sorri fingindo embaraço.

— Benjamin, essa mulher tem uma família que está devendo uma fortuna. Eles estão tão endividados que colocaram o negócio

da família, que é uma pizzaria à venda. A família é uma bagunça, e para piorar a irmã dela é uma das garotas de catálogo — ressalta com uma expressão preocupada. Eu aperto minha mão em punho.

Mas consigo controlar minha ira, então só a encaro. — Com certeza essa tal de Eva chegou até você propositalmente, logo se vê que é uma interesseira.

Mais uma vez aceno.

— Então você está dizendo que ela conseguiu me enganar?

— indago.

Charlotte dá um sorriso.

— Ela é esperta, Benjamin. Até o mais esperto dos homens cairia na dela, não reparou como ela conseguiu seduzir a todos no jantar? Até o Gerard que é fechado se encantou por ela.

— Entendo — digo, pois embora não mereça, controlo meu temperamento, pois minha vontade é expulsar Charlotte.

Ela chega para frente e pega minha mão que está sobre a mesa.

— Eu estou sendo uma intrometida, eu sei. Mas é que eu o estimo muito, não poderia deixá-lo ser enganado. Eu fiz isso torcendo para que minha intuição estivesse errada, mas como pode ver... não estava.

Recolho a minha mão e olho para a pasta que ela empurrou para mim.

— Essa pasta é o que?

Volto a olhá-la.

— É o relatório da investigação, aí tem tudo. Até mesmo os dados do agiota que é metido com a família. — Ela suspira lamentosa. — Eu temo por você, pois eles devem a pessoas perigosas. E se descobrem quem é você? Meu Deus! Nem quero pensar sobre isso — ilustra, fingindo um tremor.

Sem dizer nada pego a pasta e abro.

É um dossiê completo sobre a família da Eva. Pelo jeito Charlotte não brinca em serviço. Olho tudo com total interesse.

Consta até sobre o irmão mais novo da Eva, não diz nada sobre Eva ter estudado num colégio interno ou sobre o convento. Com certeza Charlotte deixou aqui apenas o que lhe convém.

— Você está de parabéns, conseguiu tudo isso em tão pouco tempo que até me surpreende — comento.

— Eu conheço um dos melhores detetives de São Paulo, ele faz alguns trabalhos para mim — exulta orgulhosa.

Coloco o dossiê de volta na mesa e a encaro.

— Antes de qualquer coisa eu agradeço, pois você me poupou o trabalho de descobrir os problemas da Eva.

Ela sorri imaginando que ganhou pontos comigo, eu continuo sério.

— Eu fiz isso por você, Benjamin. Não poderia permitir que fosse enganado.

Respiro fundo. Entrelaço os dedos acima da mesa e fixo meus olhos nos seus.

— Charlotte, eu sou um homem de 35 anos, pela minha vida passou muitas mulheres e tive uma quota elevada de mulheres que se aproximavam apenas por interesse. Eu as conheço de longe. Em uma época, inclusive, quase me casei com

uma, mas descobri a tempo sobre sua índole — relato, e ela se surpreende. — Você disse que teme por mim, pois não precisa. Estou ciente de que sou um homem rico e poderoso. Você realmente acredita que eu ando sem segurança? — questiono e mais uma vez ela parece sem palavras. — Charlotte, por onde quer que eu ande existem pessoas de olho em todos os meus movimentos. Ninguém os percebem porque é assim que deve ser.

Ela sorri sem graça.

— Não imaginava.

— Então você não é tão esperta quanto pensava. Embora essa minha teoria já caiu por terra — reflito em voz alta. — Mas continuando: não sei o que você pretendia com todo esse teatro, mas o fato é que você foi muito abusada e arrogante. Você se meteu com a pessoa errada e tenho certeza de que isso de mandar investigar alguém que não tem nenhum vínculo profissional contigo é crime, você não tinha esse direito, assim como não tem o direito de se meter na minha vida. Nós não somos amigos, aconteceu apenas de um momento de insanidade eu acreditar que talvez você fosse a mulher certa para mim, mas logo essa loucura passou. Não pense que você me engana, Charlotte. Porque não engana.

Seu rosto fica vermelho e vejo raiva em seu olhar.

— Você entendeu tudo errado Benjamin, minha intenção foi abrir seus olhos...

— Meus olhos estão abertos, Charlotte. Você diz que a Eva, a minha namorada, é interesseira, mas sinceramente, eu vejo apenas uma interesseira nessa história.

Ela arregala os olhos e se levanta.

— Você está insinuando que eu seja interesseira? Veja bem Benjamin, eu não preciso de você, eu tenho dinheiro e sou bem sucedida profissionalmente, não tenho o porquê eu ser interesseira

— esbraveja.

Eu permaneço inalterado.

— Charlotte, o meu nome lhe daria muito prestígio, você almeja ser sócia do

escritório e sabe que o seu chefe tem grande respeito por mim, não sou idiota, eu sempre soube o que você queria de verdade — declaro e a deixo atônita.

— Você está enganado — diz entredentes.

Eu chego o corpo para frente e sorrio.

— Não estou. Nós dois sabemos disso — fulmino e ela tenta argumentar, mas não consegue. — Antes de você me procurar já estava querendo falar contigo.

Charlotte fica intrigada.

— Falar comigo? O que é?

— Eu soube o que andou dizendo no dia do jantar sobre a Eva. E vou te dar um aviso: Nunca mais cometa esse tipo de injúria ou pode acreditar que irei te destruir e você não vai conseguir nenhum cliente, por agora vou apenas exigir que você não cuide mais dos processos da empresa, e se eu descobrir que anda bisbilhotando o seu escritório vai perder a Clarke Lisboa como cliente — aviso e me levanto. — Agora você pode sair de vez do meu caminho.

Eu pego a pasta e levo comigo. Eu sinto seu olhar queimar minhas costas. Charlotte é mesmo muito burra se achou que eu cairia em sua conversa. No caminho peço a um dos seguranças que acompanhe Charlotte até a saída e vou para minha sala. Mais uma vez abro a tal pasta do investigador e leio tudo com calma. Então é isso que está afligindo Eva. Sua família está a ponto de perder tudo.

Fico só imaginando o quanto está perturbada, pois Eva preza muito sua família. Talvez seja hora de acabar com seu sofrimento.

Pego o telefone e faço uma ligação, ser um homem poderoso tem lá suas vantagens.



Capítulo 36

Sandro acabou de sair para o trabalho, meus pais estão na cozinha, a casa está silenciosa. Deito-me na cama e olho para o teto com um sorriso bobo, pois penso em Benjamin e em tudo que sinto quando estou com ele. Hoje quando me deixou no portão de casa ele me olhou com tanto afeto que senti minha alma se aquecer.

Suspiro sonhadora e agarro o travesseiro virando-me de lado.

Meu coração sente-se leve, mas ainda sinto uma ponta de medo, pois tirando Benjamin, tudo à minha volta está muito obscuro. Essa semana vence a dívida do agiota e temo pelo que pode acontecer.

Ouço uma batida na porta e me viro. Ruth entra no quarto e me olha.

— Você tem visita — informa.

Sento-me espantada, quem poderia ser a essa hora da manhã?

— Quem é?

Ela sorri.

— É o Eduardo, nosso vizinho — conta.

Se antes fiquei espantada, agora também me sinto curiosa.

— Você quer dizer nosso ex-vizinho — falo e calço o chinelo me levantando. — O que será que ele quer comigo?

Ruth sacode os ombros.

— De repente quer voltar a namorar você, ainda mais agora que está separado.

Eu a encaro e faço uma careta.

— Nós nunca namoramos de verdade — resmungo e atravesso o quarto.

Ruth me segue, porém quando chegamos a sala ela pede licença e me deixa a sós com Eduardo que olha pela janela. Ao perceber minha chegada ele se vira e sorri.

— Eva.

Ando até o sofá e me sento.

— Eduardo, que surpresa. Não esperava a sua visita —

acentuo.

Ele ri sem jeito e senta-se na poltrona de frente para mim.

— Eu a vi chegar essa manhã, estava querendo conversar com você desde que voltei a morar com minha mãe — declara e noto seu olhar descarado.

Tenho vontade de rir, mas me seguro.

— Para ser sincera, acredito que não temos nada para conversar, mas já que está aqui... pode falar.

Eduardo acena e dá um sorriso que um dia achei charmoso.

Como era eu era idiota!

— Você deve estar se perguntando como engravidei uma garota quando prometi esperá-la para ficarmos juntos. Mas aquilo foi um acidente, a verdade é que eu queria apenas você, mas eu sou homem e a Talita me pegou num dia de fraqueza, eu havia bebido...

Então aconteceu.

Solto uma risada seca. Se existe um tipo de desculpa que odeio é essa: De que é homem e não pode resistir.

— Eduardo, nós nunca daríamos certo. Na época eu era muito ingênua, fiquei chateada por um tempo, mas passou. Além do mais, eu soube que você saía com várias garotas. Não estou te acusando de nada, afinal nunca tivemos nada sério, apenas, se é

que se pode dizer isso, um namoro de adolescente — evidencio séria, enquanto ele me observa. — Você não me deve nada, muito menos explicações.

Ele olha para o chão.

— Eu sei — murmura e volta a me fitar. — Eu posso te chamar para sair? Podemos retomar de onde paramos. Afinal agora sou livre, estou separado da Talita.

Seguro o riso novamente. Eduardo é muito cara de pau.

— Eduardo, eu estou encontrando alguém e mesmo que não estivesse não aceitaria seu convite — friso, e minha franqueza o deixa sem ação. Eu me levanto e cruzo os braços. — Acho que essa conversa termina aqui.

Ele se ergue da poltrona e coloca as mãos no quadril. Faz uma careta e solta o ar pela boca.

— Você está me tratando assim por causa da Nilza, tenho certeza — afirma.

— O que a Nilza tem a ver com nós dois?

Eduardo tem o olhar culpado.

— Eu e Nilza tivemos um rolo, isso aconteceu logo após você ter voltado para o colégio interno. Eu vi que tinha cometido um erro e ela prometeu que não diria nada, mas estou vendo que ela mentiu para mim — ressente-se.

Esse cara não vale nada. Ele teve coragem de ficar com a Nilza? Não sei quem é pior: ele por ser um cafajeste mentiroso, ou a Nilza que sabia que eu era apaixonada por ele e mesmo assim...

Atravesso a sala e vou até a porta e abro.

— Eduardo, você pode ir agora — demando e ele se aproxima e para na minha frente.

— Eu sempre gostei de você, e sei que ainda sente algo por mim — diz.

Eu olho para ele.

— Com certeza sinto — respondo e noto seu sorriso vitorioso. — Sinto um arrependimento enorme de um dia ter pensado que era apaixonada por você.

Seu sorriso morre.

— É por causa daquele granfino, não é? — pergunta, azedo.

— Não sabia que você era interesseira, Eva.

Eu respiro fundo com raiva.

— O único interesse que tenho é que o Benjamin é um homem de verdade, ele me trata com respeito, coisa que você nunca fez, e acho bom você se retirar antes que eu dê uma bofetada nessa sua cara de frango arrependido — finalizo com raiva.

Eduardo estreita os olhos.

— Pensei que você continuasse aquela garota doce, mas vi que estava errado — assinala e passa por mim.

— Não, você pensava que eu era aquela garota idiota, e certamente veio aqui na tentativa de conseguir o que não conseguiu naquela época — esbravejo e bato a porta. — Que cara idiota!

Volto para o quarto rindo com a ousadia do Eduardo, é mesmo um escroto.

À tarde Thomas chega da terapia e me chama para montar um quebra-cabeças de 500 peças, fico animada, pois ele está começando a interagir com mais frequência. Segundo a mamãe, ele entrará para uma escola que tem profissionais preparados para recebê-lo, pois Thomas precisa interagir com outras crianças e isso se dará gradativamente.

Ficamos até o início da noite montando e desmontando o quebra-cabeças, ou melhor, ele monta, quanto a mim, o tempo todo tento encontrar a peça certa para encaixar, mas é complicado. E é incrível o quanto Thomas é rápido.

— Thomas, hora do banho. Venha meu querido — tia Kelly chama.

Ele junta as peças com cuidado e as guarda.

— Sim, tia Kelly. Estou indo — responde e me olha. — Foi muito bom brincar com você.

Eu sorrio com afeto.

— Eu adorei, meu querido.

Quando ele sai, Ruth aparece na sala arrumada.

— Vai sair?

Ela dá uma volta para que eu veja sua roupa, um tanto apertada em seu corpo para sua idade, mas não comento nada.

— Sim, vou encontrar um rapaz.

Enrugo a testa.

— Ruth, cuidado. Você conhece esse rapaz? — Fico preocupada com ela, pois meus pais estão afundados em problemas e de certa maneira estão deixando Ruth muito solta.

Ela se aproxima de mim com um sorriso genuíno.

— Sim, ele é da minha escola e não vou sair sozinha com ele, minhas amigas também vão e depois, e mais tarde durmo na casa de uma delas.

Encolho os ombros. Não posso exigir nada da Ruth, afinal sou apenas sua irmã.

— Então divirta-se e cuidado.

— Pode deixar. — Ela beija meu rosto e sai.

Olho em torno e ergo-me do chão, então vou para o quarto.

Meu telefone toca e quando vejo que é Benjamin sorrio feliz.

— Que surpresa boa — digo jogando-me na cama.

— *Estou aguardando um e-mail e enquanto espero decidi ligar para você* — explica e sinto sua voz cansada.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono.

Ouço sua respiração forte.

— Não, apenas alguns aborrecimentos corriqueiros, mas nada que não possa ser resolvido com alguns telefonemas —

responde despreocupado. — E você? Como foi seu dia?

Não conto da visita do Eduardo, e relato sobre Thomas e de como me deu uma surra ao montar um quebra-cabeça. Benjamin ri da maneira em que falo e diz estar feliz por meu irmão estar respondendo bem ao novo tratamento. Ele aproveita para comunicar que precisará viajar no dia seguinte e retornará no máximo em dois dias.

— Pelo menos não ficará uma semana como foi na última vez

— aponto desanimada, afinal ficarei dois dias sem vê-lo.

— Tenho dois compromissos em dias diferentes, não fosse isso voltaria amanhã mesmo — confessa com voz mansa. *— O*

Duarte vai estar disponível para você. Se for a algum lugar ele a levará.

— Não precisa, Benjamin. Vou aproveitar para fazer um curso online de decoração com chantilly — informo.

Ele ri.

— Eva, não diga essas coisas, agora só consigo imaginar seu corpo coberto de chantilly e eu passando a minha língua enquanto saboreio sua pele. — Sua voz enrouquecida deixa meu corpo em chamas.

— Benjamin... Você é cruel. Fala essas coisas quando estamos longe um do outro — confidencio com olhos fechados.

— Quando voltar iremos saciar nosso desejo. Eu prome to —

jura em tom grave. *— Mas voltando ao assunto, Duarte estará por perto. Não se esqueça.*



Reviro os olhos.

— Não adianta discutir com você. Devo ir ao mercado municipal e sendo assim vou pedir para que me leve.

— *Assim fico mais tranquilo* — diz com um sorriso na voz. —

O meu e-mail chegou. Cuide-se.

— Você também — peço e desligamos.

Esse homem abala todas as minhas estruturas.

Acordo um pouco mais tarde e como não preciso ir para a cobertura vou preparar uma sobremesa para o almoço. Separo os ingredientes e minha mãe entra na cozinha muito abatida.

Vou até ela e toco em seu braço.

— A senhora está passando mal?

— Seu pai passou a noite sentindo uma dor no braço, Luigi vai nos levar ao hospital, já liguei para ele e ele está chegando —

fala nervosa.

Minhas mãos começam a suar.

— Ele deveria ter ido ao hospital assim que começou a sentir dor, mamãe — exprimo.

Ela balança a cabeça agitada.

— Eu sei. Mas seu pai é teimoso. Ele não quer nem ir ao hospital agora. — Eu a abraço.

O corpo da minha mãe está trêmulo.

— Ele vai ficar bem — murmuro, e dentro de mim meu coração se comprime.

Luigi chega e eles partem para o hospital. Não consigo me concentrar em nada, nem o curso prende minha atenção. Tento falar com Luigi e seu telefone só vai para caixa postal, o mesmo acontece com minha mãe. Penso em meu pai e rezo, o achei muito deprimido esta manhã e seu olhar derrotado não saía da minha cabeça.

Logo que eles saíram encontrei Nilza e contei o que estava acontecendo, ela com sua frieza respondeu que papai estava apenas tentando fugir das merdas que fez. Queria brigar com ela.

Porém, o que adiantaria? Nilza não tem coração.

Tia Kelly precisa levar Thomas para a clínica, então me lembro do Duarte e ligo para ele pedindo ajuda. Ele na mesma hora me atende. Assim que eles saem, Luigi me liga e conta que papai está na UTI, pois sofreu um infarto, mas está sendo cuidado e mamãe ficou no hospital. Ele conta que precisou sair, pois recebeu uma ligação de uma pessoa interessada em fazer um negócio com a pizzaria. Pelo menos uma boa notícia.

A noite cai e Sandro chega em casa. Corro para ele e o abraço.

— Você passou no hospital? — pergunto.

Ele me abraça de volta.

— Sim, papai está inconsciente. Só nos resta esperar —

conta desanimado. — Vim buscar algumas roupas para mamãe e voltarei para lá. Vou ficar com ela esta noite.

— Você quer que eu vá? Afinal você trabalhou hoje o dia todo

— concluo e me afasto.

Sandro me olha.

— Não. Melhor você ficar aqui, amanhã durante o dia você vai e eu descanso, pois não vou para o trabalho — aponta, então sorri com tristeza. — Luigi me ligou, uma pessoa está interessada em comprar a pizzaria e a nossa casa, porém querem continuar com o negócio e Luigi continuará responsável por tudo.

Eu sorrio mais aliviada.

— Que notícia maravilhosa, pena que papai não sabe, talvez ele até melhorasse — comento.

Sandro me olha por um tempo de maneira estranha, como se tivesse algo a contar. Mas provavelmente deve ser o cansaço e a preocupação com nosso pai.

— Eva, já temos o dinheiro para pagar o agiota, o comprador transferiu o dinheiro antes mesmo de assinar a documentação. Luigi apenas assinou um contrato como garantia.

Fico desconfiada. Quem nos dias de hoje faz esse tipo de negócio?

— Será que o Luigi não entrou em outra furada? — indago com a mão no coração. — Meu Deus! Tomara que nosso irmão tenha lido esse tal contrato direito.

Sandro aperta meu ombro.

— O Luigi sabe muito bem o que faz. Ele garantiu que não poderia fazer negócio melhor — Sandro confirma seguro. — Agora vamos torcer para que papai saia dessa. — Sandro beija minha testa e me olha mais uma vez misterioso. — Vou tomar um banho e voltar para o hospital.

Volto a ficar sozinha na sala. Em silêncio agradeço pelo milagre de ter encontrado um comprador que queira dar continuidade ao negócio da família, se não fosse papai estar no hospital estaríamos comemorando, pois o que mais queríamos acabou acontecendo.

Eu não consigo dormir direito e vou para sala assistir TV. O

dia amanhece e reparo que Ruth está deitada no sofá, provavelmente também não conseguiu dormir a noite. Por sorte tia Kelly resolveu levar Thomas para sua casa, pois não queria correr o risco dele ficar nervoso com o clima da casa.

Eu me sento no sofá dolorida e a porta da sala se abre. Ruth também ouve e se levanta. Sandro nos observa e respira fundo.

Então fecha a porta e fica de costas. Não podemos ver seu rosto.

Sinto meu coração bater forte e minha mão começa a tremer.

— Sandro? O que aconteceu?

Ele encosta a testa na porta e vejo seu corpo trêmulo.

— Ele não resistiu. Nós perdemos nosso pai.

Ouço Ruth fungar, e eu sem acreditar caio sentada no sofá.

Meu pai morreu. Sinto como se parte de mim fosse arrancada. Isso é tão injusto.

Então deixo as lágrimas vazarem, pois nunca mais verei meu pai. Nunca mais verei seu sorriso conciliador. E nunca mais sentirei seu abraço.

Eu perdi meu pai.



Capítulo 37

É quase noite quando chego no hotel onde costumo me hospedar sempre que preciso vir a negócios. Tive que reagendar o horário com um cliente, pois queria resolver alguns contratempos, e como se tratava de algo mais pessoal não poderia envolver o pessoal da empresa, contei apenas com Maria Eugênia e meu advogado particular. No final pude solucionar tudo, para isso precisei desembolsar um bom dinheiro. Mas valeu a pena.

Marquei de encontrar o cliente no restaurante do hotel, assim discutiremos negócios enquanto jantamos. Como não gosto de me atrasar, deixo a mala na suíte e desço para aguardá-lo no bar enquanto tomo uma bebida.

Depois do dia cheio que tive gostaria de tomar algo mais forte, porém não era a favor de ingerir álcool antes de fechar um grande negócio. Então peço uma água mineral Perrier. O barman me serve e eu agradeço.

— Benjamin? É você? — Viro-me e encontro uma mulher elegante me encarando. Sua expressão é de surpresa.

Demora um pouco, mas logo a reconheço. Ela está tão diferente.

— Keyla?

Ela esboça um sorriso.

— Não acreditei quando o vi. Não esperava encontrá-lo aqui

— fala segurando uma pequena bolsa entre os dedos.

— E por que não? Até onde sei este hotel é bastante usado no meio corporativo — respondo sério. — Você sim, posso dizer ser uma surpresa estar aqui.

Ela se aproxima e olha para o banco vazio ao meu lado.

— Posso? — pergunta vacilante.

Balanço os ombros e volto a olhar para frente.

— Fique à vontade, o lugar não me pertence — respondo seco.

A última vez que a vi eu estava com muita raiva, senti-me um verdadeiro idiota por ter me deixado enganar por ela. Por muito tempo carreguei dentro de mim o rancor e a decepção. Eu me blindei, e todo envolvimento que tive depois da Keyla fora frio e distante. Hoje sei que nunca a amei. Minha amargura era apenas meu orgulho masculino ferido. Afinal permiti que ela me manipulasse.

Ela pede uma bebida e ajo como se ela não estivesse ali.

— Vejo que ainda se ressente comigo — constata retraída. —

Eu sei que errei com você, e há muito tempo queria a oportunidade de pedir perdão e dizer que me arrependo do que fiz.

Bebo minha água e respiro fundo. Finalmente desvio meu olhar em sua direção que olha para baixo.

— Pode ficar tranquila, eu não me ressinto de nada. Não há necessidade de pedir perdão, isso foi há muito tempo — asseguro.

Ela ergue o olhar e fixa-se em mim com um sorriso raso.

— Eu não deveria ter enganado você.

Eu aceno.

— Não. Não deveria, mas agora é tarde.

— Eu acompanhei sua trajetória, vi que se tornou o CEO, parabéns! — exclama e me olha com remorso.

— Obrigado. — Engraçado como não consigo sentir nada por ela.

Imaginei que se um dia a visse não suportaria ficar por perto.

Mas agora, nem raiva eu sou capaz de sentir. Recordo o tempo que passamos juntos e me dou conta de que nunca deixei de fazer qualquer coisa para ficar com ela. Quando estava estudando eu me concentrava exatamente no que fazia e Keyla nem passava por meus pensamentos. Eu não sentia falta dela. Em momento algum, mesmo que ficássemos dias sem nos ver. Eu gostava do sexo, ela sempre fora selvagem do jeito que gosto, porém jamais me senti totalmente em êxtase e nunca me vi perdendo a cabeça por ela. O

exato oposto do que acontece com a Eva.

Ela sorri de modo sedutor.

— Você está aqui a trabalho? — pergunta.

— Sim, aguardo um cliente.

Keyla olha para trás rapidamente e se volta para mim.

— Podemos conversar após sua reunião. O que acha? —

questiona com sorriso.

Eu permaneço sério.

— Não. Estou muito cansado, e eu vim aqui para trabalhar, não para me divertir. — Sou taxativo em minha resposta e seu sorriso vacila.

— Você continua o homem direto de muito tempo atrás —

comenta e leva seu copo à boca e lambe a borda.

Será que é sério isso? Porra ela deve estar louca se acha que cairei em sua sedução barata.

Eu solto uma risada.

— Keyla, melhor você parar seja lá o que for. Pois está se tornando ridícula — atesto.

Vejo alguém se aproximar e vejo a recepcionista,

— Senhor Clarke, a pessoa que o senhor está aguardando acabou de chegar — informa toda aplicada.

Eu me levanto.

— Obrigado, já estou indo. — Viro-me para Keyla e a encaro.

— Passe bem.

Ela respira fundo.

— Então não podemos ser amigos?

— Não.

Minha negativa com certeza a deixa atônita, pois ela abre a boca e volta a fechá-la. Meneio levemente a cabeça e me afasto.

Não a desejo mal, só não quero nenhum contato, pois em minha opinião quem trai o namorado como ela fez pode trair sempre, não importa quem seja.

Logo cedo estou de pé, o jantar da noite anterior foi bastante proveitoso e mais tarde tenho uma reunião agendada com alguns fornecedores, neste intervalo farei uma visita à plataforma e quero valer-me deste tempo para conversar com o gerente de manutenção.

Meu telefone toca quando estou na porta da suíte para sair, e ao ver que é Duarte fico intrigado, pois em todo esse tempo ele nunca me ligou, não repentinamente.

— Duarte?

— *Senhor Clarke, desculpe-me a ousadia, mas creio que o senhor deve saber do ocorrido* — diz de maneira solene.

Eu paro na porta, apreensivo.

— Fala Duarte, o que está acontecendo?

— *O pai da senhorita Eva veio a falecer nesta madrugada* —

conta, eu fecho os olhos, aflito. — *Ele sofreu um infarto.*

Eu solto o ar dos pulmões devagar.



— Duarte, dê todo o suporte necessário. Vou acionar meu piloto e chegarei o mais rápido que puder — informo dando meia volta.

— *Sim, senhor*.

— Obrigado, Duarte. E não se preocupe em me buscar no aeroporto o motorista da empresa se encarrega disso — declaro pegando algumas das minhas coisas em cima da cama e enfiando na mala. — Quando tiver aterrissado eu ligo para saber onde encontrar a Eva.

— *Okay, senhor Clarke* — responde.

Eu desligo e na mesma hora ligo para Maria Eugênia.

— Senhora Lopes, ligue para o meu piloto, estou voltando agora para São Paulo — ordeno assim que atende a ligação. —

Depois cancele todos os meus compromissos agendados de hoje e amanhã e providencie tudo para que o motorista da empresa me pegue no aeroporto.

— Pois não, senhor Clarke, farei agora mesmo, mais alguma coisa senhor?

— Estou a caminho do aeroporto, avise-me assim que tiver um retorno do piloto. Obrigado.

Desligo tão rápido que nem sei se ouviu meu agradecimento.

Nem quero imaginar como Eva está se sentindo neste momento.

Perder o pai deve estar lhe causando uma dor imensurável. E a única coisa que quero agora é estar ao seu lado e dar todo apoio possível.

Minha assistente é muito eficiente e em menos de três horas encontro-me no carro seguindo para a casa da Eva, onde se encontra, conforme informação do Duarte.

O carro entra em sua rua e avisto Duarte do lado de fora da casa. Ele percebe minha chegada e assim que o carro para ele abre a porta para que eu saia.

— Como estão as coisas por aqui? — pergunto.

— Estão tensas, afinal foi muito inesperado — aponta e eu aceno.

— Eva está dentro de casa?

— Sim, ela está com dois de seus irmãos. A mãe e o filho mais velho estão no hospital ainda, cuidando da burocracia.

— Duarte, ligue agora para o Gonçalo conte o que está acontecendo e peça que ele vá agora para o hospital e procure o irmão da Eva para lhe dar todo o suporte. Você sabe em qual hospital estão?

Ele anui.

— Sim senhor, não se preocupe, sei como fazer — afirma pegando seu telefone.

— Obrigado Duarte. Agora deixe-me ver a Eva.

Abro o portão e atravesso o pequeno quintal. Quando chego à porta eu bato. Alguns segundos depois Sandro o irmão da Eva atende, ele está bastante abatido e quando me vê esboça um sorriso.

— Sandro! Lamento muito sua perda. — Não há muito que dizer nessas horas, qualquer coisa que falamos parece não valer de nada.

— Obrigado — responde a abre ainda mais a porta. Ele olha para trás e depois retorna a olhar para mim. — A minha irmã vai gostar de te ver, ela está ali deitada no sofá, por favor, entre.

Passo pela porta e sou capaz de ver a Eva deitada toda encolhida no sofá, ela abraça uma almofada e dói meu coração vê-

la desta maneira, queria eu ter o poder de tirar esse sofrimento dela, mas não tenho o controle de tudo.

Cruzo a sala e quando chego perto dela me abaixo a sua frente, então ela levanta os olhos que estão cheios de lágrimas e suspira ao perceber que estou aqui.

— Benjamin, você está aqui — sussurra com a voz embargada.

Eu sorrio triste e ergo a mão para acariciar seu cabelo.

— Não estaria em nenhum outro lugar, quando você precisa de mim — admito.

Eva impulsiona seu corpo para frente e joga seus braços envolvendo meu pescoço, a abraço de volta e beijo sua cabeça.

— Ah! Benjamin, como dói — lamenta chorando e seu corpo ondula conforme ela derrama sua tristeza.

Eu aperto meu abraço, sei que ela está sofrendo. Não há nada que eu possa fazer, apenas consolá-la.

— Minha querida, se eu pudesse ao menos amenizar essa sua dor...

Ficamos abraçados e a deixo chorar em meu ombro por um bom tempo, até que ela se acalma e se afasta. Passo as costas da minha mão em sua face para enxugar algumas lágrimas e a olho com carinho. Ela levanta e fica sentada.

— Senta aqui do meu lado — sugere, eu me ergo e faço como ela pede. — Obrigada por vir — agradece e encosta a cabeça em meu peito.

Envolvo meus braços ao seu redor.

— Queria estar aqui antes — murmuro.

— O importante é que você veio — garante.

Ela se aconchega e eu aliso seu braço, aos poucos sinto sua respiração mais tranquila e quando olho a vejo com olhos fechados.

Ela dormiu. Para não acordá-la movo-me o menos que posso.

Sandro se aproxima e olha para nós com apreço.

— Ela com certeza passou a noite acordada e deve estar cansada — constata.

— Você também está muito abatido, não quer descansar um pouco?

Ele gesticula a cabeça negando.

— Eu passei a noite no hospital com a nossa mãe, e cheguei a cochilar e tomei tanto café que possivelmente não vou conseguir dormir.

Seu telefone toca e ele pede licença para atender. Quando volta aproveito para perguntar sobre seus outros irmãos. Sandro conta que todos já sabem, e que apenas o Thomas está sendo poupado, pois não sabem como podem dar uma notícia dessa a ele.

Com a ajuda do Sandro levo Eva para o quarto onde ela divide com ele. Eu a deixo dormindo na cama e retorno para sala.

Recebo uma ligação do Gonçalo, meu advogado particular, e ele diz que providenciou, junto com Luigi, tudo referente ao velório. Conta que estava ocorrendo uma burocracia por conta da troca de turno perto do horário do óbito. Mas que assim que chegou lá, com seu conhecimento resolveu esse contratempo.

Sandro me apresenta a irmã adolescente de Eva, quando cheguei ela estava no quarto por isso não a vi. Ela me cumprimenta e depois vai para algum outro lugar da casa.

Meu telefone toca e atendo sem ver quem é.

— Alô!

— Benjamin, meu filho. Você está bem? Liguei para a empresa e sua assistente falou que você havia viajado para ver alguns clientes, mas que havia cancelado tudo e retornado a São

Paulo — despeja minha mãe aflita. — *Você nunca cancelou nada, nunca faltou ao trabalho, só pode estar doente.*

— Não, mãe, eu não estou doente. Acontece que o pai da Eva faleceu — conto encostando-me à parede e fechando os olhos.

— Eva é a moça que estava na sua cobertura? A que Stella me contou ser sua namorada?

— Sim.

— Oh *! Coitadinha! Imagino que ela esteja sofrendo. Perder alguém assim tão próximo é muito doloroso* — lamenta e a ouço fungar. — *Lembro quando perdi seu avô, eu fiquei sem chão.*

Eu sorrio triste.

— Sim, eu me lembro bem.

— Filho, não vou importuná-lo por mais tempo, cuide da moça e se precisarem de alguma coisa, por favor me lig ue —

encoraja depois despede-se.

Não há muito o que fazer, apenas esperar, assim quando Sandro senta-se numa poltrona e atende a mais uma ligação, aproveito para voltar ao quarto e ficar com Eva.

Ela dorme serenamente, eu admiro seu rosto que ainda tem a marca de algumas lágrimas. Ela suspira em seu sono e me aproximo. Sento-me no chão e pego sua mão, então a seguro até ela acordar.

Bem mais tarde, Luigi e a mãe da Eva chegam. Se os filhos estão tristes, ela está inconsolável, a tristeza em seu olhar é de apertar o coração. Noto que ela é uma

mulher bonita, mesmo aparentando tanta tristeza.

Eu observo de longe quando os filhos se aproximam dela e a abraçam ao mesmo tempo. Eles não dizem nada, mas seus gestos demonstram muito mais que mil palavras. Eva apresenta sua mãe e eu ofereço minhas condolências. Ela agradece e pede que eu fique à vontade.

Ninguém ali sabe, mas eu e Luigi já nos conhecemos, nós nos cumprimentamos e quando se vê a sós comigo agradece por tudo, principalmente por estar ao lado da Eva.

A noite se aproxima e Duarte traz um lanche para todos, tenho que lembrar-me de dar uma boa gratificação ao meu motorista. Eva diz que está sem fome, mas eu insisto e ela come alguma coisa, o mesmo acontece com sua mãe. Tanto Luigi quanto Sandro praticamente a obrigam a comer.

— Eva, o enterro será apenas amanhã e não terá velório até amanhã de manhã. Você quer ir para a cobertura comigo? —

pergunto sentado ao seu lado no sofá da sala.

Ela olha para a mãe e depois para o Sandro.

— Não posso deixar minha mãe sozinha — aponta e posso entender como se sente.

— Eva, mamãe vai tomar um calmante. O próprio médico receitou. Eu e Sandro estaremos aqui — Luigi anuncia.

Ela suspira e vejo uma lágrima escorrer pelo seu rosto.

— Eu sei que não adianta ficar, mas tem horas que acho que estou num pesadelo e vou acordar e ver meu pai entrar por aquela porta... eu... eu não sei o que fazer — desabafa. Eu a abraço apertado.

— Minha irmã! Nenhum de nós sabemos. Mas seja o que for, vamos conseguir vencer — Luigi murmura com um sorriso triste. —

Vá com o Benjamin, descansa. Nós faremos o mesmo na medida do possível, pois amanhã será um dia duro, teremos que ser fortes para ajudar a mamãe —

completa.

Ela acena.

— Tudo bem, mas só vou depois que a nossa mãe dormir —

esclarece então me olha. — Tudo bem para você esperar um pouco?

Acaricio seu rosto.

— Eu espero o tempo que for necessário — afirmo e ela sorri melancólica.

A senhora Giulia apresenta cansaço, Ruth e Eva a ajudam e preparam um banho para ela, depois a colocam na cama e o remédio faz efeito e ela dorme, depois Eva aparece na sala e traz um bolsa e diz estar pronta para ir e se despede dos irmãos que se preparam para dormir também, pois estão todos exaustos.

Quando estamos saindo encontramos uma mulher entrando e a reconheço, pois tenho certeza que já a vi como acompanhante, só não lembro em qual ocasião. Ao cruzar conosco ela para e nos olha com curiosidade e diferente dos outros irmãos da Eva ela é mais hostil e não demonstra o sofrimento do resto da família.

— E a mamãe como está? — questiona a Eva.

— Ela dormiu, tomou um calmante, pois está arrasada —

responde Eva contrariada. — E você? Onde estava? Chegamos a pensar que não soubesse de nada.

Ela revira os olhos.

— O que adiantaria eu ficar aqui? Isso faria o nosso pai voltar? — pergunta olhando atravessado para Eva. — Claro que não. Hoje nem fui trabalhar, vou dormir para aguentar o dia amanhã.

— Ela olha para mim e depois para Eva. — Você vai sair? Se fosse eu todos iriam encher o saco.

Eva respira fundo, tenho vontade de responder por ela, mas não quero causar

problemas, e já sei que essa é a irmã da Eva que é rebelde.

— Até amanhã, Nilza. Hoje não estou com paciência para as suas indiretas. — Eva volta a caminhar e escuto sua irmã resmungar.

Já no carro a caminho da cobertura Eva encosta sua cabeça em meu ombro.

— Tudo vai ficar bem, Eva. É só questão de tempo —

sussurro em seu ouvido.

Ela suspira.

— Eu sei, mas agora está sendo muito difícil — desabafa.

O carro se move no tráfego, aproveito para abraçar a Eva apertado, inspiro seu aroma e penso que farei tudo ao meu alcance para que ela seja feliz.

Pois a Eva é a mulher que tomou meu coração.



Capítulo 38

Desperto cedo e me encontro sozinha na cama, sinto uma tristeza enorme, um vazio. Busco na memória momentos que passei com meu pai. Antes de todo esse problema financeiro ele era energético e cheio de vida. Meu pai sempre procurava brincar com os filhos, nos tratava com carinho. Recordo do dia em que minha mãe se esqueceu do meu aniversário e ele para apaziguar minha decepção preparou uma pizza especialmente para mim, com as frutas que eu gostava e chocolate.

— Aqui está a pizza Eva — disse entregando-me por cima da mesa a pizza com aparência estranha.

— Eca! Isso é pizza de quê? — Sandro atacou fazendo uma careta de nojo.

Eu olhei para meu irmão e dei língua para ele.

— Essa é a pizza de salada de fruta com chocolate, deve estar muito gostosa — assinalei e olhei para papai que ria de nós dois. — Obrigada papai, eu vou comer tudinho, eu amei meu bolo-pizza de aniversário.

Ele com seu sorriso satisfeito se abaixou e beijou minha testa.

— Feliz aniversário, pequena, e nunca se esqueça de que papai te ama — declarou.

Eu sorri.

— Também te amo, papai!

A recordação desse momento traz lágrimas aos meus olhos.

Eu lamento ter passado tanto tempo fora, eu sei que não foi escolha minha, mas sinto como se tivesse perdido momentos de grande importância. Não vi como minha família conseguiu chegar a essa dificuldade. Sei que quando fui enviada para o internato as coisas estavam começando a ruir, mas não imaginei que chegasse ao ponto do meu pai perder a vivacidade.

Agora fica a sensação de que poderia ter feito alguma coisa.

Escuto o som da porta se abrindo e viro-me, ainda deitada a tempo de ver Benjamin entrar na suíte carregando uma bandeja. Ele percebe que estou acordada e sorri.

Quando chega perto da cama coloca a bandeja na mesinha ao lado e senta-se ao meu lado, então carinhosamente enxuga minhas lágrimas.

— Conseguiu descansar? — questiona com voz baixa.

Eu fungo.

— Sim, dormi bem. — Minha voz sai rouca.

Ele contempla meu rosto.

— Preparei seu café.

Eu me sento e aceno.

— Obrigada — digo e começo a chorar.

— Ei, não chora, minha querida! — pede e eu choro mais.

Benjamin me abraça e leva minha cabeça até seu ombro. Eu seguro sua blusa e deixo as lágrimas escaparem. — Eva, eu odeia vê-la assim.

Mantenho-me em seus braços por minutos e quando o choro cessa eu me afasto e olho para ele.

— Eu tento não chorar, mas não consigo é algo mais forte que eu — confidencio e minha voz sai abafada devido o choro.

Benjamin segura meu rosto e seu olhar tão cheio de ternura faz com que mais lágrimas me escapem.

— Não se segure, chorar faz parte do processo, Eva. Suas lágrimas são na verdade toda dor que sente em seu coração, e você tem que expurgar esta dor. Deixá-la sair — sussurra e encosta sua testa na minha. — Eu estarei ao seu lado até essa dor tornar-se apenas uma saudade gostosa. — Benjamin dá um sorriso suave. —

Na verdade, estarei ao seu lado a todo e qualquer momento da sua vida.

Jogo meus braços por cima dos seus ombros e aperto meu corpo contra o dele.

— Saber disso deixa meu coração mais leve — confidencio.

Benjamin me abraça e alisa minhas costas.

— Tome seu café, o dia hoje será árduo, você deve se alimentar.

Faço como ele sugere, mesmo sem muita fome me alimento, ele não sai do meu lado. Quando termino olho para ele.

— Você me deixa em casa antes de ir para o trabalho? —

pergunto.

— Minha querida, acho que você não prestou atenção —

demonstra com olhar sereno. — Não vou deixá-la, estarei com você.

Sorrio e enxugo uma lágrima que teima em cair.

— Ter você ao meu lado vai fazer com que eu atravesse esse momento com mais coragem — admito.

Ele somente me abraça passando um pouco da sua força para mim.

Com exceção do Thomas, todos os irmãos compareceram ao velório, vieram alguns amigos e parentes, e para nossa surpresa, até alguns clientes antigos estavam presentes para dar suas condolências. Luigi contou que papai era muito querido na pizzaria,

e todos diziam a mesma coisa: que sua alegria e vivacidade faria falta.

Minha mãe está mais tranquila, não sei se é por causa do calmante ou se simplesmente encontra-se apática, no entanto podemos ver em seu olhar a grande tristeza que a acomete.

— Pena ele ter partido antes de saber que continuaremos com o nosso negócio e que já não tinha dívida nenhuma para pagar

— falo pensativa.

Minha mãe pega minha mão e aperta. Estamos sentadas num banco de madeira e esperando Benjamin que foi buscar um café para nós duas.

— Antes dele partir, o médico permitiu que eu entrasse no quarto para falar com ele — conta e noto um sorriso em sua voz. —

Acho que o doutor sabia que Martino não resistiria.

Eu suspiro.

— Talvez, afinal os médicos, na maioria das vezes sabem quando um paciente vai ou não resistir — concluo.

— Sim. — Minha mãe respira fundo. — Como dizia antes, eu entrei no quarto e

na tentativa de animar seu pai eu falei que naquele dia Luigi havia fechado um bom negócio e que não perderíamos a pizzaria e nem a nossa casa e ainda tínhamos o dinheiro para quitar nossa dívida — declara. Eu olho para minha mãe e ela tem o olhar perdido. — Seu pai entendeu o que eu disse Eva, pois eu segurava sua mão e senti um movimento suave dos seus dedos, e ele também esboçou um sorriso, foi sutil, mas foi um sorriso.

Eu sorrio triste.

— Então ele te ouviu, mãe, e acredito que tenha partido feliz por saber que nossos problemas estavam sendo resolvidos.

Ela me olha e acena.

Benjamin chega com nosso café e em seguida mamãe volta para o lado do papai. Todos se despediram dele, mas eu estava sem coragem de ver meu pai morto, toda vez que pensava em me aproximar do caixão eu sentia meu coração bater forte e me batia certo desespero.

Luigi e Sandro tentam me tranquilizar e dizem que se eu não quiser, não haverá problema algum. Benjamin também fica ao meu lado me dando apoio e concorda com meus irmãos. Eu, no entanto, estou confusa, eu quero me aproximar e me despedir do meu pai, mas ao mesmo tempo estou sem coragem, pois quero lembrar dele vivo.

Sinto-me tão desorientada que minhas mãos começam a tremer.

Benjamin me abraça e me afasta das pessoas para que eu respire com calma.

— Eva, você quer beber uma água? O que você quer? —

Benjamin pergunta e o tom de sua voz é de preocupação.

Eu o abraço chorando.

— Eu queria que meu pai estivesse vivo e que nada disso tivesse acontecido. A verdade é que eu sei que devo me despedir, mas ver meu pai morto vai concretizar sua partida. E eu não quero isso — desabafo desesperada.

— Sei o que quer dizer — sussurra me apertando em seus braços. — Eva faça

aquilo que seu coração mandar, pensa em como se sentirá depois disso.

Eu não posso ficar desta maneira. Eu não vou me perdoar se não der meu adeus para o papai. E eu sei que preciso disso.

Eu dou um passo para trás, fecho e abro os olhos respirando com força. Busco dentro de mim a coragem que preciso. Afinal devo passar essa página em minha vida.

— Acredito que seja a hora de vê-lo. Eu vou me despedir do meu pai — anuncio e Benjamin me analisa com olhar atento.

— Você quer ir agora? Ou prefere esperar mais um pouco?

— Eva? — escuto a voz do Sandro e tanto eu quanto Benjamin desviamos o olhar para ele. — O caixão será fechado.

Você quer ir até lá?

Meu coração parece parar por alguns segundos. Olho para Benjamin e sinto meus lábios tremerem.

— Não há tempo para espera — comento e sinto meus dentes baterem.

Olho para Sandro.

— Sim, eu vou — falo tentando ser segura.

Benjamin segura minha mão, Sandro vem para meu lado também e pega minha outra mão.

— Nós estaremos com você — garante Benjamin.

Assim caminhamos os três juntos. Quando entro na capela e noto o caixão, eu aperto a mão do Benjamin e do Sandro. Percebo minha mãe e Ruth abraçadas, Luigi, Giovane e Consuelo estão juntos num canto.

Quando me aproximo, fecho os olhos pedindo força. Então volto a abri-los e ali, deitado, de maneira serena, como se tivesse dormindo, estava meu pai. Eu respiro fundo e as lágrimas caem por meu rosto. Sinto Benjamin me abraçar e

Sandro apertar minha mão enquanto chora comigo.

— Pai... Eu não tenho muito o que falar, mas quero agradecer por tudo. Dizer que... que o senhor vai fazer falta e que nunca vou esquecer do meu bolo-pizza. — Eu começo a chorar. — Eu te amo, papai.

O momento mais desesperador acontece quando dois homens chegam e colocam a tampa no caixão. Agora é tudo mais

real. Ele se foi de verdade.

Até Nilza que agia com frieza todo o tempo se emociona.

Benjamin me abraça e de alguma forma com sua força e apoio consegue com que eu passe por esse momento com firmeza.

Tudo que vem depois disso acontece rápido como um relâmpago. E quando percebemos estamos indo embora. Nós vamos todos para a minha casa, e sei que a partir de agora só o tempo irá amenizar essa dor que nos consome.

É quase noite e fico tentada a ir embora com Benjamin, mas hoje quero ficar com minha mãe, acredito que ela, mais do que nunca, precisa dos filhos perto dela.

Benjamin me abraça forte.

— Eu te entendo, mas quero que prometa uma coisa —

pede.

Meus braços estão envolvidos em sua cintura e minha cabeça pousa em seu peito.

— O que é?

— Se precisar de qualquer coisa, seja o que for, na hora que for. Você me liga. Okay?

Eu sorrio.

— Okay. — Afasto-me dele e vislumbro seu rosto. —

Obrigada por tudo.

Ele sorri e com brandura passa a ponta dos dedos pela minha face.

— Não há necessidade de agradecer — assegura e volta a me abraçar.

Ficamos assim por alguns instantes até que ele finalmente precisa ir. Meus irmãos, a exceção de Nilza que desapareceu após o enterro, também o agradecem, porém a forma como Luigi age me

deixa surpresa, pois meu irmão abraça Benjamin e ao se afastar bate em seu ombro.

Com olhar acentuado o encara.

— Eu não tenho como agradecer tudo o que fez, só digo que aconteça o que acontecer entre vocês — diz, desviando o olhar para mim e depois de volta para Benjamin. — Você pode contar comigo para qualquer coisa.

Olho para Benjamin, e pela primeira vez o vejo embaraçado.

Também, até eu ficaria. Tudo bem que ele nesses dois dias nos apoiou em tudo, mas não era para tanto. A ponto do meu irmão vir com essas palavras.

— Eu não fiz nada de mais — retruca Benjamin com um sorriso fraco.

Luigi então me olha e sorri, então dá um passo para trás e volta a fixar-se em Benjamin.

— Tudo bem, não falaremos disso agora — sintetiza e balança a cabeça. — Aguardo por você qualquer hora dessas na pizzaria.

Desta vez é Benjamin quem aperta seu ombro, em sinal de camaradagem.

— Sim, eu apareço por lá — garante.

Então ele se despede e vou com ele até o portão. Antes mesmo que ele se vá me sinto frágil. Pois Benjamin foi meu alicerce nas horas mais difíceis que passei na vida.

Antes de entrar no carro ele me olha e toca meu rosto. Eu beijo sua mão.

— Vou sentir sua falta — confesso.

— Se ficar muito difícil pode me chamar a qualquer hora e eu estarei aqui — avisa.

Meu coração se aperta, pois posso sentir o quanto eu estou apaixonada por ele. Gostaria de confessar agora mesmo meus sentimentos, mas possivelmente ele não vai acreditar nas minhas palavras. Afinal estou passando por um momento difícil e me encontro vulnerável.

Eu suspiro e dou um passo para trás, então sorrio.

— Eu vou ficar bem.

Ele parece querer dizer mais alguma coisa, mas fica calado.

Assim ele se aproxima novamente, me beija nos lábios com suavidade e se afasta.

— Até logo!

— Até...

Ele entra no carro e este se afasta.

Olho para o céu escurecido e respiro fundo. Abraço meu próprio corpo e penso em como será a vida daqui para frente. Para mim e meus irmãos com certeza não mudará em nada, mas me preocupo com minha mãe. Meu pai era o seu suporte. Tudo que ela fazia era em concordância com ele. Ela não é uma mulher muito segura de suas ações. Acredito que ficará um pouco perdida.

— Ele é um bom homem. — Luigi fala me assustando, pois não o vi se aproximar.

Eu olho para ele e sorrio.

— Sim, Benjamin me surpreende a cada dia — confesso.

Meu irmão passa seu braço por meus ombros.

— E pode surpreender muito mais — comenta enigmático.

Ficamos em silêncio observando nada em particular, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

— Eu não vi a Marcela — comentei ao lembrar de não ter visto minha cunhada no velório.

Luigi respira fundo.

— Não quis dizer nada para não chatear nossa mãe. Eu e Marcela estamos nos separando.

Viro-me de frente para Luigi, percebo seu abatimento. Meu irmão está exausto, pois não parou nem um minuto, apesar de termos uma família grande, somente ele e Sandro foram capazes de providenciar tudo.

— Poxa Luigi, que pena — falo e passo a mão pelo seu braço.

Ele me observa e tem um sorriso cínico.

— Você realmente acha uma pena, Eva? — pergunta e me sinto ruborizar.

Então solto uma risada.

— Lamento por você, mas sendo sincera acho que é bom.

Aquela mulher não é para você, Marcela é... bem, ela não te merece. — Pensava em dizer que a mulher dele é uma vaca, mas me calei a tempo.

Luigi ri balançando a cabeça.

— Você está certa, depois do que descobri acredito que ela não me mereça mesmo — exprime.

— O que ela fez? — pergunto curioso e noto seu incômodo.

— Não precisa falar nada. O importante é que agora você pode viver sua vida longe dela e feliz.

Ele apenas acena.

Depois nossos irmãos Giovane e Consuelo se juntam a nós e aproveitamos para

colocar alguns assuntos em dia, já que dificilmente estamos juntos devido a vida que cada um leva.

— Mamãe já dormiu, agora temos que ver como vamos nos espalhar pela casa — Sandro se aproxima dizendo.

Nós nos olhamos e rimos.

— Ao menos toda essa tristeza servirá para matarmos saudades da nossa confusão na hora de dormir — Consuelo fala animada.

Luigi faz uma careta e olha para Giovane.

— Não vou dormir perto de você, pois ronca como um porco

— avisa e nós rimos.

Giovane se faz de ofendido.

— Olha quem fala. Pior é você que além de roncar solta pum

— acusa.

— Pronto, começou a confusão — Sandro frisa sacudindo a cabeça.

Nós entramos, cada um se defendendo das acusações dos outros. A desordem estava declarada, pois Luigi defende que por ser o irmão mais velho tem mais direito que os outros, Consuelo fala que está cansada e como é a que mora mais longe tem o direito de escolha. Até Ruth entra na briga.

Sandro abre uma garrafa de vinho e todos nós, menos Ruth por ser menor, bebemos, outras duas garrafas é aberta e nos sentimos um pouco bêbados e brindamos ao nosso pai.

No final quando o cansaço vence procuramos o primeiro lugar disponível para tentar dormir.

No meio da madrugada, estou deitada num colchonete na sala, Ruth dorme no sofá e seu sono é pesado. Levanto-me para beber água, sinto-me um pouco bêbada. A casa está silenciosa e lembro-me do meu pai. Ele iria gostar de ver os

filhos unidos, somente Nilza é tão diferente, ela não apareceu, talvez fugir fosse seu modo de encarar o sofrimento.

É uma pena, ela deveria ter aproveitado esse momento para ficar perto dos irmãos. Pois a vida passa tão rápido e quando vemos

as oportunidades passaram e não há como voltar atrás. E fica a sensação de que poderíamos ter dito e feito mais coisas.

Retorno para minha cama improvisada e pego o telefone, olho a hora e passa das 2:00 da madrugada, penso em Benjamin e sinto falta de estar em seus braços. Só em lembrar-me dele meu coração bate forte. Queria ter me declarado para ele, contar o que realmente sinto, mas a insegurança não permitiu.

Agora estou aqui com a cabeça borbulhando, pois tudo o que aconteceu nesses dois últimos dias me levam a crer que não devemos guardar nada dentro de nós, pois hoje você está bem, amanhã pode não está e a chance de abrir-se passa e depois fica o arrependimento.

Não sei como minha história com Benjamin vai terminar. Tudo é tão incerto que amanhã tudo pode mudar. Só sei que hoje minha certeza é de que eu o amo de verdade e que esse amor vai sempre habitar dentro de mim. Haja o que houver. E minha vontade é que ele saiba desse amor, mesmo que não sinta o mesmo, afinal ninguém é obrigado a retribuir seus sentimentos.

Assim abro o aplicativo de mensagens, ajo por impulsividade, talvez devido ao álcool. E como estou aqui refletindo sobre arrependimentos, creio que se arrepender do que fez é melhor do que se arrepender do que não fez.

Você vai achar tudo isso muito louco. E o que vou dizer agora pode te deixar assustado, pensar que estou carente ou qualquer coisa do tipo, mas o que sinto por você já está em meu coração faz um tempo e eu preciso que você saiba.

Eu te amo!

(Não toque neste assunto comigo, por enquanto, pois como você mesmo disse: minha coragem só se estende nas mensagens).

Hesito antes de enviar, mas chego a conclusão que a hora é agora. Não importa o

que vai acontecer depois.

Envio a mensagem e volto a deitar. Agora Benjamin vai saber o que sinto. Só espero que não corra para longe, ou terei que conviver com esse arrependimento.

Já ouvi em algum lugar que bebida alcoólica e telefone não combinam. Dou um riso e tampo a boca para não acordar minha irmã.

Agora é tarde, Benjamin já recebeu a mensagem.

Caramba! O que foi que eu fiz? Este é o meu último pensamento antes de pegar no sono.



Capítulo 39

Escuto o telefone tocar e desperto, então levanto depressa, penso logo que pode ser a Eva querendo falar comigo. Porém vejo que trata-se da Stella.

— Ligando tão cedo Stella? O que aconteceu? — pergunto caminhando para o banheiro.

— Eu te acordei? — questiona com voz surpresa.

Eu bocejo.

— Sim, mas já está na hora de levantar — falo e abro a torneira. Coloco o telefone no viva-voz e o deixo sobre a pia enquanto lavo o rosto. — O que você quer?

— Queria ter falado com você ontem, mas não pude. Como está a Eva? Mamãe contou o que aconteceu.

— Ela está bem, apesar de muito triste — informo e enxugo meu rosto.

— Quero vê-la hoje. Ela está na cobertura? — indaga.

— Não. Ela ficou com a família, para dar apoio para sua mãe.

Stella pede que eu passe o endereço da Eva e fico de enviar depois que tomar banho. Ela aproveita e questiona se há algo de errado comigo, pois costumo acordar de madrugada para meus exercícios. Digo a ela que tive dias cansativos e precisava dormir.

Em seguida ela despede-se e desliga e reforça que eu envie o endereço da Eva.

Depois do banho vou para o closet e escolho o traje do dia, pego o telefone e caminho para a cozinha, ligo a cafeteira e enquanto aguardo o café ficar pronto pego o telefone para enviar o endereço da Eva para Stella. Então noto que há uma mensagem enviada no meio da madrugada.

Porra! Será que Eva não aprende que deve me ligar? Porque tenho certeza que a mensagem é dela. Sento-me na cadeira e leio o que está escrito. Eu nem percebo que prendo a respiração. Meus olhos se fixam em apenas uma frase.

Eu te amo.

Tenho uma reação inesperada e começo a rir. Só mesmo a Eva para declarar algo tão importante por mensagem. Ela sabe que odeio mensagens, vivo dizendo isso a ela, no entanto ela insiste em me enviar mensagens. E agora isso: uma declaração de amor por mensagens. O que se passa em sua cabeça? Porque isso é um tipo de coisa que se diz olho no olho.

Leio sua mensagem várias vezes e volto a rir quando ela pede que eu não toque nesse assunto.

— Ah! Eva, você consegue me surpreender todos os dias —

reflito em voz alta.

Antes de ir para a empresa peço a Duarte que passe na casa da Eva. Quero vê-la, antes de começar o meu dia.

Quando o carro entra em sua rua eu ligo para ela e peço que vá até o portão. E assim que o carro estaciona a vejo atravessar o seu quintal. Saio do carro e a observo. Ela usa uma calça preta e camisa rosa com o desenho de um donut. Seus cabelos estão presos e sua expressão, apesar de um pouco abatida,

encontra-se melhor do que ontem.

Eva para na minha frente e tem o olhar desconfiado, porém esboça um sorriso.

— Oi, bom dia! — cumprimenta-me.

Eu me aproximo e levo minha mão até sua cintura.

— O dia ficará melhor quando me der um beijo de bom dia —

murmuro. Seu sorriso se alarga.

Ela fica na ponta dos pés e me beija. Eu aprofundo o beijo e ela geme. Então me afasto e a encaro com um sorriso, ela também sorri.

— Fico feliz com sua visita — ela diz.

Eu aceno e aperto sua cintura.

— Como passou a noite? E sua mãe e irmãos? Estão bem?

Ela encolhe os ombros.

— Passamos bem à noite. Mamãe dormiu cedo, logo após sua saída. Eu e meus irmãos bebemos três garrafas de vinho e estamos um pouco ressaqueados hoje — declara.

— Então vocês ficaram bêbados? — questiono e agora entendo o que aconteceu.

Com certeza enviou a mensagem sob o efeito do álcool.

Ela fica sem graça.

— Um pouco, nós queríamos fazer um brinde para o nosso pai e acabamos passando um pouco do limite — confessa.

Eu sorrio e acaricio seu cabelo.

— Tenho certeza de que o pai de vocês ficaria muito feliz. —

Inclino a cabeça e deixo um beijo na ponta do seu nariz. — Estou indo para a

empresa, tenho uma reunião agendada na parte da manhã, se precisar de alguma coisa é só ligar. Depois de me levar o Duarte volta — informo e antes que ela diga alguma coisa ponho o dedo em sua boca. — Escutei seu irmão comentar que deveria

pegar o Thomas hoje, então deixe que o Duarte ajude no que for necessário.

Ela dá um meio sorriso.

— Okay, não vou discutir com você.

Afasto e sorrio.

— Assim é bem melhor.

— Tenha um bom trabalho — atribui.

Entro no carro e a deixo parada, com um olhar encantador.

O meu dia é cheio, pois precisei reagendar alguns compromissos do dia anterior. Mal tenho tempo para o almoço e quando consigo ter um intervalo ligo para Eva, ela aparenta estar mais conformada. Conta que está curtindo a presença dos irmãos e que sua irmã sugeriu que a mãe e Thomas fossem passar um tempo com ela, assim se afastariam um pouco.

Maria Eugênia entra na sala e informa que o cliente me aguarda na sala de reuniões. Assim despeço-me da Eva e ficamos de nos falar em outra hora.

Fico na empresa até mais tarde e quando estou de saída recebo uma ligação da Charlotte. O que essa mulher quer comigo agora? Pensei ter deixado claro que não queria mais falar com ela.

Atendo o telefone enquanto entro no carro.

— O que você deseja Charlotte? — pergunto zangado.

— *Benjamin, é que preciso muito conversar com você* —

esclarece.

— Não temos nada para conversar, acredito ter deixado isso bem claro —

despejo impaciente.

O carro sai da garagem e pega a avenida.

— Eu sei, mas acho que você teve a impressão errada, eu não quis invadir sua vida, pensei somente em ajudá-lo, como amiga



e também como sua advogada.

Respiro fundo e solto um bufo.

— Charlotte, você não é minha advogada, e muito menos minha amiga.

— Mas nós tivemos uma relação, pensamos inclusive em nos casar. Isso não é uma coisa qualquer — expõe com a voz gélida.

— Não vou ficar aqui lhe dando explicações, mesmo porque nunca prometi nada a você. Meu único erro foi me envolver, mas aquilo que aconteceu entre nós está longe de ser uma relação.

Então pare de drama. Nós dois sabemos que sentimento é algo que não a atinge — declaro já sem paciência. — Por favor, não me ligue mais.

Desligo o celular e o jogo no banco.

Não estou entendendo o que Charlotte pretende com isso.

Ela nunca se mostrou irritada com nada, sempre foi uma mulher contida, sem se abalar por nada. Como advogada agia com precisão e era direta, uma das características que admirava nela.

Entretanto, agora está agindo como se tivesse algum direito sobre mim.

Só que ela cometeu um grande erro tentando se meter entre eu e Eva. Agora ficarei alerta, pois nos encontraremos mais vezes, afinal o escritório em que ela trabalha também presta serviços para outras empresas que têm alguma ligação com a Clarke Lisboa.

Então ela que se cuide, pois se der um passo em falso cumprirei o prometido e acabarei com sua carreira.

Sem piedade.

Tudo começa a voltar ao normal, e desde o acontecido com o pai da Eva a tenho visto muito pouco, pois ela e seus irmãos tinham algumas decisões a tomar devido a sua mãe estar perdida. Quando finalmente resolveram tudo, Giulia decidiu aceitar o convite da filha e ir com Thomas passar um tempo fora. A preocupação maior era com Thomas, que estava reagindo muito bem ao tratamento.

Porém, segundo Eva, Luigi foi à clínica e conversou com o psicólogo do menino e este achou que a viagem faria bem ao Thomas, ainda mais que haveria outras crianças ao redor para ele interagir. A clínica tem um sistema de consulta à distância, com chamada de vídeo, então Thomas continuaria a ser acompanhado.

Bastava ter um lugar na casa que fosse acessível para que ele ficasse à vontade na hora das consultas que seriam pré-agendadas.

Encerro uma ligação e desligo o notebook, o dia hoje foi mais tranquilo e como não tenho nenhum compromisso programado, ligo para Duarte informando que

estou de saída. Não gosto muito de sair neste horário por conta da hora do rush, mas Duarte conhece bem a cidade e pode pegar um atalho.

Como havia previsto o trânsito está tenso, e para não perder tempo analiso alguns relatórios, fico absorto em minha avaliação que mal percebo o carro estacionando na garagem.

Quando saio do carro, Duarte fica ao meu lado e acena.

— Você pode ir, e amanhã nos vemos no mesmo horário —

assinalo.

No elevador penso em Eva. Hoje seria dia dela vir fazer comida, mas com toda essa agitação em sua vida ela não tem vindo. Eu sinto falta das refeições que ela costuma preparar, mas sinto ainda mais falta dela. O pouco que a vejo todas as manhãs não é o suficiente para aplacar a sua ausência.

Entro na cobertura tirando minha gravata, deixo a maleta com o notebook sobre o aparador perto da porta. Pretendo subir até a

suíte, me refrescar e depois ver o que tem para comer. Mas uma surpresa me aguarda na sala. Uma bela e deliciosa surpresa.

Eva está sentada no sofá de frente para mim. Ela tem as pernas cruzadas e os braços estendidos no encosto. Seu sorriso travesso me deixa parado no lugar.

— Olá! Você demorou — critica se levantando e caminha até mim.

Viajo meus olhos por seu corpo, e seu vestido verde com um decote me deixa com água na boca.

— Eu saí cedo, mas sabe como é o trânsito de São Paulo —

explico subindo meu olhar até chegar a seu rosto. — Que surpresa boa, você aqui.

Ela sorri.

— Eu cheguei cedo. Pedi que Cora e Duarte não comentassem nada. — Eva

ergue suas mãos e passeia os dedos pelos botões da minha camisa. — Também preparei seu jantar e fiz a sobremesa.

Levo minha mão até sua bunda e puxo seu corpo até grudar no meu.

— Eu quero a sobremesa agora — sussurro enrouquecido e esmago minha boca na sua.

Fazia um tempo que não nos beijávamos assim, e ficar distante acendeu algum fogo dentro de nós, pois nós nos devoramos. Eva estende seus braços e envolve meu pescoço.

Agora com ambas as mãos em sua bunda, eu a suspendo e ela envolve suas pernas em minha cintura. Volto com ela para o sofá sem deixar de beijá-la. Acomodo nosso corpo e deslizo minha mão por sua coxa.

Deixo sua boca e desço até o pescoço, ela geme.

— Eu estava cheia de saudades de você — sussurra tirando o meu terno.

— E eu não via a hora de estar com você em meus braços.

Eva consegue abrir o botão da minha calça enquanto eu subo minha mão e pego sua calcinha e arranco do seu corpo rasgando o tecido.

— Você me deve outra calcinha — ressalta puxando minhas calças e cueca para baixo.

— O que posso fazer se você insiste em usá-las — replico e subo minha boca até seu rosto e a encho de beijos.

Minhas calças estão no meio da minha coxa, não há tempo para nos despirmos. Meu pau rígido cutuca sua perna e levo uma das minhas mãos entre suas coxas deslizando os dedos por suas dobras. Eva encontra-se molhada e preparada. Ela arqueia o corpo ao sentir meu toque. Estamos famintos, necessitados e não podemos esperar mais. Com um único movimento eu me enterro em sua boceta apertada e volto a beijá-la com ânsia.

Eva arfa em minha boca e como eu, está cheia de desejo.

Retiro meu pau da sua boceta apenas para me afundar novamente, e repito meus movimentos com velocidade. Nossas línguas travam uma guerra e se embolam, uma querendo dizimar a outra. Eu entro e saio do seu sexo quente e molhado com precisão e energia. Eva morde meu lábio, rebola e impulsiona o quadril de encontro ao meu. Levo minha boca até a extensão do seu pescoço e lambo sua pele.

— Benjamin... Como senti sua falta — ofega.

Eu mordo sua orelha, não cesso meus movimentos cada vez mais fortes.

— E senti falta de tudo em você — sussurro rouco em seu ouvido. — Levará dias até que eu possa saciar meu desejo.

Eva respira com dificuldade e sua mão aperta meus braços, eu sei que ela está perto de gozar. Então remexo meu quadril e me esfrego nela. Ela agarra meus braços e solta um grito mudo.

— Ai! Como você me deixa alucinada — revela e então começa a gozar.

Entro e saio dela cheio de energia e minha espinha formiga, jogo a cabeça para trás e gozo com tanta intensidade que no fim chego perder as forças e caio em cima dela.

— Caralho, acho que você sugou minhas energias — digo com falta de ar e sinto Eva rir. Minha cabeça está enterrada no seu pescoço. — Você está rindo? O negócio é sério.

Como sou muito pesado saio de cima dela, todo atrapalhado, pois minhas calças estão no meio das minhas pernas, por fim consigo sentar e a puxo para sentar no meu colo. Eva me abraça.

— Estava louca que chegasse logo — confidencia num fio de voz.

Eu aperto meus braços ao seu redor.

— Se soubesse que estava aqui teria saído muito antes —

destaco beijando sua face. Então a encaro. — O que aconteceu para decidir vir assim?

Ela me olha com carinho.

— Consuelo foi embora hoje. Minha mãe e Thomas foram com ela. Passarão uns dias fora. Ruth decidiu ficar esses dias na casa de uma tia nossa, pois ela não pode ir com mamãe devido a escola.

Presto atenção no que diz e enquanto fala e passo minha mão pelo seu rosto.

— Isso quer dizer que pode ficar uns dias aqui comigo. O que me diz? — pergunto.

Ela sorri de maneira travessa.

— Depende de você — responde —, basta você se comportar.

Estreito o olhar.

— Eu sou um homem comportado.

Ela ri.

— Você tem que parar de rasgar minhas calcinhas, vou terminar sem ter nada para usar — reclama divertida.

— Essa é a ideia. Você sem calcinha vai facilitar meu trabalho — explico.

— Não vai ser nada bom eu ter que ir na rua sem calcinha, já imaginou se estou de vestido e dá um vento?

Fico sério e a imagem não me agrada. Nem de brincadeira gosto de pensar em outros homens vendo a Eva nua. Ela é somente minha. E enquanto ela me quiser, assim será.

— Amanhã mesmo vou comprar calcinhas para você, porém não precisa usá-las quando estivermos juntos em casa.

Ela balança a cabeça.

— Você é tão cheio de si — comenta e se levanta do meu colo. — Melhor nós tomarmos um banho. Depois descemos para o jantar.

Eu me levanto e ajeito minha calça.

— Não vejo a hora de comer da sua comida, até disso senti falta — digo e pego sua mão. Então subimos as escadas.

Depois de jantarmos vou com Eva para a sala de vídeo, não sou chegado a filmes, mas percebi que Eva adora assisti-los, e assim faço companhia para ela, como para mim tanto faz o tipo de filme deixo que ela procure e quando ela para no canal que está passando o mesmo filme que estava assistindo dias desses ela vibra.

— Não acredito. Vamos ver esse. Está bem no comecinho —

assinala animada.

Olho para ela espantado.

— Esse não é o mesmo filme daquele dia? O mesmo que você já leu o livro? — pergunto.

Ela se aconchega em meu corpo e suspira.

— Sim, esse filme é maravilhoso. Eu não resisto e toda vez que ele passa eu vejo — conta orgulhosa. — É mais forte que eu.

— Ele parece ser tão parado. O que esse filme tem de tão bom? — questiono olhando a TV.

Eva parece pensar, até que balança os ombros.

— É que esse filme, em minha opinião, tem a história de amor mais linda. Esse homem ama a mulher e mesmo depois que ela diz com todas as letras que não tem nada a ver com ele, mesmo assim, faz tudo por ela. Ele enfrenta até o preconceito da sociedade daquela época — declara com a voz tranquila. — Também gosto da sua declaração no final do filme, só lamento que não tenha um beijo sequer.

— Se não tem beijo, então não tem sexo?

Eva bate em meu braço.

— Benjamin, esse é um clássico e o amor deles é mais profundo do que sexo.

— E o que pode ser mais profundo que sexo? — questiono apenas para irritá-la.

Ela respira fundo, contrariada.

— Você não entende. Por favor, vamos assistir ao filme.

Tenho vontade de implicar mais um pouco com ela, mas decido deixá-la ver seu filme repetido.

Quando o filme termina subimos para a suíte e quando nos deitamos e começamos a nos beijar não resistimos. Tiro a roupa que Eva usa e também me dispo. Mais uma vez mergulho no prazer de ter Eva sobre meu domínio.

Eu não sou capaz de resistir. Ela tem esse poder sobre mim.

O poder de deixar-me completamente fascinado.



Capítulo 40

Pela manhã estou bem disposta e quando Benjamin retorna de sua corrida matinal já tenho tudo pronto para tomarmos café antes dele sair para a empresa. Assim que ele entra na cozinha, já pronto para o dia, se aproxima de mim e beija meu pescoço.

Estou de costas para ele e sua mão desliza do meu estômago para a barriga.

— O que você andou fazendo, pois senti um aroma delicioso já na sala? — indaga. O calor da sua respiração no meu pescoço me causa arrepios.

Eu me viro para ele e fico entre a bancada e seu corpo.

— Preparei biscoitos, pensava em fazer pão, mas não daria tempo, pois a massa deve descansar por um tempo — anuncio.

Benjamin ri e segura meu queixo.

— Se continuar assim vou ter que correr duas vezes ao dia, para manter a forma.

— Com certeza você não precisa, já tem um corpo de atleta

— comento.

Ele franze a testa e carrega um sorriso travesso.

— Então você me acha atlético?

— Sim, e só estou com você pelo seu corpo musculoso —

caçoo e ele gargalha.

Benjamin aperta minha cintura e se esfrega em mim.

— Então estamos quites, pois estou com você por causa da sua bocetinha gostosa — expressa-se com voz rouca.

Eu fecho os olhos e arfo.

— Você me deixa desconcertada quando fala essas coisas —

admito querendo rir, pois ao mesmo tempo que fico envergonhada também me sinto excitada.

Eu abro os olhos e ele me observa.

— O que? Falar boceta, bocetinha te deixa acanhada? —

pergunta e eu aceno. Ele ri. — Vamos treinar, repete agora comigo: boceta.

Eu faço uma careta.

— Benjamin, vamos tomar café ou vai se atrasar.

Empurro seu braço e me distancio dele. Escuto sua risada que me contagia e rio junto com ele.

Ele termina de comer o último biscoito com prazer e me olha.

— Vamos sair hoje à noite — informa.

Remexo-me na cadeira e o encaro curiosa.

— Sair? Para onde?

Ele estica a mão por cima da mesa e pega a minha.

— Vou levá-la para jantar — comunica, dá um aperto em minha mão e se levanta. — Mais tarde nos vemos, querida.

Deixa um beijo em minha testa e retira-se.

Vejo-me sozinha na cozinha, e lembro-me da mensagem que passei há pouco mais de uma semana. Ele não toca no assunto, é como se não tivesse recebido nada. Eu também agia como se nada acontecesse. Isso é bom, pois Benjamin não é o tipo de homem sentimental. Sempre soube disso, e só passei aquela mensagem em um momento de embriaguez, porque em situação normal, jamais faria aquilo.

Cora chega e me sentada, absorta em meus pensamentos.

— Que bom vê-la, Eva — diz assim que se aproxima. —

Você está bem? Eu lamentei muito a sua perda.

Olho para ela e sorrio com pesar.

— Estou bem, em alguns momentos me pego pensando com tristeza em meu pai, mas tenho que aceitar que a vida continua —

desabafo.

Ela chega perto de mim e afaga minha mão.

— Com o tempo a dor se transforma apenas em saudade —

consola-me com afeto. — Vou trocar de roupa para iniciar meu dia.

Observo-a se dirigindo para a área de serviço, não vou ficar aqui parada pensando na vida. Levanto-me da cadeira e caminho até a dispensa. Como fiquei alguns dias afastada, preciso verificar o que temos. Quero fazer algo especial para o Benjamin, uma sobremesa singular. Inspirada nele. Mas diferente da primeira que fiz, esta ele vai poder saborear.

O dia passa rápido e quando termino tudo na cozinha, resolvo tomar um banho, Benjamin ligou e a qualquer momento chega, não quero que me encontre cheirando a fumaça, assim corro para estar composta quando ele chegar.

Antes de entrar no banheiro vou para o closet e olho o cabideiro que está com os meus vestidos, fico em dúvida em qual usar para sair com ele hoje à noite, queria a Stella aqui comigo, sou um desastre nessas coisas. Pego o telefone no bolso da minha calça e ligo para ela.

— *Olá Eva*! — Exclama.

Stella vem se tornando uma grande amiga, quase sempre me liga e chegou a me fazer uma visita após a morte do meu pai. Ela é uma pessoa extraordinária.

— Stella, você está ocupada agora? — pergunto mordendo a minha unha.

— *Não. Você precisa de alguma coisa*?

Respiro fundo e explico a ela minha dificuldade.

— Gostaria da sua opinião. Você se lembra dos vestidos que tenho aqui? — questiono após contar meu tormento.

Ela ri.

— *Claro que me lembro, minha memória é infalível* —

completa animada. — *Use o vestido lilás. É perfeito para um jantar romântico.*

Não questiono e pego o vestido, ela está certa, para um jantar, ele é excelente.

— Obrigada, Stella. Não sei o que faria sem você —

agradeço satisfeita e feliz por ter ligado para ela.

— *Amiga é para essas coisas* — acentua.

Como estou atrasada despeço-me dela e deixo o vestido em cima da cama e vou para o banho.

Entro no chuveiro e a água morna passa pelo meu corpo.

Fecho os olhos e me sinto relaxar.

— Puta que Pariu, Eva! — Dou um pulo ao ouvir a voz do Benjamin. Abro os olhos e ele está de pé, seus olhos viajando pelo meu corpo nu e molhado. — Desta maneira tenho apenas uma opção: a de me juntar a você.

Eu sorrio e deslizo minhas mãos pela minha pele.

— Está esperando o que? Já deveria estar aqui — provoco com voz baixa.

Benjamin se despe sem tirar os olhos de mim.

— Adoro quando você fica atrevida, fico com vontade de te amarrar e dominar — ronrona.

Eu sorrio e ele entra no Box, o vapor quente da água nos envolve e ao se aproximar ergue uma de suas mãos e acaricia meu

seio, enquanto eu aproveito e seguro sua ereção.

— Vejo que está animado em me vê — aponto e lambo meus lábios.

Ele dá um meio sorriso.

— Ah! Você não faz ideia do quão animado estou.

Meus olhos descem, manuseio seu pênis, e Benjamin geme, apertando meu seio com força. Então caio de joelhos e com a água batendo em minhas costas o tomo em minha boca. Seus dedos agarram meus cabelos e o chupo com urgência, seu membro incha e Benjamin me puxa, me põe contra a parede de costas para ele.

— Pensei que estivesse gostando — balbucio e solto um grito quando sinto uma palmada na minha bunda.

— Na verdade estava amando, mas quero gozar na sua bocetinha, mais tarde eu gozo na sua boca — declara.

Ele eleva uma das minhas pernas e seu pênis toca em meu sexo, eu perco a respiração.

— Por favor, eu preciso de você dentro de mim — imploro jogando a cabeça para trás em seu peito.

— Tudo o que você precisar de mim, você terá. Minha querida! — Com essas palavras sussurradas ele se enterra em mim.

Seu membro grande e grosso desliza por minhas dobras enquanto meus seios são esmagados no azulejo gelado. A sensação é fantástica, sinto minha pele sensível e fecho os olhos concentrando-me somente em seus movimentos. Benjamin se move dentro e fora, com a mão livre segura meu quadril empurrando contra mim. Então traz a boca até um ponto do meu pescoço que me deixa louca. Minhas unhas arranham o azulejo e ofego com energia.

— Benjamin... eu... eu vou...



— Eu sei, você vai gozar. Posso sentir sua boceta espremendo meu pau — rosna e passa a língua do meu ombro até a orelha. A água cai por nosso corpo e sinto Benjamin em cada partícula do meu corpo. — Eva, minha querida! Goza, pois estou a ponto de explodir.

Ele move-se com mais força e meu pé que está suspenso fica dormente, solto um grito abafado, então eu gozo e sinto como se estrelas brilhassem atrás das minhas pálpebras fechadas.

Benjamin, em um último golpe, também goza enquanto morde meu ombro.

Sinto meu corpo letárgico e devagar ele solta minha perna e salpica beijos onde antes ele mordia. Puxo ar para os meus pulmões e abro os olhos.

— Caramba... — vibro e com cuidado giro meu corpo ficando de frente para ele.

Benjamin tem um sorriso envaidecido.

— Boa noite! — diz e me beija.

Isso sim é um banho digno de repetição.

No restaurante, o garçom após nos servir de vinho e anotar nosso pedido se afasta. Benjamin me olha do outro lado da mesa e eleva sua taça, faço o mesmo e brindamos. Degusto o vinho e devolvo a taça para a mesa.

Ele me observa com olhar enigmático.

— Gostou do vinho? — pergunta.

Eu sorrio.

— Sim, é maravilhoso.

Nossa troca de olhar é íntima, sinto que estamos efetivamente ligados. Quando Benjamin me olha, assim com tanta intensidade sinto como se ele estivesse tocando minha pele.

Ele leva a taça a sua boca sem deixar de vislumbrar meu rosto, ao tomar seu vinho pousa a taça na mesa, sorri de maneira sensual.

— Você está linda, Eva — elogia. Meu coração dá um salto.

Dou um sorriso e sinto-me fascinada por esse homem à minha frente.

— Tudo para você — respondo e ele tem uma expressão satisfeita.

Nós iniciamos uma conversa trivial e nosso jantar é servido, a refeição é sofisticada e saborosa e não lembro-me de ter comido um prato tão requintado. Benjamin, embora não pareça, sabe ser divertido e me pego rindo várias vezes de suas piadas inteligentes.

Acabamos o jantar, em seguida o garçom oferece a sobremesa e penso em não aceitar, pois mais cedo preparei um doce especial para degustarmos juntos. Então mudo de ideia, gosto de experimentar outros doces, até mesmo para me inspirar em criar algo diferente.

— Então? O que achou do doce? — indaga vendo-me comer.

Eu passo a língua nos lábios e ele assiste com olhar voraz.

— Delicioso, quase sempre adoro qualquer coisa com chocolate — revelo sorridente e levo mais um pouco de doce a boca. — Por que você não pediu sobremesa?

Ele dá de ombros.

— Tenho uma sobremesa feita especialmente para mim esperando na minha geladeira — aponta, encarando-me.

Eu termino de comer o doce e ele pede a conta, em seguida liga para Duarte. Depois de pagar nos levantamos e com a mão em minhas costas me conduz a saída, já no lado de fora olho para ele intrigada.

— Fico com pena do Duarte, ele fica o tempo todo esperando por alguma ordem sua. Ele não come?

Benjamin solta uma risada olhando para frente.

— Eu não sou um feitor de escravos, Eva — assinala e se vira para mim. — O Duarte carrega com ele um cartão corporativo, ele é livre para fazer suas refeições, ou o que bem entender. Precisa apenas administrar bem seu tempo, para que esteja disponível quando solicitado.

Fico sem graça, pelo meu comentário e tento esboçar um sorriso.

— Desculpe-me, acho que me expressei mal — comento.

Benjamin segura meu queixo.

— Vendo sob sua perspectiva temos a impressão de que é exatamente isso: Ele no carro o tempo todo, apenas esperando meu chamado — declara e acaricia

meu rosto. — Não precisa se sentir mal — complementa com um sorriso.

Eu o abraço e Duarte chega. Quando ele está saindo do carro alguém se aproxima.

— Benjamin, que coincidência. — Viramos em direção à voz feminina e reconheço a ruiva esnobe que é afim do Benjamin. Ela me olha com desprezo e se volta para ele. — Não esperava vê-lo, apesar de saber que adora as refeições do Yuri — comenta falando do chef do restaurante.

Ele passa os braços pelos meus ombros e me puxa de modo que meu corpo se cola ao seu.

— Não entendo sua surpresa, todos sabem que tenho o costume de frequentar este restaurante, Charlotte — argumenta.

Ela dá uma risada.

— Geralmente quando iniciamos uma relação queremos ficar a sós, saímos somente na hora em que começa a cair na rotina, ou em alguns casos quando o parceiro já não nos atrai tanto. — Como essa mulher é venenosa. Minha língua coça para dar uma boa resposta a ela, mas me controlo.

Sinto Benjamin me apertar.

— Não estava ciente dessa teoria de psicologia barata, porque para mim é justamente ao contrário, não vou negar que adoro ficar a sós com a Eva, mas sair com ela é uma maneira de mostrar ao mundo como sou um homem perspicaz, pois escolhi a mulher mais extraordinária que conheço para ficar ao meu lado, além de eu ser sortudo também — assegura e me olha com um sorriso cúmplice estampado em sua face. — Afinal, esta mulher formidável me aceita e me quer mesmo com todos os meus defeitos.

Eu sorrio para ele e me viro para a cascavel. Ela olha de Benjamin para mim, seu olhar é gélido. E sei que essa mulher não está para brincadeiras, ela é perigosa.

Ela sorri com falsidade e volta a olhar Benjamin.

— Claro que isso não se aplica a vocês, logo se vê que estão conectados — afirma.

— Você não sabe o quanto, Charlotte — responde Benjamin e tirando o braço dos meus ombros pega minha mão e beija. —

Duarte está nos aguardando, boa noite.

— Boa noite! — Sua voz é controlada e calma, porém seu olhar demonstra algo muito diferente.

Entramos no carro e noto Benjamin aborrecido.

— Ela ainda não aceita que estamos juntos — comento e cruzo os braços.

Benjamin puxa meu braço e pega minha mão, eu olho para ele.

— Eva, a Charlotte é muito vaidosa e competitiva. Não aceita perder nada. Acontece que comigo ela ainda não se ligou que não perdeu nada, afinal nunca me teve.

Eu entorto a boca e suspiro.

— Eu sei, mas de qualquer forma ela em algum momento teve intimidade com você, e hoje percebi que gosta de deixar isso bem claro — declaro sentindo-me aflita. — Ela não diz nada diretamente, é esperta.

Benjamin solta uma risada.

— Aí que você se engana, ela não é assim tão esperta, ou nem pensaria em falar tanta merda — esbraveja e sei que está com raiva.

Eu olho para fora da janela, ele permanece segurando minha mão.

— Eu não a culpo, sabe? — avalio pensativa. — Você é o tipo de homem que qualquer mulher quer por perto, apesar de ser arrogante.

Benjamin ri, desta vez com vontade.

— Só você para me elogiar e ao mesmo tempo me censurar

— comenta achando graça. Ele se remexe no banco e seus dedos tocam meu rosto, eu volto a olhar para ele. Benjamin tem o olhar ardente. — Eva, só para deixar claro: Ela nunca teve intimidade comigo, porque intimidade não se

restringe apenas em sexo, é muito além disso. Intimidade é você olhar a pessoa nos olhos e ver ali refletido tudo o que a atinge, é entender seus sonhos, é ser cúmplice dessa pessoa, e principalmente, estar atado a ela de modo que lhe cause admiração e prazer. Isso nunca senti com mulher nenhuma... até conhecer você.

Benjamin esmaga meus lábios, beija-me com paixão. Fico desconcertada com sua declaração, esqueço-me de tudo e já nem sei sobre o que falávamos realmente, afinal ele me capturou de maneira definitiva.



Capítulo 41

A cada dia que passa o convívio entre mim e Eva torna-se cada vez mais espontâneo. Ela fica alguns dias na cobertura comigo e outros em sua casa. E toda vez que ela precisa ir, quando eu chego em casa sinto um grande vazio.

Hoje é um desses dias.

Depois de um dia complicado no trabalho tudo que eu desejava era ela aqui comigo. Eva vem se tornando uma companhia essencial. Antes o que era apenas um desejo sexual incontrolável passou a ser um sentimento muito forte. Eu não tinha ideia de que uma mulher tão diferente de mim pudesse me deixar tão atraído e ainda mudar tanto o rumo do que havia planejado para a minha vida.

Olho para minha cama e imagino o que estará pensando neste instante, sei que sua mãe e irmão estão para chegar e ela quer preparar uma surpresa para ambos, um dos motivos que não pode ficar comigo hoje. Eu sorrio ao imaginá-la em sua cozinha fazendo uma de suas delícias e pensar nisso faz lembrar-me de algo importante.

Pego o telefone e disco o número do Gonçalo que mesmo com o tardar das horas atende de imediato.

— *Já esperava sua ligaçã* o — diz ao atender.

Caminho até a janela da suíte e olho o céu com poucas estrelas.

— Você conseguiu fechar o negócio? — indago.



Ele ri.

— *Sim, quando temos dinheiro em mãos para negociar, tudo se torna mais fácil* — comenta animado. — Agora só nos resta contratar um arquiteto para fazer algumas mudanças.

— Okay, você pode providenciar tudo, porém não autorize a obra antes da aprovação da maior interessada — exijo.

— *Pode ficar tranquilo. Manterei você informado*.

Gonçalo ainda passa outras informações e acrescenta que me enviará em breve um relatório detalhado contendo todos os dados da transação, quando desligo dou um sorriso satisfeito e penso em Eva e na sua reação no dia que descobrir sobre meu mais novo projeto, que a envolve e suas aptidões de confeiteira.

Decido tomar um banho para depois apurar o que tenho para o jantar. E torço para que minha noite seja tranquila, pois venho me acostumando a dormir com Eva em meus braços.

No meio da manhã recebo uma ligação que me deixa muito intrigado, trata-se do Klaus Smith, chefe da Charlotte, ele pede uma reunião urgente comigo quando pergunto se tem a ver com algo de errado com o informe de rendimento ou coisa parecida, ele nega, mas diz que não pode falar comigo por telefone.

O que me intriga realmente é que o Klaus geralmente envia um dos advogados para tratar qualquer coisa sobre processos tributários e afins, mas desta vez ele marca uma reunião exclusiva e pede que apenas eu e ele possamos participar, pois trata-se de algo muito sério.

Vejo que não há nada agendado para esta tarde, então peço a Maria Eugênia que reserve um horário.

Almoço no escritório mesmo e depois faço uma checagem em alguns setores, para ver como está o andamento do trabalho.

Por último visito Rebeca, nossa diretora de RH.

Assim que percebe minha presença na sala, levanta-se e vem me receber com um sorriso.

— Senhor Clarke, que honra recebê-lo aqui — saúda e estende a mão.

Eu a cumprimento de volta, então caminhamos, ela volta a sentar-se em seu lugar e eu me acomodo à sua frente.

— Estou apenas passando nos setores para monitoramento, sempre faço isso, pois gosto de ver de perto como meus funcionários estão se saindo — declaro, olho em torno da sua sala e me volto para ela.

Rebeca sorri.

— Isso é muito bom, lembro-me de vê-lo aqui algumas vezes

— diz com um sorriso aberto. — Posso dizer que agora as coisas estão bem, mas como o senhor mesmo havia dito, no início tive algumas dificuldades.

Eu aceno sério.

— Mas você sofreu algum tipo de ofensa? Por que se isso aconteceu, a pessoa deve ser advertida, ou até mesmo desligada do nosso quadro — informo resoluto.

Ela fica séria.

— Claro que era esperado ouvir algumas indiretas, mas fui firme. Já sofri muito, senhor Clarke por causa de preconceitos, mas hoje eu sou feliz e me aceito, se a pessoa se incomoda... — Rebeca balança os ombros. — O problema é dela, não meu. E na reunião que fiz questão de fazer no dia que assumi o cargo frisei com todas as letras que não iria tolerar piadinhas ou qualquer coisa do tipo —

fala e solta risada. — Confesso que fui bastante dura, mas precisei agir assim.

Eu sorrio e aceno.

— A senhorita fez bem. Eles têm que respeitar você —

afirmo.

Pergunto às quantas anda a contratação de pessoal para o escritório que abriremos no Rio de Janeiro e ela mostra o relatório e diz que sua assistente está trabalhando duro para que tudo esteja alinhado até o dia da inauguração.

Fico satisfeito com o trabalho da Rebeca, sua competência é indiscutível e apesar das dificuldades soube contornar a situação e notei em seu setor o quanto todos a respeitam.

Retorno ao meu andar no horário do meu encontro com Klaus e sigo para minha sala. Ao passar por Maria Eugênia ela informa a chegada do meu visitante e diz que ele me aguarda na sala de reuniões. Então, a fim de saber sobre o que é tão urgente atravesso o corredor com passos largos.

Entro na sala e nos cumprimentamos, atrás de mim entra uma das nossas copeiras e nos serve de café, assim que ela sai eu encaro Klaus, que tem o semblante carregado.

— Noto que está aflito. Aconteceu algo de grave com a Clarke Lisboa? — Este é

meu primeiro pensamento, pois só algo de ruim pode ter acontecido. Mesmo com esse pensamento eu mantenho a calma.

Ele tenta rir, mas parece mais um rosnado.

— Eu queria apenas te falar pessoalmente e dizer que providencias já foram tomadas.

Respiro fundo com impaciência.

— Diga logo o que está acontecendo, não gosto de rodeios

— anuncio com secura.

— Chegou até nós que a senhorita Davis, andou desviando dinheiro de alguns clientes para um negócio próprio que nada tem a ver com advocacia — fala sobre Charlotte e me incomoda o fato de saber que ela possa ter me roubado, pois é isso que entendo.

— Explique-se — demando gesticulando a mão.

Klaus, apesar do ar gelado, sua. Ele pega um lenço no bolso do seu terno e enxuga a testa.

— Ela andou fazendo notas com gastos extras, usava nosso nome, enfim, como se o nosso escritório fizesse essa cobrança, mandava as faturas para os clientes pagarem, mas o dinheiro era enviado direto para uma conta dela.

Estreito o olhar e o observo com atenção.

— Você está comunicando isso para todos os clientes?

Klaus baixa o olhar, não consegue me encarar.

— Não, apenas para você — diz com voz baixa.

— E por que você decidiu, assim do nada me contar sobre o mau-caratismo da Charlotte? — indago

— Porque o seu financeiro nos questionou algumas coisas hoje pela manhã, e eles vão te passar um relatório, e sei como você é minucioso em sua análise, eu

acredito que você só não saiba de nada ainda porque eu, propositalmente atrasei um e-mail que deveria ter enviado antes do almoço, preferi falar logo com você —

confessa e finalmente levanta o olhar. — Nós estávamos desconfiado de que havia algo de errado com a senhorita Davis, estávamos averiguando, mas a sua empresa foi mais rápida.

Meu olhar não desvia nem por um segundo.

— Então se eu tivesse aqui, trabalhando com profissionais relapsos, eu nunca saberia disso?

Ele perde a respiração e arregala os olhos.

— Não... quer dizer sim. — Se enrola ao falar.

Eu sorrio de maneira fria.

— Eu não entendi aonde você quer chegar.

Mais uma vez ele passa o lenço em sua testa.

— Benjamin, se eu não falasse com você antes, certamente você saberia disso no máximo até amanhã, pois seu pessoal está me cobrando informações — começa e esboça um sorriso amarelo.

— Pensei que talvez se eu mesmo o contasse você poderia perceber o quanto prezamos a Clarke Lisboa como nosso cliente mais significativo.

Eu faço um gesto de negação.

— Klaus, melhor será se falar a verdade. Você só está me contando porque sabe que se eu descobrisse através do meu pessoal, não ficaria nada feliz em saber que uma das suas funcionárias estava fraudando notas de cobrança.

Ele me encara sem graça.

— Até acho melhor você saber através de mim, afinal não será bom para você que seu pessoal descubra que a mulher que você tinha uma relação estava

furtando da sua empresa. Uma informação dessas pode acabar refletindo na sua imagem, e até pode pôr em risco seu cargo. — Sei bem o que Klaus pretende.

Eu tenho vontade de rir da sua ousadia, pois para mim o que ele acabou de dizer é uma piada. Ele me olha hesitante.

— O que você sugere Klaus? — pergunto apenas querendo saber o que pretende.

Ele respira, aliviado, e acha que caí em sua conversa fiada.

— Nada demais, apenas que essa notícia não se espalhe, você pode falar para os seus funcionários que já checou tudo e liberá-los desse inconveniente. Assim, ambos ficamos com a imagem limpa.

Eu sorrio cínico.

— Uma espécie de troca para que ninguém fique sabendo que a sua empresa de advocacia anda furtando dos clientes.

Ele fica com a expressão zangada.

— Saiba que estou tomando medidas para que a Charlotte nos deixe, ela trapaceou, não sabíamos de nada. — informa na defensiva. — Nós da Smith advogados não compactuamos com o que ela tem feito.

— Qual medida irá tomar em sua empresa, não me interessa, mas vocês devem sim ser responsabilizados, afinal ela é uma das suas representantes — adianto chegando o corpo para frente. —

Outra coisa: no que diz respeito a eu ter uma relação com Charlotte, nós saímos algumas vezes no passado, e mesmo que houvesse alguma coisa entre nós, não refletiria em nada no meu cargo, pois tenho certeza que meu trabalho aqui na empresa é impecável.

Ele se mostra nervoso com a minha declaração.

— Claro, não quis ofendê-lo, é de conhecimento geral a sua competência — completa.

— Klaus, agradeço por ter tido o trabalho de vir aqui e me contar pessoalmente a

verdade, mas não vou me meter no trabalho do setor financeiro e posteriormente no jurídico. Agora uma coisa é certa, seja quem for o culpado terá que pagar. Se a sua ideia era me convencer a induzir o meu pessoal a não fazer o que lhes cabe, infelizmente perdeu seu tempo — assinalo e vejo que o decepcionei.

Ele acena desanimado.

— Eu gostaria de pedir que não interrompa a parceria com nosso escritório — pede.

Eu sorrio.

— Não prometo nada, mesmo porque essa decisão deverá ser tomada junto com o meu jurídico. Vai depender de muita coisa.

— Eu entendo — responde.

Logo após sua partida fico pensando em tudo que Klaus disse. Eu sou uma pessoa muito perspicaz, e lembro de uma vez, logo no início, quando eu não era o CEO da empresa ainda, e participei de uma reunião com a Charlotte e outros advogados. No primeiro momento a achei muito dissimulada, porém depois de um tempo comecei a entender que ela era apenas fria, eu passei a gostar disso, pois Charlotte correspondia às minhas expectativas, sempre sendo muito direta profissionalmente.

Agora percebo que ela é o tipo de mulher camaleão, ela se mostra como lhe convém, e assim fez comigo. Ainda bem que eu não segui adiante com aquela loucura de casamento.

Volto para minha sala e uma coisa do início da conversa não me sai da cabeça, Klaus disse que ela estava desviando dinheiro para um negócio que não é advocacia. *O que será?* Bem, seja o que for, não cabe a mim saber.

À noite, quando estou a caminho da cobertura recebo uma mensagem. Até desistir de tentar convencê-la a não me passar mensagens, Eva não tem jeito.

Gostaria apenas de lembrá-lo que amanhã não irei ao trabalho .

Eva, apesar de estarmos cada vez mais próximos, insiste em permanecer como minha cozinheira. Já conversei com ela sobre isso, porém argumentou que se

deixasse de trabalhar para mim teria que arrumar outro emprego. O grande problema é que ela é orgulhosa e sei que não vai aceitar meu dinheiro, não sem fazer nada por mim.

Sei que ela se constrange quando escrevo safadeza, assim com um sorriso respondo a sua mensagem.

Uma pena, pois pensava em chegar amanhã e chupar sua bocetinha, até que lambuzasse todo o meu rosto.

Fico imaginando sua expressão ao ler minha mensagem.

Sua resposta logo chega.

Por que você manda essas coisas para mim? E se meu irmão estivesse ao meu lado e lesse? Você sabe como fico ao ler essas suas sacanagens.

Eu solto uma gargalhada.

Fica toda molhada. Aposto!

Aguardo ela escrever, até que me divirto com suas mensagens, essa é a verdade.

Nada disso. Seu tarado pervertido! Eu fico envergonhada.

O carro para na garagem e encaminho uma última mensagem antes de descer.

Se não quer mais ler essas mensagens, passe a me ligar, você sabe o quanto detesto esse negócio.

Despeço-me do Duarte e no elevador o telefone vibra.

No fundo você ama que eu te passe mensagens.

Ela responde e ainda põe um emoji sorridente. Eu não gosto dessas figurinhas, mas com Eva, até que combina.

Eu suspiro.

E eu tenho certeza que você ama minhas palavras safadas. E por falar nisso... Agora mesmo meu pau está duro só de imaginar sua boceta

molhada...

Entro no apartamento e mais uma vez sinto o telefone.

Tchau, Benjamin! Amanhã nos falamos...

Eu rio alto e subo para a suíte.

Tchau! Mas ainda continuo pensando na sua boceta.

Vou para o banho com um sorriso satisfeito. Percebo o quanto minha vida era sem graça sem a Eva. Ela trouxe cor para os meus dias. E hoje não consigo enxergar minha vida sem ela, pois meus dias com ela são completos.



Capítulo 42

Leio a última mensagem que Benjamin enviou e para quem não gosta desse tipo de interação ele está se apresentando muito saidinho.

— O que você está lendo aí que está toda vermelha? — Levo um susto tão grande que dou um grito e pulo, o telefone escapa da minha mão e me viro para o Sandro.

— Como você chega assim? Um dia ainda morro do coração por sua causa — reclamo com a mão no peito.

Abaixo-me e pego o aparelho, por sorte não quebrou. Olho para o Sandro e ele ri, sacudindo a cabeça.

— Eva, quando entrei eu falei com você, mas como sempre estava longe — comenta e tenta pegar o telefone da minha mão. —

Você está assistindo a algum vídeo pornô? Deixe-me ver.

Vou para longe dele e agarro o telefone.

— Eu lá sou de ficar assistindo essas porcarias — retruco irritada.

Nem quero imaginar como seria caso o Sandro visse as mensagens do Benjamin, provavelmente ele transformaria minha vida num inferno. Nunca mais teria sossego.

Ele me observa desconfiado.

— Por que está tão na defensiva? — indaga com um sorriso descarado.

Faço uma careta, guardo o celular no meu bolso e viro-me para a pia.

— Chegou cedo, aconteceu alguma coisa? — pergunto.

Ele vai até a geladeira e pega uma garrafa de água.

— Não, eu consegui adiantar um serviço e como tenho um encontro decidi passar em casa para tomar um banho antes —

responde e percebo sua aproximação. — Por falar em encontro, aquela irmã do Benjamin é uma gata. Que tal um encontro em dupla?

Eu olho para Sandro muito séria e estreito os olhos.

— Nem pensar, a Stella é maravilhosa e você não leva nenhuma garota a sério — censuro com seriedade.

Sandro entorta a cabeça e faz beicinho.

— Quando encontrar a garota certa eu sossego — declara com voz mansa e continua com cara de cachorrinho que foi chutado pelo dono. — Você poderia quebrar essa, eu sou seu irmão.

Eu começo a rir e volto a cortar os queijos para o doce.

— Eu não caio nesse seu papo, Sandro. Eu te conheço.

Ouço sua respiração e de repente ele consegue passar os braços por cima dos meus ombros e roubar alguns pedaços de chocolate. Tento bater nele, mas é tarde. Sandro já está na porta com um sorriso pedante.

— Isso é por não adiantar meu lado, irmãzinha — diz e sai batendo a porta.

— Eu te pego, seu patife! — exclamo em voz alta e escuto sua gargalhada.

Eu não aprendo mesmo.

Alguns instantes depois, coloco a massa que preparei no forno e me sento. Enquanto aguardo pego um livro para passar o

tempo. Escuto alguém entrar na cozinha e me deparo com Nilza que me encara de maneira estranha. Não digo nada e volto a ler.

— Você hoje vai ficar em casa? — pergunta.

— Sim — respondo de má vontade.

— A Ruth? Você sabe dela?

— Também volta amanhã da casa da nossa tia, pois mamãe e Thomas retornam.

Ela caminha pela cozinha e abre a geladeira, a observo de rabo de olho. Nilza volta a fechar a geladeira sem pegar nada lá dentro.

— Ouvi que o Sandro vai sair. Tem certeza de que ficará aqui sozinha? Não tem medo?

Levanto o olhar e finalmente a encaro. Não sei o que Nilza pretende com esse papo. Ela não me suporta e agora tenta puxar assunto?

— Qual o problema de eu ficar em casa? — pergunto impaciente.

Ela sacode os ombros e volta para a porta da cozinha.

— Nada, perguntei por curiosidade — assinala e se retira.

Parece maluca!

Bem mais tarde, depois de finalizar o doce que fiz para mamãe e Thomas o coloco na geladeira e vou para o banho. A casa está silenciosa. Quando passo pela sala vejo uma foto do meu pai e minha mãe. Eles sorriem um para o outro, e podemos perceber o quanto eles eram apaixonados. Penso na minha mãe com

tristeza, pois sei que ao voltar para casa sentirá uma dor muito grande com a ausência do meu pai.

Devolvo a fotografia para o lugar e antes de ir para o banho vou verificar se a porta da sala está trancada, e levo um susto ao perceber que se encontra apenas encostada. Como Nilza foi a

última a sair deve ter se esquecido de trancar. Então passo a chave na fechadura e vou para o banheiro.

Quando estou embaixo do chuveiro sinto uma sensação esquisita, e meu coração dá um salto em meu peito e quase perco o ar. Então fecho os olhos e respiro fundo algumas vezes. Termino o banho mais rápido e me visto.

No quarto me enfio debaixo das cobertas. Não sei o que está acontecendo comigo, é como se eu estivesse numa situação de perigo. Eu rio comigo mesma. Deve ser por estar em casa sozinha pela primeira vez na vida.

Eu fecho os olhos, faço uma oração e então aos poucos sinto que meu corpo relaxa.

O sono vai chegando aos poucos e quando finalmente consigo dormir escuto um barulho vindo da sala e me sento assustada na cama e olho para a porta do quarto esperando que Sandro entre.

Meu coração bate com muita força, sinto-o em minha garganta e minhas mãos começam a tremer e suar. Droga, eu vou matar o Sandro por me assustar. Isso não é brincadeira.

Eu me levanto devagar e com passos lentos chego a porta e tento ouvir alguma coisa. Eu prendo a respiração e não sei se é o nervoso que faz eu ouvir coisas, mas juro que tem alguém andando pela casa, posso sentir o som abafado de passos se aproximando.

O quarto está meio iluminado e tento encontrar alguma fuga.

Não tenho como sair pela janela, pois essa tem grades, agora não apenas minhas mãos tremem, mas minhas pernas parecem gelatina. Escuto alguém sussurrando, e agora tenho certeza que há estranhos na casa.

Meus olhos se enchem de lágrimas e não sei o que fazer.

Tento manter a calma, mas não consigo, então percebendo que algumas portas estão sendo abertas, decido correr para debaixo da

cama. De repente é um ladrão que achou que todos haviam saído.

Pego meu telefone e me escondo.

Preciso ligar para a polícia, mas quando ligo o telefone a tela ilumina embaixo da cama e vejo a porta do quarto sendo aberta. Eu rapidamente levo o telefone para debaixo das minhas pernas e tento não fazer barulho. Sinto-me sem ar embaixo desta cama. Tento ver quem está ali. Porém sou capaz apenas de enxergar dois pares de botas pretas. Duas pessoas entram no quanto de maneira sorrateira.

— Ela não está em canto nenhum — sussurra uma voz masculina.

Noto que um dos homens vai até o armário e o abre.

— Aqui não tem porra nenhuma, informação falsa — diz o outro parecendo muito irritado.

Minha respiração fica cada vez mais difícil, eu estou ficando sufocada. Não estou conseguindo levar ar para os meus pulmões, é como se estivesse me afogando e o desespero me deixa incapaz de raciocinar.

Devo ter feito algum barulho, pois mal noto um movimento e quando percebo tem um homem com um sorriso sinistro e olhar gélido me observando.

— Aqui está nossa ninfetinha — Sua voz cruel me causa pânico.

Escuto o seu comparsa gargalhar e então sou puxada bruscamente e jogada em cima da cama.

— Pensou que poderia se esconder — dispara.

Se eles pensam que vou agir como uma donzela em apuros eles estão enganados. Não sei de onde tiro forças, talvez o desespero de ficar nas mãos desses ladrões tenha me deixado descontrolada.

Eles acham que estou indefesa, eu realmente estou, mas nenhum deles espera o golpe que dou. Pois eu dobro a perna e como estou deitada meu pé vai com toda a força no meio das pernas de um deles. Eu bato com a sola do meu pé e sei que dói, o homem se dobra, eu pego o livro que lia mais cedo e por ser capa dura torna-se uma arma. Com rapidez, pois nenhum deles espera uma reação minha, e isso é bom para mim. Eu ergo o livro com a ponta virada para o olho do outro cara e empurro com força.

Não espero para ver o que acontece e saio correndo.

— Filha da puta, quando eu te pegar você vai ver. — Não sei qual dos dois fala.

Eu corro para a sala e sei que estão vindo atrás de mim. Não posso perder tempo, eles podem até me matar. Mas não morrerei sem lutar. Jogo o aparador atrás de mim no chão e vou para a janela e abro em tempo recorde.

— SOCORRO — grito tão alto que minha garganta dói.

Uma mão me puxa e eu começo a gritar e me debater.

— Porra! Cala essa puta! — fala um dos homens.

Ele põe a mão na minha boca e aproveito para morder com muita força.

— Sua puta! — esbraveja e eu me debato enquanto berro.

Meu berro é tão estridente que não sei como não quebra os vidros.

— Caralho, Adão faça essa mulher calar.

O homem que me segura rosna.

— Sem nomes seu imbecil dos infernos — vocifera.

Escuto alguém gritar polícia na rua.

— Vamos sair daqui, porra ou estaremos encrencados.

Eu estou fora de mim e olho para o jarro que tem em cima da mesinha, eu o pego e sem pensar jogo com toda a força no homem



que me segura e sinto seu peso em cima de mim e caímos juntos, eu sinto minha cabeça bater no chão.

Não consigo respirar, escuto a porta batendo e ao longe a sirene da polícia. Estou sufocando. Este é meu último pensamento.

— Eva? Você está me ouvindo? — Meu corpo todo dói.

Escuto Sandro me chamar e quero que ele pare, minha cabeça vai explodir.

— Calma, ela está voltando a si — diz uma voz estranha.

— Como isso foi acontecer? Espero que aquele condenado abra a boca. — Desta vez reconheço a voz do Luigi.

Não consigo entender sobre o que falam. Por que estão aqui falando alto? Não veem que quero dormir?

Sinto a mão de alguém em meu cabelo. Será o Benjamin?

Ele costuma fazer isso comigo. Tento sorrir.

— Benjamin? — sondo, porém minha garganta arde tanto que começo a tossir.

— Hey, sou eu o Sandro.

— Melhor ela ficar sem falar por enquanto, devemos levá-la para exames — sugere o estranho.

Minha cabeça está confusa. Eu abro os olhos devagar e minha vista está embaçada, mas identifico Sandro que está com a mão no meu rosto, minhas vistas movem-se e Luigi está ao lado de um homem todo de branco.

— O que foi? — pergunto, mas minha voz não sai e outra vez minha garganta arranha.



Alguém bate na porta e vejo Luigi se afastando.

— São os paramédicos para levá-la — anuncia, eu tento me levantar e não consigo, fico tonta e fecho os olhos.

O que está acontecendo comigo? Sinto uma agulhada na minha veia e mais uma vez alguém acariciando meu cabelo.

— Benjamin — esboço e o sono toma conta de mim.

Abro os olhos devagar e estou deitada num quarto verde.

Olho para o lado e não vejo ninguém. Minha cabeça parece estar oca. Volto a fechar os olhos, ergo minha mão até minha garganta.

Estou morrendo de sede.

Escuto uma porta sendo aberta. Mas estou tão zonza que permaneço com os olhos fechados. Sinto uma mão quente tocar a minha, e meu corpo e meu coração reconhecem aquele calor.

Abro os olhos e um grande alívio toma conta de mim, pois Benjamin me observa com expressão preocupada.

— Você está acordada. Que bom ver seus olhos — confessa dando um leve aperto em minha mão.

— On..onde...

Ele me cala com a ponta do dedo em meus lábios.

— Melhor você não falar nada, pois pode piorar sua garganta

— informa e sorri de maneira carinhosa.

Eu seguro sua mão e nos encaramos. Seu olhar intenso acalenta minha alma. Ainda estou confusa, nada faz sentido em minha cabeça, mas com Benjamin ao meu lado sinto-me feliz e segura.



Tem um homem correndo atrás de mim, eu fujo dele, mas então tem outro me esperando na sala. Tento gritar e não consigo.

Minhas pernas pesam e não sou capaz de correr mais.

O homem, com uma touca preta gargalha. Eu fico apavorada.

— Pega ela, Adão...

Abro os olhos desesperada e minha respiração está acelerada.

— Eva, calma, foi um pesadelo, minha querida. — Escuto Benjamin falar em tom suave.

— Você está segura, minha irmã — diz Sandro do outro lado da cama.

Eu olho para eles assustada.

— Adão — sussurro, mas minha voz sai arranhada.

Consigo me lembrar de tudo o que aconteceu, sobre os dois homens que invadiram a minha casa e de como lutei. Meu coração bate tão forte que tenho impressão de que irá explodir. Minhas mãos estão suando.

Benjamin acaricia meu rosto e com a mão livre segura meu pulso com carinho. Aos poucos meu coração vai acalmando. Uma enfermeira entra no quarto e quando estou controlada ela me ajuda a levantar e vai me dando água aos poucos.

Ainda sinto minha garganta doer, e sei que foi devido ao grito que dei. Ela me faz algumas perguntas e pede que eu responda

apenas sim ou não com um gesto. Pois minha garganta encontra-se lesionada e devo poupar minha voz.

— Agora que está acordada, o médico virá para vê-la e provavelmente te dar alta — avisa e se retira.

Luigi entra no quarto e se aproxima da cama.

— Que bom ver você acordada — comenta com fisionomia cansada.

Eu olho para os três, tenho muitas perguntas, mas a enfermeira sugeriu que poupasse a minha voz.

Ouço a respiração profunda do Sandro.

— Você se lembra do que aconteceu, Eva? — questiona e eu aceno devagar. Ele sorri. — Bom. A polícia vai tomar seu depoimento, assim que estiver recuperada da sua garganta.

Sinto o aperto do Benjamin na minha mão e olho para ele.

Seu cabelo está um pouco despenteado.

— Você não estará sozinha, um advogado irá acompanhá-la.

— Eu sorrio para ele.

O médico entra no quarto e me examina, também faz algumas perguntas onde eu apenas devo responder com um aceno de cabeça. Depois vejo que ele faz algumas anotações e a seguir prescreve uma medicação para ajudar no processo de cura da minha garganta, além de um analgésico, caso venha sentir dores no corpo. Depois de comunicar que estou de alta, se retira.

Olho para os três e sorrio, aliviada. Afinal, não preciso permanecer no hospital por mais tempo.

Sandro pega uma bolsa com algumas roupas e me entrega, Benjamin chama uma enfermeira para me ajudar a me trocar. Não poder falar está me deixando um tanto irritada. Pois não posso nem afirmar que sou capaz de me trocar sozinha. Para piorar, nenhum dos três me dão atenção quando tento protestar.

A enfermeira chega e pede que os três se retirem, porém antes de sair Benjamin chega perto de mim e beija minha testa.

— Você vai ficar comigo, hoje — anuncia e abro a boca para falar, ele me cala. — Não se preocupe. Seus irmãos conseguiram atrasar a chegada da sua mãe. Depois vamos te explicar melhor. —

Benjamin me olha com pesar e suspira. — Se eu pudesse teria evitado toda essa confusão. Mas prometo que isso nunca mais vai acontecer.

Suas palavras não fazem o menor sentido, eu o observo se afastar. Meu coração se aperta. Sei que ele gosta de mim, no entanto tenho receio que um dia ele perceba que apenas gostar não é o suficiente para ter em sua vida uma mulher com tantos problemas.

A enfermeira toca meu braço e me olha com simpatia.

— Você é sortuda, tem dois irmãos lindos e um namorado que além de muito

gato e todo protetor — sussurra e sei que diz isso para tentar me animar, pois estou a ponto de chorar. — Vamos tirar essa roupa do hospital.

Eu a sigo e olho para a porta de saída mais uma vez.

Benjamin estava com olhar tão ausente, e percebi como estava calado. Se ele resolver terminar tudo entre nós, aceitarei, no entanto vou sofrer, pois ele levará consigo uma parte minha. O meu coração.



Capítulo 43

Sandro e Luigi me encaram quando saio do quarto onde Eva se encontra.

— Você não tem culpa de nada. — Luigi é o primeiro a falar.

Sandro aperta meu ombro.

— Ele está certo, o que aconteceu não tem nada a ver com você — complementa.

Ponho as mãos no bolso da minha calça, encaro os dois.

— Indiretamente a culpa é minha sim, eu deveria ter previsto o tipo de pessoa que é a Charlotte — desabafo contrariado.

— Ela não é pior que a Nilza, não se esqueça que a própria irmã da Eva facilitou para que aqueles bandidos entrassem em nossa casa — declara Luigi com raiva.

A verdade é que estamos os três indignados.

Desde que o Sandro me ligou no meio da madrugada me sinto como um leão enjaulado. Ao saber que Eva estava num hospital, dei um pulo da cama e corri como um louco para chegar até ela.

Porém nada me preparou para a verdade sórdida. Um dos homens não conseguiu

fugir, pois Eva conseguiu quebrar um vaso em sua cabeça. Ele foi levado pelos policiais já acordado e quando o interrogaram, ficou com medo, e como todo bandido, não teve lealdade para com seus comparsas. Assim confessou tudo, dando inclusive nomes.

Em seu depoimento, afirmou que Nilza, uma mulher que já conhece faz um tempo, o procurou oferecendo dinheiro. A ideia seria entrar em sua casa e assustar sua irmã Eva, e ameaçá-la.

Eles diriam que estavam ali para cobrar o dinheiro que seu pai devia ao agiota, e que se ela não arrumasse o dinheiro eles procurariam seu namorado, o milionário do petróleo.

Tudo isso para que Eva ficasse com medo e terminasse tudo comigo.

Porém ninguém contava que Eva fosse valente e conseguisse derrubar um deles. Com isso a polícia conseguiu capturar Nilza e ela para se safar contou que fora abordada por Charlotte, e que essa a chantageou.

As duas bolaram o plano da invasão.

— Vocês não têm ideia da vontade que tenho de confrontar a Charlotte — esbravejo e solto um bufo.

— Você sabe que não pode. Não éramos nem para sabermos de tudo isso, pois podemos atrapalhar as investigações — lembra Luigi.

Ele está certo, só sabemos a quantas anda o inquérito devido os meus contatos na polícia.

Eu respiro fundo e olho meu relógio. Eva está neste hospital há mais de doze horas, não vejo a hora de vê-la fora daqui. Levá-la para a cobertura e ter certeza de que está segura. Um dos bandidos ainda está foragido. Os policiais estão mantendo Nilza na delegacia, pois não querem que ela faça contato com Charlotte, afinal ainda não a pegaram.

A porta se abre e Eva sai ao lado da enfermeira e sorri para nós três. Quero pegá-la em meus braços e apertá-la. Sentir seu corpo. Mas fico parado no lugar, e sinto-me um covarde.

Sandro se aproxima dela.

— Pronta para ir? — pergunta e ela acena.

— Você vai ficar na casa do Benjamin, até conseguirmos trocar a fechadura de casa e conseguir organizar tudo. Mamãe e Thomas não virão hoje e Ruth continua na casa da tia Dita, okay? —

explica Luigi com calma e Eva acena mais uma vez.

Ela então me olha e vejo que está apreensiva. Dou alguns passos e paro na sua frente.

— O Duarte está nos esperando no estacionamento —

informo. Viro-me para a enfermeira e pego a sacola com algumas das coisas da Eva.

Do lado de fora do hospital Sandro e Luigi se despedem da Eva e pedem para ela fazer como ordenou o médico, e não falar enquanto sentir a garganta incomodar.

Ela revira os olhos em protesto, depois sorri e beija cada um dos irmãos. Antes de entrar no carro olho para eles, e ambos me agradecem. Não entendo o porquê do agradecimento, pois em parte a culpa da Eva estar assim é por minha causa.

Eu deveria ter prestado mais atenção em Charlotte. Mas isso não ficará assim, eu só vou sossegar quando ela pagar por tudo o que fez.

Assim que chegamos à cobertura levo Eva para a suíte e ela aponta para o banheiro e faz um gesto com as mãos e entendo que quer tomar um banho, pergunto se precisa de ajuda e ela diz que não, então informo que vou descer e aguardar que a farmácia entregue os seus remédios. Eu beijo sua testa e a deixo sozinha.

Encontro com Cora no corredor e peço que me avise quando entregarem os remédios, pois tenho trabalho a fazer no escritório.

Ela desce as escadas e entro na minha sala, a primeira coisa que faço é ligar para Gonçalo.

— Ficou sabendo de mais alguma coisa? — pergunto quando ele atende.

— *Estou aqui na delegacia e conseguiram pegar o comparsa dele, seu nome é Adão*. — Jogo as costas para trás e respiro fundo.

Lembro-me da Eva murmurando esse nome quando teve um pesadelo hoje pela manhã.

— Ele contou mais alguma coisa? — questiono.

— *Está nesse momento depondo, mas logo saberei de tudo e te avi* so — garante e sei que posso confiar em Gonçalo. — *A Nilza exigiu um advogado, o delegado disse que ela tem esse direito e perguntou se ela já tinha um.*

— O que ela respondeu?

Gonçalo tosse e tenho a sensação de esconder o riso.

— *Ela falou que conhecia apenas a Charlotte* — responde.

A garota é mesmo idiota. Não sabe que a Charlotte será interrogada como suspeita? E, além disso, sua especialidade não é o direito criminal, embora ela pudesse até ajudar, se fosse outra situação.

— Só faltava isso. Ela ligar para a Charlotte — resmungo.

— *Foi o mesmo que pensei*.

Estou tão irritado que não consigo ficar sentado por muito tempo e começo a andar de um lado para o outro no escritório.

— Assim que souber de alguma coisa me ligue imediatamente — determino antes de desligar.

Não consigo nem trabalhar e cada vez que imagino o sufoco que Eva passou, sinto como se perdesse o ar. Ela poderia ter se ferido gravemente, e nem quero pensar em coisa pior.

Ouço uma batida na porta e a mesma se abre, Cora tem uma sacola na mão.

— Aqui está, senhor Clarke — diz e me entrega a sacola.

— Obrigado, Cora.

— O senhor precisa de alguma coisa? Quer que prepare algo para a Eva? — pergunta preocupada.

Eu balanço a cabeça.

— Não precisa, obrigado por perguntar.

Ela acena e se retira.

Volto para a suíte e vejo Eva sentada na cama com olhar distante, ela parece tão solitária e triste. Aproximo-me devagar e ao sentir minha presença levanta o olhar.

Eu sorrio e sento-me ao seu lado. Coloco a sacola em cima da cama e acaricio seu rosto. Percebo seu cabelo molhado, então me levanto vou ao banheiro e retorno com uma toalha. Volto a sentar-me ao seu lado e começo a enxugar seus cabelos. Ela suspira e fecha os olhos. Eva solta um bocejo e percebo como está abatida.

— Que tal você dormir um pouco? Mais tarde te preparo uma sopa — sugiro e ela me olha com ar de tristeza, eu sorrio e ponho a toalha de lado. — Vou ficar aqui com você, até que durma.

Ela acena e esboça um sorriso.

Antes de acomodá-la, faço com que beba seu remédio. Então retiro meus sapatos e deito-me ao seu lado a envolvendo em meus braços. Eva deita-se em meu peito e sua mão pousa em meu estômago.

— Obrigada — sopra baixinho.

Eu deixo um beijo no topo da sua cabeça e sinto sua respiração mais branda. Com certeza pegou no sono.

Ela poderia não estar aqui. E pensar nisso me deixa agoniado.

O telefone vibra no meu bolso, pego e vejo que é Gonçalo.

— Só um minuto, Gonçalo — sussurro para não acordar Eva.

Com cuidado saio da cama e corro para o banheiro e fecho a porta.

— Pronto, pode falar.

— *Benjamin, essa Charlotte é mais suja do que poderíamos imaginar* — atesta e seu tom de voz indica espanto.

— Explique-se, o que quer dizer?

Ouço o som da sua respiração pesada.

— *Ela comanda a agência Lust* — revela.

Logo de início não entendo o que ele diz, então tenho um estalo.

— A Charlotte comanda uma agência de garotas de programas de luxo? — inquiro sem acreditar no que ele acaba de me contar.

— *Sim, meu amigo. É isso mesmo. Porém isso não é o pior*.

Encosto-me na pia.

— Ainda fica pior?

— *A Agência Lust está sob investigação. Há algum tempo houve uma denúncia de que as meninas que trabalham ali também levam algum tipo de substância para os clientes* — conta e eu fico aterrorizado.

— Você tem certeza disso, Gonçalo? Por que isso é muito grave — atesto.

— *O meu informante da Civil não se engana, e eu só estou te passando isso porque sei que não vai sair por aí espalhando a notícia, embora, segundo ele, essa bomba vai explodir a qualquer momento. Ainda essa semana.*

Para mim é tão difícil acreditar, não que eu ache a Charlotte uma inocente, mas em como ela dissimula bem.

Gonçalo afirma que a Charlotte prestará depoimento ainda hoje, pois conseguiram localizá-la e neste momento se encontra indo para a delegacia. Eu

digo que queria estar lá, mas ele recomenda que eu não apareça, para não me expor. Então promete

que assim que tudo estiver resolvido, e caso Charlotte fique retida, ele providenciará para que eu fale com ela.

— Isso é uma porcaria, sabemos que ela tem dinheiro e certamente vai pagar fiança — contesto com raiva.

— Sim, você está certo, mas ainda assim ela ficará retida, nem que seja por algumas horas. Eu mexo meus pauzinhos para que demore um pouco mais.

Eu respiro ultrajado, no entanto ele está certo, eu devo esperar.

— Okay. Mas seja a hora que for me avise e não arrede o pé daí — peço mesmo sabendo que Gonçalo só vai embora quando tudo estiver finalizado.

Desligo o telefone. Cruzo os braços e lembro-me das vezes que compareci nos eventos com Charlotte. Agora muita coisa faz sentido. Pois ela sempre identificava as meninas que eram denominadas de garota de catálogo. Muitas vezes, Charlotte as observa com olhar de águia. Eu pensava que de alguma forma, aquelas mulheres a incomodavam. Mas não, a verdade é que ela estava vendo de perto como elas estavam se portando.

Pensar que poderia me casar com ela faz meu corpo contrair.

Escuto um barulho de gemido e corro para ver Eva. Ela se debate e abre a boca, mas nenhum som sai. Subo na cama e a abraço.

— Calma, meu amor. Você está segura — sussurro em seu ouvido. Ela aos poucos para de se debater.

Quando volta a dormir serena eu beijo seus cabelos.

Permaneço mais um pouco ao seu lado até ter a certeza de que está bem.

Desço e vou para a cozinha e preparo uma sopa para Eva.

Agora só me resta esperar por notícias. Enquanto isso, vou cuidando da minha garota.



Eva acorda é quase meia-noite e a faço tomar toda a sopa e sei que ela sente um grande incômodo na garganta, mas como deve estar com fome, come sem reclamar, em seguida volta a dormir profundamente.

Trabalho no meu escritório de casa, hoje Eva está bem melhor, até consegue falar alguma coisa, mas prefere se resguardar.

Neste momento ela está na cozinha, disse que não conseguiria ficar o dia todo na cama, pois já não sente dores no corpo e precisa fazer algum doce para aliviar a tensão.

Fico feliz em vê-la assim, tão disposta.

O celular toca e paro tudo que estou fazendo para atender Gonçalo.

— Então? Alguma novidade?

— Sim, a Charlotte prestou depoimento, ela está detida, mas não poderá ficar mantida aqui por muito tempo, ela é bem esperta e sabe que não vai presa, a não ser que seja condenada, e até que isso aconteça, muitas águas irão rolar —

declara.

Eu me levanto.

— Você consegue com que eu fale com ela?

— Sim, venha para cá agora mesmo...

— Já estou indo. — Não deixo que termine de falar e desligo o celular.

Corro para a suíte e me visto adequadamente e ao mesmo tempo ligo para Duarte e digo que vou sair, para deixar o carro



preparado. Desço as escadas e vou até a cozinha. Eva está com alguma coisa na batedeira e eu chego perto dela e a abraço pela cintura e colo suas costas em meu corpo.

— Eu preciso dar uma saída. Tudo bem? — pergunto.

Ela se vira e sorri.

— Okay — responde baixo.

Beijo a ponta do seu nariz e me afasto.

— Volto daqui a pouco.

Ela acena com a mão e saio.

Enquanto desço pelo elevador penso que chegou a hora de deixar as coisas claras com a Charlotte.

Chego à delegacia em poucos minutos e Gonçalo vem ao meu encontro. Ele informa que encontrarei Charlotte numa sala e que um policial ficará do lado de fora aguardando, mas que eu não tenho muito tempo, apenas alguns minutos.

Minutos é tudo o que preciso.

Sou conduzido para uma sala com uma mesa entre duas cadeiras, me sento em uma delas e aguardo. Logo a porta se abre e Charlotte entra escoltada por um policial.

Mesmo na merda ela continua elegante, em seu terninho azul marinho perfeitamente costurado.

Charlotte me vê e caminha com elegância, seu semblante mostra-se ainda mais gélido.

— Benjamin, você por aqui? Não esperava vê-lo — confessa ao sentar-se.

Acompanho seus movimentos com o olhar. Ela dá um sorriso cínico e cruza as pernas com toda pompa.

— Por que você mandou que dessem um susto na Eva? —

Eu sei a resposta, mas quero ver o que ela tem a dizer.

Ela move a cabeça transmitindo impaciência.

— Não sei do que você está falando — responde.

Com as mãos na mesa eu chego para frente e prendo seu olhar.

— Então me explica como seu nome foi citado no depoimento

— determino.

Ela sacode os ombros.

— Com certeza essa sua namoradinha cismou comigo, deve ter planejado tudo com aquela prostituta — despeja seu veneno.

Charlotte me olha com aversão. — Sabe, Benjamin, me admira você se misturando com esse tipo de gente. Quero ver como será quando o conselho souber que está se relacionando com uma mulherzinha tão baixa.

Abaixo minhas mãos para debaixo da mesa, minha raiva é tanta que as fecho em punho.

— Veja bem como fala da Eva, não vou admitir que a ofenda

— murmuro entre dentes.

Ela gargalha.

— Benjamin, essa mulher é uma caça fortuna, fico com pena de você que se diz tão esperto cair nessa.

Eu não posso falar sobre o que fiquei sabendo em relação a seu negócio excluso, porém, nada me impede de jogar em sua cara outro assunto.

Esboço um sorriso ferino.

— Engraçado você falar isso. Afinal não foi a Eva que andou roubando dos clientes da Smith advogados — discorro e ela arregala os olhos, assustada. — O que foi, Charlotte? Pensou que eu não soubesse?

Sua respiração sai acelerada.

— Sobre o que você está falando? — pergunta, mas sua voz tem um tom de medo.

— Eu sou um dos clientes mais importante da Smith, eles não querem me perder de modo algum, mas você... como advogada é dispensável — declaro e seus

olhos brilham de ódio.

— Você está tentando me acusar de algo que não fiz...

Eu gargalho.

— Aí Charlotte, não conhecia esse seu lado de advogada que nega tudo — debocho e balanço a cabeça, olho para ela. —

Acontece que você deve saber muito bem que não há argumentos contra provas. E agora vou te dar um aviso.

— O que foi? Vai me ameaçar?

Eu me levanto com toda a calma e ajeito o punho do meu terno.

— Eu vou destruir você, vou colocar os melhores advogados, ou qualquer outro profissional para revirar sua vida do avesso, vou descobrir os podres mais bem escondidos. — Olho para ela com expressividade. Noto seu tremor, mas ela tenta esconder. — Você mexeu com a pessoa errada, Charlotte. Não digo sobre mim, pois estava disposto a deixar correr conforme o Klaus preferisse, mas agora você mexeu com a Eva, e isso eu não vou deixar passar.

Encaro-a uma última vez e saio a deixando sem palavras.

Do lado de fora vejo Gonçalo e ele assinala que Charlotte vai sair a qualquer momento, mas que não poderá sair do Estado. Só

espero que ela não fuja, pois dissimulada como é, não vai facilitar as coisas.

Antes de entrar no carro olho para Gonçalo e agradeço por tudo, e peço que fique de olho em tudo.

— Gostaria de te pedir outra coisa — ressalto.

— O que é? Pode falar.

— Providencie para Eva uma segurança, igual a que trabalha para mim. Um serviço discreto, e que ninguém se dê conta, por favor — peço com voz baixa.

Ele acena.

— Okay, providencio para já. — Gonçalo aperta meu ombro.

— E Não se preocupe. Essa Charlotte já era.

— Espero que sim — digo e entro no carro.

A Eva precisa saber da verdade, mas não sei como irei contá-la. Ela pode se apavorar por conta da Charlotte e querer se afastar, eu não vou julgá-la, afinal quem quer ficar com um homem que de certa forma levou o perigo até ela.

Com tudo isso, tenho que correr esse risco. Ela deve estar ciente. E eu acredito que a verdade sempre prevalece.



Capítulo 44

Ansiedade me define neste momento, e tenho vontade de berrar, mas não posso por várias razões, uma delas é que minha garganta ainda se recupera da última vez que gritei. Assim o que me resta é comer chocolate, que para mim tem um efeito calmante.

— Você está muito quieta. — Pulo assustada com a voz do Benjamin.

Ele me olha sério, parece incomodado com alguma coisa. Eu tento sorrir.

— Estava pensando que tenho que ir, pois Sandro ligou e disse que tudo está arrumado lá em casa e que minha mãe chega hoje à noite — conto uma meia verdade, pois realmente recebi a ligação do Sandro avisando da minha mãe.

Benjamin acena e respira fundo.

— Venha comigo até o escritório, preciso conversar com você, depois o Duarte a deixará em casa — informa e sinto um golpe no meu peito. É agora. Ele vai acabar tudo comigo.

Por fora mantenho a calma, mas dentro de mim sinto como se houvesse uma tempestade.

— Tudo bem, vamos lá — anuo erguendo-me da cadeira.

— Sua voz está bem melhor — comenta quando saímos da cozinha.

— Sim, apenas arranha um pouco.

Entramos em seu escritório e nos acomodamos, Benjamin me observa do outro lado da mesa.

— Eva, eu preciso te contar uma coisa, pois acredito que deva saber toda a verdade sobre a invasão da sua casa — começa.

Meu coração bate forte e minha mão sua, como acontece todas as vezes em que me encontro nervosa.

— Já descobriram quem são os dois homens? — questiono.

Então Benjamin suspira e começa a contar uma história que mais parece um filme de suspense. Fico apavorada ao descobrir que Nilza, minha própria irmã teve a coragem de contratar os dois homens e ainda facilitar a entrada deles em minha casa.

Eu sabia que ela não gostava de mim, mas não acreditava que pudesse me fazer tanto mal. E ainda se juntar a Charlotte, a que Benjamin pensou em casar. Fico consternada e não sou capaz de mostrar nenhuma reação.

Benjamin me olha preocupado.

— Você está bem? Pois está praticamente sem cor — diz e sai da sua cadeira e caminha até mim.

Põe a mão na minha testa. Eu respiro fundo algumas vezes e fecho os olhos. Quando percebo que estou mais controlada eu volto a olhá-lo.

— Minha própria irmã teve essa coragem? E como ela e Charlotte se conhecem? — indago assombrada.

Benjamin passa a mão por seu cabelo.

— Não posso te contar os detalhes, pois por enquanto é segredo de justiça. Mas acontece que a sua irmã trabalha numa agência de garota de programas, esse é seu verdadeiro trabalho —

revela e minha boca abre diante o meu espanto.

— A Nilza então é garota de programa? Meu Deus! Se minha mãe sabe de uma coisa dessas, e pior se descobre o que ela fez

comigo, o tipo de gente que anda envolvida. — Eu me levanto e ando de um lado para o outro. — Agora entendo porque não querem que ela saiba de nada, minha mãe não pode saber disso nunca.

Benjamin me abraça e beija minha cabeça.

— Calma, minha querida! Seus irmãos estão cuidando para que ela não descubra.

Eu me afasto de Benjamin e o encaro. Eu nunca vou poder estar na vida dele da maneira que queria. Minha família é completamente complicada, e agora isso: tenho uma irmã que trabalha como garota de programa e ainda lida com bandidos.

Não posso ser um fardo ma vida do Benjamin, ele não merece isso. Porém não tenho coragem de dizer em palavras que devo me afastar. Então volto a abraçá-lo apertado.

— A Nilza ser prostituta não é uma coisa grave, afinal é um tipo de trabalho, ela escolheu. Mas o fato dela ter amizade com bandidos é que me preocupa — confidencio.

Benjamin alisa minhas costas.

— Não sei o que vai acontecer com a Nilza, mas se for descoberto algum podre dela ela poderá ser presa, então não haverá como vocês esconderem a verdade da Giulia para sempre

— fala e sei que ele tem razão.

Nós ficamos um tempo abraçados. Quero aproveitar ao máximo esse tempo, pois não sei o que acontecerá daqui para frente. Alguns instantes se passam e me afasto, olho para ele e sorrio com tristeza.

— Eu tenho que ir, minha mãe vai chegar a qualquer momento e quero estar em casa para recebê-la — assinalo.

— Tudo bem, o Duarte vai levá-la.

Ele pega o telefone e liga para Duarte. Meu coração bate triste e temeroso de que não terei mais momentos de intimidade com Benjamin.



Eu pego minhas coisas e vou para o elevador, quando este chega, olho para Benjamin.

— Eu volto amanhã para preparar sua refeição, tenho sido uma funcionária muito relapsa — brinco para tentar dar leveza à situação.

Ele ri e nega com a cabeça.

— Não venha, ainda tenho comida congelada. Aproveite um pouco sua mãe e o Thomas, e quando se sentir melhor, combino de buscá-la — exprime e minha vontade é chorar.

Ele não me quer mais aqui, e aos poucos irá me dispensar.

Seguro a vontade de chorar e sorrio.

— Tudo bem, mas me ligue caso queira alguma coisa.

Ele ri.

— E você me passe mensagem — esboça e com um beijo na minha cabeça se afasta.

Eu entro no elevador, conforme a porta se fecha é como se o meu coração fosse esmagado.

Será o fim?

Dois dias depois encontro-me numa tristeza sem fim, nem o chocolate é capaz de aplacar minha aflição. Minha mãe nem percebe meu estado de espírito, pois também está lidando com seu próprio sofrimento, que é de longe pior que o meu.

Ela nem mesmo se deu conta da ausência da Nilza, mas minha irmã sempre fora distante da família.

Olho minha imagem no espelho e estou um pouco abatida, então pego minha bolsa e encontro Sandro na sala.

— Vamos? — pergunta.

Eu e ele estamos indo a pizzaria, Luigi nos chamou para ver a reforma. Mamãe está na consulta com Thomas e vai direto para lá quando chegar.

— Sim, estou curiosa para ver como está ficando — digo e saímos.

Caminhamos devagar, pois a pizzaria fica a um quarteirão de casa, e o clima fresco está convidativo para uma bela caminhada.

Na pizzaria Luigi nos recebe animado. Fico tão feliz em vê-lo assim, mesmo com tudo que vem acontecendo em sua vida, meu irmão não perde o foco e eu tenho certeza de que a partir de agora, com suas ideias, a pizzaria será um sucesso. Ele já até planeja uma reinauguração.

— Olha seja quem for o empresário que investiu aqui, acho que devemos chamá-lo no dia em que reabrirmos as portas —

aconselho passando entre as mesas.

— Sim, claro — responde e começa a mostrar a obra na cozinha.

Ainda está tudo uma desordem, mas já se pode imaginar como ficará.

Depois de vermos tudo, ele nos oferece um vinho e nós três sentamos para brindar.

— À pizzaria — Luigi fala.

— Ao sucesso — Eu completo.

— A nós — finaliza Sandro e bebemos.

— Eva, minha irmã. Você anda triste por causa do que Nilza te fez? — Luigi pergunta de repente.

Meus ombros caem e olho para o meu copo. Sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto.

— Não. Problemas do coração mesmo — confidencio de vez, pois não aguento mais guardar tanta aflição.

— Como assim? Não entendo — indaga o Sandro.

— Acontece que me apaixonei por um homem que jamais poderá ser meu, sei que não devia ter me apaixonado, mas aconteceu. Quando percebi já estava envolvida, e agora...

Tomo mais um gole do meu vinho e olho para cima, meus dois irmãos me olham intrigados.

— Eva, o Benjamin por acaso é casado? — Sandro pergunta.

— Não.

— Então por que não podem ficar juntos? — Desta vez é Luigi a questionar.

Eu solto uma risada.

— Por favor, eu só tenho problemas, imagina quando ele descobrir que nosso falecido pai se meteu com agiota, que perdemos a pizzaria e a casa para um empresário desconhecido que nos deu dinheiro? Isso sem contar que ele já sabe que a minha irmã além de garota de programa é também uma bandida —

desabafo e me levanto.

Nem sei para onde vou.

— Eva ele gosta de você — Sandro garante.

Eu cruzo os braços e olho para os meus pés.

— Isso não é suficiente Sandro, o Benjamin já está se afastando, eu só imagino o que vai fazer ao descobrir o rolo dessa família. Ele é um homem importante, tem uma imagem a zelar. Com certeza não vai querer ter nada a ver comigo. E eu não tiro a sua razão — completo.

— Porra, Sandro. Não me olha assim — Luigi fala e olho para os dois que continuam sentados.

— Eu aqui abrindo meu coração para meus dois irmãos e vocês aí de implicância um com o outro — esbravejo.

— Acho melhor ela saber logo de tudo — Sandro exprime e cruza os braços, contrariado.

— Saber o que? — pergunto curiosa olhando de um para o outro. — Vocês sabem de alguma coisa que eu não sei? Já sei. O

Benjamin já está com outra — acuso com medo da verdade.

— Quer saber... que se foda — Luigi fala e se levanta.

Ele me encara.

— Esse homem, o Benjamin, com certeza não só gosta de você, ele te ama de verdade — aponta e o olho, desconfiada.

— Eva, volte a sentar, temos algo muito importante para contar — Sandro pede.

Luigi me conduz de volta à cadeira e voltamos a sentar os três.

Observo os dois, encontro-me ansiosa e ao mesmo tempo curiosa.

— Vamos começar pelo Thomas, e a ajuda milagrosa que ele recebeu tão de repente — Luigi começa e sorri. — O benfeitor que está ajudando o nosso irmão é na verdade o Benjamin.

Abro a boca e volto a fechá-la.

— O Benjamin? Mas como...

— Calma, ainda tem mais, só nos ouça, okay? — Sandro pede e eu aceno com rapidez.

— Sobre o Thomas eu descobri por acaso, quando fui até a ONG, lá uma conhecida minha revelou sobre quem era o benfeitor

que queria ajudar o Thomas, eles então o encaminharam para uma das melhores clínicas para autistas.

Conforme Luigi vai falando sinto meus olhos cheios de lágrimas, então me lembro do dia que comentei com ele sobre o Thomas e que alguns dias depois meu irmão estava recebendo o tratamento adequado. Tenho vontade de correr e agradecê-lo. Mas Sandro me segura.

— Não termina por aí — comenta. — O empresário que deu o dinheiro para a pizzaria, e pagou a dívida com o agiota foi o Benjamin, na verdade ele nem comprou a casa, pois exigiu que esta fosse passada para o nome do Thomas. Tudo foi feito legalmente e mesmo com a morte do papai conseguimos finalizar o negócio em tempo recorde. Tudo custeado pelo Benjamin — completa Sandro.

Eu me levanto e a cadeira cai.

— Mas como ele soube de tudo isso? E por que não me contou nada?

Sandro e Luigi também se levantam e ambos, cada um de um lado, põe as mãos em meu ombro.

— Segundo ele, descobriu por acaso sobre a dívida, agora quanto ao porquê de não querer que você soubesse.... acredito que deva perguntar a ele — Luigi propõe.

— Em minha opinião, apenas um homem apaixonado faria tudo isso. Afinal ele não tem nada a ganhar resolvendo todos os nossos problemas — finaliza Sandro.

Eu pego minha bolsa.

— Eu preciso vê-lo agora — digo agitada.

Sandro e Luigi me seguram e pedem para eu me tranquilizar.

Então Luigi pede um carro pelo aplicativo.

Não penso direito, e pela hora sei que ele se encontra na empresa, descubro que Luigi foi lá algumas vezes para discutirem negócios e tem o endereço, enquanto eu compareci à empresa do

Benjamin apenas uma vez, e mesmo assim o Duarte foi quem me conduziu.

Por sorte não pego muito trânsito e quando chego em frente ao prédio não sei o que fazer, pois para falar com Benjamin tem que ter hora marcada.

— Senhorita Eva. Aconteceu alguma coisa? — Viro-me e vejo Duarte me olhando curioso.

Eu sorrio e sem pensar abraço Duarte, ele paralisa e apenas bate a mão em minhas costas.

— Que bom te encontrar — agradeço e me afasto dele, que me olha espantado.
— Preciso falar urgente com o Benjamin.

— Então por que a senhora não ligou para ele?

Fico séria. É, eu poderia ter ligado e pedido alguns minutos.

Mas como sempre não pensei em nada.

— É... eu não sei — sussurro.

Ele ri e pega o telefone e o vejo falar com Benjamin e contar que me encontrou. Então desliga.

— Ele a aguarda. Levarei a senhorita até ele.

Caminho com Duarte ao meu lado e o agradeço por sua ajuda. Vamos direto para a sala do Benjamin e estou tão eufórica que não presto atenção a nada. A porta da sala é aberta antes mesmo que possamos bater.

Benjamin olha-me dos pés à cabeça e parece aliviado.

— Eva, você quase me matou de susto — fala e me puxa para seus braços. — Obrigado Duarte, você pode ir.

Não vejo Duarte ir embora, e Benjamin me puxa para dentro da sala e mais uma vez me olha, desta vez com carinho.

— Por que você não me contou? — pergunto.

— Contou o quê?

— Que você ajudou meu irmão, e a minha família? Que pagou todas as nossas dívidas?

Ele tem uma expressão séria.

— Seu irmão te contou tudo — reage e se afasta ficando de costas para mim. Ouço sua risada seca. — Eu fiz tudo isso, você está certa. Mas não contei, pois não queria que se sentisse na obrigação de ficar comigo apenas porque ajudei sua família —

confessa e volta a me encarar. — Eu queria que você ficasse comigo por livre e espontânea vontade.

Eu me aproximo dele e o abraço pela cintura.

— Eu já te amava, e agora eu te amo mais ainda. Eu nem sabia que isso era possível — confidencio e sinto seus braços me envolverem. — Você me salvou.

Benjamin se afasta e eleva suas mãos, segura meu rosto e me olha com puro

afeto.

— Eva, eu não te salvei de nada — sussurra com um brilho no olhar. — Qualquer um com dinheiro no bolso e muito boa vontade faria o que fiz. É apenas uma questão de empatia com o próximo. Para mim, fazer o que fiz por você e sua família, foi um ato de querer fazer algo que realmente faria a diferença na vida de alguém. Por você, eu faria muito mais que isso, não me oporia a nada.

Sua declaração faz com que sinta minhas lágrimas descerem.

— Pode até ser que para você isso não tenha sido nada. Mas para nós... para mim foi o ato mais especial que alguém já fez por mim. Então sim, você nos salvou.

Ele sorri.

— Eva, você sim me salvou.

Franzo a testa.

— Eu não fiz nada por você, a não ser sua comida e os doces — respondo.

Ele ri.

— Isso também, mas acredite, você me salvou.

— De que?

Benjamin admira meu rosto e sinto seu polegar circular na pele da minha bochecha.

— Você me salvou de ter uma vida infeliz, se não fosse você colidir em minha vida, hoje eu poderia estar casado com uma mulher egocêntrica, interesseira e mau-caráter. Eu não saberia o que é o amor de verdade. — confidencia com olhar intenso.

Eu sorrio entre lágrimas.

— Você quer dizer que... que... — minha voz falha, pois estou com medo de estar enganada e de ter entendido tudo errado.

Benjamin me olha com fascinação.

— Eu te amo, Eva! Você é a única mulher que já amei na minha vida — declara sussurrando.

Ele então me beija, e nesse momento me sinto a mulher mais feliz de todo o universo.

Benjamin é um homem digno. Tudo o que ele fez por mim, mostra o quanto é amoroso, o quanto me ama. Eu tenho a sorte de ter um homem como ele me amando.

Um homem lindo, honrado, leal e acima de tudo. Um homem capaz de qualquer coisa para ver o amor da sua vida feliz.

Ele é o Sr. Darcy para eu chamar de meu.



Capítulo 45

Semanas depois...

O joalheiro acaba de entregar a encomenda aqui na empresa, e quando me vejo sozinho em minha sala pego a pequena caixinha e a abro. É a primeira vez que fico inseguro com alguma coisa, pois não sei qual será a reação da Eva, nós não conversamos sobre o futuro, em momento nenhum. Porém estou seguro de que a quero ao meu lado enquanto eu viver.

Escuto uma batida na porta e guardo a caixinha no meu bolso. Maria Eugênia entra me trazendo uma pasta e a coloca em cima da mesa.

— Este é o relatório enviado pelo Flávio Dumas, o qual o senhor está aguardando — informa e olha em seu tablet. — O

senhor Gonçalo ligou, mas o senhor estava ocupado e ele pediu que retornasse,

quer que eu ligue de volta?

— Não, pode deixar que eu mesmo o chamo no celular, obrigado. — Maria Eugênia acena e se retira.

Assim que a porta se fecha retorno a ligação e Gonçalo atende.

— *Quero apenas mantê-lo a par da situação* — informa tão logo nos cumprimentamos.

— O que houve?

— *O escândalo envolvendo a Charlotte estourou e já passa em alguns jornais, e temos um empresário bastante conhecido que também está envolvido nisso.*

Já até imagino quem seja.

— Por acaso é um dos Albuquerque? — pergunto.

Ele ri.

— *Como você sabe, já viu o jornal?*

— Não. Mas todos sabem da relação dessa família com negócios exclusos. Então? Qual deles está envolvido, ou todos estão?

— *Apenas um, por enquanto, é o Carlos Albuquerque*.

— Não é à toa que vivia com uma garota diferente pendurada a cada evento — resmungo. Ainda não me desce o dia em que ele abordou Eva.

Por isso ele foi com tanta gana para cima dela, afinal fora Charlotte que o fez pensar que Eva trabalhava na Lust.

— *Você sabe que a Charlotte foi intimada novamente, o negócio está feio para o lado dela. Pois existem provas mais que suficientes sobre seu envolvimento, inclusive uma testemunha chave.*

— Isso é bom, quero a Charlotte na cadeia, sei que ficará por pouco tempo, mas pelo menos ela deve sentir o gostinho da prisão

— declaro inconformado por ela ainda estar livre. — Alguma outra novidade?

Ele solta uma risada.

— *Como disse existe uma testemunha, ela vai contar tudo em troca da diminuição da pena, é a Nilza Collalto, irmã da Eva*. —

acentua.

— Delação premiada?



Ele ri mais uma vez.

— *Exatamente*.

A irmã da Eva não está fazendo isso porque é uma boa moça, ela está interessada no benefício. Eu fico com pena da Giulia, mãe da Eva. Infelizmente ela descobriu o que a Nilza fez e não foi nada fácil para ela saber que a filha é uma garota de programa e o pior, uma criminosa. Se fosse apenas uma prostituta não caberia ninguém julgar, mas quando ela transforma seu trabalho em uma forma

de levar drogas para os clientes, isso sim deve ser questionado.

— Gonçalo, muito obrigado por tudo, e qualquer novidade avise-me.

— *Okay, estou aqui ligado em tudo* — afirma e depois de se despedir desliga.

Por mim tudo isso já estaria mais que resolvida, mas a justiça é lenta e tenho que esperar. Pelo menos Charlotte agora está sofrendo na pele toda maldade que fez, pois mesmo em liberdade todos sabem quem ela é. Ela não tem mais para onde recorrer.

Entro na cobertura e sinto o aroma de chocolate, Eva faz bastante doce, mas é notável que adora fazer qualquer coisa com chocolate, eu descobri que no fundo ela é uma chocólatra, embora ela negue.

Vou até a cozinha e abro a porta devagar. Ela está de costas para mim e usa um vestido florido. Ela não percebe minha presença, está concentrada pondo uma calda na taça de sobremesa.

Aproximo-me com lentidão.

— Está perdendo seu tempo — digo e ela dá um salto. Já esperava que se assustasse.

Ela se vira, uma mão espalmada em seu peito e a outra segurando um recipiente comprido com a calda dentro.

— Como você chega assim? Levei um susto enorme —

reclama e solta um bufo. — Posso saber por que estou perdendo meu tempo?

Retiro o recipiente da sua mão, coloco em cima da bancada.

Então puxo sua cintura e grudo seu corpo no meu. Seus olhos faíscam.

Eu beijo sua boca com ardor e ela segura meus ombros e se entrega ao beijo. Elevo seu corpo e a ponho sentada na bancada e paro de beijá-la para olhar em seus olhos cheios de desejo.

— Eu quero saborear esta calda de chocolate no seu corpo

— murmuro e deslizo minhas mãos pelas suas pernas e chego até sua calcinha.
— Nada melhor que lamber esse chocolate junto a sua pele.

Eu puxo sua calcinha que se rasga, eu a jogo de lado. Ela me fita com um olhar estreito.

— Outra calcinha para sua conta — atesta e eu sorrio.

— Aí está uma coisa que pago com muito prazer — declaro e beijo sua boca e passo os dedos em sua boceta molhada. — Quero muito te saborear com cobertura de chocolate.

Eva fecha as pernas prendendo minha mão.

— Por favor, Benjamin. Você me deixa louca — geme.

Eu me afasto e dou um passo para trás ela me olha confusa.

Fixo os meus olhos nos seus e a prendo apenas com o olhar. Tiro a gravata e dou um passo para frente.

— Você não viu nada. Agora fecha os olhos — ordeno.

— O que você vai fazer? — pergunta se remexendo na bancada.

Eu sorrio e seguro seu queixo.

— Confie em mim. Agora feche os olhos — repito.

Ela suspira e faz como mando. Assim, com a gravata vendo seus olhos.

Ela sorri e dou um beijo rápido em seus lábios.

— Isso é novo, estou curiosa para saber o que vai fazer —

admite.

— Você sabia que quando não podemos ver, outras sensibilidades se aguçam? Então se prepare para sentir muito prazer — murmuro em seu ouvido.

Eu pego Eva no colo e levo junto o chocolate, a carrego até a mesa.

— Para onde está me levando? O que pretende? — indaga e quando a sento em cima da mesa de vidro ela solta um grito. — Isso tá gelado. Benjamin, você me pôs sobre a mesa, isso não vai quebrar?

Eu rio, abro suas pernas e me ajoelho à sua frente.

— Não se preocupe, esse vidro é praticamente inquebrável

— sussurro e beijo o interior da sua perna, ela solta um gemido. —

Agora, meu amor! Quero muito comer chocolate.

Pego o recipiente e jogo um pouco de chocolate em sua perna, seus pelos se arrepiam. Eu passo a língua por sua coxa e com os dedos lambuzo sua boceta. Subo minha boca e sugo seu clitóris e limpo todo o chocolate.

Eva traz as mãos até meus cabelos e empurra minha cabeça.

— Benjamin, isso é maravilhoso — ronrona esfregando-se em meu rosto.

Levo mais chocolate e espalho em seu sexo apenas para desfrutar de seu gosto.

— Essa boceta está cada dia mais gostosa, e com chocolate é como se eu estivesse saboreando um manjar dos deuses —

comparo enquanto a devoro com ânsia.

Ela empurra minha cabeça com mais energia, seu gosto misturado ao chocolate está me deixando ensandecido, sinto meu pau empurrar o zíper da minha calça. Eu quero, eu necessito estar dentro dela o mais rápido que puder. Com a ponta da língua aguço o seu prazer. Eva aperta suas pernas e com um grito abafado goza em minha boca.

Eu sugo tudo dela, até não restar mais nada.

Eu me levanto e abro minha calça. Pego meu pau intumescido o massageando. Eva encontra-se sentada em cima da mesa com as pernas abertas e ainda usa a minha gravata como uma venda. Olho para o decote do seu vestido e ver seus seios empinados subindo e descendo por conta da respiração arfante, faz com que eu deseje rasgar o tecido.

— Benjamin? — chama, pois não pode me enxergar.

Dou um passo até estar perto dela.

— Estou aqui, estava apenas te admirando — sopro em seu ouvido. — Eu preciso estar dentro de você, ou vou explodir.

— Também quero você — sussurra.

Com cuidado, deito seu corpo na mesa, pego uma de suas pernas e apoio em meu ombro. Levo meu pau até sua entrada e empurro devagar. Ela suspira e solta o ar pela boca. Saio lentamente de sua boceta para em seguida me enterrar por completo em seu núcleo.

Eva morde seu lábio e meus golpes são implacáveis. Sua boceta aperta em torno do meu pau e quase me perco.



— Eva, minha querida. Eu amo quando você fica assim totalmente entregue — murmuro sem deixar de mover meu quadril.

Ela geme. Sem deixar de estocar em seu sexo me inclino e retiro a gravata dos seus olhos, na mesma hora ela abre suas pálpebras e pisca algumas vezes então me encara e sorri. — Eu te amo!

Ela abre a boca e lambe os lábios, eu abaixo a cabeça e a beijo sem piedade.

— Eu te amo — sopra entre meus lábios durante o beijo.

Ergo-me e seguro seu quadril a fim de intensificar minhas estocadas. Nós nos encaramos.

— Casa comigo Eva, seja minha mulher de papel passado —

peço e sinto meu pau inchar, ela arregala os olhos e suas mãos seguram meus braços com força. — Casa comigo, diga sim.

Empurro com mais intensidade e minha respiração fica pesada.

Eva geme.

— S... sim — responde com a respiração acentuada e chega ao clímax.

Eu pressiono meus dedos em sua pele e bato em sua entrada sem piedade. Então eu gozo tão forte que todo o meu corpo treme, tamanha é a intensidade do meu prazer.

Jogo-me em cima dela e rio, meu coração salta forte em meu peito.

— Caralho, isso foi espetacular! — exclamo.

Eu e Eva tomamos um banho, estamos na sala de estar, sentados no grande sofá. Um de frente para o outro. E agora ela me olha cheia de dúvidas. E sei o que ela deve estar pensando. Então aproveito e pego o anel que trago comigo e seguro sua mão direita, sem tirar meus olhos dela eu coloco o anel em seu dedo. Ela sorri.

— Não acredito que você me pediu em casamento durante o sexo e eu aceitei — comenta achando graça.

Eu acaricio seu rosto.

— E você? Que confessou que me amava através de uma mensagem de texto? — devolvo e ela esconde o rosto.

— Nem me lembre disso, eu estava um pouco bêbada —

declara e tira a mão do rosto. — Porém disse a verdade.

Eu sorrio.

— Meu pedido também foi verdadeiro, por isso o anel —

comprovo e beijo seus dedos, um a um. — Eu quero você por toda a minha vida.

Eva fica de joelhos e beija todo o meu rosto e se joga em meu colo.

— Também quero você, até mesmo quando estiver um velho chato. Mesmo assim eu vou te amar — afirma com riso na voz.

— Apenas eu serei chato? E você?

Ela inclina o corpo para trás e me olha divertida.

— Eu sou um amor de pessoa, todos dizem isso. Então quando envelhecer serei uma senhorinha fofa, afinal quando envelhecemos nossa maior característica fica mais evidente —

alega toda séria, mas querendo rir.

Eu a jogo no sofá e fico em cima dela.

— Vou te mostrar o chato agora mesmo, senhorita amorzinho!



Ela ri alto, mas logo seu riso se transforma em gemidos e mais uma vez a domino e a faço gozar até gritar meu nome.

Estamos na reinauguração da pizzaria, e como minha mãe é uma socialite muito respeitada comparece e promete dar uma nota no jornal. Estamos numa enorme mesa, todos se divertem e Eva exibe seu anel de noivado para quem quiser ver.

Stella olha para o anel e depois se vira para mim.

— Você demorou, mas quando escolheu a mulher, não me decepcionou — faz coro e pisca um olho para mim.

Minha mãe também está em êxtase.

— Eu preciso organizar esse casamento — comenta e eu olho para Eva.

Nós conversamos e não queremos um noivado longo, na verdade temos plano de casar em alguns meses, no máximo. Isso vai decepcionar minha mãe.

— Mãe, deixa que eles resolvam, você sabe como o Benjamin não gosta de toda

essa euforia de festa — frisa minha irmã e eu a agradeço em silêncio. E antes que mamãe comece com os dramas, Stella muda de assunto.

Luigi chega à mesa e senta-se conosco, e percebo como nossas famílias, mesmo tão diferentes, estão se dando bem, até Giulia parece adorar minha mãe, elas passam muito tempo conversando. Noto que Sandro está jogando charme para Stella, mas ela o ignora completamente, tenho pena dele, pois a Stella não é nada fácil.

Eva está radiante, ainda mais que Thomas está participando da reunião. Ele não fala nada, mas surpreendeu a todos quando chegou perto de mim, agradeceu pelo quebra-cabeça de mil peças que dei para ele de presente e ainda me convidou para ajudar a montá-lo.

Fico satisfeito com o seu progresso, é sinal de que seu tratamento está dando certo. Ele agora está interagindo mais com crianças da sua idade, claro que com algumas limitações, mas como disse seu psicólogo, um passo de cada vez.

Luigi faz um brinde à reinauguração da pizzaria e aproveita para brindar o meu noivado com Eva. Todos aplaudem, então Ruth, sonhadora, como a maioria dos adolescentes, suspira.

— Como foi feito o pedido, estou louca para saber — eu finjo uma tosse para esconder o riso.

Ao meu lado Eva se engasga e quando levanta o olhar percebe que todos esperam por uma resposta nossa.

— Na sala — eu digo.

— Na cozinha — responde Eva ao mesmo tempo.

Ninguém entende nada e olhamos um para o outro, eu sorrio e ela fica vermelha. Eu aperto sua mão, por debaixo da mesa.

— Estávamos na cozinha, então quando fomos para a sala eu me ajoelhei e a pedi enquanto mostrava o anel — minto.

— Nossa, que jeito sem graça — observa Stella.

— Stella, comporte-se — vibra meu pai.

— Devo concordar com a Stella. Quem faz um pedido entre a cozinha e a sala? — indaga Sandro.

— O importante é que o pedido aconteceu e nossa querida Eva disse sim, então voltemos a brindar. — Minha mãe apazigua.

O assunto é esquecido e ninguém fala mais nada.



Estamos tomando o café da manhã, um dia após a festa na pizzaria e Eva me olha.

— Benjamin, temos que bolar uma história melhor, o que vamos falar para nossos filhos no futuro quando eles perguntarem sobre o pedido de casamento?

Eu dou de ombros.

— Sei lá, não podemos falar a verdade?

Ela solta um bufo.

— Ótimo, vou dizer que o pai deles me pediu em casamento enquanto fazia sexo comigo, que lindo! — exclama.

Eu a encaro e sorrio. Então pego sua mão.

— Venha comigo.

— Onde está me levando? — questiona.

Abro a porta que dá para o terraço, está uma manhã linda, e percebo as flores bem cuidadas do jardim. Então no meio dessas flores deixo Eva de pé e me ajoelho em sua frente pegando sua mão.

Meus olhos capturam os seus, encaro-a com todo o amor que sinto.

— Eva, eu tenho que lhe dizer que me enfeitiçou de corpo e alma, eu amo… eu amo… eu a amo… Espero jamais me separar de você de hoje em diante — declaro-me exatamente como o homem do filme que ela tanto adora. Seus olhos cheios de lágrimas são radiantes. Eu sorrio. — Você é a mulher da minha vida. Eva, meu

amor. Você aceita casar comigo? Eu prometo que farei de tudo para fazê-la feliz.

Ela enxuga as lágrimas.

— Claro que aceito, com uma declaração tão especial não haveria outra resposta, afinal você também é o amor da minha vida

— responde e se abaixa, ficando de joelhos na minha frente.

Eu seguro seu rosto e beijo seus lábios com suavidade.

— Obrigado, por me fazer tão feliz, e eu seria capaz de qualquer coisa para ter você ao meu lado — sussurro.

Ela me abraça e meu coração bate ao mesmo ritmo que o seu.

Eva então se afasta alguns centímetros e me olha.

— Até mesmo dirigir seu carro favorito? — pergunta.

Eu enfio a cabeça em seu ombro.

— Ah, não! — chio.

Ela começa a rir e não tenho outra alternativa, a não ser acompanhá-la e rir com ela.

Eu não estava vivendo de verdade até Eva trombar em minha vida. Eu apenas deixava a vida passar, e achava que tinha tudo sob controle. Mas agora sim eu tenho algo pelo que viver, eu tenho tudo o que preciso.

Eu tenho amor.

Eu tenho Eva.



Epílogo

Alguns meses depois...

A cerimônia do nosso casamento é bem simples, bem do nosso jeito. Lucy, a mãe do Benjamin não ficou satisfeita, pois queria um grande evento, porém para satisfazê-la deixamos que organizasse uma reunião mais íntima, apenas com os familiares, o que em si era praticamente um grande evento, pois minha família era imensa.

O que importa é que nosso casamento aconteceu conforme planejamos.

Fico de longe observando a interação entre as pessoas e saber que minha família foi muito bem recebida pela família do Benjamin me deixa muito aliviada. Logo no início temia que devido a nossa diferença social pudesse haver algum problema. Mas a família do meu marido é maravilhosa e nos recebeu de braços abertos.

Vejo meu marido aproximar-se de mim, ele sorri e está lindo, como nunca teve. Benjamin envolve minha cintura e beija meu rosto com carinho.

— Por que está aqui sozinha? — pergunta enrugando a testa.

Eu sorrio.

— Estava apenas assistindo nossos familiares, quem poderia imaginar que fossem se dar tão bem?

Ele olha em torno.



— Verdade — diz e volta a me olhar. — Porém mesmo que eles se odiassem, para mim não faria diferença. Meu amor por você não permitiria que nos afastássemos.

Acaricio seu rosto.

— Concordo, eu só abriria mão do nosso amor caso você não me quisesse.

Ele vira a cabeça e beija minha mão.

— Isso seria muito difícil, senhora Clarke. Afinal você me conquistou de forma

irreversível.

Eu fecho os olhos e encosto minha cabeça em seu peito.

— Obrigada por ter entrado em minha vida.

Ele ri e desliza sua mão em minhas costas.

— Eva, foi você quem trombou em minha vida e a transformou. Até hoje eu agradeço por ter batido em meu carro —

confessa e eu olho para cima.

Dou um sorriso.

— Por falar nisso, até hoje não paguei pelo estrago —

lembro.

Benjamin acena e dá um sorriso safado.

— Talvez seja hora de cobrar — sintetiza com a voz rouca.

Ele inclina a cabeça e encosta sua boca na minha. — Hoje mesmo cobro, afinal foi um prejuízo incalculável.

Ele me beija e conto as horas para ser cobrada.

Benjamin para em frente a uma galeria na Avenida Paulista.

Temerosa, ergo os olhos para a porta envidraçada, não sei o que ele pretende, pois estamos a caminho do aeroporto para a viagem de lua de mel. Desde que soube que íamos para a Europa tenho tentado controlar a ansiedade. O lugar é lindo na primavera e tenho certeza que estando na companhia do homem que amo será muito melhor do que sonhei.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto curiosa. —

Você tem algum trabalho a fazer antes da viagem?

Ele nega e sai do carro, abre minha porta e me conduz até a galeria e para em

frente a uma lojinha, uma espécie de cafeteria.

Benjamin abre a porta com uma chave e entramos.

O lugar é aconchegante, mas não tem ninguém e precisa de uma boa arrumação.

— O que acha? — pergunta observando em volta.

Faço o mesmo.

— Não sei o que você quer que eu diga.

Olho para ele, então Benjamin me entrega a chave que abriu a porta, eu pego no automático.

— Este é seu presente de casamento, você poderá fazer daqui, sua pequena confeitaria, conforme seu sonho.

Minha boca se abre. Começo a chorar e me jogo em seus braços.

— Você é o melhor homem do mundo — sussurro entre lágrimas.

Ele me abraça e acaricia meus cabelos.

— Tenho que ser, afinal me casei com a melhor mulher do mundo — declara.



Esse homem me surpreende a cada dia. Não poderia ter me apaixonado por outro.

Ele é simplesmente incrível.

Poucos anos depois...

Acabo de sair de uma reunião e quando volto para a minha sala recebo uma ligação do Duarte.

— Duarte? O que aconteceu?

— A senhora Clarke passou mal e não quer ir para o hospital

— avisa com tanta calma que quem ouve pensa que está falando do tempo e não da minha mulher.

— Droga. Onde vocês estão?

— Estamos aqui na confeitaria, eu estava de saída para buscar algumas embalagens que ela havia encomendado, então de repente ela desmaiou.

Fico nervoso, pois Eva não é de passar mal, o máximo que aconteceu com ela, foi pegar uma gripe, e mesmo assim nada grave.

— Estou indo, não saia do lado dela.

Desligo o telefone e ordeno que Maria Eugênia chame o motorista da empresa.

Chego à galeria, onde Eva tem sua confeitaria em alguns minutos. Entro na loja e vejo algumas pessoas espalhadas pelo pequeno salão comendo uma das delícias que minha esposa

prepara. Corro para os fundos da loja, onde tem um escritório minúsculo. Eva está sentada na poltrona e Duarte ao seu lado.

Ele, assim que nota a minha presença, nos deixa a sós.

Eva me olha e revira os olhos.

— Você não precisava vir, não é nada demais — comenta e sorri. — Mesmo assim é bom te ver.

Abaixo-me a sua frente.

— Vamos para o médico agora, no mínimo você está trabalhando demais e dando moleza para os seus ajudantes —

reclamo.

Ela continua no mesmo lugar e tem um sorriso bobo.

— Não seja tão dramático, Ben — pede e fecha os olhos respirando fundo.

Eu aliso seu rosto e ela abre os olhos.

— Eva, meu amor. Você nunca passa mal, acho melhor irmos ao médico — peço com paciência quando minha vontade é pegá-la no colo e levá-la à força.

Eva sorri e se levanta, vai até seu telefone e mexe nele, então meu celular vibra no bolso.

Não acredito que ela está me passando mensagem. Olho para ela zangado.

Ela continua sorrindo.

— Por favor, olhe o seu telefone — pede com doçura.

Eu respiro fundo e decido ver logo o que ela está querendo.

Nós seremos pais. Eu estou grávida.

Minha mão treme e quase deixo o telefone cair, então leio e releio a mensagem que Eva acaba de passar.

Volto a encará-la e ela está sorrindo com as lágrimas escorrendo por seu rosto.

— Eva... — murmuro e me levanto devagar, caminho até ela e seguro seu rosto com carinho. — Você tem certeza?

Ela acena chorando.

— Absoluta, confirmei hoje.

Eu a tomo nos meus braços e a beijo com fervor, então salpico vários beijos pelo seu rosto.

— Eu já me considerava o homem mais feliz do mundo, mas hoje você me deu a notícia que me faz acreditar que ao seu lado a felicidade não tem limite — declaro emocionado. — Eu te amo! Eu te amo...

Eva me abraça e sinto seu coração bater forte.

— E eu te amo mil vezes mais.

Ficamos ali como dois bobos. Eva me daria uma família. E eu faria de tudo para fazer ela e ao meu filho feliz.

Pois como disse, a felicidade não tem limites.

Fim.

“— Se quiser me agradecer — respondeu ele —, faça-o apenas em seu próprio nome. Não nego que o desejo de lhe causar prazer tenha contribuído também para o que fiz. Mas a sua família não me deve nada. Respeito-a muito, mas creio que foi só em você que pensei.”

(Mr. Darcy/ Orgulho e Preconceito – Jane Austen)

Esta obra foi inspirada em Orgulho e Preconceito de Jane Austen.


Minha
CONQUISTA
SÉRIE FELIZES PARA SEMPRE - 1
Autora da série "Homens irresistíveis."
LAURIH DIAS

Outras obras da autora

Série Felizes para Sempre 1

Minha Conquista

Alano Drumont é o arrogante e implacável CEO da Drumont Finance. Poderoso e extremamente ciente do seu efeito sobre as mulheres, um dominador nato sempre em busca de uma nova conquista.

A vida de Vicky, regrada e cheia de responsabilidades, não lhe permite se envolver em qualquer relacionamento. Focada no trabalho, ela sempre considerou a diversão como a última coisa na sua lista de prioridades.

Até que Vicky conhece Alano em uma situação um tanto quanto inusitada. Foi inevitável sentir-se atraída por aquele homem lindo e desafiador.

O CEO dominador que se envolve com Vicky, sua nova conquista, não imaginava que se tornaria vítima de suas

provocações.


Minha
TENTAÇÃO
é você
SÉRIE FELIZES PARA SEMPRE - 2
Autora da série "Homens irresistíveis."
LAURIH DIAS

Série Felizes para Sempre – 2

Minha Tentação é Você

Gabriela vive uma mentira...

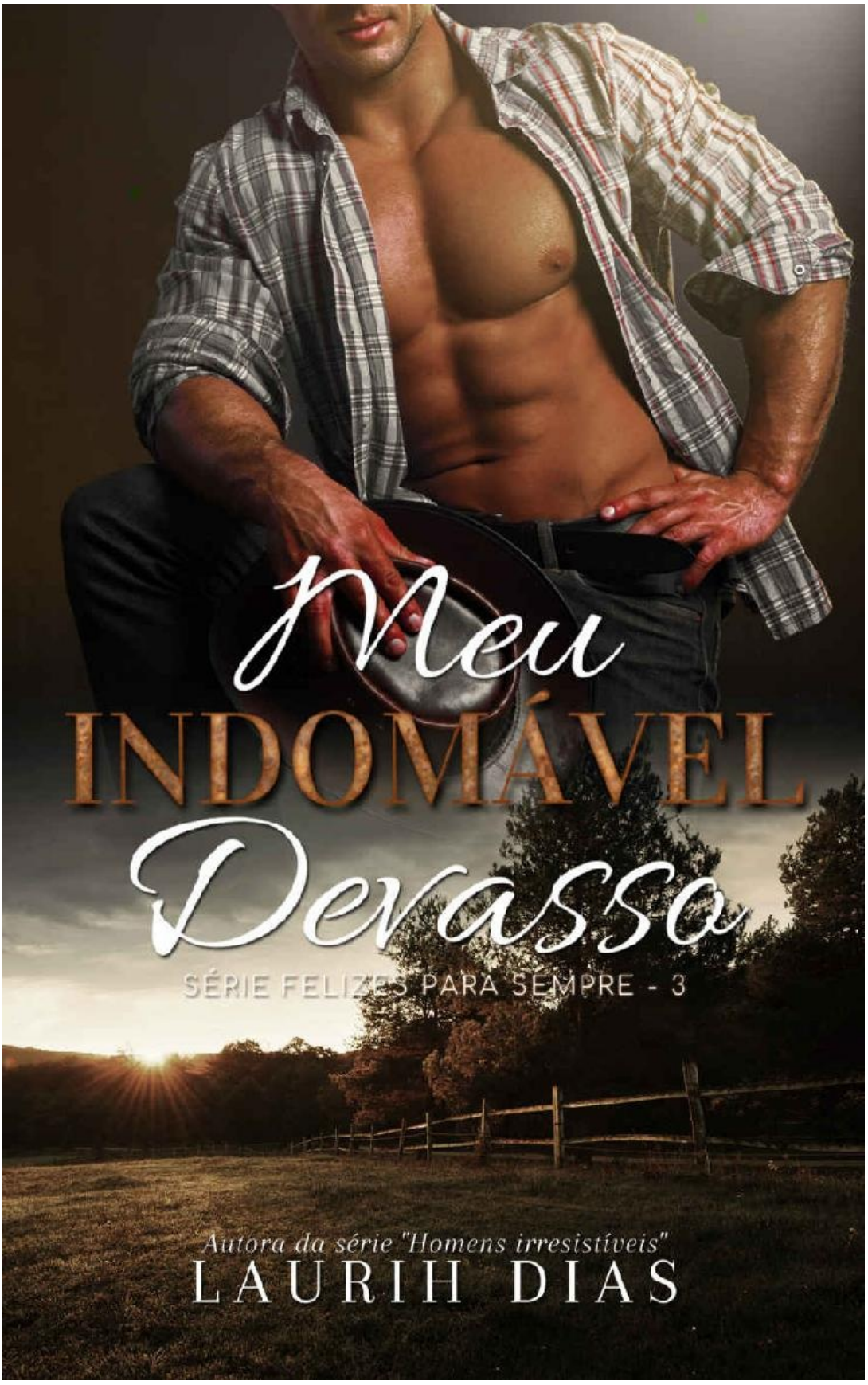
Nicolas quer desvendá-la.

Gabi é uma jovem mulher em busca de um lugar no mundo, mesmo diante de suas dificuldades não se deixa abalar e não permite que ninguém a subestime. Cheia de sonhos e com uma grande determinação decide deixar o conforto de seu lar para morar com seu melhor amigo e assim poder trabalhar.

O que ela não esperava era ter que ajudar seu amigo e assim conviver com pessoas frias e gananciosas. E nesse meio Gabriela reencontra Nicolas Karnezis, o moreno lindo que ela roubou um beijo em uma noite de bebedeira, um homem que não a suporta.

Os dois travam uma guerra onde ódio e atração são intensos.

Até quando é possível resistir?


Meu
INDOMÁVEL
Devasso
SÉRIE FELIZES PARA SEMPRE - 3
Autora da série "Homens irresistíveis"
LAURIH DIAS

Série Felizes para Sempre – 3

Meu indomável Devasso

Mel é uma jovem professora que carrega em seu coração um grande vazio. Ela perdeu sua família ao longo de dez anos, e nem mesmo seus amigos são capazes de desfazer essa dor em seu peito.

Com o objetivo de se afastar do lugar que lhe traz tantas lembranças, Mel aceita trabalhar numa escola no Sul do país. Tudo parece perfeito, afinal, morará numa linda fazenda e fará novos amigos, porém, em seu caminho encontrará Felipe, dono de toda a estância e um mulherengo que não esconde o desagrado com a sua contratação.

Mel não se dá por vencida e não se deixa abalar pelas grosserias do irmão de sua chefe. E quanto mais ele a provoca, mais ela o desafia, deixando claro que não partirá.

Felipe é um homem rude e um tanto cretino; mulheres, para ele, são todas iguais e servem apenas para o prazer. E todas têm prazo de validade: apenas uma noite.

Ele ama sua vida perfeita, seu trabalho no campo o relaxa, até a chegada da nova professora.

Felipe, assim que vê Mel em sua cozinha, percebe que terá problemas, de cara não gosta dela, pois a moça é respondona e atrevida, características que o deixam louco.

A atração é imediata, embora nenhum dos dois admita.

Prepare-se para se aventurar em uma comédia romântica com um toque de mistério e muito erotismo.


Minha
PERFEIÇÃO
SÉRIE FELIZES PARA SEMPRE - 4
Autora da série "Homens Irresistíveis"
LAURIH DIAS

Série Felizes para Sempre – 3

Minha Perfeição

Karen cresceu sem o amor dos pais, que guardavam certo ódio um pelo outro e descontavam toda a ira na filha. Mesmo com todas as decepções, Karen se transformou numa pessoa generosa e sem rancor.

Lucas vinha de uma família abastada, era um homem de sucesso, dono de uma das melhores boates do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Lucas e Karen e nutriram um pelo outro um grande afeto, porém, um mal-entendido, onde Karen saiu machucada, fez com que ela desaparecesse da vida de Lucas. Cada um seguiu sua vida a sua maneira. Karen conseguiu se transformar numa talentosa patinadora, apaixonada pelo que fazia, e Lucas em um homem de sucesso no seu ramo de entretenimento.

Entretanto nem mesmo o tempo foi capaz de fazer com que um esquecesse o outro.

Poderia ser o amor mais forte do que uma mágoa do passado?

Um romance com drama, comédia e uma pitada de hot.





Instagram



Redes Sociais da Autora.

[1] Faz referência ao cargo de Presidente do Conselho de Administração de uma determinada empresa.

[2] Chief Operating Officer – Diretor de Operações.

[3] Chief Human Resources Officer – Diretor de Recursos Humanos**.**

[4] Pessoa que é viciada em trabalho; quem tem obsessão pelo trabalho ou trabalha compulsivamente, geralmente negligenciando coisas consideradas importantes em nome de trabalho.

[5] Material opaco devido à sua maior densidade e alto grau de cristalinidade. Possui maiores propriedades mecânicas que o PEBD e PEBDL. É resistente às

baixas temperaturas, leve, impermeável, rígido, com ótimas resistências química e mecânica.

Muito resistente quimicamente o que permite sua aplicação em embalagens de produtos de limpeza e produtos químicos. Utilizado também na fabricação de autopeças.

Document Outline

- Sinopse
- Dedicatória
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32

- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Epílogo
- Outras obras da autora
- Série Felizes para Sempre 1
- Minha Conquista
- Série Felizes para Sempre – 2
- Minha Tentação é Você
- Série Felizes para Sempre – 3
- Meu indomável Devasso
- Série Felizes para Sempre – 3
- Minha Perfeição
- Redes Sociais da Autora.